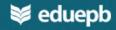
Organizadoras Viviane Borelli Sandra Depexe Ada C. M. Silveira

Métodos, práticas e análises em Comunicação e Mídia

Volume 2



ORGANIZAÇÃO

Viviane Borelli Sandra Depexe Ada C. M. Silveira

Métodos, práticas e análises em Comunicação e Mídia

Volume II





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora* Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*

Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | Diretor

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa(UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa(UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias(UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão(UEPB)





Editora indexada no SciELO desde 2012

Editora filiada aABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500 Fone: (83) 3315-3381 - http://eduepb.uepb.edu.br-email: eduepb@uepb.edu.br



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (Diretor)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral Jefferson Ricardo Lima A. Nunes Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre Thaise Cabral Arruda Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

Métodos, práticas e análises em comunicação e mídia [recurso eletrônico] : volume II / organização e apresentação de Viviane Borelli, Sandra Depexe e Ada Cristina Machado Silveira. – Campina Grande : EDUEPB, 2024.
 332 p. : il. color. ; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-87171-98-2 (Impresso) ISBN: 978-65-87171-99-9 (8.000 KB - PDF) ISBN: 978-65-5221-001-2 (2.000 KB - Epub)

Comunicação e Mídia.
 Métodos em Comunicação.
 Práticas de Pesquisas em Comunicação.
 Tecnologias da Pesquisa.
 Pesquisas de Midiatização.
 Borelli, Viviane.
 II. Depexe, Sandra.
 III. Silveira, Ada Cristina Machado.
 IV. Título.

21. ed. CDD 302.23

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva - CRB - 15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº9.610/98.

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Ada Cristina Machado Silveira Viviane Borelli Sandra Depexe

REVISÃO DE TEXTO

Eduardo Ruedell Letícia Ribeiro de Oliveira Samara Wobeto Viviane Borelli

COLABORADOR

Angelo Francisco Fruet

CAPA

Yohana lensen Teixeira

PROJETO GRÁFICO

Fernanda Redin Oliveira Ana Júlia Rodrigues Yohana lensen Teixeira

DIAGRAMAÇÃO E PREPARAÇÃO

Ana Lia Suriano Godoy Ariane Marçola Laura Gutheil Bayer Lívia de Oliveira Cristino Gisele Biserra Pereira Silva Vitória Correa Brum Fernanda Redin Oliveira

SUPERVISÃO

Sandra Depexe Rafael Marcelino Bald



SUMÁRIO

10

Apresentação

20

A contribuição dos relatos biográficos de mulheres palestinas para análise de usos táticos de tecnologias digitais

Simone Munir Dahleh Liliane Dutra Brignol

48

Diários de leitura: registro de práticas de leitura

Lavínia Neres Feronato Sandra Depexe

72

Grupos focais como procedimento metodológico: relato de investigação sobre a apropriação de TICs no contexto rural

Clarissa Schwartz



94

Análise de conteúdo e conversação sobre o "De férias com o ex caribe" no twitter

Marcella Souza Moreira Denise Figueiredo Barros do Prado

118

Mídia sintética de deepfake: técnicas e métodos de verificação e validação

Celestino Vaz Tomás Jone Joanguete

132

A construção do método: relações de confiança e redes baseadas em cooperação na cpd

Carlise Porto Schneider Rudnicki Verenice Zanchi Gabriela Machado

153

O uso de softwares para análise e visualização de dados nas pesquisas em comunicação

Samara Wobeto Luan Moraes Romero Viviane Borelli



177

Softwares de análise linguística como complementares à análise do discurso: experiência com ferramentas gratuitas

Cristiano Magrini Rodrigues Rejane de Oliveira Pozobon

211

Experimentações metodológicas em comunicação: ensino e prática da pesquisa na Universidade Federal de Santa Maria

Fabio Frá Fernandes Maria Ivete Trevisan Fossá Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello

240

O filme documentário de inspiração etnográfica

Joel Felipe Guindani Sáryon Azevedo

268

Estudando a circulação na performance de influenciadores digitais: uma experimentação metodológica

Kassieli Joaquina G. de Mello dos Santos Aline Roes Dalmolin



292

Desafios metodológicos em pesquisas de midiatização: o objeto como referência do método

Tatiane Milani Ana Paula da Rosa

323329

Autoras e autores

Índice remissivo



APRESENTAÇÃO

A presente coletânea intitulada "Métodos, práticas e análises em Comunicação e Mídia" apresenta dois volumes compostos por uma diversidade de caminhos para a investigação. Seus textos buscam registrar aspectos críticos considerados essenciais para a consecução da pesquisa em Comunicação e Mídia.

A área de Comunicação e Mídia vêm concentrando preocupações atinentes a um expressivo campo composto por objetos voláteis e desafiadores, conduzindo a investigações que requerem modulações, muitas vezes, desconsideradas por outros campos do conhecimento. O estranhamento que a novidade dos objetos trabalhados produz resulta, muitas vezes, na necessidade de adoção de novos caminhos (e que no passado poderiam ser considerados descaminhos) e que decorrem do cercamento de objetos do conhecimento próprios do momento presente.

Os dois volumes surgem do esforço por desenvolver processos de investigação adaptados às condições de reflexão conceitual e metodológica do assim denominado campo de pesquisa em Comunicação no Brasil. O conjunto de textos apresentados decorre de intensa vivência de investigação de docentes em situação de orientação de pesquisa junto aos

seus e suas orientandos/das. Tais investigadores e investigadoras expressam o propósito de tomada de consciência das formas com as quais é possível conduzir uma pesquisa. O grupo registra, assim, uma variedade de exercícios de investigação com vistas a apontar pontos de inflexão metodológica. Exploram-se maneiras cuidadosas adotadas em processos de pesquisa, conforme expressa a Figura 1:

Diários de Leitura Epistemología Análise
Culturalmidiática

Pesquisaação Análise
Textual

Semiótica Discursiva Bemiótica Etnografia
Discursiva Decolorial

Análise de Dados

Análise de Conteúdo Análise
de Conteúdo Análise
de Conteúdo Cortografia Mepa das
Mediações

Figura 1 - Mapa conceitual das coletâneas

Fonte: Elaborado por Angelo Francisco Fruet (2024) a partir das palavras-chave registradas nos capítulos.

A Figura 1 apresenta, assim, um mapa conceitual proposto a partir da seleção de palavras-chave de cada capítulo da presente obra. Os capítulos desenvolvem abordagens metodológicas que são interpretadas a partir de distintas abordagens e capazes de inaugurar articulações que lhes são próprias.

Desta maneira, a coletânea traz a contribuição de 47 pessoas na co-autoria de 27 textos. São pesquisadoras e pesquisadores integrantes de programas de pós-graduação em Comunicação pertencentes a quatro universidades públicas e uma universidade privada brasileiras, a saber: a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, campus sede e de Frederico Westphalen), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, Campus de Mariana), Universidade Federal do Pampa (Unipampa, campus de São Borja) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Este segundo volume da coletânea "Métodos, práticas e análises em Comunicação e Mídia" traz abordagens referentes a distintas experimentações, técnicas e tecnologias de pesquisa e está composto por 12 capítulos.

Os usos táticos de tecnologias digitais, de autoria de Simone Munir Dahleh e Liliane Dutra Brignol, descreve o desenvolvimento teórico-metodológico aplicado ao estudo de mulheres palestinas que residem no Brasil, abordagem que combinou a metodologia de relatos biográficos. A coleta de dados abrangeu entrevistas abertas e semiestruturadas, em profundidade, observação, diário de campo, formulário de identificação, diário solicitado e a coleta de materialidade digital. Devido ao peso político e histórico do tema, o contexto em que foi realizada moldou alguns aspectos teóricos e proce-

dimentos de coleta de dados, evidenciando a importância de uma escuta sensível, além de apontar caminhos específicos para a compreensão do grupo em questão.

Diários de leitura como registro de práticas de leitura é a abordagem eleita por Lavínia Neres Feronato e Sandra Depexe. Elas relatam a estratégia de investigação de diários, abarcando desde questões metodológicas quanto práticas, na confecção, aplicação e análise de diários de leitura como instrumental de pesquisa. Os diários de leitura foram aplicados para sete leitoras de livros digitais, voluntárias da pesquisa, em que cada uma delas pôde registrar e comentar suas leituras de acordo com o propósito, turno, formato, local da leitura realizada, o consumo do que é lido e suas motivações. A técnica de registro e coleta de dados se mostrou interessante ao permitir proximidade entre a pesquisadora e as informantes, bem como auxiliou a reflexão sobre as práticas de consumo de livros digitais e a experimentação metodológica.

Clarissa Schwartz e Ada C. M. Silveira abordam os grupos focais como procedimento metodológico. Em sua exposição, as autoras relatam a apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no contexto rural. A realização de grupos focais como procedimento preliminar no percurso metodológico de pesquisa parte pressuposto de que a apropriação de TICs é influenciada por aspectos de gênero e geração. Sua adoção proporciona o estudo, por exemplo, de homens, mulheres e jovens rurais com o propósito de

conhecer suas percepções e embasar as fases seguintes da pesquisa. Constata uma percepção do rural enquanto um ambiente de privações, em oposição ao urbano percebido como espaço de oportunidades, dicotomia que é potencializada por fatores como gênero e geração, mas atenuada a partir da apropriação das TICs.

Análise de Conteúdo e Conversação no Twitter traz a perspectiva elaborada por Marcella Souza Moreira e Denise Figueiredo Barros do Prado. A metodologia combinada de análise de conteúdo e análise de conversação proporcionou compreender as conversações síncronas e assíncronas dos telespectadores durante a transmissão de um reality show. O corpus do trabalho foi constituído pelas hashtags mais destacadas no Twitter durante a exibição do programa. A análise permitiu desenvolver procedimentos que captam a identificação dos eixos principais de interação e as categorias analíticas que possibilitam compreender a inserção entre programa e públicos, as tentativas de captar as interações nas duas telas e as afetações mútuas entre os participantes do programa e o público.

Celestino Vaz Tomás Jone Joanguete apresenta uma análise da mídia sintética de deep fake, detido nas técnicas e métodos de verificação e validação. A abordagem investigativa se concentra na avaliação de métodos de detecção de deep fakes, explorando técnicas de verificação multimodal de conteúdo digital. A metodologia inclui revisão da litera-

tura e técnicas de autenticação, visando identificar lacunas de pesquisa. Analisar funcionalidades de técnicas de autenticação de mídias é parte do processo. Celestino entende que a pesquisa futura deve não apenas identificar deep fakes, mas também compreender suas implicações sociais para desenvolver estratégias eficazes.

A construção do método, abordada por Carlise Porto Schneider Rudnicki, Verenice Zanchi e Gabriela Machado, traz uma possibilidade de estudo de relações de confiança e redes baseadas em cooperação na Comunicação para o Desenvolvimento (CpD). Elas propõem a revisão da metodologia Lazos, a partir das ações do projeto de pesquisa "Territórios conectados pela sororidade". Com o objetivo de fortalecer redes de apoio, oferecem, além de trilhas formativas voltadas à inovação social, consultorias para organizações coletivas. As temáticas abrangem inclusão digital, informação e mudanças climáticas, produção de conteúdo acessível, comunicação para o desenvolvimento, e, por fim, economia solidária e turismo de base comunitária. As questões metodológicas da proposta envolvem a pesquisa documental, o levantamento bibliográfico e o levantamento de informações secundárias e a organização de um banco de dados.

Em "O uso de softwares para análise e visualização de dados nas pesquisas em Comunicação", Samara Wobeto, Luan Moraes Romero e Viviane Borelli refletem sobre o uso de softwares para coleta, tratamento, processamento e visualização de dados quantitativos e qualitativos nas pesquisas em Comunicação. Abordam aspectos do uso crítico de dados e que tipos de boas práticas devemos nos ater para não incorrer em interpretações equivocadas e embasadas em vieses. Além disso, elaboram o estado da arte sobre pesquisas que utilizam os softwares Iramuteq e Gephi, comparando a Comunicação com outras áreas de conhecimento. Elas ainda registram procedimentos utilizados em seu grupo de pesquisa.

Ainda nas experiências com ferramentas gratuitas, Cristiano Magrini Rodrigues e Rejane de Oliveira Pozobon analisam o uso de softwares de análise linguística como complementares à Análise do Discurso (AD). Seu foco está na abordagem de uma alternativa viável, adaptável e funcional para expandir as inferências obtidas a partir da AD para um corpus que, somente pelo viés da análise textual tradicional, seria impraticável de ser esmiuçado. Eles recuperam a literatura que consolida o uso de softwares de Linguística de Corpus como ferramentas úteis na seara da análise discursiva e descrevem formas de se operacionalizar um corpus para que este possa ser trabalhado de modo a agregar à AD tradicional.

Fabio Frá Fernandes, Maria Ivete Trevisan Fossá e Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello apresentam o texto denominado "Experimentações metodológicas em Comunicação: ensino e prática da pesquisa na Universidade Federal de Santa Maria". O texto aborda a importância do método como um conjunto integrado de conhecimentos aplicados a objetos

específicos, com estratégias planejadas e testadas que são essenciais para o desenvolvimento de qualquer trabalho de pesquisa, seja acadêmico ou mercadológico. O texto reflete sobre os desafios do ensino e prática da metodologia da pesquisa acadêmica em Comunicação, com foco na oferta de disciplinas. Com base na experiência docente e de pesquisa são apresentados exercícios que facilitam a investigação científica no contexto da metodologia acadêmica, seja para graduandos ou pós-graduandos. Os diálogos e propostas surgem de situações reais vivenciadas em sala de aula ou em orientações acadêmicas, contribuindo para aprimorar a prática da pesquisa em Comunicação.

Joel Felipe Guindani e Sáryon Azevedo analisam as potencialidades experimentais do filme documentário de inspiração etnográfica, a partir de relatos da experiência de pré-produção do filme documentário "Em algum lugar da memória: episódio chibeiro". Eles discorrem sobre apropriações metodológicas de inspiração etnográfica a partir do encontro com informantes e possíveis personagens, demonstrando a noção de filme documentário de forma relacional e aberta ao encontro com outro. Enaltece o pensar a produção fílmica como lugar de aprendizado metodológico, sobretudo quando os sujeitos/personagens do filme então deflagram, por meio da oralidade, seus relatos biográficos.

O estudo da circulação na performance de influenciadores digitais é a perspectiva desenvolvida como experimentação metodológica por Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello dos Santos e Aline Roes Dalmolin. O texto contempla um estudo da circulação da desordem da informação em performances de influenciadores digitais no Brasil em plataformas durante a pandemia da Covid-19. A proposta constrói um arcabouço teórico-metodológico a partir dos conceitos de ciberacontecimento, sociedade hipermidiatizada e desordem informacional.

A coletânea finaliza com o texto de Tatiane Milani e Ana Paula da Rosa que refletem sobre o percurso metodológico em pesquisas de midiatização, propondo uma abordagem que permite ao objeto de estudo conduzir as escolhas metodológicas. No contexto da comunicação contemporânea, marcada pela complexidade e diversidade das interações midiáticas, o texto explora a necessidade de métodos flexíveis e adaptáveis, que respondam às demandas específicas dos fenômenos analisados. Discutem como as dinâmicas da circulação podem funcionar como referência metodológica, impulsionando um processo de investigação que é ao mesmo tempo crítico e inventivo, comprometido em avançar na compreensão das interações comunicativas em ambientes midiatizados.

Apresentamos, ao final da obra, mini biografias das/os autoras/es, bem como um índice remissivo dos termos de enfoque metodológico e empírico mencionados nos textos.



Esperamos que este conjunto diversificado estimule os autores jovens no árduo caminho da investigação em Comunicação e Mídia. Por fim, desejamos a todos uma boa leitura.

> Santa Maria-RS, num dia chuvoso de maio de 2024. As organizadoras



A CONTRIBUIÇÃO DOS RELATOS BIOGRÁFICOS DE MULHERES PALESTINAS PARA ANÁLISE DE USOS TÁTICOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Simone Munir Dahleh Liliane Dutra Brignol

O texto tem como proposta discorrer sobre o percurso teórico-metodológico desenvolvido em um trabalho de tese de doutorado. A pesquisa de Simone Dahleh (2024) abordou os usos táticos de tecnologias digitais por mulheres migrantes e descendentes palestinas que vivem no Brasil. O objetivo foi analisar como este grupo de mulheres usa as tecnologias digitais como táticas em seus cotidianos, considerando os âmbitos migratórios, políticos, de gênero e cultural/social/religioso.

A pesquisa se estruturou de um modo político desde as primeiras concepções: optar por utilizar a palavra "Palestina" e não outras denominações para se referir ao território palestino foi uma forma de reafirmar e confirmar a existência dessa nação. O sionismo e o colonialismo presentes na Palestina têm buscado não apenas apagar aspectos geográficos e políticos, mas também eliminar a presença do povo palestino

e suas narrativas. Isso tudo demonstrou a necessidade de um trabalho que conferisse foco para o relato de palestinos, sobretudo de mulheres palestinas.

O genocídio contra os palestinos iniciado em outubro de 2023 na Faixa de Gaza¹ alterou as configurações do conflito e remodelou alguns aspectos da pesquisa. Nesse período, a coleta de dados já estava encerrada. O acirramento da violência assumiu uma dimensão que não poderia ser ignorada. Portanto, o contexto impôs o retorno da coleta de dados, assim como a inclusão de novas pesquisas bibliográficas e o aprofundamento teórico de aspectos como a censura em rede e cibercontrole.

Dito isso, o foco do presente texto é discutir como se desenvolveu toda a processualidade da pesquisa, desde as escolhas iniciais, passando pelo percurso de investigação e inserção em campo, até o tratamento e análise dos dados coletados.

¹Apesar de não ser o foco do texto, é preciso salientar como o fato ocorrido alterou o reordenamento da questão teórico-metodológica da pesquisa. O ato do dia 07 de outubro de 2023 na Palestina foi resultado de décadas de ataque e opressão aos palestinos. O massacre iniciado desde então tem sido visto como genocídio pela sua proporção. Em janeiro de 2024, a Corte Internacional de Justiça (CIJ), em Haia, como o maior representante de tribunal da ONU, emitiu uma decisão para investigar Israel contra o ataque de genocídio em Gaza. O genocídio iniciado na Palestina começou quando o Hamas usou cerca de mil militares para se infiltrar no território israelita e matar centenas de soldados e civis israelenses. Estima-se que foram mortas 1.200 pessoas. Em fevereiro de 2024, o número de mortos palestinos foi de 28 mil, enquanto as mortes israelenses contabilizam a marca de 1.400.

Portanto, apresenta-se as decisões teórico-metodológicas que acompanharam o percurso da tese. A primeira escolha metodológica foi trabalhar com os **relatos biográficos**, pois o intuito da pesquisa era amplificar a voz dos palestinos, historicamente silenciados, tanto no âmbito acadêmico quanto na mídia. Essa decisão foi responsável por uma inclusão autobiográfica na pesquisa, em que a pesquisadora relatou a experiência pessoal enquanto descendente palestina e enquanto uma mulher que se alfabetizou e morou na Palestina enquanto criança. A inclusão pessoal na pesquisa teve o intuito de adicionar mais uma contribuição à trama tecida pelas interlocutoras. Além disso, quem vivencia o que ocorre na Palestina tem o *dever moral* (Todorov, 2000) de contar para os demais a realidade palestina.

A segunda decisão foi dar ênfase para as mulheres palestinas. A feminização das migrações ainda é um assunto que não ganha a proeminência e especificidade que deveria. Roberto Marinucci (2007) destaca que a trajetória migratória das mulheres carrega particularidades que demandam uma análise específica das migrações masculinas. Por isso, a escolha foi analisar o relato pelo viés das mulheres. Desse modo, entrevistamos dez mulheres palestinas. Amanda, Norim, Dunia, Radicha, Sabah, Hanan, Rifka, Miriam, Sara e Maysar são as sujeitas que conferem vida a esta pesquisa. Sabah, Rifka e Maysar são migrantes, as demais, descendentes. Todas elas vivem no Brasil, em diferentes cidades do

Rio Grande do Sul. A delimitação regional foi uma decisão que buscou não simplificar ou minimizar o impacto do local sobre a vivência destas mulheres. É importante destacar ainda que as mulheres têm nomes fictícios para manter o anonimato de seus relatos - exceto Maysar e Hanan, que são produtoras de conteúdo e autorizaram a divulgação de seus nomes reais.

Para analisar os relatos biográficos sobre os usos das tecnologias digitais, foi preciso observá-los de uma forma que conferisse destaque aos sujeitos, mas sem deixar de lado a abrangência tecnológica. Por isso, optou-se por observar os usos táticos das tecnologias digitais por meio da perspectiva de táticas descrita por Michel de Certeau (1998). O aporte do autor conduziu a linha teórica para observar os usos das tecnologias digitais. Estas escolhas iniciais conduziram a base da investigação e contribuíram para as demais escolhas teórico-metodológicas que se desenvolveram, como veremos na seção abaixo.

Entre a empiria, o teórico e o metodológico

Buscando conferir centralidade ao sujeito, optou-se por analisar os usos das tecnologias digitais por meio dos relatos biográficos. Essa metodologia permite observar os usos de tecnologias digitais, entendidos a partir da noção de táticas (Certeau, 1998), que será explicitada na próxima seção. Desse modo, os relatos biográficos são lidos a partir da lente das táticas de microrresistências cotidianas apontadas pelo autor.

A obra "O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea", de Arfuch (2010), é a principal referência de inspiração metodológica. Apesar da autora dar ênfase ao "espaço biográfico", utiliza-se na pesquisa como sinônimo de "relatos biográficos", visto que a pesquisa não abarca uma etnografia para considerar o espaço biográfico. Além disso, é por meio das narrativas que foi tecida a trama das trajetórias das mulheres.

Arfuch (2010) propõe complementar uma longa tradição já estabelecida nessa linha de estudos. Os métodos de história de vida, história oral, método biográfico e autobiográfico são amplamente debatidos nas Ciências Sociais e Humanas, principalmente na História, Antropologia e Sociologia. Na área da Comunicação, os métodos que se interessam pela perspectiva dos sujeitos comuns ganham força com os estudos culturais, especialmente no Jornalismo² e nos estudos de recepção³. Ana Carolina Escosteguy (2008) demonstra como as investigações que convidam as mulheres para falar têm o potencial de fazê-las refletirem sobre os próprios papeis sociais, e é nesse sentido que o trabalho pretendeu se somar.

O descentramento do sujeito universal propõe uma nova ideia de valorização dos relatos individuais e das micro histó-

² Ver: MARTINEZ, Mônica. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (75-90) jan-abr 2015.

³ Ver: SOUSA, Mauro W. (org.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo, Brasiliense, 1995.

rias, em prol de uma pluralidade de narrativas e vozes. Como Arfuch (2010, p. 100, grifo da autora) salienta: "toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade" - ainda que múltipla.

Considerando a obra de Certeau (1998), Eduardo Quadros (2022) observa como o autor supera os paradigmas estruturalistas de sua época, que se centravam no padrão de reprodução e se distanciaram da pluralidade e criatividade dos sujeitos comuns. As pesquisas de Certeau, em direção contrária a estes paradigmas, criticam o poder absoluto atribuído às instituições e noções deterministas e complexificam essa lógica pela perspectiva dos sujeitos, ou ainda, por suas práticas sociais.

Conforme Becker (1993), a metodologia de história de vida é como um mosaico, em que cada relato se encaixa de um modo e ilumina um ponto que em sua totalidade revela uma forma. Todas as narrativas importam de um modo diferente para a análise.

Para Arfuch (2010), "os métodos biográficos, os relatos de vida, as entrevistas em profundidade delineiam um território bem reconhecível, uma cartografia da trajetória individual, sempre em busca de seus acentos coletivos" (p. 15). Michel Pollak (1989) destaca que as histórias de vida tendem a ser instrumentos de reconstrução das identidades dos sujeitos: "através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas

relações com os outros" (p. 14). Em convergência, Miguel Montagner (2009, p. 280) destaca que "como método, é necessário, pois, relacionar esse material biográfico – histórias ou relatos de vida, obtidos por técnicas qualitativas – com a memória social, oficial, histórica, construindo-se assim uma memória coletiva final que seria a memória social do grupo e não a dos indivíduos".

Nesse sentido, pensa-se que os relatos construíram "tramas", pois foi a partir do conjunto de narrativas de mulheres migrantes/descendentes palestinas que se construiu os contornos sobre os usos táticos de tecnologias digitais, ainda que conscientes da impossibilidade de dar conta de toda multiplicidade das experiências deste grupo.

Neste ponto, a autobiografia foi trazida para somar aos relatos. Apesar de ainda ser controverso trazer uma perspectiva pessoal em uma pesquisa científica, pensa-se que a narrativa da pesquisadora, enquanto uma pessoa que faz parte do grupo analisado, poderia somar na trama que foi tecida com as demais interlocutoras.

Pierre Bourdieu (1986), em seu pequeno texto "L'illusion biographique", faz uma crítica ao fato de as autobiografias terem a pretensão de tratar a vida através de uma história contada em partes sequenciais. Para o referido autor, isso não passaria de uma ilusão retórica, visto que narrar uma biografia é uma representação de uma outra coisa que não a vida. Outro aspecto salientado por Bourdieu é que o relato

vai estar inserido em um tema específico que se é convocado a contar, por isso, falar de autobiografia ou história de vida é arbitrário para o autor.

Complementarmente, Becker (1993) salienta que os relatos autobiográficos contam uma parte da história, e deve-se estar ciente que não se relata toda a vida daquele sujeito, pois o autor autobiográfico "selecionou seu material de modo a apresentá-lo com o retrato de si que preferiria que tivéssemos e que pode ter ignorado o que poderia ser trivial ou desagradável para ele, embora de grande interesse para nós" (Becker, 1993, p. 102).

Desse modo, a perspectiva autobiográfica da pesquisadora apareceu na pesquisa como um modo de complementar os relatos, como mais uma narrativa na trama tecida pelas interlocutoras. Já que a pesquisadora viveu na Palestina parte de sua infância, dos cinco aos nove anos, presenciou a ocupação militar israelense, os abusos sionistas e também passou pela deportação no aeroporto de Tel Aviv, ao ser proibida de ingressar na Palestina em 2005, em decorrência de problemas no visto. Além disso, a perspectiva pessoal de trajetória da pesquisadora também contribuiu para a aproximação com as interlocutoras, como será descrito na próxima seção.

Para empreender a metodologia de relatos biográficos, os usos das tecnologias digitais foram observados por meio das táticas de Michel de Certeau (1998). A metodologia se complementa na ideia proposta por Certeau, uma vez que o

autor concebe as táticas como uma "arte do fraco", dos sujeitos despossuídos do poder hegemônico. As táticas reinventam o cotidiano. Nos relatos biográficos, a ênfase está na narrativa do sujeito. Para Certeau, o ato de narrar "por seus traços, está subordinado ao estilo das táticas" (p. 154).

Certeau (1998) propõe ver nos atos cotidianos ações revolucionárias e criativas, ainda que apenas para o próprio sujeito. Nessa proposta, há um deslocamento da imaginada passividade do sujeito sobre os objetos consumidos para a "fabricação" dos consumos de forma complexa. Essa fabricação desconstrói as noções deterministas nas quais os sujeitos não têm agência sobre seus processos de consumo4. Para o autor, nas micro ações do cotidiano, os indivíduos são capazes de subverter a configuração cultural instaurada. Assim, o dia a dia se torna um lugar de luta e conflito. As táticas dos sujeitos comuns organizam-se de forma sutil e silenciosa. São maneiras encontradas para se inserir da melhor forma no sistema dominante. "O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada" (1998, p. 38, grifos do autor). As ações táticas utilizam as oportunidades e as ferramentas disponíveis para se mover no contexto em que estão, e não fora dele.

A ocasião em que a memória é ativada não é criada, e sim "aproveitada" (Certeau, 1998, p. 162) no momento oportuno. As memórias carregam consigo sabedorias acumuladas ao

⁴ Utilizamos consumo em consonância ao termo utilizado por Certeau (1998).

longo do tempo e são rememoradas por novas circunstâncias externas. Nas ocasiões cotidianas, quanto mais memória houver, mais os sujeitos têm a capacidade de resistir à dominação. A memória carrega consigo uma capacidade política. Essa foi a chave para incorporar os conceitos de memória e esquecimento na análise.

A questão da memória e do esquecimento foi trazida na pesquisa para observar a relação da memória dos sujeitos sociais, mas sobretudo para analisar a relação da memória cultural e coletiva da nação palestina. Esta última está associada às problemáticas do esquecimento como um projeto político pelo Estado de Israel. Para o presente texto, o foco será na segunda abordagem.

Pollak (1989, p. 4) mostra como a história oral possibilita o confronto de narrativas oficiais: "ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'Memória oficial', no caso a memória nacional".

É inegável que a questão da memória seja fundamental para os palestinos. O aspecto de resistência está associado a manter viva a memória e identidade nacional, já que o discurso sionista nega a existência dessa nação. As interlocutoras a todo momento faziam questão de enfatizar o não apaga-

mento da Palestina, seja pela manutenção dos costumes, dos casamentos árabes, do aprendizado da língua, de transmitir o conhecimento aos filhos etc.

Para Maurice Halbwachs (1990, p. 34), é preciso uma "comunidade afetiva" para recordar: "é necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros [...] o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade". Nesse sentido, a recordação, para o autor, não é relembrar o vivido, mas sim reconstruir o passado a partir do presente.

Nesse contexto, o relato biográfico se insere em um lugar de resistência. Ao relatar, o sujeito está possivelmente antecipando o relato dos outros, numa espécie de disputa por voz, "uma resistência a toda a expropriação futura" (Arfuch, 2010, p. 193). Nesse momento, foi preciso abordar a diferença entre história e memória. Pierre Nora (1993) sinaliza essa distinção fundamental: a história é a reconstrução incompleta e parcial do passado, enquanto a memória é constitutiva da vida dos humanos, por isso "está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações" (1993, p. 9). Em suma, a memória está sempre passível ao momento presente, podendo ser resgatada de diferentes formas.

Todorov (2000) deixa explícito que a memória é sempre uma seleção e que não deve de nenhum modo se opor ao esquecimento, pois os conceitos interagem entre si. De modo que "a restauração integral do passado é algo impossível [...] e, por outro lado, assustador; a memória, como tal, é necessariamente uma seleção: algumas características do evento serão preservadas, outras imediata ou progressivamente marginalizadas, e então esquecidas" (2000, p. 13, tradução nossa). Nesse caso, a memória pode servir a um uso ideológico, logo, esse uso se torna um abuso da memória, por isso o autor mostra que todos os sujeitos devem ter o direito de contestar as versões oficiais do passado.

Apesar de todos terem o direito à memória, o dever de memória é algo diferente (Todorov, 2000). Esse dever não deve ser exigido de todos, por exemplo, não se deve exigir uma lembrança dos sujeitos que passaram por algo traumático. Entretanto, "quando os acontecimentos vividos pelo indivíduo ou pelo grupo são de natureza excepcional ou trágica, tal direito torna-se um dever" (p. 14). E é aí que a pesquisa contribuiu.

Portanto, estes três eixos teóricos, relatos biográficos, táticas e memória, foram fundamentais para construção da análise. A seguir, discorremos sobre o desenvolvimento das técnicas de pesquisa que foram aplicadas.

Desenvolvimento das técnicas de pesquisa

Como aponta Wright Mills (2009), um artesão na pesquisa é aquele que evita toda rigidez de procedimentos. O intuito do autor é fazer com que pensemos o método e a técnica afastados de um certo fetichismo. Para ser um bom "artesão" é necessário tensionar o método e a técnica a todo momento. Isso significa pensar o teórico-metodológico da pesquisa como um processo. Nesse sentido, Jorge Durand e Carmem Lussi (2015) oferecem pistas relevantes para a compreensão da processualidade da pesquisa. Se antes era preciso ficar preso às metodologias sob risco de enfraquecimento do campo, agora é preciso se desprender das amarras. não que isso signifique falta de rigor, mas entende-se que o processo se torna mais proveitoso quando é permitido reformular, readequar e corrigir quantas vezes forem necessários. Para os autores (2015, p. 13), "toda pesquisa é um lento processo de construção, que pode ser considerado quase manual, para coletar informação e sistematizá-la, que requer, ao mesmo tempo, imaginação. É um ato criativo", justamente por isso, Mills (2009) chama a construção da pesquisa de "artesanato intelectual". Essa perspectiva foi assumida para o desenvolvimento da pesquisa.

A perspectiva autobiográfica da própria pesquisadora, além de contribuir com as narrativas sobre migração de palestinos para o Brasil, inevitavelmente auxiliou na proximidade com as interlocutoras desde o contato inicial até a criação de intimidade e identificação. Apesar de a pesqui-

sadora buscar contatar mulheres fora do círculo pessoal. localizando-as por meio de páginas palestinas nas redes sociais digitais⁵, foi comum ocorrerem coincidência de relações de parentesco entre as próprias interlocutoras com a pesquisadora, como no caso de Maysar. Enquanto a interlocutora relatava onde morava na Palestina, descobriu-se ser o mesmo vilarejo que a família da pesquisadora, por parte de mãe, vive. Maysar então comenta: "percebi que seu rosto [da pesquisadora] não era estranho". Ao descobrir essa coincidência, o tom da conversa muda e se torna mais descontraído. Esta peculiaridade pode estar relacionada ao fato de a comunidade palestina ter uma trama de laços fortes entre si. Por estarem no Brasil, é como se a etnicidade os unisse, ao passo que na Palestina, a proximidade se dá tanto por contatos familiares quanto por proximidade de vilarejos.

Para abarcar a compreensão sobre os relatos biográficos, foi preciso fazer uso de seis técnicas na pesquisa: entrevistas abertas e semiestruturadas em profundidade, observação, diário de campo, formulário de identificação, diário solicitado e coleta de materialidade digital.

A metodologia e as técnicas se desenvolveram no processo e na concretude da pesquisa. As técnicas foram pensadas e repensadas até serem definidas. Após as três primeiras entrevistas, de Sabah, Amada e Hanan,

 $^{^{\}rm 5}$ Como por exemplo, páginas de sociedades árabes-palestinas do Rio Grande do Sul.

o roteiro de questões foi refinado. As pistas iniciais e a construção teórica sobre a problemática da interseccionalidade foram fundamentais para se pensar sobre as temáticas que seriam instigantes, como escolaridade, família, nacionalidade, religião, atuação política e o papel da mulher. O cunho do roteiro semiaberto conferiu à atividade de coleta de dados a dinamicidade necessária. Além disso, permitiu a inclusão de cinco perguntas adicionais às mulheres produtoras de conteúdo, Maysar, Hanan e Norim⁶.

Foram definidos dois encontros com cada interlocutora. No primeiro encontro aplicava-se uma questão inicial de cunho aberto, para criar uma aproximação com as mulheres. Nesta questão, as interlocutoras foram convidadas a narrarem suas histórias e a relação com ambos os lugares (Brasil e Palestina). Após, a primeira metade do roteiro era aplicada e então, marcava-se o segundo encontro, ainda que algumas vezes essa matemática não fechasse. Em ambos os encontros, buscava-se manter o caráter aberto e menos direcional da entrevista semiestruturada.

Além da entrevista, utilizou-se a técnica de observação para captar o não dito. Thompson (1992) enfatiza o aspecto

⁶ Norim já produziu alguns conteúdos em suas redes sociais digitais, mas parou com a atividade devido aos receios que teve quando iniciou a produção de conteúdo (como ser taxada de antissemita). Desse modo, foram feitas as questões relativas às produtoras de conteúdo, mas ela não é incluída como uma produtora de conteúdo, por isso utilizamos um nome fictício para identificá-la.

fidedigno e preciso das entrevistas, pelas palavras serem empregadas tal qual foram faladas; capturando os silêncios, risadas, temores e incertezas. A observação foi complementada com o diário de campo, buscando complementar as brechas deixadas pelo roteiro de questões. O formulário de identificação foi aplicado no segundo encontro. Percebeu-se com a entrevista piloto de Sabah que aplicar essa técnica logo de início poderia intimidar as interlocutoras. visto que havia questões sobre ocupação, escolaridade e religião. Estes dois últimos tópicos acenderam um alerta no primeiro encontro com Sabah. Quando Sabah foi questionada sobre sua escolaridade, respondeu: "faculdade". No momento ocorrido optou-se por não questionar o curso que havia feito, mas foi uma pista lançada para refletir sobre algumas questões: inicialmente o tópico escolaridade e religião faziam parte do formulário de identificação, porém após pensar melhor, compreendeu-se que são temas complexos para serem simplificados, portanto, foram reformulados e deslocados e para o Roteiro de questões.

Além disso, o tópico sobre a escolaridade foi repensado para ser relatado de maneira sutil, por exemplo: "Fala árabe? Se sim, como aprendeu? OU como aprendeu o português?" A partir destas questões, as interlocutoras acabavam narrando suas trajetórias educacionais. Tanto que, mesmo não tendo nenhuma questão sobre a escolaridade, o tema apareceu de forma acentuada no relato das interlocutoras. Quando não

aparecia por meio das perguntas descritas, se fazia presente na narração das trajetórias de vida e dos filhos. O tema apareceu como um elemento identitário importante para elas.

Com relação ao tópico da religião, a percepção foi que falar diretamente desse tema poderia soar ofensivo. Já que, como mostra Jardim (2006), a maioria dos imigrantes palestinos são muçulmanos. Esse dado aparece também no senso comum, em que muitas vezes se confunde árabes com muçulmanos. Por este mesmo motivo, perguntar diretamente sobre a religião poderia soar como ofensivo e gerar questionamentos do tipo: "Porque ela está me perguntando isso? Será que desconfia que não sou muçulmana?". Pensando nisso, esse tópico também foi desenvolvido de maneira indireta, ao invés de perguntar: "Qual sua religião?" Optou-se por: "Você se considera uma pessoa religiosa?" "Você frequenta mesquitas agui no Brasil?". Ainda, definiu-se por trazê-las apenas no segundo encontro, apesar de aparecerem em outros momentos de forma mais intensa pelas interlocutoras mais religiosas. Além disso, a maioria das entrevistas aconteceram no período ou após o Ramadã, que ocorreu de 22 de março a 22 de abril no ano de 20237. Desse modo, o Ramadã apareceu de forma frequente nos relatos.

Também no segundo encontro, era demandada a criação do diário solicitado (Plummer, 2001), sobre os modos de utilizar as tecnologias de comunicação, sites preferidos, conteúdos aces-

⁷ A data do Ramadã varia, pois os muçulmanos seguem o calendário lunar.

sados e o que fabricam com esses usos. Essa técnica é proposta por Ken Plummer (2001) e difere dos diários íntimos tradicionais, pois se solicita que a descrição seja guiada sobre algum evento em específico, ou seja, há uma predefinição sobre o que relatar. Nesse sentido, o diário solicitado pretendeu coletar dados específicos sobre algo. O diário solicitado foi adequado conforme a interlocutora preferisse, na forma de descrições diárias por WhatsApp, gravação de áudio pela mesma plataforma, escrita em outro suporte, etc. A única orientação é que o diário fosse realizado no período de uma semana.

Por fim, a coleta de materialidade digital foi inserida para substituir a análise das redes sociais das interlocutoras, anteriormente definida. Ao refletir sobre a metodologia de relatos biográficos, percebeu-se que não seria adequado fazer essa análise externa, por isso, adequou-se para essa técnica e foi solicitado que elas mesmas fizessem a coleta e enviassem com suas percepções sobre o que consideravam interessante de trazer para o debate.

Compreendendo a existência de uma discussão acerca do conceito de "materialidade" que ultrapassa a proposta da coleta, salienta-se que se utiliza o termo para se referir a *prints* (Gravação de tela) de conteúdo, site e plataformas digitais acessados, assim como fotografias de objetos ou artefatos.

Essa atividade foi solicitada no segundo encontro juntamente com o diário solicitado. A ideia era que a foto/print 1 remetesse à questão identitária/interseccional, foto/print 2 ao uso das tecnologias digitais e a foto/print 3 a alguma memória

afetiva/arte do fazer (Certeau, 1998). Para isso, a orientação era a seguinte:

- Tire uma foto ou print de uma postagem ou publicação em site de redes sociais que seja importante para você/que fale sobre ti e comente o porquê desta postagem ser importante (pode ser do teu perfil pessoal/do perfil de um familiar/amigo ou até mesmo alguém conhecido das redes sociais).
- 2. Tire uma foto ou *print* de uma tecnologia ou meio de comunicação que mais te lembra ou te conecta com a Palestina e comente o porquê.
- 3. Tire uma foto ou *print* de um objeto ou momento do seu cotidiano que te lembra a Palestina (essa foto é bem livre, pode ser de qualquer bem, produto ou momento. Algo que você faz ou vê no seu dia a dia que mais lembra a Palestina).

Sugerindo modos de análise, Arfuch (2010) indica uma escuta plural, entretanto, não aponta um modo privilegiado de análise, apenas o que se deve evitar: glosar, censurar, criticar. Ainda que sempre se faça interpretações, é preciso fazê-las com cuidado. Outra ressalva é considerar apenas uma narrativa como autossuficiente para falar de todo um grupo/universo. Por isso, a autora sugere os "relatos cruzados" (Ibid., p. 267). Não recomenda, portanto, realizar uma leitura conclusiva de imediato. Para tanto, apresenta-se a seguir o modo de tratamento conferido aos dados coletados.

Coleta e tratamento de dados

A coleta de dados ocorreu no período de julho de 2021, considerando a entrevista exploratória de Sabah, e havia sido encerrada em setembro de 2023. Entretanto, após o ocorrido do dia 07 de outubro de 2023 na Palestina, retomamos a coleta e aplicamos novas questões com as interlocutoras, naquele momento, focando no uso das tecnologias digitais e a relação do genocídio em Gaza. Essa complementação ocorreu via WhatsApp. Portanto, o período de coleta foi de julho de 2021 a novembro de 2023.

As interlocutoras foram contatadas após o início do genocídio na Faixa de Gaza em outubro de 2023. Em novembro de 2023, após perguntar sobre o bem-estar das mulheres, foi solicitado, se fosse possível para elas, o retorno sobre duas questões para complementar as entrevistas. Compreendendo a limitação de tempo, os tópicos foram encaminhados via WhatsApp. As questões complementares foram:

1. Percepção do genocídio: Caso você consiga e queira falar sobre a sua percepção do conflito que está ocorrendo na Palestina, eu gostaria de te ouvir e acrescentar na sua entrevista; 2. Mudanças nos usos das tecnologias digitais: Se você quiser falar sobre alguma mudança no modo como você está utilizando as tecnologias digitais e a sua percepção sobre o papel delas para o conflito, fique à vontade.

As seis técnicas propostas foram efetivadas com sete mulheres: Radicha, Sabah, Amanda, Sara, Miriam, Norim e Dunia. Hanan, Maysar e Rifka realizaram apenas as entrevistas, pois não retornaram com as demais atividades solicitadas. A observação, diário de campo e formulário de identificação foram complementadas pelas anotações da pesquisadora. Entretanto, como Hanan e Maysar são produtoras de conteúdo, autorizaram que se fizesse a coleta de materialidade em suas páginas.

Realizou-se duas entrevistas presenciais, com Rifka e Dunia, as demais foram realizadas no ambiente online, por opção das mulheres ou pela distância entre as localidades da pesquisadora e interlocutoras. Os encontros remotos foram realizados via Google Meet ou via chamada de vídeo por WhatsApp. As entrevistas presenciais foram realizadas na casa, no caso de Rifka e em um café, no caso de Dunia. Não foram notadas diferenças significativas na aplicação metodológica. As emoções transparecem no online também. Além disso, a comodidade de estarem em seus ambientes de trabalho ou em suas casas conferiu liberdade para as mulheres atenderem em seus estabelecimentos comerciais, comunicarem quando precisavam sair ou pausar a atividade quando necessário. No caso de Rifka, única entrevista presencial que ocorreu na casa da interlocutora, apesar de receber a pesquisadora bem, oferecendo chá árabe e bolo, Rifka pareceu não estar muito à vontade com as questões e achando que não iria contribuir por não dominar o português fluentemente e não ter um conhecimento "intelectual", segundo suas próprias percepções. A todo o momento falava: "eu não sei muito", mesmo que a

pesquisadora buscasse desconstruir esta barreira. Portanto, mesmo que o vetor de presença traga uma intimidade maior, não foi o suficiente, houve outras barreiras para além do vetor de presencialidade física.

Com relação ao tratamento dos dados, contamos com o auxílio do software Atlas.ti⁸ para organizar o quantitativo de 200 laudas de transcrições. Os "códigos"⁹, ou temas foram criados a partir da leitura atenta e integral das transcrições das entrevistas, aos quais foram categorizados de acordo com o aporte teórico da pesquisa e interpretação da pesquisadora. Ou seja, o uso da ferramenta não foi arbitrário, mas sim um apoio para organização após a leitura de todo material coletado. A partir dessa leitura ativa, foram criados códigos representativos para os trechos. É importante destacar que um mesmo relato poderia ser agrupado em mais de um código: conforme a leitura dos trechos fosse feita, novos códigos eram criados para "categorizar" por temática determinada parte da entrevista de uma forma que facilitasse a localização no momento da análise. Por exemplo, nesse trecho de Miriam: "Quando eu casei [...] abrimos loja em Chuí, eu e ele [marido]. Aí eu engravidei e tive o meu primeiro filho, [...] depois de dez anos tive o meu outro filho. Sempre trabalhando em loja [...]. Eu fiz o segundo ano, aí eu ia fazer faculdade, mas guando casei aí 'foi por terra'", foi agrupado em quatro códigos: Trabalho, Família e Matrimônio, Escolaridade e Gênero.

⁸ Disponível em: https://atlasti.com/. Acesso em: 02/02/2024.

⁹Usamos essa nomenclatura pois é assim que o Atlas Ti nomeia a sua categorização.

O software ajudou a organizar e localizar os trechos para a análise, mas quem conduziu todas as etapas e interpretações foi a pesquisadora, portanto, seu uso não se deu de modo automatizado, considerando que trabalhamos com relatos biográficos. O software serviu apenas como forma de organizar a quantidade extensa de material coletado.

Para análise, relacionou-se os códigos (temática dos relatos) com os eixos centrais da tese: Migração, Tecnologias digitais, Político, Gênero, Cultural/social/religioso. Assim, os eixos foram agrupados de acordo com os 20 códigos criados. Estes eixos se desmembraram na análise. Abaixo o Quadro 1 mostra a relação eixos-códigos.

Quadro 1: Relação eixos -códigos

Eixos (relação com as tecnologias digitais)	Códigos (temas)	
Migração	Família e Matrimônio; Etnia, diáspora e migração; Brasil; Preconceito; Língua	
Tecnologias Digitais ¹⁰	Conflito Israel-Palestina; outros temas não englobados nos códigos ¹¹	
Político	Documentação, Natalidade, Israel-Palestina, Palestina ¹² , EUA	

¹⁰ Este eixo foi introduzido na análise após observar a necessidade de conferir uma análise para as questões de usos das tecnologias digitais que ultrapassaram os eixos iniciais.

¹¹ Outros temas como a mídia, Orientalismo, censura, a produção de conteúdo e os diários descritivos fazem parte deste eixo na análise.

¹² Esse código se repete nos eixos Tecnologias digitais e Político.

Gênero	Político; Gênero; Identidade; Escolaridade; Trabalho Religião e cultura; Comunidade; Classe; Cidadania	
Cultural/social/religioso		

Fonte: Elaboração própria, 2023

Ainda que o foco da pesquisa tenha sido os usos das tecnologias digitais, em alguns momentos os relatos ultra-passaram a relação com as tecnologias digitais (em memórias, histórias de família, tradições, diferenças culturais, etc.). Esses dados também foram explorados, pois falam sobre essas mulheres e onde situam suas lutas. A partir disso, o olhar foi direcionado para os usos táticos das tecnologias digitais.

Um dos principais desafios da tese foi organizar os relatos biográficos para a análise sem extrair a riqueza das narrativas transversais. Uma estratégia encontrada foi utilizar os próprios eixos centrais da pesquisa e elencá-los com os códigos/temas que se sobressaem nas narrativas. Portanto, cada eixo se transformou em uma seção e subseções, em que os trechos agrupados nos códigos no Quadro 1 foram cruzados e analisados. Essa tarefa demandou um esforço de elencar prioridades temáticas, ainda que os relatos biográficos contenham narrativas perpassadas por questões de memória, trajetórias e experiências que poderiam facilmente se entrelaçar.

Ao final, a própria análise dos dados tratados gerou uma narrativa, o texto acadêmico, em que foi possível relacionar os relatos das entrevistadas com as abordagens teóricas estudadas e a interpretação da pesquisadora.

Considerações finais

A pesquisa de tese se encerrou em fevereiro de 2024 e foi defendida no mês seguinte, portanto, em um momento crucial para a Palestina. O início do genocídio em Gaza, em outubro de 2023, alterou as configurações da pesquisa e também impactou de modo significativo a produção da própria tese, dada a proximidade do tema de pesquisa e a vida pessoal da pesquisadora. Entretanto, também conferiu uma maior robustez ao trabalho. A tese adquiriu uma potência política expressiva após outubro de 2023, não somente porque expôs a violência continuada do Estado de Israel ao longo dos mais de setenta e cinco anos de colonialismo, mas também porque demonstrou a força narrativa dos sujeitos palestinos. Ao amplificar os relatos de mulheres palestinas, a tese demonstrou que sujeitos comuns são capazes de criar microresistências cotidianas nos contextos mais adversos possíveis. As interlocutoras relataram táticas ao utilizarem as ferramentas disponíveis para se posicionar de forma ativa e política em diversas situações e contextos de suas vidas.

A combinação de procedimentos em conjunto com a escuta ativa e sensível das narrativas e o percurso teórico construído proporcionou à tese um viés marcadamente político e histórico. Demarcou-se a necessidade de, cada vez mais, a comunidade palestina ser lembrada e evidenciada não somente na academia, mas no contexto político e no âmbito social como um todo.

Os usos das tecnologias digitais apareceram como um espaço de disputas e lutas, enquanto há censuras e bloqueios de perfis palestinos em rede ou ainda de seus conteúdos publicados em rede, os palestinos não cessam de estar online e falar sobre a Palestina. Algumas abstenções ou apagamentos de conteúdos em rede foram identificadas também como táticas, já que apareceram em momentos oportunos para as mulheres, como por exemplo, quando apagavam postagens feitas em suas redes sociais para burlarem o sistema de controle israelense no aeroporto de Tel Aviv, quando tinham uma viagem próxima marcada para a Palestina.

Por fim, o cuidadoso exame da escolha teórica e metodológica permitiu à pesquisa adaptar o percurso, incluindo e excluindo procedimentos conforme necessário. Isso não enrijeceu de forma alguma a análise; ao contrário, evidenciou a riqueza decorrente do uso de relatos biográficos como metodologia para análises na área da Comunicação. Assim, foi possível compreender que os usos táticos das mulheres palestinas abrangem diversos aspectos, desde sua atuação em redes e participação em processos transnacionais até sua busca por autonomia e pela divulgação da causa Palestina. Além disso, elas se dedicam à construção de narrativas contra-hegemônicas, visando desestabilizar as representações preconceituosas sobre os palestinos em geral, e, mais especificamente, sobre o papel das mulheres palestinas nessa comunidade.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BECKER, H. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOURDIEU, Pierre. "L'illusion biographique". **Actes de la recherche en sciences sociales,** v. 62-63 (L'Illusion Biographique), juin. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317>. 1986.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1998.

DAHLEH, Simone Munir. A trama tecida por mulheres palestinas: relatos biográficos dos usos táticos de tecnologias digitais. 2024. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

DURAND, J.; LUSSI, C. Metodologia e teorias no estudo das migrações. 1a. edição ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e gênero [recurso eletrônico]:** a aventura da pesquisa / (Org.) – Porto. Alegre : EDIPUCRS, 2008. 173 p.

QUADROS, Eduardo. As "artes da memória" em Michel de Certeau. **História** da **Historiografia**, 2022.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

JARDIM, Denise Fagundes. Os imigrantes palestinos na América Latina. **Dossiê Migração**. Estudos Avançados. p. 171-181. Ago 2006.

MARINUCCI, Roberto. **FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES?** REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 15, n. 29, 2007, p. 5-22.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2009.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Biografia coletiva, engajamento e memória: a miséria do mundo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 21, n. 2

NORA, Pierre. "Entre memória e história: a problemática dos lugares" in **Projeto História**, PUC, São Paulo, n.10, p.7-29. 1993.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PLUMMER, K. **Documents of life 2** An invitation to a critical humanism. London: Sage Publications, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Les abus de la mémoire. Barcelona y Editorial Paidós, 2000.



DIÁRIOS DE LEITURA: REGISTRO DE PRÁTICAS DE LEITURA

Lavínia Neres Feronato Sandra Depexe

Hoje em dia estamos rodeados de leituras a todo momento. Seja ao receber uma mensagem de texto em aplicativos de relacionamento, seja por meio de leitura de legendas e posts nas diversas redes sociais. As mudanças da cultura da nossa sociedade, sobretudo pela revolução digital, exigem que haja leitura e escrita o tempo todo, essas práticas são realizadas com diferentes propósitos e envolvem tanto a nossa trajetória pessoal como profissional. Tendo em vista todas essas questões, a dissertação *Leituras em um clique: consumo e práticas de leitura de livros digitais* (Feronato, 2024) teve como proposta compreender a leitura de livros digitais realizadas por estudantes da Universidade Federal de Santa Maria.

O desenho da pesquisa compreendeu duas fases. Uma voltada ao *Reconhecimento* do campo de estudo, com base em pesquisa bibliográfica e documental e pesquisa exploratória por meio de questionários. E outra direcionada ao aprofundamento, chamada de *Imersão*, em que foram operacionalizados os conceitos e categorias analíticas, bem como investiu-se na técnica de diários de leitura, que contribuem com os dados qualitativos do trabalho. O presente artigo busca relatar a

estratégia de investigação de diários, abarcando desde questões metodológicas quanto práticas, na confecção, aplicação e análise dos diários de leitura como instrumento de pesquisa.

Os Diários de Leitura foram inspirados na técnica de coleta e registro utilizados por Fernanda Chocron Miranda (2019) e Fernanda Brandalise Bogoni (2018), bem como na noção de artesanato intelectual de Charles Wright Mills (2009) e na importância do aparato operacional na construção do objeto científico. A experiência metodológica de uso dos Diários de Leitura para a pesquisa gerou proximidade entre pesquisador e pesquisado, permitindo analisar as práticas de leitura dos respondentes com mais detalhe e criticidade.

Decisões metodológicas e o artesanato de pesquisa

Apreendemos com Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2010, 2016) que as opções metodológicas são definidas com base em quatro instâncias: epistemológica, a qual exerce a função de vigilância crítica da pesquisa; teórica, que diz respeito à teoria; metodológica ou metódica, que se refere à seleção de métodos de análise na pesquisa; e operacional ou técnica, que corresponde tanto ao domínio do repertório metodológico, às considerações sobre o uso social dos resultados da investigação, quanto à limitação imposta pela dimensão dos recursos, sejam estes materiais, financeiros, temporais ou pessoais para o desenvolvimento da pesquisa. Iremos nos ater ao último plano, visto que a instância técnica "[...] é o lugar da construção dos dados ou do objeto empírico. Compreende

os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral" (Lopes, 2010, p.128). Embora este artigo esteja direcionando à descrição e à reflexão sobre a técnica dos diários de leitura, esta não é dissociada das demais instâncias. Em suma, a técnica foi utilizada na segunda fase da pesquisa, intitulada como *Imersão*, uma vez que após uma coleta de dados quantitativos e articulação com as correntes teóricas trabalhadas foi possível analisar os diários de leitura de acordo com categorias analíticas definidas — Motivação do leitor, Modos de leitura, Consumo/Acesso da leitura, Competência leitora.

Ainda, em concordância com Lopes (2016), compreendemos que a metodologia em uma pesquisa não deve ser encarada como um catálogo ou uma receita de "como fazer", mas deve ser "aberta à sensibilidade do pesquisador, à consciência de sua prática intelectual, à responsabilidade social de sua atividade" (Lopes, 2016, p.100). Diante desta perspectiva, a pesquisa científica revela-se como uma prática, sendo caracterizada por "sua relação com fazeres – implica atividade, tomada de decisão e execução do decidido" (Braga, 2019, p.49, grifo do autor), abrindo caminho para a construção de instrumentos de investigação que sejam adequados aos aspectos teóricos em tensão aos empíricos.

É interessante refletir, com apoio de Charles Wright Mills (2009), que o pesquisador deve ser também um artesão ao apropriar sua experiência de vida no trabalho intelectual, permitindo a elaboração e combinação não prevista de elementos,

evitando que os procedimentos sejam vistos como métodos rígidos. Para o autor, o exercício de pesquisar estimula a *imaginação sociológica* e a manutenção de um diário contribui para a construção do artesão intelectual, uma vez que esta prática permite descrever as experiências e refletir sobre elas.

[...] Uma resposta é que você deve organizar um arquivo, o que é, suponho, a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário. [...] Num arquivo como o que vou escrever, há uma combinação de experiência pessoal e atividades profissionais, estudos em curso e estudos planejados. Neste arquivo, você, como um artesão, tentará reunir o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Aqui, não terá receio de usar sua experiência e relacioná-la com diretamente a vários trabalhos em andamento (Mills, 2009, p. 22).

A noção de que fazer pesquisa pode exigir criatividade, com criação ou combinação de ferramentas para abordar objetos de estudo, remete ao que Guillermo Orozco Gómez (1997) atribui como experimentação metodológica, a qual carrega em si uma dose de risco. Como propõe José Luiz Braga, "Diante dos desafios à ação, há sempre espaço para táticas e estratégias diversificadas, e as decisões são tomadas em vista de resultados não inteiramente previsíveis. É por isso que as atividades práticas comportam algum grau de tentativa, de ensaio-e-erro" (Braga, 2019, p.49). Contemporaneamente, nas pesquisas de consumo e recepção midiática com sujeitos jovens, vê-se o desenho de uma possível tendência metodológica, com "empenho em experimentar formas de

aproximação, rotinas e métodos de coletas de dados mais afinados às próprias vivências cotidianas dos jovens investigados" (Depexe; Drabeski, 2024, p.281). Logo, a proposta de um diário de leitura a ser preenchido pelos informantes da pesquisa também se vincula à ideia de artesanato intelectual e experimentação metodológica que dialoga diretamente com o hábito de registro de leituras ou pensamentos dos informantes, no caso, estudantes universitários.

O uso dos Diários de Leitura para a pesquisa tem o intuito de aproximar pesquisador e pesquisado, para que ele tenha confiança e também seja instigado a preencher o diário proposto. A possibilidade de construir o artesanato na pesquisa não vem somente pelo ponto de vista da pesquisadora, mas também pelo viés do informante, de modo que ele possa analisar de forma crítica suas leituras em um dado período de tempo. Vale ressaltar que a pesquisa realizada (Feronato, 2024) é quanti-qualitativa e é por meio dos registros dos Diários de Leitura que foi possível entender de forma mais aprofundada os resultados dos questionários realizados na fase de *Reconhecimento*, já mencionada anteriormente. A seguir, iremos apresentar outros estudos que igualmente utilizaram a noção de diário para coleta e registro de dados.

Inspirações metodológicas para os diários

A experimentação metodológica dos Diários de Leitura foi baseada em dois estudos antecessores, desenvolvidos em programas de pós-graduação brasileiros, que também buscavam compreender hábitos de consumo midiático de jovens. Assim, o instrumento de coleta de dados foi inspirada na técnica utilizada por Fernanda Brandalise Bogoni (2018) em sua dissertação O livro na Cibercultura: Um estudo sobre práticas de leitura de estudantes universitários e Fernanda Chocron Miranda (2019) em sua tese Consumo de vídeo entre jovens: Um estudo qualitativo em dois municípios do norte e sul do Brasil.

No caso da dissertação de Bogoni (2018), é ressaltado o uso da técnica de coleta realizada no ano de 2016 com estudantes universitários das áreas de Comunicação e Artes de uma instituição privada de Curitiba, especificamente, por meio de uma disciplina de literatura e cibercultura ofertada pela pesquisadora. Tendo em vista essas especificidades, a pesquisadora apresenta os instrumentos da pesquisa que foram guiados em primeiro lugar pela aplicação de guestionários para o grupo de alunos e em seguida pela entrega dos Diários de Leitura para que os alunos preenchessem um diário semanal de todas as leituras realizadas. No caso da pesquisa de Bogoni, não tivemos acesso ao material dos diários ou seja, a forma que foram confeccionados e estrutura para o registro —, entretanto por meio de relatos descritivos é possível concluir que os estudantes registraram tanto as leituras formais, como livros de literatura, quanto às leituras realizadas em ambiente virtual. Assim, foi possível constatar para Bogoni (2018) a diversidade de leituras que foi realizada sem que houvesse uma superioridade de uma sobre a outra.

Já no caso da tese de Miranda (2019), há uma proposta de coleta bem definida que foi utilizada como guia, apesar da pesquisadora trabalhar com um objeto diferente — o consumo de vídeos. Assim, o foco da pesquisa tratou de identificar as práticas de assistência de TV, criando tipologias baseadas nos fluxos internacionais concebidos pelos jovens (Miranda; Geerts, 2018). Desse modo, a pesquisadora utilizou o emprego dos diários baseados em cartões que foram armazenados em uma caixa plástica e entregue aos participantes.

[...] a ideia foi oferecer algo não-linear, portátil e fácil de ser manipulado pelos participantes aonde quer que pudessem estar assistindo vídeos. O formato também se mostrou conveniente e frutífero por facilitar o processo de análise dos dados, nos permitindo agrupar os cartões (individualmente por participante e em grupos), para verificar padrões e identificar diferentes associações/combinações delineadas pelas participantes com os recursos que elas tinham disponíveis em seus contextos de consumo de mídia (Miranda; Geerts, 2018, p.83).

Em um primeiro momento, é possível observar que para Miranda e Geerts (2018) os diários trataram de uma técnica de registro e coleta sistemática de dados e posteriormente atuaram como procedimento preparatório do participante envolvido na pesquisa para o momento da entrevista, uma vez que suscitou auto-reflexão sobre as próprias práticas. Assim, os pesquisadores apresentam a união dessas técnicas metodológicas para alcançar os objetivos traçados.

Retomando aos diários baseados em cartões. Miranda e Geerts (2018) explicitam a fase de testes que foi realizada com dez participantes do gênero feminino de 18 a 23 anos de idade, elas preencheram esses cartões todas a vezes que assistiam vídeo ou TV — no período de 7 a 21 de novembro de 2017 — independente do local ou servico de distribuição de conteúdo consumido. Ao final desta coleta, a pesquisadora observou que cada cartão representou "[...] uma configuração específica de assistência televisiva ou de vídeo online. Após esse preenchimento, cada participante foi entrevistada¹ com base no conteúdo que registrou em seus cartões" (Miranda; Geerts, 2018, p.86). Finalmente, os pesquisadores expõem que o formato diário foi uma solução assertiva para obter as informações das pesquisadas em uma ampla variedade de práticas de assistência de TV. Os cartões eram facilmente manipuláveis durante as atividades diárias e foram úteis para coletar os dados no período de duas semanas.

Tendo em vista as inspirações diretas da técnica de coleta utilizada por Bogoni (2018), Miranda e Geerts (2018) e Miranda (2019), na próxima seção trataremos sobre os diários de leitura criados para a coleta do consumo e práticas de leitura de livros digitais na dissertação de Feronato (2024).

¹ Como realizado por Miranda (2019), é importante ressaltar que a técnica de coleta dos diários também implicaram em uma entrevista semiestruturada posteriormente, como forma de complementar as informações através de comentários das pesquisadas sobre os registros de leitura catalogados.

Diários de leitura: confecção, aplicação e análise

Os diários de leitura utilizados na pesquisa foram inspirados em diários e *planners* comercializados especificamente para o registro das leituras, além desses instrumentos físicos é importante ressaltar que atualmente também há diversas plataformas digitais para o leitor catalogar as leituras de forma *online* como por exemplo Skoob², MaratonaApp³ e Goodreads⁴. O entendimento desses modos de anotação foram importantes na concepção do diário criado para a pesquisa, uma vez que emulam uma prática cotidiana e fortalecem o entendimento da criação do instrumento metodológico como um artesanato intelectual, conforme anteriormente debatido.

Os diários foram criados com o uso das ferramentas Procreate e Adobe Indesign, ilustrados e diagramados pela Mestra e Produtora Editorial Marina Freitas. Em uma orientação paisagem, impressa em tamanho A5 colorido a laser com papel sulfite 90g/m² e grampeados para que formassem um livreto (Feronato, 2024). Os diários eram compostos de uma capa (Figura 1) e o miolo (Figura 2) replicado trinta vezes, uma vez que o intuito era que as informantes pudessem anotar as leituras realizadas no período de um mês.

² Disponível em: https://www.skoob.com.br Acesso em: 10 abr. 2024.

³ Disponível em: https://maratona.app/home Acesso em: 10 abr. 2024.

⁴ Disponível em: https://www.goodreads.com Acesso em: 10 abr. 2024.



Fonte: Feronato (2024,p.47)

O objetivo da capa era chamar atenção das leitoras para que elas tivessem interesse em realizar a coleta com prazer, acionando a memória para os diários comerciais já citados. Com relação ao miolo, houve a diagramação de duas colunas para registro de leituras de propósitos diferentes: para entretenimento e para trabalho (estudo) que guiaram a pesquisa das práticas de leitura. Desse modo, o leitor registra a leitura realizada, número de páginas lidas no dia, hábitos (turnos), como adquiriu o livro, local de leitura, formato do livro e suporte. Também é disponibilizado espaço de comentários referentes à maior dificuldade, à maior facilidade e às observações de leitura.

Leitura para trabalho para entretenimento Titulo: .. Titulo: Hábitos Páginas Lidas Hábitos Páginas Lidas O 1-20 O 21-50 O 11-20 O 21-50 Suporte Como adquiriu? Local Como adquiriu? () Kindle () Emprestado () Foculdade Kindle (() Foculdade () Emprestado () Download () Transporte Celuk () Transporte [] Download () Comprou () Coso () Toble () Comprou () Coso Outro Outro Outro Outro Formato Formato POF Mobi () Mobi () audiobook () Epub () Foul Não sei Não sei Data: Maior Facilidade de Leitura Maior Dificuldade de Leitura Observações de leitura Avallação 1: * * * * * Avaliação 2: * * * * *

Figura 2 — Miolo diário de leitura

Fonte: Feronato (2024, p.47)

A seleção das leitoras de livro digital participantes da etapa qualitativa do estudo, com preenchimento do Diário de Leitura, seguiu um recorte de gênero e idade, uma vez que a maioria dos respondentes dos questionários aplicados para coleta de dados quantitativos, na fase de *Reconhecimento*, foram mulheres na faixa etária de 18 a 25 anos. Igualmente, buscou-se contemplar diferentes áreas de estudo, buscando aproximação aos dados obtidos. Todas as informantes da etapa de *Imersão* eram estudantes da Universidade Federal

de Santa Maria no período de novembro/dezembro de 2023 e haviam respondido o questionário e disponibilizado contato para participar de outras fases da pesquisa, sendo sete selecionadas: duas das Ciências Sociais (cursos de Publicidade e Propaganda e Produção Editorial); uma das Ciências Agrárias (curso Tecnologia de Alimentos); uma da Linguística, Letras e Artes (curso de Teatro Licenciatura); uma das Ciências da Saúde (curso de Medicina); uma das Engenharias (curso de Engenharia Ambiental e Sanitária); uma das Ciências Humanas (curso de História Licenciatura). O período de registro nos Diários de Leitura foi iniciado em novembro (entre 06/11 e 17/11) e durou um mês, já que o calendário acadêmico da universidade iria até dia 23 de dezembro no ano em questão (Feronato, 2024).

Após entrar em contato com as leitoras, foi promovido um encontro na Universidade Federal de Santa Maria para a entrega de: um Diário de Leitura, uma caneta azul e uma caneta preta. Nesse encontro, as informantes assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido e houve a instrução do preenchimento dos diários. Também foi combinado com as leitoras que em 15 dias a pesquisadora entraria em contato pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* para acompanhamento, e no período de entrega do diário (30 dias depois) haveria uma breve entrevista para que pudessem relatar a experiência. As entrevistas ocorreram de forma presencial e foram gravadas com o *smartphone* da pesquisadora e posteriormente transcritas com o auxílio da ferramenta Google Pinpoint.

Logo após o prazo de até 30 dias, foi marcado um encontro com cada uma das informantes para a devolução do Diário de Leitura preenchido e uma breve entrevista, em foi possível ter feedbacks sobre a técnica de registro e coleta de dados e observações dos próprios hábitos e práticas das leitoras. A estudante de Publicidade e Propaganda (Katniss)⁵ relatou que quando iniciou a coleta, achou que consequiria mesclar as leituras de entretenimento com as que realizava para trabalho, entretanto, visto que estava realizando muitas leituras para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), houve apenas registro de leituras fragmentadas voltadas para este fim. As leituras realizadas por ela foram Ebooks (que poderiam ser em formato PDF de download ou em sites online) durante o período noturno com o uso do computador como suporte (Feronato, 2024). Já a segunda leitora, do curso de Produção Editorial (Agatha), relatou que têm o costume de ler livros físicos e digitais tanto para trabalho como para entretenimento. A estudante observou que têm hábitos constantes como ler em casa e no período noturno. Notou também que apesar de gostar de variar entre as formas do livro, são os ebooks a maioria com destaque aos audiobooks realizados para leitura de entretenimento (Feronato, 2024).

A terceira estudante do curso de Tecnologia de Alimentos

⁵ Os pseudônimos foram escolhidos pelas leitoras baseados em personagens ou autoras que elas gostam e/ou se identificam. É possível perceber que a escolha, em maioria, é baseada em livros best-sellers e juvenis.

(Hermione) expõe que teve uma boa relação com o registro, pois assim pôde acompanhar o próprio desempenho nas leituras que foram sendo realizadas. Com os diários foi possível observar que ela realiza a leitura de livros físicos e digitais para os dois propósitos, entretanto o suporte preferível para estudo é o computador enquanto para entretenimento é o e-reader. Ambas as leituras foram realizadas em diversos turnos do dia. Já a estudante de Teatro Licenciatura (Maki-Doio) relata a familiaridade com o registro, uma vez que já tem o hábito de anotar as leituras que realiza pela plataforma Skoob. Durante o período de coleta foi possível observar que a leitora realizou leituras em ebooks para entretenimento de um único livro que foi adquirido por compra (Feronato, 2024).

A quinta participante do curso de Medicina (Carmen) comentou que lê muito mais livros digitais do que físicos, seja para entretenimento ou para estudo. A leitora apontou que os livros digitais podem ser adquiridos pela Amazon, bibliotecas digitais ou até mesmo de forma ilícita na internet. Também cita a biblioteca digital da Universidade como facilitadora para o acesso dos livros do curso, entretanto, diferente das outras leitoras, teve maior dificuldade de realizar os registros porque não tem como hábito. Ademais, Carmen comenta que as leituras realizadas para entretenimento são feitas em maioria pelo suporte do e-reader, enquanto as leituras de estudo são realizadas pelo computador. A sexta participante, do curso de Engenharia Ambiental e Sanitária (Annabeth), surpreende indicando que só realizou leituras para entrete-

nimento de livros físicos, em entrevista comenta a dificuldade de ler livros digitais (ebooks) sem o suporte adequado, o *smartphone* acaba se tornando difícil para a concentração com as notificações. Finalmente, a sétima leitora que participa da pesquisa é do curso de História Licenciatura (Gaia) que assume as leituras de PDFs e livros físicos, o primeiro realizado especialmente para estudo/trabalho (Feronato, 2024).

Corroborando com as observações descritas das práticas de leitura de cada participante, a seguir é ilustrado o registro de leitura de cada uma delas de acordo com as categorias analíticas correspondentes: Motivação do leitor, Modos de leitura, Consumo/acesso a leitura e Competência leitora. Esta fase da investigação se deu após a sistematização dos dados de consumo apurados através dos Diários de Leitura e das entrevistas.

Figura 3 — Resumo do registro dos diários de leitura

Legenda to tumo de noise tomo de noise para entreferenciano	Motivação do leitor	Modos de leitura	ConsumolAcesso de leitura
Katniss • E-books + POF + Sites online	Baixo valor dos livros digitais	★ Computador	Download + Leitura online
Agatha Uwro fisico + PDF	Baixo valor dos livros digitais e gosto	★ Computator	Deveload + Empréstimo
Ebooks + Audiobook + Livros físicos		★ E-reader + Smartphone	Empréstimo + Compra
Hermione +	Gosto,processo ritual de leitura (transportes) e baixo valor	Computador + Livro físico	Download + Empréstimo
Livro fisico + PDF		€ E-reader + Livro físico	Download + Compra
Maki-Doio + Ebooks	Gosto e disponibilidade na internet	★ E-reader	Compra
Ebook + PDF + Livro	Baixo valor dos livros digitais e dispenibilidade na Ethioteca Digital da UFSM	★ Computator	Download + Empréstimo
Carmen		€ E-reader	Download
Annabeth +	Baixo valor dos livros digitais	○ Livro fisico	Compra + Empréstimo
Gaia	Baixo vator dos tivros digitais e disponibilidade na internet	Computador	Download
■ Livre fisice		C) Livro físico	Compra
		Competência digital leitora	

Fonte: (Feronato, 2024, p. 133)

As categorias analíticas foram criadas em articulação às proposições teóricas estabelecidas (os indicadores teóricos) e o registro dos diários de leitura (os indicadores empíricos), relembrando as diretrizes de Lopes (2010, 2016) acerca da sinergia entre as instâncias de construção metodológica. A primeira categoria descrita e debatida é a Motivação do leitor, em que

foi possível acionar as racionalidades do consumo⁶ pelo viés teórico de Néstor García Canclini (1991, 1997) como: Racionalidade Econômica e Racionalidade como processo cultural uma vez que — como é possível observar na Figura 3 — o consumo de livros digitais é uma opção válida devido ao seu baixo valor e disponibilidade, assim como a praticidade de locomoção.

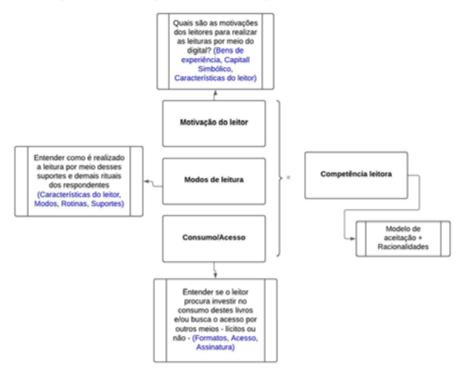
Já para a segunda categoria, intitulada Modos de Leitura, foi importante compreender quais são as formas que as leitoras de livros digitais realizavam suas leituras, de acordo com os rituais que vão sendo criados com a Revolução digital (Feronato, 2024). Nesta categoria, portanto, foi observado o suporte utilizado para a leitura a depender do propósito e do turno em que ela era realizada. Assim, o consumo como processo ritual indicado pelas leitoras é da leitura como prática noturna entre todas as participantes, ademais o computador é o principal suporte de leitura para estudo ao passo que para entretenimento o suporte de preferência é o *smartphone* e e-reader.

⁶ As racionalidades indicadas neste artigo são referentes, principalmente, ao livro "Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização" de Néstor García Canclini, publicado em 1997. Segundo Dulce Helena Mazer (2017), a proposição teórica sobre consumo cultural criada por Néstor García Canclini já na segunda metade de 1980 é destacada como fenômeno de disputas entre grupos e classes, como um sistema de comunicação, integração e objetivação dos desejos. Desse modo, a ideia de perspectiva dos ritos e a apresentação da teoria social do consumo é trabalhada pelo autor apenas em 1990, quando articulou as seis racionalidades do consumo: (i) racionalidade econômica; (ii) racionalidade sociopolítica interativa; (iii) racionalidade de distinção estética e simbólica; (iv) racionalidade integrativa e comunicativa; (v) racionalidade de objetivação dos desejos; (vi) racionalidade como processo cultural.

A terceira categoria é Consumo/acesso da leitura que converge com os dados encontrados na Motivação de leitura. Nessa categoria é analisado o modo que as leitoras adquirem livros digitais (compra, empréstimo ou download) para entender, principalmente, se há investimento nesta leitura. Os livros digitais são adquiridos principalmente por meio do download, prática que envolve todas as leituras coletadas para estudo. Entretanto é válido ressaltar que várias das leitoras apresentaram condições para que o acesso do livro fosse de modo não lícito como: se o livro é de autor estrangeiro, se o livro não é um objeto de desejo (como para coleções) e até se o livro é uma leitura de entretenimento. Com isso, é possível atentar para a racionalidade de objetivação dos desejos (Feronato, 2024).

Finalmente, a quarta categoria é a Competência leitora que está relacionada diretamente com as outras três categorias apresentadas, exemplificado na Figura 4.

Figura 4 — Relação entre as categorias analíticas criadas



Fonte: Feronato (2024, p.129)

Desse modo, foi possível visualizar a relação entre as categorias, uma vez que em especial a categoria de Competência envolve diretamente não só o Modelo de aceitação⁷ de livros digitais criado por Thompson (2021), mas também as outras racionalidades de Néstor García Canclini. As leitoras que possuem e-reader têm major facilidade de realizar as leituras de livros digitais — no caso de leituras para entretenimento (Feronato, 2024), por isso os modos de leitura atuam diretamente com esta categoria; para a categoria de consumo/acesso a relação se dá principalmente pelas leitoras estarem familiarizadas com a usabilidade da rede, por isso elas encontram os livros digitais que desejam, seja por meio de sites seja por grupos de leitores; para a categoria de motivação do leitor, mas uma vez é importante o fato de que a opção de adquirir livros digitais pelas leitoras da pesquisa se dá pelo baixo custo, ou seja, a aludindo a uma Racionalidade econômica.

Como instrumento de coleta de dados, os Diários de Leitura foram planejados em consideração ao hábito de registrar leituras e ideias, como referido anteriormente, em agendas, planners e até mesmo aplicativos para catalogar e registrar

⁷ Segundo John B. Thompson (2021), o modelo de aceitação do livro digital compreende quatro fatores que explicam a variação dos livros digitais, são elas: natureza do texto (linear narrativa e não linear), experiência do usuário/ fator forma (por exemplo se a leitura ou lenta, contínua ou descontínua, imersiva ou como uso de referência), valor de posse (giro alto/descartável ou giro baixo/relê) e tecnologia. Além disso, segundo o autor, esses fatores geram um espectro de possibilidade de acordo com o gênero textual.

aquilo que se lê. Como artefato metodológico, cada campo para preenchimento foi imaginado como um possível indicador empírico para as questões teóricas da pesquisa. Nesta perspectiva, as pistas sobre consumo e as práticas de leitura vieram a partir das anotações e reflexões das leitoras participantes. Essas informações sistematizadas e categorizadas possibilitaram compreender como a leitura é organizada na rotina diária das estudantes e como há variação nas formas de ler conforme o motivo para entretenimento ou finalidade acadêmica.

Considerações finais

A pesquisa sobre hábitos e práticas de leitura, conduzida em duas fases metodológicas contou com aporte quanti-qualitativo. Da parte quantitativa, questionários possibilitaram uma visão mais ampla da questão, mas foi necessário ter criatividade para pensar os modos em que seriam realizadas as coletas dos dados qualitativos, optando pela confecção do Diário de Leitura como instrumento técnico.

A coleta e registro por meio dos Diários foi fundamental para atingir os objetivos propostos para a dissertação (Feronato, 2024), entretanto, foi possível perceber que, como as estudantes apresentaram consumo/leitura de artigos acadêmicos (além dos livros exigidos da graduação), teria sido interessante indicar essa leitura específica na coluna destinada às leitura para trabalho. Ademais, por meio dos Diários de Leitura complementados com as entrevistas, foi possível expor algumas práticas que não haviam sido ponderadas,

como: estudantes que optam por realizar o estudo por meio de vídeos e não pela leitura (no caso de Annabeth), estudantes que realizam a leitura do PDF aliado ao recurso de leitura em voz alta de um software (no caso de Agatha), e o uso da internet como facilitadora para conteúdos acadêmicos (como artigos disponibilizados no Academia. Edu e Scielo, no caso de Maki-Doio).

Os dados coletados com os Diários de Leitura permitiram analisar criticamente as teorias que foram acionadas na pesquisa e seguiram em tensionamento com os dados quantitativos, obtidos previamente com questionários. Como exposto anteriormente, a leitura era dividida entre dois propósitos: aquelas realizadas para entretenimento e aquelas realizadas para trabalho/estudo por estudantes da Universidade Federal de Santa Maria. Como resultados, a opção de leitura de livros digitais foi guiada por guatro categorias analíticas: (i) motivação do leitor, a respeito do capital simbólico e demais Racionalidades do consumo como a econômica, objetivação dos desejos, estética e simbólica e sociopolítica interativa; (ii) modos de leitura, envolvendo a Racionalidade do consumo como processo cultural e a estética e simbólica; (iii) consumo/ acesso à leitura, envolvendo as Racionalidades econômicas, objetivação dos desejos, interação social e sociabilidade e sociopolítica interativa; (iv) competência leitora, que envolve as outras categorias e o modelo de aceitação do livro digital (Feronato, 2024).

Ademais, ponderamos que o trabalho de realizar um registro criativo por meio dos diários de leitura foi fundamental para ter adesão das informantes a respeito de suas práticas e hábitos de leitura e permitiu confrontar as informações levantadas na etapa quantitativa do estudo, qualificando-as e compreendendo melhor os pormenores nas dinâmicas de leitura de livros digitais.

Referências

BOGONI, Fernanda Brandalise. **O livro na cibercultura:** um estudo sobre práticas de leitura de estudantes universitários. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguagem) — Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2018.

BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em comunicação. **Galaxia** (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019, p. 48-61. DOI: 10.1590/1982-25542019239896

CANCLINI, Néstor García. Los estudios culturales de los 80 a los 90: perspectivas antropológicas y sociológicas en América Latina. **IZTAPALAPA**, Cidade do México, v. 3, n. 24, p. 9–26, 1991. Disponível em: https://revistaiztapalapa.izt.uam.mx/index.php/izt/article/view/1070. Acesso em: 19 fev. 2024

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

DEPEXE, Sandra; DRABESKI, Larissa. Outros tempos, outras juventudes: o que os estudos de recepção dizem sobre os jovens? *In*: Nilda Jacks; Guilherme Libardi; Lírian Sifuentes. (Org.). **Meios e Audiências IV:** continuidades e novos desafios frente à convergência midiática. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 262-293.

FERONATO, Lavínia Neres. **Leituras em um clique:** consumo e práticas de leitura de livros digitais. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2024.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação.** 10. ed. São Paulo: Edicões Loyola, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. *In*: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em comunicação:** metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 99-107.

MAZER, Dulce Helena. **Racionalidades do Consumo Musical:** Práticas Culturais Juvenis na cena rap porto-alegrense. 2017. Tese. (Doutorado em Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MIRANDA, Fernanda Chocron. **Consumo de vídeo entre jovens:** um estudo qualitativo em dois municípios do Norte e Sul do Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

MIRANDA, Fernanda Chocron; GEERTS, David. Caracterizando práticas de assistência de vídeo entre jovens a partir de Fluxos Interacionais. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 41, n. 2, p. 81–105, 2018. DOI: 10.1590/1809-5844201825.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa. La Plata: Universidad Nacional de La Plata; Guadalajara: IMDEC, 1997.

THOMPSON, John B. **As guerras do livro:** a revolução digital no mundo editorial. São Paulo: Editora UNESP, 2021.



GRUPOS FOCAIS COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO: RELATO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A APROPRIAÇÃO DE TICS NO CONTEXTO RURAL

Clarissa Schwartz

Os grupos focais ou grupos de discussão são conversações guiadas entre pessoas com determinadas características. O método tem natureza qualitativa e começou a ser utilizado com mais frequência pelos investigadores das Ciências Sociais a partir da Segunda Guerra Mundial como forma de avaliar a propaganda militar entre grupos de cidadãos. A técnica tem como principal objetivo reduzir a influência do pesquisador em relação aos dados obtidos e valorizar a opinião de fontes primárias de informação. Sua utilização abrange áreas como saúde, educação, extensão rural, comunicação social e desenvolvimento organizacional (Thornton, 2002).

Thornton (2002) aponta um conjunto de situações em que os grupos focais podem ser empregados: na ampliação de ideias ou sentimentos sobre algum tema; na compreensão de perspectivas distintas entre grupos ou categorias de pessoas; quando temos alguma informação e queremos aprofundá-la; para acionar o surgimento de ideias inovadoras; para conhecer percepções acerca de um assunto em particular; para interpretar



um dado quantitativo obtido pelo pesquisador; entre outros. Entre as vantagens elencadas pelo autor está a possibilidade de estudo do processo de interação entre os participantes; a flexibilidade para explorar temas inesperados mencionados pelos grupos; a força das citações diretas e o custo razoável. Por outro lado, Thornton (2002) sublinha que o método não é adequado para estudos que necessitam de consensos, projeções estatísticas ou que abarcam temas muito sensíveis; sua realização exige moderadores experientes, pois os grupos são muito distintos oscilando entre extremos como cooperação total e não cooperação e a própria formação dos grupos não é simples, porque depende da disponibilidade dos participantes.

Em nosso estudo, o procedimento metodológico dos grupos de discussão foi acionado para conhecer percepções de categorias distintas acerca do tema da pesquisa. Apesar de alguns autores recomendarem que os grupos sejam realizados entre pessoas que não se conhecem, Thornton (2002, p. 22, tradução nossa)¹ reconhece que "a técnica muitas vezes é utilizada em organizações, instituições ou comunidades rurais onde pela lógica, as pessoas já têm algum conhecimento sobre seus pares". No presente estudo, os participantes dos grupos se conheciam e entendemos que isso não representou empecilho para o trabalho, pelo contrário, até contribuiu para a descontração e a interação entre os participantes, tendo

¹No original: "la técnica muchas veces es utilizada en organizaciones, instituciones o comunidades rurales donde por lógica la gente tiene algún conocimiento de sus pares".



ainda facilitado a sua realização porque os participantes dos grupos já frequentavam os espaços em que as discussões foram realizadas.

No dia sete de maio de 2011 foram realizados dois grupos de discussão. A dinâmica envolveu integrantes do Projeto Esperança/Cooesperança² que participam de um feirão colonial aos sábados em Santa Maria. As reuniões de homens e mulheres aconteceram separadamente e foram realizadas em uma sala do próprio terminal de comercialização do projeto, localizado na Rua Heitor Campos, em Santa Maria. Os participantes dos grupos de discussão de homens e mulheres foram selecionados com o apoio da coordenação do Projeto Esperança.

O grupo feminino teve sete participantes, seis delas da cidade de Santa Maria e uma do município de Jaguari, com idades entre 30 e 57 anos. Já o grupo de discussão masculino também aconteceu no dia sete de maio de 2011 e teve nove participantes, cinco deles de Santa Maria e os outros das cidades de São Pedro do Sul, Pinhal Grande, Itaara e Dona

² O Projeto Esperança foi criado em 15 de agosto de 1987 na Arquidiocese de Santa Maria, articulando experiências de economia popular solidária, agricultura familiar nos meios urbano e rural e desenvolvimento sustentável. A Cooesperança, Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos, que são vinculados ao projeto Esperança, foi fundada em 29 de setembro de 1989 e consiste na organização de grupos e comercialização direta aos consumidores. O projeto se destaca pela organização da Feira Estadual do Cooperativismo e Feira de Economia Solidária do Mercosul, além dos tradicionais feirões coloniais que acontecem aos sábados. O Projeto Esperança/Cooesperança conta com cerca de 300 grupos em 34 cidades da região central do Rio Grande do Sul e atinge mais de cinco mil famílias (Projeto Esperança/Cooesperança, 2023).



Francisca. No grupo masculino as idades variaram entre 35 e 75 anos de idade. Apesar da pesquisa ser localizada em Santa Maria, o grupo de discussão foi aberto para participantes de outras cidades porque o objetivo era justamente levantar as primeiras informações acerca do tema e, com isso, a heterogeneidade dos grupos foi considerada como um elemento enriquecedor.

O grupo com jovens rurais foi realizado no dia 11 de agosto de 2011, na Escola Estadual de Ensino Médio Princesa Isabel. no distrito de Arroio do Só, então a única escola do interior de Santa Maria que oferecia ensino médio e onde estudavam cerca de 150 alunos, 85 por cento no ensino fundamental e 15 por cento no ensino médio. O grupo de discussão com os jovens aconteceu em uma sala de aula da própria escola e teve oito participantes, dois meninos e seis meninas com idades entre 15 e 18 anos. Entre os participantes do grupo de jovens, três deles estavam na primeira série do ensino médio, três na segunda série e dois no terceiro ano do ensino médio. Reunir no grupo estudantes dos três anos do ensino médio foi uma solicitação da pesquisadora feita à direção da escola que indicou os estudantes que participaram do grupo. A escola sugeriu fazer o grupo de discussão com todos os alunos do ensino médio, que eram 23 ao todo, mas, devido à necessidade de discutir os assuntos em profundidade, manteve-se a



estrutura de um grupo menor.3

Em cada um dos grupos de discussão, inicialmente foram explicados os objetivos do trabalho e, em seguida, foram lançados dois assuntos gerais: o papel da mulher e do jovem rural e a importância das TICs no meio rural. Cada grupo discutiu o assunto por cerca de uma hora, totalizando três horas e quatro minutos de gravações de áudio digital em formato mp3 que foram transcritas⁴ e analisadas. Os participantes foram anonimizados, sendo mantidos apenas a identificação de sexo e idade porque entre os objetivos da pesquisa estava identificar influências de gênero e geração na apropriação das TICs. Ainda mantivemos o dado relativo à cidade ou distrito de origem do participante, com a intenção de mostrar os locais representados.

A próxima seção mostra os principais resultados obtidos a partir da realização dos grupos de discussão.

³ Para Thornton (2002), grupos pequenos, com menos de cinco participantes, podem gerar poucas informações. Por outro lado, grupos grandes, com mais de 12 participantes podem ter problemas de interação. Por esse motivo, optamos por grupos com uma média de oito participantes.

⁴ A transcrição dos três grupos de discussão está nos apêndices B, C e D da tese "Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria-RS (Schwartz, 2012). Os trechos apresentados neste artigo preservam a fidelidade dos depoimentos, agrupando-os a partir da temática discutida e suprimindo trechos redundantes com o objetivo de facilitar a compreensão e a leitura (Alberti, 2005). Os destaques em negrito buscam evidenciar a análise.



O papel do jovem rural e as tecnologias de informação e comunicação

Acerca da questão "O papel da mulher e do jovem rural", uma ideia predominante nos grupos de discussão foi o êxodo rural por parte dos jovens. Os participantes relataram que a maioria dos jovens vai para a cidade estudar e busca uma oportunidade de trabalho fora do meio rural.

[...] **jovens**, ali [no distrito de Arroio Grande] **têm muito pouco mesmo, quase não têm**, tanto é que às vezes tu precisa de uma mão de obra, uma coisa pra ajudar, e não tem.

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

.

Eu tô vendo as **famílias lá fora**, [com apenas] **o pai e a mãe**, [...] as minhas vizinhas é maioria.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Eu acho que os filhos percebem as **dificuldades** que os pais passam também, aí eles vão procurar um lugar melhor para eles.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pains

Eles não querem trabalho braçal.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains



A cidade foi relatada pelos jovens como um leque de possibilidades de trabalho e estudo e o campo como um modo de vida difícil, sacrificado e com pouco retorno financeiro.

Aqui tem bastante serviço, vamos supor que tenha bastante serviços. Mas não são serviços muito lucrativos, eles são **serviços bem complicadinhos** também. Eu acho que lá **na cidade a gente tem mais oportunidades.**

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

E mais opção de serviços também. Aqui pra fora tu só vai limpar cuia.⁵ [...] Não tem outra opção. É isso ou limpeza, mas onde? Uma casa ou duas. Na cidade já tem de tudo, tem loja pra trabalhar, tem mais lugar pra ti pegar, fazer estágio [...]

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

O pai trabalha de pedreiro aqui no Arroio [do Só]. Eu não vou querer pro meu futuro trabalhar de pedreiro no Arroio [do Só].

Aluno do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Os jovens reclamaram da incerteza da renda rural, uma vez que o trabalho agrícola depende das condições climáticas, que no momento de realização do grupo de discussão, ainda não eram tão afetadas por eventos extremos no Rio Grande

⁵ Uma das principais atividades econômicas do distrito de Arroio do Só é o plantio de porongos, matéria prima das cuias, recipiente em que é preparado o chimarrão, bebida típica gaúcha feita com erva-mate e água quente.



do Sul.⁶ Eles relataram acreditar que na cidade existe garantia de remuneração, ao contrário do campo, onde o pagamento geralmente está atrelado à colheita.

Sei lá, agricultura envolve tudo, depende do tempo, a gente não sabe certo, se pode contar certo com aquilo, que a gente não sabe o que vai acontecer [...]. Na cidade não, se tu tá trabalhando numa loja, alguma coisa, tu sabe que tu tem aquele dinheiro no final do mês e pronto, e agricultura é uma vez por ano, tu vai plantar no começo do ano e vai colher no final do ano. Até lá...

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

A jornada de trabalho no meio rural, considerada exaustiva pelos participantes dos grupos de discussão, foi apontada como uma das responsáveis pelo êxodo dos jovens rurais. A carga horária dos empregados com carteira assinada - de oito horas por dia, com folga aos finais de semana e feriados - é considerada um diferencial por quem vive no campo.

É muito **menos horas de trabalho** em um emprego, **do que lá fora**. Essa é a grande diferença que existe. Aqui [na cidade] é oito horas de trabalho, mas tu bota

⁶ Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul vivencia a pior catástrofe natural de sua história e está em calamidade pública com 334 municípios afetados. O excesso de chuvas inundou cidades, destruiu estradas, desalojando e desabrigando mais de 130 mil famílias. Além disso, houve interrompimento no abastecimento de luz, água e serviços de telefonia e internet. Distritos rurais também foram destruídos especialmente nas regiões centro, serra gaúcha e metropolitana de Porto Alegre. Até a data de finalização deste artigo, 5 de maio de 2024, 78 mortes haviam sido confirmadas pela Defesa Civil do Estado (G1, 2024).



mais uma pra ir outra pra voltar, dez horas. E lá [no campo], o que o cara faz em dez horas? Não faz quase nada. Ele tem que trabalhar sábado, domingo, dia de chuva, não tem horário [...]. Aqui [na cidade] o emprego é oito horas de trabalho, lá fora é vinte e quatro horas de trabalho, não tem sábado, não tem domingo, não tem dia de chuva. Tem que ir. Aqui não, é feriado, é sábado de tarde, é domingo, tudo folga muito.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

Alguns participantes ponderaram que o trabalho na cidade também não é fácil e que os trabalhadores urbanos gastam bastante tempo com deslocamento.

O principal é a própria autoestima, todo mundo quer que o meu filho saia do campo, eu sofri aquilo, meu pai sofreu, no campo não dá. [...] eu tenho que trabalhar 24 horas, mas tu pega na indústria, [...] não são oito horas, [...] oito horas na indústria, mais duas horas pra chegar em casa.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

A vida lá [na cidade] é outra, eu trabalhei disso, **eu sei o estresse que é, o patrão te cobrando,** te cobrando [...]

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Os pais reconheceram que incentivam os filhos a estudar e buscar um futuro fora do meio rural, o que para eles representa uma opção com maior qualidade de vida:



Eu acho que as oportunidades também, aqui pro centro, eles têm mais oportunidades assim, mais busca de coisas diferentes, lá no interior é mais difícil, eu acho.

Agricultora, 56 anos, Distrito de Pais

Acho que quase todas as pessoas fazem questão dos filhos não ficarem no campo, por causa que tá difícil até pra gente. [...] Eu acho que o papel da gente é querer que eles estudem, que eles mesmo vejam, que não fiquem ali naquela...

Agricultora, 57 anos, Distrito de Arroio do Só

Eu acho que é uma questão muito cultural também. As mães em geral querem que o filho seja um advogado, um médico, sei lá, ou que ele tenha uma profissão em que ele não se sacrifique tanto pra ganhar tão pouco. Que ele tenha uma qualidade de vida melhor. E aí lá na colônia, dificilmente as mães vão dizer pro filho, não, nem vai estudar, vai aprender a cuidar da vaca, do porco, vai plantar mandioca, feijão, dificilmente. Hoje isso não acontece mais. Hoje é um incentivo, os pais até trabalham dobrado, pra poder fazer o filho ficar na cidade, estudar, para ter condições de vida melhor. Essa é a tendência.

Agricultora, 34 anos, Distrito de Pains

Tu quer que teus filhos não passem por aquilo que tu passou. [...] automaticamente aos pouquinhos tu vai dizendo: ó meu filho, quem sabe tu faz um concurso público, faz uma faculdade e vai, aí acontece o que o [cita o nome de outro agricultor] disse: se os filhos vão pra cidade, alquém tem que ir junto



pra acompanhar. [...] A gente tira a mulher do campo também.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

Tenho três filhos, mas graças a Deus, tem o menor, mas os outros dois mais velhos tão no caminho certo [...]. É que lá fora é péssimo. [...] E aí eles tendo um bom diploma na mão, eles tão feitos na vida. Porque eu tenho o meu guri mais velho ele se encontra na Flórida, ele estudou agronomia que é um serviço praticamente pra fora. Ele está terminando o doutorado, eu acho que dá muito mais ele ser o que ele é, do que trabalhar numa área pequena.

Agricultor, 60 anos, Distrito de Arroio do Só

[...] eu deixei as duas chances pra eles: vocês podem ir, eu hoje ainda estou empurrando eles pra ir, quanto mais longe puderem ir melhor. Mas eu deixei eles preparados também se precisarem voltar, está lá e vão saber se virar também.

Agricultor, 50 anos, Distrito de Palma

O único agricultor com curso superior no grupo de discussão masculino enfatizou que um diploma universitário não garante futuro e relatou que, muitas vezes, os próprios agricultores discriminam os jovens que retornam para o meio rural depois de concluir os estudos. Ele apontou a autonomia como um diferencial do trabalho no campo e foi acompanhado por outros produtores que sinalizaram associar o rural também enquanto espaço de oportunidades (Silveira; Schwartz, 2017) e qualidade de vida.



Diploma não dá boia na mesa de ninguém. Isso claro que no campo hoje quanto mais conhecimento, saber tu tiver melhor. Eu tive faculdade, fiz faculdade, estudei, voltei porque eu não nasci pra andar com uma canga no pescoço. Fui trabalhar com carteira assinada, essas coisas. Mas não troco. [...] o cara no campo hoje, tu tem que ter a informação. [...] isso aí de 'ah colono que não precisa estudar'. Nós, meus irmãos, nós fizemos quase todos técnicos, quando nós voltávamos os vizinhos [diziam]: foi estudar pra vir de volta, então não precisava ir. [...] Desde quando? Agricultor não pode estudar então; tem que ser burro, tem que ser analfabeto.

Agricultor, 35 anos, Dona Francisca

A pequena propriedade se ela for bem planejada [...] ela é muito lucrativa. Vale muito mais, a pessoa voltar e ter o conhecimento pra tocar uma pequena propriedade, que trabalhar de empregado oito horas entre aspas.

Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Tenho consciência disso, que o melhor lugar pra gente viver [...] é lá fora.

Agricultor, 44 anos, Pinhal Grande

Os jovens reconheceram que prosseguir com os estudos está mais fácil para quem vive nas zonas rurais. Eles citaram o transporte escolar e a concessão de benefícios sociais como incentivos de permanência na escola, direitos que são compreendidos como privilégios das gerações mais jovens.



Antigamente, minha mãe ia de chinelo de dedo [pra escola] [...]. Hoje em dia nós temos de tudo e ainda queremos mais, não adianta. A gente sempre quer mais. [...] A gente tem ônibus que passa na frente de casa, tem bolsa escola pra quem é mais carente e precisa, a gente recebe pra estudar. Antigamente tinha que pagar às vezes pra estudar, agora nós temos todas as mordomias.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Os grupos de discussão enfatizaram que, entre as jovens rurais, a rejeição à permanência no campo é ainda maior. Hernández (2010) lembra que as mulheres jovens rurais migram para as cidades principalmente em busca de trabalho e de formação educacional. Essa migração ocorre antes do matrimônio, já que hoje ele não representa a única perspectiva para as mulheres rurais (Silva; Schneider, 2010). As jovens relataram que buscam independência e liberdade e almejam novas estruturas e papeis familiares.

Tem bastante dessas [mulheres] de antigamente. A minha sogra é uma que [...] tem que ser tudo na linha, tem que ser tudo nas ordens do marido [...] Mas a geração mais nova já tá bem diferente. Já tem mulher que sai pra trabalhar, que não fica em casa. Tem mulher que trabalha junto do marido, já tá mudando bastante também isso. E até nós, a gente não quer cumprir as ordens dos maridos.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Elas tão mais independentes, não precisa depender tanto dos maridos. Porque antigamente, [...] uma



mulher queria comprar alguma coisa, o dinheiro que ela ia utilizar pra comprar aquilo [...] era o marido que tinha que dar e ela tinha ainda que dar satisfação pra ele do que ela ia comprar. [...] Hoje elas trabalham, elas têm o que é delas, elas tão mais independentes [...]. Elas se sentem mais livres pra fazer o que elas querem.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

E é outra coisa mesmo a gente ter o dinheiro da gente.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Para Brumer (2007, p. 38), embora as jovens não gostem de trabalhar na roça, elas gostam de viver no meio rural, o que leva a uma interpretação de que "a rejeição à atividade agrícola não significa necessariamente rejeição à vida no meio rural". Durante o grupo de discussão com jovens rurais, as meninas demonstraram que valorizam principalmente a tranquilidade que representa viver no meio rural.

Eu gosto porque é **sossegado**. [...] É **bom** de morar aqui, porque eu fui lá pras minhas primas, tá louco, **é muito barulho**. Eu, se fosse pra lá, ia demorar pra me acostumar. Aqui é bom pra gente ficar **tranquilo**.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu gosto, mas eu queria que tivesse mais acesso, mais lazer, mais pra onde ir. Não só ver mato, mato, mato.



Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Um empecilho enfrentado por jovens rurais é a falta de infraestrutura. Os jovens do distrito de Arroio do Só reclamaram dos serviços de saúde, da condição das estradas e da falta de opções de lazer.

Não tem nada, falta tudo.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

O Arroio [do Só] já foi bem maior. O Arroio já teve de tudo: hotel, posto, hospital. Agora tá aí, uma vila de novo. Eu acho que cada vez vai caindo mais. [...] a gente tem um mercadinho, tem um postinho que não funciona, um correio, colégio.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Tinha até cartório.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

[...] se a gente quiser ir numa festa, [...] a gente tem que ir pra cidade, que aqui é uma vez por ano. E ainda quando tem é ruim.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Eu não fico um final de semana no [distrito de] **Arroio** [do Só].

Aluno do primeiro ano do ensino médio, 15 anos



Essas privações são associadas pelos jovens à falta de liberdade. Eles têm anseios, desejos, que não conseguem realizar pelas limitações que existem no meio rural. Por isso alguns comparam a vida no campo a uma prisão.

Numa prisão. Parece que a gente não tem liberdade pra nada.

Aluna do primeiro ano do ensino médio, 15 anos

Não que os pais não deixem, é que a gente não tem pra onde ir.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Percebemos que a percepção do rural enquanto um ambiente de privações (Silveira; Schwartz, 2017), em oposição ao ambiente urbano percebido como espaço de oportunidades perpassou todos os grupos, mas é potencializada por fatores como gênero e, especialmente, de geração, predominando entre as mulheres e os jovens rurais. No entanto, percebemos que a apropriação das TICs foi apontada como um fator atenuante da dicotomia entre o rural e o urbano.

Os grupos de discussão de homens e mulheres elencaram a economia de tempo e dinheiro como um dos principais benefícios do uso das TICS. De modo geral, as declarações obtidas nos grupos de discussão ajudaram a exemplificar que a aquisição e o uso de equipamentos de comunicação podem trazer conforto e mais qualidade de vida para quem vive no campo. TICs como o telefone celular,



por exemplo, alteraram algumas rotinas nas propriedades, uma vez que agora muitos problemas podem ser resolvidos por telefone, sem precisar perder tempo ou gastar dinheiro com combustível ou passagens de ônibus.

Em relação à internet também eu acho que melhorou bastante [...] tem que pagar uma conta de luz, não vai sair lá de Arroio Grande, no meu caso fazer 11 quilômetros quase até aqui o banco pra pagar a conta de luz. Se tu tem dinheiro lá no banco, tu paga pela internet, eu tenho feito assim sabe. É uma questão assim, tu economiza, não gasta gasolina, tem tudo isso [...].

Agricultora, 31 anos, Distrito de Arroio Grande

Pra ti falar com as pessoas de outra cidade [...] melhorou muito. Há dez anos atrás [...] tu não tinha acesso, até tinha mas era muito caro e tu não podia comprar, hoje em dia tu pode comprar. Pode ter.

Agricultora, 43 anos, Distrito de Pains

O celular encurta distância, pode falar lá em Porto Alegre como daqui mesmo né, então encurta distância. [...] Esse é um troço de muita serventia, muita serventia o celular.

Agricultor, 75 anos, Distrito de Santo Antão

Hoje ele se tornou praticamente uma **necessidade** pra você poder viver dentro do mundo que vivemos.



Agricultor, 46 anos, Distrito de Santa Maria

Os jovens rurais foram o grupo que mais atribui valor às tecnologias de informação e comunicação. "Alguns pesquisadores vêm constatando que o acesso à informação e à comunicação muda a maneira da juventude rural estar e se relacionar no mundo porque muda o tamanho do mundo" (Aguiar; Stropasolas, 2010, p. 166). O fragmento abaixo exemplifica essa mudança.

[...] não é tanto desinteresse pelo meio rural, **se tu tem Internet tu já tem mais acesso a tudo** [...].

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

No entanto, o grupo de discussão dos jovens rurais relatou dificuldades de acesso, sendo que nem na escola eles possuíam acesso à Internet. O acesso acontecia de forma esporádica em *lan houses* ou casas de amigos e parentes, como a finalidade principal de interagir em redes sociais.

Uma porta aberta, uma luz no fim do túnel. [...] é uma forma da gente estar convivendo com o mundo lá de fora, porque a gente não sai daqui, a gente só vai do colégio pra casa e de casa pro colégio.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos

Essas redes sociais é o que está bombando pra gente.

Aluna do segundo ano do ensino médio, 17 anos



Mesmo sem conexão à Internet, a TIC mais usada pelos jovens rurais participantes do grupo de discussão era o telefone celular. Um equipamento que em 2007 era uma tecnologia de uso da família (Schwartz, 2007) e que em 2011 se revelava um equipamento de uso pessoal e integrado à rotina diária dos jovens do meio rural, especialmente pelo uso de mensagens de texto SMS, disponibilizados a partir da telefonia móvel 2G.

A gente passa mandando mensagem.

Aluna B do segundo ano do ensino médio, 16 anos

Em que pese os grupos de discussão terem sido realizados em um momento ainda incipiente em relação à apropriação das tecnologias de informação e comunicação, o telefone celular já era considerado um fenômeno de expansão no território nacional, atingindo 84,9 por cento dos domicílios brasileiros (IBGE, 2009), atrás apenas do rádio (88,1 por cento) e da televisão (96 por cento). Em Santa Maria, a tecnologia já estava presente em 88,5 por cento dos domicílios rurais (Schwartz, 2007), sendo usado especialmente para ligações de voz. Hoje o telefone celular é a principal tecnologia de informação e comunicação dos lares brasileiros, presente em 96 por cento dos domicílios brasileiros, à frente do rádio (46 por cento) e da televisão (94 por cento). Mesmo assim, o espaço rural permanece como um dos desafios do país em relação à inclusão digital. Enquanto 86 por cento dos domicílios urbanos do país possuem acesso à Internet, no meio rural brasileiro esse percentual cai para 74 pontos (CGI, 2023).



Considerações finais

Os grupos de discussão relatados neste artigo foram usados em nossa pesquisa como uma fase preliminar do percurso metodológico de tese de doutoramento com a intenção de conhecer percepções dos moradores do campo (homens, mulheres e jovens rurais) em relação à temática da pesquisa. Houve cooperação e a maior parte dos convidados participou das discussões, ampliando as temáticas propostas e discutindo assuntos como o êxodo rural especialmente dos jovens; as dificuldades do trabalho agrícola; e as mudanças resultantes da apropriação das tecnologias de informação e comunicação. Com isso, reunimos um conjunto rico de citações. que depois de transcrito e analisado, embasou a segunda fase da pesquisa, composta por entrevistas com profissionais que atuam diretamente com a temática da agricultura familiar, sendo dois representantes de entidades sindicais dos trabalhadores rurais, dois supervisores de órgãos de assistência técnica, a coordenação do projeto Esperança/Cooesperança e um pesquisador da Universidade Federal de Santa Maria.

Ao realizar grupos focais, enfatizamos que é necessário buscar estabelecer um laço de confiança com o grupo, explicando com clareza os motivos da pesquisa e a forma de tratamento dos depoimentos. O pesquisador ainda precisa ter predisposição para ouvir, pois atua como um facilitador para que todos os participantes tenham espaço para falar, em que pese verificarmos níveis de interação variados, assim como em qualquer grupo.

Por fim, em um momento em que os pesquisadores têm gigantescos bancos de dados à disposição, compreendemos que a realização de grupos de discussão é uma possibilidade que vai além da obtenção de dados primários. O procedimento humaniza os dados disponíveis e amplia as perspectivas dos estudos. Escolher os grupos de discussão como procedimento de investigação é investir em um método que atenta, sobretudo, para elementos que são a essência do fazer comunicativo.

Referências

AGUIAR, V. P.; STROPASOLAS, V. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p.159-183.

ALBERTI, V. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/11b4cf51-c5f8-4b83-8614-2f7caa3958be/content. Acesso em: 24 abr. 2012.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CAR-NEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-41.

CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros** - TIC Domicílios 2023. Disponível em: https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2023/domicilios/A4/ Acesso em: 23 abr. 2024.

G1. **Temporais no RS:** Defesa Civil confirma 78 mortes e investiga outros 4 óbitos. Porto Alegre, 5 maio 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/05/temporais-no-rs-defesa-civil-confirma-66-mortes-e-investiga-outros-6-obitos.ghtml Acesso em: 5 maio 2024.

HERNÁNDEZ, C. O. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf-Mulher para as mulheres agricultoras In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 97-121.



IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf Acesso em: 22 ago. 2011

PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA. **30 anos de história.** Santa Maria, 2023. Disponível em: https://cooesperanca.wixsite.com/projetoesperanca/especial-30-anos Acesso em: 22 abr. 2024.

SCHWARTZ, C. A recepção das tecnologias de informação e comunicação entre os agricultores familiares de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2007.

SCHWARTZ, C. Relações de gênero e apropriação de tecnologias de informação e comunicação na agricultura familiar de Santa Maria-RS. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2012.

SILVA, C. B.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais.** Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 185-209.

SILVEIRA, A. C. M.; SCHWARTZ, C. Brasil rural como espaço de oportunidades e privações: representações de uma categoria em transformação. **Mídia e cotidiano.** v 11, n. 2, 2017

THORNTON, Ricardo. **El encanto de los grupos de discusión.** Quito: Quipus, CIESPAL, 2002.



ANÁLISE DE CONTEÚDO E CONVERSAÇÃO SOBRE O "DE FÉRIAS COM O EX CARIBE" NO TWITTER

Marcella Souza Moreira Denise Figueiredo Barros do Prado

Com o avanço das tecnologias de comunicação e a popularização das redes sociais, a relação entre os meios de comunicação e seus públicos passou por transformações significativas. A comunicação tem um papel essencial na linguagem humana e tem evoluído ao longo do tempo, especialmente com o surgimento de novas tecnologias. Nos ambientes virtuais, uma forma contemporânea de comunicação emergiu e possibilitou a interação entre pessoas de diferentes partes do mundo. Esse tipo de comunicação virtual é uma característica da contemporaneidade e ajuda a criar uma conexão entre as pessoas. Segundo Ehrenberg e Souza (2019), a comunicação no ambiente digital apresenta características específicas, como a participação de diversos atores nos processos de criação, distribuição e consumo de conteúdo. A colaboração, essencial para construir essa rede, é facilitada pelos avanços tecnológicos, como computadores e celulares, entre outros dispositivos, e é fundamentada em softwares e aplicativos. Essa colaboração tem um impacto significativo no comportamento dos indivíduos e, por conseguinte, nas relações sociais.

Neste contexto, as plataformas digitais, em especial o Twitter, têm se destacado como espaços privilegiados para a interação entre telespectadores e programas televisivos. É bastante recorrente que os públicos, de formas síncronas e assíncronas, ao assistirem programas televisivos, recorram às redes sociais digitais para comentarem suas interpretações e opiniões sobre os eventos e casos apresentados nas emissões. Essas manifestações, à medida que os programas televisivos ganham mais adesão, permitem que se perceba os vínculos afetivos e emocionais dos públicos com os participantes dos programas, assim como suas posições diante dos temas abordados. Desta forma, as redes sociais se tornam espaços privilegiados para observarmos como os vínculos entre os telespectadores são desenvolvidos junto das emissões e dos participantes dos programas, bem como seus engajamentos aos temas tratados.

Nesse contexto, investigamos como se deu a constituição do público do programa "De Férias com o Ex Caribe" (reality show exibido na MTV Brasil), em 2022, por meio de interações desenvolvidas no Twitter entre os telespectadores do programa. A análise se deu por meio de uma abordagem metodológica combinada de análise de conteúdo e análise de conversação. Tal como será detalhado adiante, o programa "De Férias com o Ex Caribe" é um reality show de relacionamentos, cujo mote é o confinamento de dez pessoas solteiras que passam a receber, semanalmente, na casa em que estão isolados, o ingresso de um ex-parceiro ou ex-parceira amoro-

so(a). Nessa situação, conflitos afetivos passam a se instalar e afetam a dinâmica de formação dos casais e das ligações amorosas no programa. Durante a exibição deste *reality show* houve intensa repercussão no Twitter, de conversações do público sobre os participantes e sobre as intrigas que se desenrolaram na casa.

Ao analisar este programa e as interações manifestas no Twitter, este estudo parte do pressuposto de que o público não é um mero receptor de conteúdo midiático, passível de ser percebido somente pela quantificação de visualizações. mas como sujeitos comunicacionais que se articulam relacionalmente nas redes sociais digitais por meio do contato com o programa (França, 2018). Nesta perspectiva, o público emerge da experiência coletiva de contato e partilha de sentidos sobre o programa, por meio da circulação midiática, que se estende da televisão e das plataformas de streaming para o Twitter e possibilitam um contato simultâneo e uma série de interações que se desenvolvem nesses espaços. Tal como é próprio desta rede social digital, as postagens podem ser vinculadas a hashtags específicas e têm um grau de duração das mensagens veiculadas, podendo ser compartilhadas, curtidas e comentadas por outros usuários. Ou seja, há possibilidades de interação síncronas e assíncronas à transmissão do programa, acompanhando o decorrer das postagens dos demais comentadores e comentadoras.

Por isso, optamos por realizar uma análise das conversações dos telespectadores durante a transmissão do reality

show, como forma de perceber que sentidos foram associados a essa experiência de contato com o produto televisivo, observando como essas interações constituíram o público do "De Férias com o Ex Caribe" no Twitter.

Para delimitarmos o recorte desta pesquisa, o primeiro movimento de aproximação do objeto envolveu a visualização das emissões e a elaboração de um diário de campo, no qual foram registradas tanto as interações emergentes no Twitter quanto o fortalecimento de determinados temas no programa. Posteriormente, a partir da percepção dos momentos chave do programa, bem como dos momentos de maior engajamento no Twitter, realizamos o rastreio e identificação das hashtags mais frequentemente utilizadas durante o período temporal de exibição do programa, de 13 de janeiro a 31 de março de 2022. A partir disso, foi feita a coleta dos conteúdos postados pelos telespectadores a partir das três hashtags mais utilizadas no período: #DeFeriasCaribe, #DeFeriasComoEx e #ExNaMTV. A coleta das postagens relacionadas a essas hashtags foi feita através da plataforma Netlytic e resultou em 20.266 tweets.

Em uma análise preliminar dos tweets, foi observado que havia uma afetação entre as dinâmicas da exibição do programa – conflitos, discussões, formações de casais, entre outros – que reverberam no engajamento dos públicos. Por isso, foi adotada uma análise combinatória, que pudesse rastrear os principais temas abordados no programa, entrecruzado à sua repercussão nas postagens no Twitter.

A proposta de articular diferentes estratégias de seleção e coleta do material empírico, bem como de metodologias analíticas combinatórias, revelou-se crucial para lidar com a complexidade do nosso objeto de estudo e facilitar sua compreensão. Esse entendimento decorre da percepção de que em uma sociedade midiatizada (Braga, 2006; Sodré, 2015), as pessoas estão interagindo, trocando informações e se relacionado com o discurso midiático de forma circular e imbricada, repercutindo também nas interações nas redes sociais digitais.

A partir dos materiais coletados, a fim de perceber o processo de constituição do público do programa no Twitter, realizamos uma abordagem metodológica combinada. Tal metodologia analítica envolveu a mobilização da análise de conteúdo e da análise de conversação, pois era importante analisar tanto o programa televisivo e sua construção narrativa (elencando os temas tratados pela emissão e sua repercussão nas interações online), quanto observar o público e suas interações no espaço das redes sociais digitais, a fim de entender seu engajamento com o reality show.

Este estudo tem como objetivo analisar como as interações dos telespectadores no Twitter durante o programa "De Férias com o Ex Caribe" contribuem e sinalizam para o processo de formação de um público para o programa, por meio de uma experiência coletiva e comunicacional de contato. A atração é considerada uma emergência interacional e comunicacional (França, 2018; Quéré, 2018), e a análise das interações dos

telespectadores no Twitter permite observar como esse público é constituído e como se engaja com o conteúdo do programa. Dessa forma, analisamos as interações do público com o *reality show* e como influenciam as conversas na plataforma associadas à *hashtag*.

De Férias com o Ex Caribe

"De Férias com o Ex" é um reality show britânico que conquistou o público brasileiro com a versão nacional em 2016. O programa reúne um grupo de solteiros em uma casa de praia paradisíaca, onde cinco mulheres e cinco homens compartilham momentos de diversão e romance. No entanto, a tranquilidade do ambiente é constantemente perturbada com a chegada inesperada dos ex-namorados e ex-namoradas dos participantes, gerando tensão e surpresas a cada novo episódio.

Diferente de outros reality shows, "De Férias com o Ex" não tem um apresentador convencional. As dinâmicas do programa são estabelecidas através de um tablet, que assume esse papel de mediador e direciona as atividades que os participantes devem executar, e pela atuação de um narrador oculto (em off) que acompanha os acontecimentos, oferece comentários e opiniões que procuram organizar uma narrativa para a história daquela edição. A atração não só revela os dramas e romances entre os participantes, mas também aponta como cada participante lida com o reencontro inesperado com seus(suas) ex-parceiros(as), o que gera polêmica e um grande engajamento nas redes sociais.

Trata-se de um programa que se apresenta como um reality show de relacionamento, cujo principal tema é o conflito gerado pela presença de pessoas que já tiveram algum tipo de envolvimento sexual ou afetivo anteriormente, todas compartilhando o espaço confinado. Nesse contexto, os(as) participantes precisam lidar com diversos níveis de intimidade e com o surgimento de novas relações.

A oitava temporada do *reality show*, intitulada "*De Férias com o Ex Caribe*", estreou em toda a América Latina em 13 de janeiro de 2022 e encerrou em 31 de março do mesmo ano. Esta foi a primeira temporada bilíngue do programa e reuniu participantes brasileiros e estrangeiros (Colômbia e México).

Optamos por analisar o programa "De Férias com o Ex Caribe" com o intuito de acompanhar as transmissões em tempo real e as interações na rede social Twitter, vinculadas à hashtags #DeFeriasCaribe, #DeFeriasComoEx e #ExNaMTV. Isso nos proporcionou a oportunidade de observar as interações e coletar as postagens durante a exibição do programa. A decisão por essa abordagem metodológica se deu em duas etapas: a visualização do programa, o registro de impressões da tônica das emissões e das conversações em rede em um diário de campo para viabilizar a coleta de dados de forma simultânea durante o período de exibição; e a sistematização e categorização do material para a realização dos procedimentos metodológicos analíticos (via análise de conteúdo e análise da conversação).

A pesquisa com métodos analíticos para texto

Segundo Bauer (2002), a grande maioria dos estudos sociais se baseia na entrevista, na qual o interrogador pergunta aos sujeitos a idade, profissão, o que eles pensam e sentem sobre determinados assuntos ou solicitam que relatem a própria história. No entanto, assim como os indivíduos manifestam suas opiniões falando, eles também podem escrever, seja para produzir relatórios; fazer roteiros de uma atividade; para definir normas; para se divertir e jogar; para conversar sobre temas polêmicos ou agradáveis, como futebol, novela, contar histórias etc. "Deste modo, os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam" (Bauer, 2002, p.189).

Atualmente, estamos constantemente expostos a conteúdos textuais em redes sociais, sites e *blogs*. Esses conteúdos representam uma forma de expressão de sentimentos, ideias e pensamentos. Nesse sentido, buscamos uma abordagem que capture a interação entre a exibição televisiva e os comentários nas redes sociais digitais.

Uma abordagem relevante para analisar essas textualidades é a análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (1997), consiste em um conjunto de métodos para examinar as comunicações, que utiliza técnicas sistemáticas e objetivas para descrever o conteúdo das mensagens.

Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (1997), surge como um agrupamento de métodos da análise das comunicações, que usa técnicas sistemáticas e objetivas de descrição de conteúdo das mensagens. Para o autor, análise de conteúdo é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1997, p.42).

Através dessa inferência e descrição qualitativa das mensagens, os métodos de análise de conteúdo ajudam a executar um estudo de significações compreendidas nos textos. Esse ponto dialoga com o intuito de explorar o conteúdo das mensagens que circulam no Twitter durante a exibição "De Férias com o Ex Caribe" e também para as interações. Bardin ainda alega que:

Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais, mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. (Bardin, 1997, p.42).

Já a abordagem de Bauer (2002) entende a análise de conteúdo como um método híbrido que pode interferir na polêmica sobre aptidões e técnicas. Para ele, a análise de conteúdo possibilita reformular indicadores, princípios, ações, pontos de vista e prejulgamentos, podendo, dessa maneira, ser intitulada como um estudo de opinião pública com outros meios.

Quando o foco está no público, o texto é um meio de apelo: uma influência nos preconceitos, opiniões, atitudes e estereótipos das pessoas. Considerando os textos como uma força sedutora, os resultados da AC são variáveis independentes, que explicam as coisas. A modalidade desta influência é ainda controvertida; contudo, a AC fornece as variáveis independentes no delineamento de estudos sobre efeito da mídia, sobre o estabelecimento da agenda ou em estudos de desenvolvimento. (Bauer, 2002, p.192).

O público não é algo que está dado, nem é algo que é pressuposto e consolidado a partir das intencionalidades dos programas midiáticos (Quéré, 2018 e França, 2018). O público é uma emergência interacional suscitada e articulada à circulação midiática, por isso, pretendeu-se olhar essa emergência, buscando entender como essas interações digitais ajudaram a construir e revelar traços do público do programa. Dessa maneira, a análise de conteúdo permitiu desenvolver categorias temáticas para a assimilação e organização dos dados do estudo, que, neste caso, são as interações realizadas pelos telespectadores no Twitter.

Utilizamos a análise de conteúdo em dois momentos: para examinar o reality show, buscando os seus temas mais destacados e os momentos mais críticos da emissão, e as postagens no Twitter, observando como elas reverberavam (e afetavam) os temas do programa. Além disso, essa metodologia ajudou a rastrear os temas através da recorrência e da predominância, dada a grande quantidade de dados disponíveis (mais precisamente, de 20.226 tweets). Isso nos permitiu identificar os assuntos que tiveram destaque no programa e compreender como repercutiram na plataforma durante a exibição, acompanhando as postagens. Embora o nosso foco não tenha sido o programa "De Férias com o Ex Caribe", havia clara associação entre a aparição de conflitos e temas mais destacados do programa e as situações de mais engajamento dos públicos no Twitter. Assim, o mapeamento dos temas mais destacados permitiu que conseguíssemos recortar as situações de mais engajamento dos públicos nas redes sociais, auxiliando na delimitação das postagens a serem analisadas.

Com isso, após identificarmos os temas, analisamos as interações que ocorreram no Twitter, utilizando dados como tweets, curtidas, retweets e comentários e selecionamos as situações de engajamento mais intensificadas. Para avançarmos na análise destas situações, captando os diálogos estabelecidos na rede social, recorremos à metodologia da análise de conversação, por meio da qual toda forma de comunicação pode ser decomposta em componentes que constituem esse diálogo.

Análise de conversação ou da conversa

Segundo Silva et al. (2009), a análise de conversação provém de uma perspectiva da sociologia, a etnometodologia, iniciada no trabalho "Studies in Ethnomethodology", que foi apresentado na década de 1960 por Harold Garfinkel. Para os autores, uma das contribuições significativas dessa metodologia foi a capacidade de observar os sujeitos e compreender suas ações. O foco de análise dessa abordagem são as interações dos indivíduos e a maneira como lidam tanto com seus próprios comportamentos quanto com os comportamentos dos outros. Dessa forma, a análise da conversação investiga a interação verbal e não verbal em contextos interacionais.

Ainda de acordo com os autores a análise de conversação dispõem de uma propensão naturalística:

Um pressuposto importante para se realizar pesquisas numa perspectiva de Análise de Conversação é analisar interações naturalísticas. A palavra naturalística indica que os dados não são experimentais ou gerados a partir de um roteiro prévio, mas que foram coletados no ambiente em que eles aconteceram. (Silva. et al., 2009, p.4).

Portanto, os dados que são coletados pela análise de conversação não têm origem de coletas efetuadas através de entrevistas concebidas com antecedência, questionários e experimentos com intervenções. A análise de conversação se volta para o estudo de acontecimentos, episódios cotidianos e da forma como ocorrem, mesmo que não exista uma investigação em andamento.

Inicialmente, a análise de conversação era amplamente utilizada para examinar detalhadamente as nuances das interações verbais, focando na estruturação das conversas. No entanto, ao longo dos anos e com o surgimento de novas tecnologias de comunicação, tornou-se evidente que a interação presencial não é a única forma de expressão linguística. Uma nova modalidade de comunicação surge nos espaços virtuais e permite a interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo.

Com o avanço dos meios digitais, os elementos da comunicação passaram a ser representados não apenas pelas palavras e frases dos interlocutores, mas também por recursos não linguísticos, como *emojis* (pequenas imagens que representam uma variedade de emoções, objetos, pessoas, animais e outros elementos). Esses elementos, juntamente com os aspectos linguísticos, procuram reproduzir a experiência da comunicação face a face. A oralidade da linguagem, presente nas conversas mediadas por computador, surge como resultado da integração das ferramentas digitais para fins interativos (Recuero, 2014).

Dessa forma, os componentes linguísticos que antes eram observados na fala, como exemplo as pausas e entonações, passam a ser representados não mais por expressões que podem ser vistas e escutadas pelos sujeitos, mas sim por elementos não linguísticos, como os *emojis* (que seriam, basicamente, sinalizações gráficas que procuram ilustrar emoções associadas aos textos postados junto aos *tweets*).

Notamos que a MTV, os espectadores e os participantes do "De Férias com o Ex Caribe" (quando postam nas redes sociais digitais) utilizam gírias, memes, emojis e outros recursos linguísticos nas interações. Percebemos que os emojis têm uma função crucial na comunicação online, pois auxiliam na expressão de emoções e expressões faciais que frequentemente são difíceis de transmitir apenas por meio de palavras.

O objetivo deste campo de estudo consiste em analisar e compreender todas as relações estruturais presentes na interação, abrangendo aspectos lexicais, não lexicais, escritos e gráficos. Utilizamos essa abordagem ao analisar as interações do público com o programa no Twitter, a partir do que ocorre dentro do próprio programa. Observamos os tweets, retweets, emojis e memes que provocaram compartilhamento, curtidas e conversas coletivas envolvendo a MTV, os participantes (quando realizavam postagens nas redes sociais digitais) e o público entre si.

Em nosso estudo, empregamos a metodologia de análise de conversação para examinar não apenas as interações verbais promovidas via tweets, mas também os elementos não verbais e contextuais presentes nas interações. Para traçarmos o foco da análise, observamos quais eram os momentos narrativos mais relevantes do programa, bem como sua reverberação nas redes sociais digitais vinculadas às hashtags sinalizadas anteriormente. Essa abordagem nos permitiu compreender a complexidade das interações promo-

vidas pelo público nas redes sociais digitais e como elas dialogavam e problematizavam temas associados ao contexto do programa. Diante do grande volume de dados associados, propusemos a coleta e sistematização do material empírico apresentado a seguir.

Delimitação e organização do corpus

Durante o período de exibição, de 13 de janeiro a 31 de março de 2022, acompanhamos simultaneamente os doze episódios de "De Férias com o Ex: Caribe" e as interações dos espectadores no Twitter associados ao programa. Com o objetivo de enriquecer a análise, foi elaborado um diário de campo, no qual registramos simultaneamente nossas experiências ao acompanhar a transmissão e nossas observações sobre os temas que despertavam interesse e movimentavam o Twitter, sincronicamente.

Nesta etapa, identificamos três hashtags mais frequentes no Twitter durante o período da pesquisa: #DeFeriasCaribe, #DeFeriasComoEx e #ExNaMTV. Ao longo da observação das emissões e da movimentação no Twitter, foi observado que tais hashtags foram utilizadas pelo público de forma a manter o vínculo com o programa. Assim, durante o processo de investigação, pudemos observar quais temas eram mais discutidos, como eram abordados, qual era a reação dos espectadores e como os tweets interagiam entre si, o que contribuiu para um diálogo contínuo sobre o programa. Dessa forma, organizamos nossa própria experiência junto à do público, obser-

vando a emergência das *hashtags*, a adesão a elas pelo público e o fortalecimento de determinados temas (vinculados à narrativa do programa) nas interações entre os públicos, a fim de analisar posteriormente os resultados obtidos.

Para a coleta de dados brutos das redes sociais digitais, utilizamos a plataforma Netlytic, uma ferramenta de monitoramento desenvolvida por Anatoliy Gruzd, professor da Ryerson University (Canadá), diretor do Social Media Lab e co-editor da revista Big Data and Society. Essa plataforma permite coletar dados a partir de seis tipos de fontes diferentes: Twitter, Facebook, Instagram, Youtube, Feeds e Google Drive. Também possibilita encontrar tópicos populares, descobrir e pesquisar temas emergentes de discussões, mapear dados de mídia social geocodificados, entre outros. A Netlytic é uma alternativa para pesquisadores acadêmicos interessados em redes sociais e não exige habilidades de programação ou conhecimento em API. Em nossa pesquisa, essa plataforma permitiu a coleta dos comentários no Twitter vinculados ao programa durante o período recortado. Além disso, contamos com a colaboração do cientista de dados Vinícius Peres para decodificar os dados, identificar as palavras mais mencionadas, os usuários mais ativos e categorizar as informações.

Nosso primeiro passo, para iniciar a delimitação do material, foi coletar os dados a partir das três *hashtags* relacionadas ao programa que mais apareceram no Twitter no recorte temporal da pesquisa (#DeFeriasCaribe, #DeFeriasComoEx e #ExNaMTV). A partir da seleção e clivagem dessas três

hashtags foram coletados todos tweets relacionados a elas ao longo dos 12 dias de exibição do programa "De Férias com o Ex Caribe" (de 13 de janeiro a 31 de março de 2022). Essa coleta nos apresentou 20.266 tweets, sendo: 1.103 postagens pertencentes à #DeFériascomoEx, 17.412 referentes à #DeFériasCaribe e 1.751 referentes à #ExnaMTV.

Após a coleta, organizamos os dados em planilhas do Excel. Essas planilhas incluíam informações detalhadas sobre cada tweet, como o autor, se era um tweet original ou retweetado, o conteúdo do tweet, a data e a hora de postagem, e o dispositivo utilizado (iPhone, Android ou computador). Também registramos métricas de engajamento, como o número de likes e retweets, além de detalhes adicionais, como se o tweet era uma resposta, se incluía imagens, o número de seguidores do usuário e a localização. Essas informações constituíram nossa base de dados para análise.

Figura 1: Captura de tela realizada de uma das tabelas coletadas no Twitter sobre o "De Férias com o Ex Caribe"

author .	description	publish	returnet_count	Savarite_count Sweet_Sign	See .	month	Name of Street
	Nunca mais como no meu ex extiratinhas oushes supremas 🕏	2002-01-34 10:15:27	25	520 original	26	1	2
	A Camilla rindo com o Oraga e do nada na cama com elefutió etx	2002-01-13 19:58:07	29	200 original	13	1	1
	A nova temp du De Férias Com o Ex e o tive de "Irago Seu Amor de	2002-01-02 11:40:09	34	20t original	12	1	1
	Leticia, AC Carnitta e Anglietta carregaram o protagonismo do frime	2002-01-03 20:08:36	27	197 original	100	1	
	Não dà pra entender quem vai pra um reality de pepsção pra four	2002/41/03 19:50:27	49	197 original	100	10	
	Methor saide de mar Masculina até hoje 10 #DefériasCaribe #645	2002/41/03 18:47:28	18	192 original	10	10	
	Leticia: Abustile Ferria claritie #EdisAffVireps;//Los/90pd948FV	2002/01/03 18:57:40	58	175 original	10	1	
	In to promo pra hoje#DeferiasCarine #5/NeMto-https://b.ss/hutMot	2002-01-03 1R12:26	54	160 original	100	1	1
	ACRBOL, semana que sem tem mais, o que acharam desse prime	2002-01-13 20:00:36	2	140 original	15	1	
	a essa hora terofine ja tinha jogado água na teticia, lipe ja tinha	2002-01-30 19:36:11	32	124 original	20	1	1
	▲ DICLUSIVO MTV ja inticiou com os convites para futuros participo	2002-00-13 09 30:01		113 orginal	10	3	
	▲ FRETAM 4 DUS ▲ #DeferiasCaribe ¥ De Périas Com o Bi Carib	2002/01/09 17:51:00	2	100 original	90	1	
	HOLE TEM #DefériasCaribe	2002/01/20 07:50:38	11	97 original	26	1	
	PALTA I SEMANNAMANAMANAMAN Y & * Cuinta que vern t	2002/41/06 11:59:41	9	97 original	- 6	1	
	Genta multo-errado eu me envolver com outra participante do de	2002-01-27 19:20:26	1	54 original	29	1	
	É AMANONÁ, CARAMAMANAS EH ŵ T #DeFériasCaribe tá chegando €	2002-01-12 10:09:27	28	54 original	121	1	
	Analyses pre hoje if the #DeferiesCeribe https://b.se/DwsA018007	2002-00-27 10:12:26	1	90 original	27	1	
	Dita que a Haena protonou #DefériasCaribe	2002-01-03 20 02:29	0	90 original	10	1	
	Chapter # #Deferrancaritie https://b.co/bwro/Mfrs	2002-00-07 11:48:34	10	BE original	17	1	
	O reality dos realities tá voltandosos #DePériasCaribe 🛦 FACTAN	2002-01-07 LP-05-04	- 4	Mi original	7	1	
	E o Oscarvai para#DefériasCaribe toda quinta, às 25h, na MTV o	2002-09-38 18-00-00		87 original	26	10	
	A Leticia emocionada no primeiro dia de programafarece eu FCAL	2002/01/03 19:02:00	30	79 original	10	1	
	eu já tô sté vendo o Arcretiano sair a qualquer momento desse n			79 original	10	1	
	Proje du accirdei como depois da escreta? E MO DO NA DO 😭 🕸 🕊	2002-01-34 10:50:12	3	76 original	34	1	

Fonte: Elaboração própria (Moreira, 2023).

Para sistematizar esse material coletado, dividimos todos os tweets vinculados às hashtags supracitadas em três grupos com base na frequência: a) participantes mais ativos: os usuários que mais postaram tweets sobre o programa, comentando sobre a atração; b) posts mais populares: os tweets mais repostados e curtidos, ou seja, aqueles com maior engajamento; c) postagens oficiais: tweets provenientes da MTV, que impulsionavam a interação ao criar oportunidades para que os usuários se envolvessem e se engajassem com seu conteúdo, estimulando conversas, debates e compartilhamento de informações. O objetivo desta sistematização foi observar quais postagem conseguiam alcançar mais engajamento e conduziram ao desenvolvimento de lógicas interativas mais complexas na rede.

Para auxiliar na identificação das temáticas mais recorrentes no programa, com o auxílio do cientista de dados Vinícius Peres, geramos uma nuvem de palavras que destacou os termos mais frequentes nas postagens do público no Twitter. A nuvem de palavras é uma ferramenta de visualização de dados amplamente utilizada para destacar os termos mais relevantes em um texto e pode ser elaborada a partir de *hashtags*, palavras-chave ou contas de usuário específicas. Embora a nuvem de palavras não seja uma representação precisa do conteúdo de um conjunto de *tweets*, ela é uma ferramenta visual importante para destacar as palavras mais relevantes em um determinado contexto. A primeira etapa na criação da nuvem de palavras envolveu a coleta de dados utilizando a API

do Twitter disponível na época, a partir das hashtags selecionadas para a pesquisa (#DeFeriasCaribe, #DeFeriasComoEx e #ExNaMTV), no recorte temporal delimitado.

Já de posse das informações disponíveis nas planilhas consolidadas, geradas com os dados coletados via *Netlytic*, realizamos uma abordagem básica para a criação da nuvem de palavras, excluindo apenas *stop words* (palavras que têm pouco valor informativo e não precisam ser incluídas na análise, como preposições, artigos e conjunções). As palavras mais frequentes foram destacadas em tamanhos maiores e cores vibrantes, como amarelo, roxo e azul, enquanto as menos recorrentes apareceram em tamanhos menores e cores mais suaves. Essa visualização facilitou a identificação das principais temáticas discutidas pelo público durante a temporada.

Figura 2: Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração própria (Moreira, 2023)

A partir da primeira sistematização das planilhas do Excel (que mapeavam as interações) e da nuvem de palavras produzida, aplicamos uma segunda codificação temática às planilhas do Excel, o que nos possibilitou compreender mais profundamente os tweets, o público e as conversas relacionadas ao reality show.

Com isso, foi possível aplicarmos as metodologias de análise de conteúdo e a análise de conversação, identificando os momentos cruciais da trama (em especial, os conflitos amorosos e a formação dos casais centrais), os personagens mais comentados (particularmente, nesta edição, Letícia e Jotave), a influência do *tablet* na organização narrativa (destacadamente, um elemento citado nos comentários do público), a interação entre o programa e o Twitter, além de aspectos como a movimentação da MTV, o uso de *hashtags* e a mobilização dos telespectadores nas redes.

Diante dessa sistematização dos dados, foram elaboradas quatro categorias que articulam temas e fluxo das interações no Twitter, por meio das quais foi desenvolvida a análise da pesquisa: (1) o programa e as tensões dos relacionamentos amorosos; (2) conflitos morais: machismo, vínculo amoroso e homoafetividade; (3) MTV, o programa e o público; (4) o público e as interações: as dificuldades com o "portunhol".

A partir delas, pudemos observar os temas e os momentos de maior engajamento, bem como analisar como o programa e as redes sociais se retroalimentavam. Essa análise nos permitiu compreender mais profundamente a dinâmica de interação entre o programa televisivo e o público nas plataformas online (Moreira, 2023).

Considerações Finais

A análise combinada de conteúdo e conversação revelou-se uma abordagem eficaz para investigar as interações dos telespectadores no Twitter durante a transmissão do reality show "De Férias com o Ex Caribe". Integrando a análise de conteúdo para identificar temas recorrentes com a análise de conversação para compreender o curso das interações na plataforma, pudemos traçar três aspectos principais de interação.

O primeiro aspecto centrou-se na relação entre o programa e seu público. Observamos como os telespectadores se engajavam com o conteúdo do programa, expressando opiniões, compartilhando momentos marcantes e discutindo o desenvolvimento dos acontecimentos. Essa análise nos permitiu compreender melhor como o público percebia e interpretava os eventos dentro do programa.

O segundo aspecto de interação diz respeito às tentativas de envolvimento nas duas telas. Observamos como os telespectadores utilizavam o Twitter não apenas para comentar sobre o programa, mas também para expressar seus sentimentos sobre determinadas situações da atração. Essa análise revelou a importância das redes sociais como uma extensão da experiência televisiva, onde os telespectadores se sentem parte do processo.

O terceiro aspecto de interação examinou as influências mútuas entre os participantes do programa e o público. Observamos como as ações dos participantes impactavam as discussões e reações do público no Twitter. Essa análise destacou a natureza dinâmica das interações entre programa e telespectador, mostrando como esses dois grupos se influenciam.

A partir do cruzamento de dados coletados e da nuvem de palavras, foram geradas quatro categorias analíticas para perceber a emergência dos temas e a dinâmica das interações nas conversações do público. São elas: (1) o programa e as tensões dos relacionamentos amorosos; (2) conflitos morais: machismo, vínculo amoroso e homoafetividade; (3) MTV, o programa e o público; (4) o público e as interações: as dificuldades com o "portunhol". A partir delas, conseguimos identificar temas e conflitos relacionados ao comportamento dos participantes e também as motivações e os sentimentos subjacentes às interações dos telespectadores. Essa abordagem nos proporcionou uma visão abrangente do impacto do programa na ambiência digital, fornecendo uma compreensão sobre como ele é percebido, discutido e interpretado pelo público nas redes sociais.

A metodologia adotada nos permitiu não apenas rastrear os temas recorrentes no programa e seu impacto no curso das interações na plataforma do Twitter, mas também compreender as dinâmicas de interação e engajamento dos telespectadores de forma aprofundada. Essa abordagem ofereceu uma

compreensão mais completa das interações entre programa e público, que nos ajudaram a entender a circulação midiática do reality show "De Férias com o Ex Caribe", evidenciando como o programa se integra ao público.

Além disso, possibilitou compreender as tentativas de interação em duas plataformas distintas, permitindo-nos observar as influências mútuas que ocorrem nesse processo. Ao analisar as interações entre o programa e seu público, identificamos como as ações dos telespectadores impactam o programa e como, por sua vez, as ações do programa influenciam as reações do público, proporcionando-nos uma visão mais clara das dinâmicas de engajamento.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1997.

BAUER, Martin, W.; GASKELL. George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006.

EHRENBERG, K. C.; SOUZA, R. F. de. Internet, transmídia e audiência participativa no universo das emissoras de TV aberta brasileiras. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 18, n. 36, 2019. DOI: 10.5902/2175497737383. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/37383. Acesso em: 2 jul. 2023.

FRANÇA, Vera. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiólogico. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula. (org.). **O modelo praxiólogico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

MOREIRA, Marcella Souza. Entre a praia e as telas: a constituição do público na circulação midiática do "De Férias com o EX Caribe" no Twitter. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Ouro Preto, 174f. 2023.

QUÉRÉ, L. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. *In*: VEIGA FRANÇA, V.; SIMÕES, P. (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

RECUERO, R. A Conversação em Rede. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SILVA, C. R.; ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. Análise da Conversa: Uma

breve Introdução. **ReVEL**, v. 7, n. 13, p. 1-21, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_analise_da_conversa.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.



MÍDIA SINTÉTICA DE DEEPFAKE: TÉCNICAS E MÉTODOS DE VERIFICAÇÃO E VALIDAÇÃO

Celestino Vaz Tomás Jone Joanguete

O avanço da IA generativa trouxe consigo um aumento significativo no uso de *Deepfakes* de vídeos, texto, áudio e imagens para a prática de golpes, fraudes, desinformação e discurso de ódio. Esse fenômeno é impulsionado por diversos fatores, incluindo a rápida evolução tecnológica, a redução dos custos dos programas de IA generativa e a vasta disponibilidade de vídeos, imagens e gravações de voz humana na internet (Turbiani, 2023). Paralelamente, aprimoram-se as técnicas de detecção de *Deepfakes*, que destacam a análise de padrões faciais e vocais como uma abordagem promissora nesse sentido. Utilizando algoritmos de aprendizado profundo, essas técnicas podem identificar anomalias nos padrões de movimento facial ou nas características vocais que são indicativas de manipulação digital.

Uma questão de destaque no panorama contemporâneo, a partir de 2022 com o desenvolvimento da IA generativa, é a proliferação dos chamados *Deepfakes*, uma prática que consiste na manipulação de imagens ou vídeos por meio de algoritmos de aprendizado de máquina, com o intuito de alterar identidades ou ações das pessoas retratadas. Esse



fenômeno tem gerado preocupações de ordem ética, social e tecnológica, devido à disseminação de conteúdo falso e enganoso em plataformas online (Joanguete, 2023).

O uso generalizado de técnicas de aprendizagem profunda para a criação de mídia sintética realista, comumente conhecida como *Deepfakes*, representa uma ameaça significativa para indivíduos, organizações e sociedade. Como a utilização maliciosa desses dados pode levar a situações desagradáveis, torna-se crucial distinguir entre meios de comunicação autênticos e falsos. Segundo os estudos do CNTI (2024), concluem que:

The number of deepfakes online increased *tenfold* from 2022 to 2023. While some research raises questions about the degree to which harm can be directly attributed to manipulated media, there is certainly some evidence of it in countries such as Slovakia, the United Kingdom and the United States. This is especially alarming amid a record-breaking number of national elections being held in 2024 and as broader global concerns grow about threats to the overall stability of a country. (CNTI, 2024, p.1)¹

¹ Tradução: "O número de deepfakes online aumentou dez vezes de 2022 a 2023. Embora algumas pesquisas levantem questões sobre até que ponto o dano pode ser diretamente atribuído a mídias manipuladas, certamente há algumas evidências disso em países como Eslováquia, Reino Unido e Estados Unidos. Isso é especialmente alarmante em meio a um número recorde de eleições nacionais sendo realizadas em 2024 e à medida que crescem as preocupações globais mais amplas sobre ameaças à estabilidade geral de um país". Disponível em https://innovating.news/article/synthetic-media-deepfakes/. Acessado em: 28/03/2024.



O autor acima citado destaca a urgência de enfrentar a ameaça representada pelos *Deepfakes*, especialmente vindos do campo político, e levanta a necessidade de soluções técnicas, sociais e educacionais para proteger a sociedade das ameaças da mídia sintética ou *Deepfakes*. Torna-se premente a necessidade de desenvolver técnicas eficazes de detecção e mitigação dos *Deepfakes*. Segundo Diaa et al. (2022), esse imperativo tem motivado extensas pesquisas, direcionadas ao desenvolvimento de soluções capazes de lidar com essa problemática emergente de como lidar com os vídeos, imagens ou áudios falsos e realistas de alta qualidade que são criados para espalhar desinformação e propaganda, fomentar a discórdia política e o ódio, ou mesmo assediar e chantagear pessoas.

Portanto, a detecção de *Deepfakes* desempenha um papel crucial na preservação da integridade da informação em um ambiente digital permeado por manipulações e distorções da verdade. Nesse sentido, uma gama diversificada de abordagens tem sido proposta, abrangendo desde análises de padrões de vídeos, áudios e imagens até o desenvolvimento de algoritmos de detecção baseados em características específicas dos *Deepfake*.

Enfrentar os desafios apresentados pelos *Deepfakes* requer uma abordagem proativa e colaborativa entre a indústria, acadêmicos, autoridades e a sociedade. Ao destacar os riscos, examinar casos reais de uso malicioso e promover o desenvolvimento de técnicas de detecção eficazes, pode-se



fortalecer as defesas contra essa ameaça emergente. Westerlund (2019) acrescenta que as *Deepfakes* representam uma ameaça significativa para nossa sociedade, sistema político e negócios. Eles podem ser combatidos por meio de legislação e regulamentação, políticas corporativas e ações voluntárias, educação e treinamento, além do desenvolvimento de tecnologia para detecção de *Deepfakes*, autenticação de conteúdo e prevenção.

Diante dos desafios impostos pelo avanço dos *Deepfakes*, é necessário que a comunidade acadêmica e a indústria continuem a investir em pesquisas e desenvolvimento de métodos de detecção cada vez mais avançados e eficazes. Somente por meio de um esforço conjunto será possível mitigar os danos causados por essa forma perniciosa de manipulação digital e preservar a integridade da informação em um mundo digitalizado e interconectado.

Métodos de verificação e autenticação de imagem, vídeo e áudio

A autenticação de vídeos, áudio e imagens é um processo crucial na era da informação digital, onde a confiabilidade e a integridade das mídias são constantemente desafiadas. Segundo Quali Sign (2024), a verificação da autenticidade de textos, vídeos, áudios e imagens é fundamental no mundo digital contemporâneo, desempenhando um papel crucial na validação e proteção de documentos e informações eletrônicas. Essa prática abrange uma variedade de métodos e



técnicas projetados para garantir não apenas a identidade dos usuários, mas também a integridade e segurança dos dados digitais.

Ao longo dos anos, a autenticação digital evoluiu para se tornar uma parte essencial de muitos aspectos da vida cotidiana e dos negócios. Ela proporciona uma maneira eficiente e segura de confirmar a autenticidade dos documentos eletrônicos, garantindo que não tenham sido alterados ou adulterados. Além disso, desempenha um papel fundamental na proteção contra fraudes e na prevenção de acessos não autorizados a sistemas e informações confidenciais.

Existem várias técnicas e métodos empregados na autenticação digital. Por exemplo, autenticação baseada em senha, autenticação de dois fatores, autenticação biométrica e assinaturas digitais são algumas delas. Cada uma dessas abordagens tem suas próprias vantagens e desafios, e muitas vezes são combinadas para fornecer níveis adicionais de segurança e robustez. Estudos conduzidos por Rana et al. (2022) apontam que a maioria dos verificadores de autenticidade baseia-se em métodos de aprendizado de máquina, aprendizagem profunda, medições estatísticas em *Blockchain*².

Os métodos baseados em aprendizado de máquina utilizam algoritmos para identificar padrões e características

² Blockchain é uma tecnologia de registro distribuído que visa criar um registro público e descentralizado de transações. Funciona como um livro-razão digital que registra todas as transações realizadas em uma rede de forma transparente e imutável



específicas em conteúdos digitais, aprendendo com exemplos conhecidos de *Deepfakes*. Por um lado, os métodos baseados em aprendizagem profunda empregam redes neurais profundas para aprender representações complexas de dados e extrair características discriminativas. Por outro lado, os métodos baseados em medições estatísticas analisam estatísticas globais ou locais dos dados para identificar anomalias que possam indicar manipulação. Por fim, os métodos baseados em Blockchain aproveitam a tecnologia para rastrear e autenticar a origem e o histórico de um arquivo digital, garantindo sua integridade e autenticidade. Cada método tem suas vantagens e limitações; portanto, a combinação de várias técnicas pode ser necessária para uma detecção eficaz e confiável de *Deepfakes*.

No campo da comunicação e circulação de notícias em redes sociais e mídias tradicionais, a autenticação refere-se ao processo de verificar a integridade e origem de uma determinada informação digital, como imagens, vídeos, áudio e até textos noticiosos. Alguns métodos de autenticação usados são análise de metadados e verificação forense. Esses métodos são utilizados para detectar falsificações, adulterações e manipulações não autorizadas nas mídias.

À medida que os avanços na tecnologia tornam mais fácil modificar e editar vídeos, fotos, textos e imagens com muita precisão, os métodos de autenticação também evoluem para acompanhar essas mudanças. Isso requer uma abordagem proativa na pesquisa e desenvolvimento de técnicas de auten-

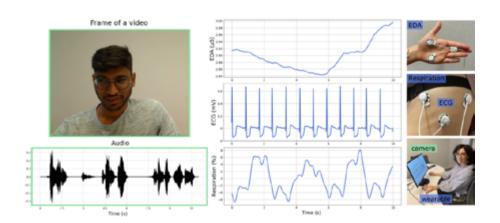


ticação mais robustas e eficazes, sobretudo com a sofisticação das *Deepfakes*.

Uma abordagem clássica para a validação de métodos de autenticação de material áudio, vídeo e imagem é a realização de testes e avaliações em conjuntos de dados de referência conhecidos como "datasets". O dataset precisa de um conjunto de dados essenciais para o treinamento de sistemas de aprendizado de máquina para permitir que o sistema identifique padrões e faça previsões precisas. O processo começa com a seleção cuidadosa dos dados que serão incluídos no conjunto de dados, garantindo que sejam representativos do problema em questão. Uma vez compilados, esses dados são divididos em conjuntos de treinamento e teste, sendo o primeiro utilizado para ensinar o modelo e o segundo para avaliar seu desempenho. Durante o treinamento, o sistema analisa os dados para identificar padrões e correlações entre as variáveis, ajustando os parâmetros do modelo conforme necessário. Após o treinamento, o modelo é avaliado usando o conjunto de testes para garantir sua capacidade de generalização.

Por meio da combinação desses diferentes tipos de dados, o *dataset* pode capturar uma gama mais ampla de informações emocionais, levando a uma análise mais precisa e completa dos sentimentos presentes nos conteúdos analisados, como é demonstrado no gráfico 1.





Fonte: Hava et al. (2023)

Ao considerar simultaneamente elementos visuais, auditivos e linguísticos, o dataset pode identificar nuances emocionais que podem passar despercebidas ao analisar apenas uma única modalidade. Isso é especialmente relevante em contextos em que as emoções são expressas de maneiras sutis e complexas, como em interações sociais ou na criação de conteúdo multimídia.

Além dos testes em datasets, a validação de métodos de autenticação também pode envolver a análise de casos de uso reais e feedback dos usuários finais. Isso ajuda a garantir que os métodos de autenticação sejam práticos, usáveis e eficazes em situações do mundo real. Assim, a colaboração entre pesquisadores, desenvolvedores, profissionais de segurança e usuários finais desempenha um papel fundamental na validação e melhoria contínua dos métodos de autenticação de mídia digital.



Camurupeba e Abetualha (2004) destacam duas outras abordagens nesta análise de autenticidade de informação circulante nas mídias digitais, nomeadamente, análise de metadados e verificação forense.

A análise de metadados interroga informações resultantes de outras pesquisas científicas para obter uma compreensão mais integrativa do que foi descoberto sobre algum tópico. Ela desempenha um papel crucial na autenticação e verificação da autenticidade de conteúdo digital em diversas formas como vídeo, áudio, imagem ou texto. Essa técnica vai além da simples observação do conteúdo visível e envolve a extração e análise das informações embutidas nos arquivos digitais.

Os metadados contêm uma variedade de informações contextuais, como data e hora de criação, localização geográfica, tipo de dispositivo utilizado e até mesmo detalhes sobre o software de edição. Esses dados fornecem uma espécie de "impressão digital" digital que pode ser crucial para determinar a origem e a autenticidade de uma peça de mídia.

De acordo com Dantas, Zafalon e Gracioso (2017) e a Academia de Forense Digital, por exemplo, ao analisar os metadados de um vídeo, pode-se verificar se a data e hora de criação correspondem ao contexto em que o vídeo supostamente foi gravado. Se houver uma discrepância significativa entre a localização registrada nos metadados e o local retratado na mídia, isso pode indicar que a mídia foi manipulada ou falsificada.



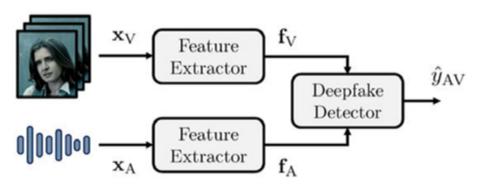
Além disso, a análise dos metadados pode revelar detalhes sobre o histórico de edição da mídia, como quaisquer alterações feitas no arquivo original, informações sobre a compressão do arquivo e até mesmo o software utilizado para editar ou manipular os vídeos, áudios e imagens. Dessa forma, os metadados fornecem pistas valiosas que podem ajudar na determinação da autenticidade de conteúdo digital e na detecção de possíveis manipulações ou falsificações. Eles complementam outras técnicas de verificação forense e desempenham um papel fundamental na garantia da integridade e confiabilidade dos vídeos, imagens ou áudio em um mundo cada vez mais dependente de informações digitais.

A verificação forense, por sua vez, envolve a análise detalhada da mídia digital em busca de artefatos de manipulação. Isso pode incluir a identificação de irregularidades visuais ou padrões inconsistentes que sugerem edição digital. Técnicas avançadas, como a análise de padrões de compressão e a detecção de imperfeições em bordas e marcas d'água, são frequentemente empregadas nesse processo.

Para analisar os vídeos, fotografias e textos, existem outras ferramentas que empregam uma abordagem multimodal para análise de sentimentos, combinando dados de vídeo, áudio e texto. Essa abordagem multidimensional permite uma compreensão mais abrangente das emoções expressas em diferentes modalidades de comunicação. Conforme mostrado na Figura 2, na primeira etapa, a técnica utiliza modelos de última geração para extrair uma coleção



de recursos das características faciais e de fala de um sujeito. Na segunda etapa, funde esses recursos para realizar a detecção multimodal de *Deepfakes*. Em particular, extrai um conjunto de características de alguns instantes de tempo do vídeo de entrada, obtendo uma representação temporal dele. Em seguida, explora as propriedades temporais dos recursos usando modelos com reconhecimento de tempo para realizar a detecção de *Deepfake*, fundindo as duas modalidades e aumentando a precisão final da detecção.



Fonte: Salvi (2023)

A análise de padrões faciais pode detectar inconsistências na expressão facial, sincronização labial e até mesmo na estrutura óssea subjacente, que podem revelar a presença de um *Deepfake*. Da mesma forma, a análise de padrões vocais pode identificar alterações sutis na entonação, ritmo e outras características da voz que não correspondem ao padrão esperado para um indivíduo real.



Considerações finais

A pesquisa ressalta que as técnicas de autenticação de imagens, vídeos e áudios, impulsionadas pela Inteligência Artificial, desempenham um papel crucial na detecção e mitigação dos *Deepfakes*. No entanto, além de simplesmente identificar essas manipulações digitais, é igualmente importante compreender o impacto que os *Deepfakes* têm na sociedade. Isso requer uma análise mais profunda sobre como o público consome e interpreta esses conteúdos sintéticos, e como isso influencia suas percepções e comportamentos.

À medida que a utilização dos *Deepfakes* continua a aumentar, torna-se imperativo desenvolver e aprimorar constantemente técnicas eficazes para combater seus efeitos negativos. Isso envolve não apenas aperfeiçoar os métodos de detecção, mas também entender como os *Deepfakes* afetam a confiança nas informações, a reputação das pessoas e instituições, e até mesmo a estabilidade social. Portanto, é essencial que a pesquisa futura se concentre não apenas na identificação e autenticação de *Deepfakes*, mas também em entender seu impacto social e cultural. Essa reflexão profunda é fundamental para informar o desenvolvimento de estratégias eficazes que possam lidar adequadamente com os desafios apresentados por essa nova realidade tecnológica.



Referências

Academia de Forense Digital (AFD). **Identificação Coleta**, **Aquisição e Preservação de Evidências.** Disponível em https://academiadeforensedigital.com.br/iso-27037-identificacao-coleta-aquisicao-e-preservacao-de-evidencia/. Acesso em: 30/03/2024.

BARYAMUREEBA V; TUSHABE F. "The Enhanced Digital Investigation Process Model". Institute of Computer Science, Makerere University, Uganda, 2004.

Center for News, Technology and Innovation (CNTI). "Synthetic Media & Deepfakes: How do we protect societies from synthetic media and "deepfakes"? 2024. Disponível em: https://innovating.news/article/synthetic-media-deepfakes/. Acesso em: 28/03/2024.

DANTAS, M; ZAFALON, Z.; GRACIOSO, L. Identificação e indicação de padrões de metadados para vídeos do YouTube: uma revisão de literatura. In book: Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento. Publisher: Ed. UFPE. (pp.242-248). 2017.

DIAA, A; NATALIE, S.; ZEINA, A.; MARIAM, M.; MOHAMED, H. "DeepFake-DG: A Deep Learning Approach for Deep Fake Detection and Generation". Journal of Computing and Communication, 2, 2, 2023, 31-37. doi: 10.21608/jocc.2023.307056.

HAVA, C.; VALERIYA S.; MICHELE, P.; BIANCA, D.; AGLIND, R.; VALERI,A M. SUSANNE, T.; ESMA I.; NICHOLAS, B.; MASSIMILIANO, T.; MARIA, A. Z.; LAURA, M. F. StressID: a Multimodal Dataset for Stress Identification. Poster. 2023. Disponivel em: https://nips.cc/virtual/2023/poster/73454. Acesso em: 28/03/2024.

JOANGUETE, C. O Poder das mentiras digitais: A ameaça das deepfakes para a sociedade. Editora Dialética, São Paulo, 2023.

Quali Sign. Autenticação Digital e Assinatura Digital: entenda a real diferença. 2024. Disponível em: https://blog.qualisign.com.br/autenticacao-digital-e-assinatura-digital-entenda-a-real-diferenca/

RANA, M. S.; NOBI, M. N.; MURALI, B.; SUNG, A. H. Deepfake Detection: A Systematic Literature Review. IEEE Access, v. 10, p. 25494-25513, 2022. DOI: 10.1109/ACCESS.2022.3154404.



SALVI, D., LIU, H., MANDELLI, S., BESTAGINI, P., ZHOU, W., ZHANG, W., & TUBARO, S. (2023). **A Robust Approach to Multimodal Deepfake Detection.** *Journal of Imaging*, 9, 122. https://doi.org/10.3390/jimaging9060122.

TURBIANI, R. "Avanço da IA generativa faz crescer uso de deepfakes de voz para aplicar golpes". In: Revista Negócio, 2023. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/09/avanco-da-ia-generativa-faz-crescer-uso-de-deepfakes-de-voz-para-aplicar-golpes.ghtml. Acesso em: 25/03/2024.

WESTERLUND, M. **The Emergence of Deepfake Technology: A Review.** Technology Innovation Management Review, 9(11): 40-53, 2019. http://doi.org/10.22215/timreview/1282



A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO: RELAÇÕES DE CONFIANÇA E REDES BASEADAS EM COOPERAÇÃO NA CPD

Carlise Porto Schneider Rudnicki Verenice Zanchi Gabriela Machado

Como projeto de pesquisa e extensão universitária, entendemos que nossas ações deveriam também ser revistas, tendo em vista a situação das pessoas impactadas pelos eventos climáticos recentes do Rio Grande do Sul, em 2024. Desse modo, urge pensar em diferentes dimensões interligadas, somadas a ideia central do projeto (solidariedade e fortalecimento em redes de apoio) como a localização dos fatos, mobilização e conscientização, intensidade de prevenção, às discussões em agendas diversas, exigem uma postura mais dinâmica, inclusive, da comunicação como um espaço sistêmico.

Desse modo, foi necessário repensar as ações, com o objetivo de prestar serviços junto às comunidades atendidas nas regiões do projeto e oferecer comunidades no app Lazos, a partir de comunidades (negócios, comunicação e turismo de base comunitária). Em relação às ações, teremos oficinas, consultorias e formação de multiplicadores (negócios, comunicação e turismo). Os multiplicadores e líderes comunitários terão o papel de prover a sustentabilidade das ações após o



término do mesmo (dezembro de 2025), já que a rede social Lazos, a partir das comunidades, refere-se a um espaço de compartilhamento de soluções e problemas.

Seguindo essa linha, as pessoas serão atendidas, em formato presencial, e em parceria com as associações/cooperativas e organizações presentes nos municípios afetados pela crise climática. Após as oficinas, as pessoas poderão seguir participantes de encontros no formato de consultorias quinzenais.

Assim, o artigo propõe uma revisão da metodologia Lazos, a partir das ações do projeto de pesquisa "Territórios conectados pela sororidade: questões de gênero, TICs e fortalecimento de laços em espaços periféricos". Com o objetivo de fortalecer redes de apoio, oferecemos, além de trilhas formativas voltadas à inovação social, consultorias juntamente a organizações coletivas. As temáticas abrangem inclusão digital, informação e mudanças climáticas, produção de conteúdo acessível, comunicação para o desenvolvimento, e, por fim, economia solidária e turismo de base comunitária. As questões metodológicas da proposta envolvem

¹ Iniciado em dezembro de 2023 e registrado sob o número 061298, vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM (POSCOM) e Departamento de Ciências da Comunicação, em parceria com a UFRGS Litoral, no PGDREDES). Contemplado no Edital FAPERGS - CNPq 07/2022 - Programa de Apoio à fixação de Jovens Doutores no Brasil, este estudo resulta de pesquisas realizadas com financiamentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa - FAPERGS.



a pesquisa documental, o levantamento bibliográfico e o levantamento de informações secundárias e a organização de um banco de dados, seguindo de visualizações com o intuito de gerar *insights*.

Mais do que um lugar de organização de informações, jornalismo, mídia training, gerenciamento de crise, é preciso olhar atentamente para nossa área sob o olhar da cidadania. Por isso, propomos no artigo uma revisão da metodologia Lazos, no projeto de pesquisa "Territórios conectados pela sororidade: questões de gênero, TICs e fortalecimento de laços em espaços periféricos"². Com o objetivo de fortalecer redes de apoio existentes, organizamos, conforme demandas, ações de extensão a partir de trilhas formativas voltadas à inovação social, como: inclusão digital; tecnologia, informação e mudanças climáticas, produção de conteúdo acessível; comunicação para o desenvolvimento; economia solidária e turismo de base comunitária.

Para Swedberg e Granovetter (1992, p. 9), a rede corresponde a "[...] um conjunto regular de contatos ou conexões sociais similares entre indivíduos ou grupos" (Swedberg e Granovetter, 1992, p. 9). Assim, os construtores de redes,

² Iniciado em dezembro de 2023 e registrado sob o número 061298, vem sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM (POSCOM) e Departamento de Ciências da Comunicação, em parceria com a UFRGS Litoral, no PGDREDES). Contemplado no Edital FAPERGS - CNPq 07/2022 - Programa de Apoio à fixação de Jovens Doutores no Brasil, este estudo resulta de pesquisas realizadas com financiamentos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa - FAPERGS.

através de uma rede informal de dinâmica social, conectam as empresas e a sociedade. A partir desta linha teórica, é possível pensar também as relações de confiança estabelecidas entre as organizações e os usuários de políticas públicas, tendo em vista a diversidade de discursos dos atores em busca da justificação de suas ações.

No momento em que se introduz o conceito de rede na sociologia econômica, a tradição utilitarista e sua crença em comportamentos racionais e interesses pessoais passam a dividir as atenções com uma visão que leva em conta a possibilidade de ação de uma rede social que não se coloca como garantia de externalidades virtuosas face ao oportunismo extrínseco de comportamento individual.

Pensando nisso, entendemos que é de suma importância adentrar no cotidiano das pessoas na perspectiva das suas ações, bem como atividades em que participam e ocupam lugar de fala e detenção de conhecimento. Dessa forma, durante todo o percurso o contato com os públicos e seus representantes institucionais e parceiros técnicos possibilita-nos ouví-los em seus espaços, como detentores de saberes. É comum no ambiente acadêmico "levarmos o conhecimento" a partir de palestras, extensão e cursos de formação. Entretanto, é preciso, em primeiro lugar, conhecer e reconhecer o outro.

Conforme referido por Peruzzo (2012), os resultados sejam revertidos em benefícios para o grupo, servindo de suporte para o direcionamento de soluções das demandas locais, os

objetivos serão apresentados aos participantes, a fim de que saibam o que está sendo investigado e se envolvam em todas as etapas do processo, desde o levantamento das necessidades à discussão dos resultados. Promover o engajamento das pessoas será imprescindível a elaboração de um planejamento coletivo, intercultural e inclusivo, pois, este é um dos principais desafios à implementação, execução e sustentabilidade de políticas públicas.

As reflexões aprofundadas durante o processo de análise do programa, da revisão de literatura, análise documental e dos dados secundários, sustentaram a construção dos caminhos metodológicos traçados. Nos quais a multiculturalidade compreende a promoção da tolerância e do respeito à diversidade, com a potencialidade de dirimir preconceitos.

Metodologia de trabalho

A metodologia ancora-se na análise documental, na revisão de literatura e na análise de dados secundários, tendo como temas transversais as ideias de interculturalidade, comunicação intercultural, proposto por autores como Stuart Hall (2003, 2006 e 2014), comunicação inclusiva e acessibilidade (Holt, Rodrigues e Oliveira, 2018).

O uso dos métodos de pesquisa qualitativos aliados aos quantitativos, visa conceder ao estudo a sustentabilidade necessária para que as inferências sejam mais precisas, ancoradas em bases sólidas, ou seja, dados confiáveis. Se, por um lado, a metodologia qualitativa parece mais humanizada e a quantitativa parece menos, não é o que de fato ocorre, pois, a segunda ajuda o pesquisador a compreender como a pessoa é vista, o que ela precisa, qual problema se quer resolver.

A estatística é uma ciência que não fica na intuição, pois faz as perguntas corretas, uma vez que se apoia em dados quantitativos, daí a importância deste. Através da análise multivariada de dados, tendo em vista a utilização do software estatístico SPSS, foi possível correlacionar diversas variáveis independentes (como idade, raça. gênero e classe, por exemplo) e as relações de confiança nos diferentes atores em análise (organização, cooperativas, Estado e universidades) no sentido de pensar de que forma essas características das pessoas podem interferir nos processos de mobilização.

Utilizamos a metodologia quantitativa, com uso da estatística descritiva e realização de cruzamentos entre as variáveis, bem como a construção de um índice capaz de resumir essas relações. Também foram utilizados instrumentos qualitativos, como o diário de campo e entrevistas, a fim de analisar os dados obtidos nas inferências estatísticas e nos cruzamentos entre variáveis que medem as relações de confiança nos atores e organizações com as características dos grupos envolvidos.

A investigação qualitativa tem como objeto a fala cotidiana do sujeito, aliada a CpD, que procura dar voz ao mesmo. A pesquisa tem o propósito "[...] contribuir para subsidiar a melhoria dos modos de comunicação dos grupos populares" (Peruzzo, 2012, p. 193). Nesse sentido, elegemos a organização

de um trabalho de capacitação, a partir de oficinas e consultorias, tendo como prioridade para jovens mulheres (entre 18 e 30 anos) das regiões central e litoral norte do Rio Grande do Sul.

Destacamos também a utilização de análises quantitativas, em conjunto as qualitativas. A sistematização de informação e impactos de políticas públicas propicia, além de insights para solução de problemas, um entendimento dos nossos direitos, o que por sua vez gera engajamento no comportamento coletivo.

Considerando que comunicação é partilha, que as redes já existem e que as questões centrais são: quem chega nas redes? Em que espaços coletivos estão vivendo? Propomos o "Programa de Formação em Comunicação para o Desenvolvimento (CpD)", denominado ProPcD elaborado a partir da releitura da metodologia "Rural Conectado: TICs para o Desenvolvimento"

Revisitando o método: da observação às oficinas

O percurso metodológico adotado foi pensado de forma que se conheça e reconheça e ouça o outro em seus espaços, considerando a relevância de conhecer o cotidiano das pessoas, suas ações, as atividades nas quais estão envolvidos, seu lugar de fala e o conhecimento e saberes que detém. Outra questão incorporada em nosso processo, foi o ESG - Governança ambiental, social e corporativa, consideradas como medidas de mensuração de impactos ambientais, considerado por Irigaray e Stocker (2022), um novo conceito para velhos problemas.

Ao buscar informações sobre o conceito, observamos que o discurso empresarial segue com a preocupação de mercado, sobressaindo-se a competitividade como principal anseio, mesmo após o projeto de lei nº 4363/2021, a qual inclui importantes questões que envolvem "pessoas" e medidas de enfrentamento à desigualdade racial, inclusão de minorias e equidade de gênero, por exemplo, no sentido de incentivar boas práticas empresariais.

Preparar trilhas. Mapear as redes existentes. consultorias e como elas funcionam e quais treinamentos, prevendo instituições estão envolvidas. ajustes das ações. Participar das agendas para conhecer as pessoas. PERCURSO Organizar um banco Os pesquisadores, neste de dados com as METODOLÓGICO momento são demandas das espectadores, sem se pessoas. colocar no lugar de pesquisador. Organizar e classificar Construir interfaces entres as informações instituições de pesquisa, poder coletadas. local, instituições para o desenvolvimento e comunidades.

Figura 1 - Percurso metodológico

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Iniciamos com um mapeamento das redes locais e organizações para o desenvolvimento existentes, entendendo quais as instituições estão envolvidas, e posteriormente, compreendendo o funcionamento das mesmas, a partir de relações que contemplem a reciprocidade e a confiança, como inferido por Ostrom e Walker (2005). As demandas e os dados coletados foram classificados e sistematizados em um banco de dados, sendo estas informações primordiais para a organização das trilhas (oficinas temáticas) e consultorias.

O PROCpD, ao mapear as redes, tem como objetivo entender como as pessoas se articulam socialmente em processos políticos, culturais, econômicos e decisórios. Os espaços mapeados se referem aqueles já existentes na região, como base da noção de comunicação para o desenvolvimento (Rudnicki e Zanchi, 2022; Silveira e Scherer, 2022). Portanto, abrange também identificar as relações de confiança entre as organizações e as comunidades é importante, uma vez que tais pontos são basilares para que um projeto ou políticas públicas sejam recebidas pelas pessoas. Para que isso seja possível, propõe-se participar de eventos, feiras, reuniões, oficinas, projetos, ou seja, das agendas do público de

interesse para conhecer as pessoas.

Como temas transversais temos tecnologia, cultura, desenvolvimento regional e local, fortalecimento das redes de apoio e reciprocidade, inovação, mobilização social, relações de gênero que permeiam todas as etapas.

Figura 2 – Visão geral do CpD



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

O primeiro passo compreende a participação dos membros de uma equipe multidisciplinar que participem de ações em que atuam as comunidades. A partir das redes mapeadas, são organizados eventos para apresentar o projeto e suas possibilidades, momento em que é realizada uma pesquisa de demandas e fornecidas orientações sobre as inscrições.

Após esta etapa, inicia-se a fase, "preparar", ou seja, a organização de oficinas de formação de multiplicadores, envolvendo os temas da inclusão e da acessibilidade, ofere-

cendo à equipe de trabalho formação básica em: a) acessibilidade arquitetônica (adequação de espaços e eliminação de barreiras físicas); b) atitudinal (anti capacitismo); c) metodológica (quedas de barreiras nas metodologias de ensino); d) Instrumental (instrumentos, utensílios e ferramentas) e programática (leis, normas e regimentos que respeitam e atendem as necessidades de pessoas e leis que definem os crimes resultantes de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional); e) comunicacional (língua de sinais, produção de materiais impressos e digitais, organização de eventos presenciais e online).

Também esta fase envolve a organização de uma "comissão de inclusão e acessibilidade (CIA)", cujos integrantes são responsáveis pelo monitoramento das atividades no decorrer do programa, pois todas as etapas incluem os temas acima citados. Ainda, serão abordados os processos de organização coletiva, a autogestão de recursos, a criação de marca, bem como a mensuração e monitoramento dos conteúdos produzidos nas redes e plataformas, a partir de softwares livres.

A contribuição da análise dos dados para o método

Entendemos que os dados organizados geram informação e que esta, ao ser consumida, se torna conhecimento que por sua vez embasa decisões. Diante disso, estruturamos a presente análise, salientando a relevância da formação de uma base de dados, bem como da análise via estatística descritiva, a descrição das características da base de dados e o cruzamento entre as variáveis (dependentes e independentes) e as características da amostra.

Ainda, destacamos que a metodologia quantitativa, com uso da estatística descritiva e realização de cruzamentos entre as variáveis, bem como a construção de um índice capaz de resumir essas relações. Também foram utilizados instrumentos qualitativos, como o diário de campo e entrevistas, a fim de analisar os dados obtidos nas inferências estatísticas e nos cruzamentos entre variáveis que medem as relações de confiança nos atores e organizações com as características dos usuários de políticas públicas.

Em um primeiro momento, realizamos a avaliação dos cursos de capacitação voltados a questões que envolvem a noção de inovação social e tecnológica, de um programa implementado na região central do Rio Grande do Sul, com público de interesse similar ao do nosso projeto. Para tanto, participamos de encontros, visitas técnicas e eventos, nos quais foi possível observar a abordagem de chegadas nas comunidades, ou seja, realizar a coleta dos dados na perspectiva qualitativa. Simultaneamente, foi iniciado o levantamento dos dados qualitativos e quantitativos, a partir da disponibilização de planilhas e documentos salvos em um drive.

A partir dessa etapa junto ao programa analisado percebemos algumas questões importantes, dentre elas a necessidade de dispor de uma pessoa especializada para a estruturação do banco de dados. Pois, a sistematização das informações permite traçar o perfil do público de interesse, realizar análises e comparações que contribuem com a tomada de decisão e o direcionamento de políticas públicas.

A partir da análise de dados secundários de um programa com público similar, qual seja, jovens mulheres de 18 a 30 anos, pretendemos compreender as relações de confiança entre os atores sociais e as organizações que atuam junto às comunidades. E ainda, buscar subsídios para refletir sobre as demandas, os desafios e os potenciais quanto ao uso das tecnologias e empoderamento das comunidades atendidas no presente projeto. Assim, foram analisados os 76 cursos realizados no período de 2 anos de duração do curso, os quais tiveram 3.492 inscritos e 1.784 certificados emitidos, resultando em uma taxa de evasão média de 51%.

Algumas preocupações do programa, como:

[...] ser somente para pessoas do Cadastro Único; o alto índice de Evasão (em média 60%); organizar os cursos de modo que seja o melhor possível para agregar maior participação; falta de pessoas para as equipes de trabalho (UFSM e CRAS); problemas com a aquisição de materiais para cursos que demandam determinados insumos (Zimmermann e Sell, 2023, p. 20).

Além destas questões, a possível falta de adesão, fez com que a equipe responsável tomasse algumas medidas, dentre elas a redução do número mínimo de inscritos (autorizada pelo órgão que fomenta a ação), expansão de faixa etária máxima de 29 para 70 anos, disponibilização de vagas para pessoas fora do CadÚnico e homens. Contudo, a evasão foi maior no último ano, chegando a 55%, na média, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1 - Taxa de evasão (2022 - 2023)



Fonte: Progredir (2024), elaborado pelas autoras.

A elaboração de uma pesquisa junto aos desistentes pode revelar as razões pelas quais os inscritos param de frequentar os cursos e, assim, realizar ajustes para o próximo ano a fim de aumentar a adesão. Entende-se que deve haver um planejamento que antecede a criação de um banco de dados, a contratação de um profissional que trabalhe com estatística.

Foram elaborados cronogramas, considerando a disponibilidade dos tutores e o curso de contextualização ocorreu aos sábados, reunindo mais de um município de acordo com a proximidade geográfica, a fim de viabilizar a realização dos cursos e organizar a demanda gerada pelos municípios. Essas estratégias também foram adotadas pelo presente projeto.

Outros dados secundários, que complementam a caracterização da região, são disponibilizados pelo Instituto Brasi-

leiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Comissão Pró-Índio de São Paulo e Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Destacamos que o formato tradicional, no qual os cursos são organizados como se fossem destinados a grupos pré-estabelecidos, demonstra que, metodologicamente, o encontro e a interação não se viabilizam, mas, as diferenças é que são acentuadas.

No programa analisado, o interesse (motivação pessoal e coletiva) e a adesão aos cursos mostraram-se incipientes. O índice de evasão faz parte de uma espécie de silenciamento, ou falta de interesse, nas ações desenvolvidas. Isso nos leva a crer que esses silenciamentos encontrados nos processos de implementação e execução das ações do programa referem-se à formação de uma "rede resistência" das comunidades atendidas.

Relações de confiança, solidariedade e caminhos para o método

As perspectivas sobre a confiança podem se diferenciar, para alguns, é considerada uma "ação" (as pessoas decidem confiar); para outros, é um "estado mental", se possui ou não (neste caso, não seria possível decidir confiar ou não). Conforme Singer (2003), aprendemos a confiar em instituições como universidades, hospitais e mídia, não apenas "[...] pelo contato direto, mas pela confiança que merecem as pessoas em que nós confiamos" (Singer, 2003, p. 2).

No argumento desenvolvido por Mark Granovetter (1973 e 1985), os "conhecidos" (laços fracos) apresentam menos possibilidades de serem socialmente envolvidos uns com os outros do que os nossos amigos conectados em redes (laços fortes). Este argumento envolve outro importante elemento nas relações sociais: o papel da informação e da comunicação, um ponto ainda pouco discutido na economia e que orienta as discussões sobre "informação assimétrica" (Rudnicki, 2012).

Diferente de grande parte dos referenciais anteriores, Sabourin, ao citar Ostrom e Walker (2005), destaca a necessidade de que a confiança, a reputação e a reciprocidade "[...] sejam consideradas como normas centrais dos processos de manejo compartilhado de recursos e que são atributos dos atores e usuários desse manejo" (Sabourin, 2010, p. 251). Para ele, os autores que trabalham com o conceito de capital social (Fukuyama, 1996; Putnam, 1996), ao considerarem a confiança como base, admitem uma forte interferência das relações humanas e da cultura nos interesses econômicos, seja a partir das relações de proximidade, do interconhecimento em redes, da solidariedade, entre outras.

Ostrom e Walker (2005) destacam que os fatores institucionais e culturais afetam as expectativas do comportamento dos outros e as suas expectativas de nosso comportamento. Eles buscaram observar a maneira como as regras afetam a estrutura nas situações de ação, distanciando-se de um detalhamento excessivo de cada situação. Para os autores, um dos principais problemas na compreensão das instituições refe-

re-se à diversidade de situações da vida contemporânea e às complexidades do cotidiano (dentre essas a permanência da incerteza).

Para Fukuyama (1996), a confiança é tratada como uma expectativa "[...] que nasce no seio de uma comunidade de comportamento estável, honesto e cooperativo, baseado em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade" (Fukuyama, 1996, p. 41).

Segundo Elinor Ostrom (Canal Futura, 2010), no que tange à reação das pessoas frente ao uso e ao compartilhamento dos bens comuns, cita um grupo de pescadores que vivem perto de um lago, onde há comunidades às margens, se um grupo fosse pescar e peixes não estivessem disponíveis para todos as pessoas, por serem finitos, o incentivo poderia ser sair mais cedo, com um barco maior e pegar o maior número possível de peixes.

Nesse sentido, os fatores relevantes para o sucesso ou fracasso de um acordo de cooperação referem-se à construção de um plano em comum, ao tipo das lideranças, ao entendimento das consequências das ações dos envolvidos, enfim, se as informações e o conhecimento forem suficientes, já que "Há um número de fatores relacionados ao grupo, à liderança, ao desenvolvimento, à confiança que têm entre eles" (Canal futura, 2010).

Encaminhamentos finais: apontamentos e boas práticas

Se a confiança tem sido pensada como uma expectativa de cumprimento de promessas ou ainda um mecanismo eficiente de controle perante comportamentos oportunistas, pretendemos aqui apontar também outras perspectivas sobre o tema, tendo em vista a percepção da importância de questões como cooperação e solidariedade, irracionalidade, motivações, costumes, tradição e religião. Dois elementos centrais devem ser levados em conta no que se refere a uma escolha racional de confiança (de confiar): os incentivos para quem se confia cumprir as promessas (contratos) e o conhecimento (no sentido de informação) para justificar os incentivos da confiança, ou ainda, as razões para ser digno de confiança. Diante das dificuldades encontradas na primeira fase do projeto, no que tange à análise dos dados secundários acessados, acreditamos na relevância da organização de um banco de dados.

Ressaltamos ainda a importância da organização de espaços que proporcionem a interação, em especial, em projetos e programas voltados a comunidades e/ou usuários de políticas públicas. Ademais, é preciso pensar que tipo de confiança, e se é realmente confiança que vem sendo produzida e tratada pelos pesquisadores e administradores. Finalmente, urge considerar que se a confiança existe, essa não é estática. Embora seja necessária como base para uma relação, também é moldado por ela. Por isso, deve ser vista como um processo repleto de não apenas uma racionalidade consciente, premeditada, mas por outras variáveis não observáveis.

Na perspectiva de ações voltadas a políticas públicas, salientamos a necessidade da organização de metodologias que levem em conta possibilidades qualitativas, mas também quantitativas, geridas por profissionais competentes e apresentando agilidade das informações e espaços de compartilhamento confiáveis. Ademais, é preciso pensar que tipo de confiança, e se é realmente confiança que vem sendo produzida e tratada pelos pesquisadores e *policy makers*.

Referências

CANAL FUTURA. Canal Futura entrevista Elinor Ostrom, prêmio Nobel de Economia, em 25 de março de 2010. Disponível em: http://www.canalfutura.org.br/main.asp?ViewID=%7BD2EF690E%2D49AB%2D498F%2 D9011%-2D7957E4D9F702%7D¶ms=itemID=%7B6BE4CF9E%2DDE64%-2D482E %2DA8F3%2D6BDB7B7588FA%7D;&UIPartUID=%7BD90F-22DB%2D05D4%2D4644 %2DA8F2%2DFAD4803C8898%7D. Acesso em: 10 de mar. 2024.

FUKUYAMA, Francis. Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade. Rio de Janeiro: Rocco. 1996.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. The American Journal of Sociology, Chicago, v. 91, p. 481-510, Nov. 1985.

_____. The strength of weak ties. American Journal of Sociology, Chicago, Illinois, v. 78, p. 1360-1380, May 1973.

HALL, Stuart. Questão multicultural. In: Hall, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A identidade cultural na Pós-Modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HOLT, Danieli; RODRIGUES, Georgete M; OLIVEIRA, Laís P. de. Acesso e

acessibilidade em ambientes web para pessoas com deficiência: avanços e limites. Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends. 12:4 (2018) p.45-p.52. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/8318. Acesso em 2 março de 2024.

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis; STOCKER, Fabricio. ESG: novo conceito para velhos problemas. Cad. EBAPE.BR, v. 20, n° 4, Rio de Janeiro, Jul./Ago. 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cebape/a/YKyfRmPDHhtGm3LG-8jW6DQM/?format=pdf&lang=p t. Acesso em: 11 março 2024.

OSTROM, Elinor.; WALKER, James. (Ed.) Trust and Reciprocity: Interdisciplinary Lessons for Experimental Research. New York: Russell Sage Foundation. 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: Duarte, J., & Barros, A. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Atlas, 2012.

PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RUDNICKI, Carlise P. S.; ZANCHI, Verenice. ?Escuchar para cambiar?: comunicação para o desenvolvimento (CpD), políticas públicas e mulheres periféricas. In: Claudia Pilar García-Corredor; Monica Franchi Carniello; Frederico Beltramelli. (Org.). Comunicación, tecnología y desarrollo: aportes epistémico-teóricos metodológicos en la investigación y las agendas de latinoamérica. 1.ed. Taubaté: EdUnitau, 2022, v.1, p. 200-212.

RUDNICKI, Carlise Porto Schneider. As relações de confiança no sistema integrado de produção do tabaco (SIPT) no Rio Grande do Sul/Brasil. 2012. 181p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) — Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SABOURIN, Eric. Manejo dos Recursos Comuns e Reciprocidade: os Aportes de Elinor Ostrom ao Debate. Revista Sustentabilidade em Debate, Brasília, v. 1, n. 2, p. 143-158, jul./dez. 2010.

SILVEIRA, Ada C. M. da; SCHERER, Fernanda. O que inova a CpD da atualidade? In: Claudia Pilar García-Corredor; Monica Franchi Carniello; Frederico

Beltramelli. (Org.). Comunicación, tecnología y desarrollo: aportes epistémico-teóricos metodológicos en la investigación y las agendas de latinoamérica. 1.ed. Taubaté: EdUnitau, 2022, v.1, p. 56-67.

SINGER, P. Desenvolvendo Confiança e Solidariedade: as instituições necessárias. In: Ciclo de Seminários Brasil em Desenvolvimento, 1. Rio de Janeiro, 2003. Anais... Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/desenvolvimento/pdfs/desenvolvendo _confianca_e_solidariedade_as_instituicoes_necessarias.pdf. Acesso em: 18 jul. 2011.

SWEDBERG, Richard.; GRANOVETTER, Mark. (1992), Introduction. In: GRANOVETTER, Mark; SWEDBERG, Richard (Eds). The Sociology of economic life. Princeton: Princeton University Press, pp. 1-26.

Zimmermann, A., & Sell, J. C. V. (2023). Progredir Geoparque Quarta Colônia: implementação e gestão. In: Zimmermann, A., Sell, J. C. V., & Lisbôa Filho, F. F. (Org.). Progredir: cultura, turismo e sustentabilidade no Geoparque Quarta Colônia. PRE-UFSM. http://repositorio.ufsm.br/handle/1/29062



O USO DE SOFTWARES PARA ANÁLISE E VISUALIZAÇÃO DE DADOS NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

Samara Wobeto Luan Moraes Romero Viviane Borelli

O artigo reflete sobre a inserção de ferramentas e a utilização de softwares para análise e visualização de dados nas pesquisas em Comunicação. Através da menção de algumas investigações desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa "Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais" (Cimid) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), buscamos detalhar procedimentos realizados nos últimos seis anos, destacando adaptações, possibilidades, desafios e limitações desse tipo de abordagem metodológica nos estudos da área (Borelli, 2023).

Uma primeira apresentação desta reflexão foi apresentada no XVI Simpósio Nacional da ABCiber em 2023. A partir das discussões geradas, ampliou-se o texto especialmente na elaboração de um estado da arte sobre pesquisas que usam softwares como Iramuteq e Gephi e, ainda, a referência a outros estudos desenvolvidos nos últimos anos por integrantes do Cimid.

Sued (2021) reflete sobre as possibilidades de inter-relação entre abordagem qualitativa e quantitativa e propõe uma classificação dos softwares que permitem o olhar analítico de aspectos textuais, imagéticos e audiovisuais. A autora menciona que este tipo de técnica não é nova para fins não acadêmicos, mas que na academia esses usos por muito tempo foram restritos a áreas como a Computação. A importância de sua inserção e a utilização visa compreender que "as técnicas analíticas modelam gostos, decisões e consumos em linha, por isso é necessário, para a investigação acadêmica, adotar novos insumos que permitam entender estas novas tendências socioculturais" (Sued, 2021, p. 3, tradução nossa).

Mesmo que não sejam o foco da área de Ciências Sociais, cada vez mais se tem usado estas técnicas de coleta e tratamento de dados em estudos que investigam a Comunicação. A potencialidade está em ir além de uma análise qualitativa - esta sim originária das Ciências Sociais - e incorporar a este aspecto a análise quantitativa. Flick (2009), que reflete sobre metodologias em Ciências Sociais, já apontou a validade do uso de métodos qualitativos e quantitativos, que podem ser usados em fases distintas do processo de investigação. Para ele, a eleição de diferentes técnicas e métodos não significa que uma delas seja menor do que a outra, mas que, juntas, elas complementam o curso da pesquisa. Isto significa não pensar os dois tipos de forma isolada, mas em inter-relação.

No Grupo de Pesquisa, temos refletido cada vez mais na inter-relação entre as abordagens qualitativa e quantitativa. A partir do que formula Sued (2021), na categorização dessas ferramentas, as que temos utilizado principalmente nas pesquisas, e que são citadas pela autora, são: a nuvem de palavras, a árvore máxima de similitude e o software Gephi. Além disso, também temos usado o IRaMuTeQ, um software livre de análise textual que permite geração de gráficos visuais (Salviati, 2017).

Para este texto, vamos nos concentrar no aprofundamento do uso da nuvem de palavras em nossas pesquisas. Apesar de utilizarmos outras das técnicas mencionadas por Sued (2021), por questões de espaço não é possível esmiuçar todas elas. Dito isto, a partir da definição de Sued (2021, p. 8, tradução nossa), as nuvens de palavras "manifestam visualmente a análise de frequência de palavras". Esta noção de frequência é importante para compreender o uso dos termos em um conjunto de palavras dentro de um texto (Romero e Borelli, 2021).¹

Antes de detalhar como as investigações no âmbito do Cimid são desenvolvidas, bem como suas potencialidades e limitações, fazemos uma breve discussão sobre a dataficação nas processualidades de uma midiatização profunda (Couldry e Hepp, 2020), problematizando como tais dados devem ser gerados e tratados na pesquisa científica para além de uma mera descrição. Após,

¹ Para além destes já citados, Sued (2021) também elenca outras formas de coleta, processamento e análise de dados: APIs, para coleta em redes sociais; Voyant-Tools, para geração de gráficos visuais como a nuvem de palavras; Image Sorter, para a montagem de gráficos imagéticos a partir de fotografias; APIs do YouTube, para análise de vídeos e metadados online, entre outros.

apresentamos um estado da arte sobre o uso de *softwares* como Iramuteq e Gephi na área da Comunicação e, ao final, detalhamos como desenvolvemos nossas investigações.

Dataficação e geração de dados para pesquisa

Ao dissertarem, sob um viés teórico e crítico da história dos diferentes meios de comunicação, Hepp (2020) e Couldry e Hepp (2020) defendem que nos encontramos num tempo de midiatização profunda, pois vivemos intensamente envolvidos pelas mídias e estas estão, do ponto de vista dos processos sociais, atravessando de forma mais intensa nossas vidas. Para eles, convivemos com uma multiplicidade de mídias, "um amplo "universo" de mídias digitais conectadas de formas diversas e por meio das quais (em várias figurações) nós atualizamos as relações sociais" (Couldry e Hepp, 2020, p. 54).

Assim, eles explicam a história das mídias e da comunicação em quatro ondas: mecanização, eletrificação, digitalização e dataficação. Os autores não compreendem a invenção dos diferentes meios de forma isolada e revolucionária, em que um pode substituir o outro, pois defendem que há uma inter-relação entre o meio já existente e aquele que surge, havendo transformações e atualizações.

Couldry e Hepp (2020) também destacam que parte deste processo de evolução ocorre por meio dos usos, apropriações e sociabilidades que os meios permitem. Ou seja, não é possível pensar esta história de forma isolada, mas sim relacionada aos contextos e às pessoas. Quando olhamos para a última

onda - a dataficação, este raciocínio também se aplica, já que a produção e a geração de dados é ampliado a em ambientes que pertencem a outras ondas, por exemplo, o computador e a internet (digitalização) e o telefone móvel (eletrificação).

Para Gendler (2021), a visão da dataficação social ainda está muito interligada com as imagens de grandes quantidades de dados, mas também há uma forte ligação com as plataformas de redes sociais, dispositivos de reconhecimento facial e a inteligência artificial, entre outros. Apesar de compreender que estas são associações comuns e válidas, para Gendler (2021),

[...] a dataficação, como processo massivo de medição e correlação de dados quantificáveis de sujeitos, objetos e práticas para seu posterior uso, aplicação e/ ou venda (Leurs & Shepherd, 2017), não é algo que surgiu exclusivamente com o desenvolvimento e a penetração das tecnologias digitais, mas que pode ser entendida como um processo de longa duração. (Gendler, 2021, p. 18, tradução nossa).

Nesse contexto, "os inquestionáveis avanços da computação, a geração da informação em redes e a penetração de dispositivos tecnológicos na vida cotidiana dão como resultado conjuntos de dados que são o insumo através do qual se mobilizam a economia e a sociabilidade" (Rocha, 2018, p. 415, tradução nossa). A autora critica uma mera adoção de discursos entusiastas com relação à "revolução dos dados" (Rocha, 2018).

Outra consideração importante da autora é com relação ao uso desses dados para a pesquisa científica, tarefa que impõe questionamentos e desafios. Para Rocha (2018), isto

[...] resulta em uma tarefa irrenunciável para os cientistas sociais em compreender, de forma realista e crítica, a transformação de dados em conhecimento útil para a sociedade. Esta tarefa implica não somente no diálogo com as ciências computacionais, mas também adquirir novos conhecimentos, habilidades e linguagens. (Rocha, 2018, p. 416, tradução nossa).

Este fenômeno ocorre numa seara em que as infraestruturas das plataformas permitem a conexão e integração com variados dispositivos, o que engloba desde os smartphones, os smartwatches, eletrodomésticos e carros autônomos (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020). "Essa infinidade de extensões das plataformas permite que os empresários transformem praticamente todas as instâncias de interação humana em dados: ranqueamento, pagamento, pesquisa, assistir conteúdos, dirigir, caminhar, conversas, amizades, namoro, etc" (Poell, Nieborg e Van Dijck, 2020, p. 6). Este contexto implica na própria produção de dados, já que, por exemplo, ao navegarmos em um site de compras, deixamos rastros; ao curtirmos uma foto ou assistirmos um vídeo no instagram, também produzimos dados, e assim por diante.

A partir destas problematizações, pontuamos que, no Grupo de Pesquisa "Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais" (Cimid/UFSM), temos refletido cada vez mais sobre a importância de relacionar e tensionar dados quantitativos

aos qualitativos. Isto porque as possibilidades de resultados de investigações se potencializam com o uso de softwares e de dados quantificáveis. No entanto, como advertem os autores e autoras citados, deve-se ter cuidado tanto com a limpeza e tratamento quanto com o manejo destes dados, para que não haja vieses nos resultados de pesquisas.

Estado da Arte

Para compreender o uso de *softwares* nas pesquisas em Comunicação, é importante construir um de estado da arte, que "permite identificar as lacunas presentes na área de conhecimento onde a tese se insere" (Barrichello, 2016, p. 136). A feitura de um estado da arte objetiva "localizar e identificar quais autores estão trabalhando com o tema, com qual referencial teórico-metodológico e com quais palavras-chave" (Barrichello, 2016, p. 134).

A partir disso, usamos os buscadores Portal de Periódicos da Capes², Google Acadêmico³, Scopus⁴ e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes⁵ para realizar a busca de trabalhos. As palavras-chave usadas para a busca foram: 1. comunicação; 2. softwares; 3. análise de dados; 4. visualização;

² Disponível em https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>.

³ Disponível em <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>.

⁴ Disponível em https://www.scopus.com/home.uri.

⁵ Disponível em https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>.

e 5. Iramuteq ou Gephi⁶. A busca foi feita com combinações entre as quatro primeiras palavras com uma das variações da quinta. Isto para que conseguíssemos elencar as pesquisas em Comunicação tanto com o *software Iramuteq* quanto com o *Gephi*. Os resultados de busca e a quantidade de trabalhos que são relacionados ao campo da Comunicação podem ser conferidos nas tabelas abaixo.

Tabela 1. Estado da Arte Iramuteq

Portal de Busca	Artigos encontrados	Artigos Comunicação
Portal de Periódicos Capes	1	0
Google Acadêmico	38	3
Scopus	20	7
Catálogo Teses e Dissertações	1	0
Total	50	10

Fonte: Os autores, 2024.

A partir da Tabela 1, podemos perceber que são dez as pesquisas da área da Comunicação que usam o Iramuteq ou refletem sobre ele. No comparativo com o total de resultados

⁶ No caso da busca no Google Acadêmico, por conta do funcionamento da plataforma, não há um refinamento do algoritmo, e apenas uma das palavras-chave pode gerar um resultado que não tem a ver com a busca pretendida. No caso do Iramuteq, o total de resultados da busca foi de 2600, e no caso de Gephi, 1500. Por conta da impossibilidade de coletar todos os trabalhos resultantes, foram coletadas os artigos pertinentes das quatro primeiras páginas de resultados (38 trabalhos no caso de Iramuteq e 39 no caso de Gephi).

encontrados, podemos estabelecer que 20% dos trabalhos são relativos à Comunicação. Outras áreas que também apareceram na busca são Saúde (18 ocorrências), Educação (15 ocorrências), Psicologia (quatro ocorrências), Ciências da Informação (três ocorrências), Economia e Administração (com duas ocorrências cada). Áreas que tiveram apenas um resultado de busca são Geotecnologia, Fisioterapia, Ciências Contábeis, Governança, Inovação, Estatística e Turismo. Nos trabalhos encontrados de Comunicação, há, inclusive, intersecção com outras áreas, como Saúde (dois trabalhos) e Economia (um trabalho).

Tabela 2. Estado da Arte Gephi

Portal de Busca	Artigos encontrados	Artigos Comunicação
Portal de Periódicos Capes	1	0
Google Acadêmico	39	13
Scopus	19	0
Catálogo Teses e Dissertações	1	1
Total	60	14

Fonte: Os autores. 2024.

Já nos resultados de busca do Gephi, dos 60 trabalhos encontrados, 14 são relacionados à Comunicação, o que reflete 23,33% do quantitativo total encontrado. Outras áreas de destaque na busca são as Engenharias (oito trabalhos), Saúde (sete ocorrências), as pesquisas de Metodologias de Pesquisa e Educação (seis ocorrências cada), Ciência da Informação

(quatro trabalhos), Biblioteconomia e Sistemas de Informação (três trabalhos cada) e Ciência da Computação (dois trabalhos). Áreas que tiveram somente uma ocorrência são Tecnologia, Psicologia, Administração, Logística empresarial, Gestão e Indústria da Moda. Além disso, há um trabalho que intersecciona as áreas da Comunicação e da Biblioteconomia.

Ao voltar nosso olhar para o total de pesquisas, sem considerar a especificidade de um ou outro *software*, há 110 pesquisas, das quais 24 tratam do uso destes *softwares* em alguma instância. Isto representa uma porcentagem de 21,81%.

Ainda, é necessário esmiuçar qualitativamente este corpus formado por artigos (nove sobre cada software), um resumo (Iramuteq), livro, capítulo de livro, resenha e projeto de mestrado (que falam sobre Gephi). Quando olhamos para os artigos que abordam o Iramuteq, seu uso se dá, principalmente, nos procedimentos metodológicos, seja para geração e/ou visualização de dados. Neste ínterim, há prevalência da geração de Classificações Hierárquicas Descendentes (CHD) e Árvores Máximas de Similitude (AMS).

A maior aplicação dos softwares se dá em corpus formados por dados extraídos de redes sociais midiáticas, como o X (antigo Twitter) e o Facebook, tanto a partir de postagens (como notícias em páginas de veículos jornalísticos) quanto comentários. Há, ainda, a análise de cobertura jornalística a partir de textos extraídos dos próprios veículos (dois trabalhos) e realização de estados da arte (dois trabalhos). Outro caso específico que emergiu deste corpus foi uma intersecção

entre as áreas da Comunicação e da Saúde, a partir da análise de conteúdo de entrevistas semi estruturadas. Na pesquisa, o objetivo foi identificar a percepção sobre a Enfermagem em séries que retratam a profissão.

Já o corpus da utilização do Gephi é mais amplo (14 trabalhos em comparação com dez do Iramuteq), mas, da mesma forma, tem destaque o uso do software na relação com dados provenientes de redes sociais midiáticas, principalmente o X (antigo Twitter) e Facebook. Neste sentido, há uma particularidade: os trabalhos da pesquisadora Raquel Recuero, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), apareceram como destaque em três ocorrências (livro, capítulo de livro e artigo). Recuero (2014) é referência na área, tendo desenvolvido, ao longo das últimas décadas, metodologias específicas para analisar, entre outros aspectos, conexões entre perfis de usuários. A autora tem desenvolvido a Análise de Redes Sociais (ARS) em distintas obras e inspirado pesquisadores e pesquisadoras no Brasil e no exterior.

Há, portanto, diferenças entre pesquisas que usam especificamente a ARS e outros que coletam dados textuais de redes sociais midiáticas, sites, blogs, repositórios de pesquisa, entre outros, para realizar outros tipos de análises. Além dos trabalhos da própria autora, mais três usam da ARS. Além disso, é necessário pontuar que os trabalhos assinados por Recuero (2017 e 2018) e Recuero, Bastos e Zago (2015) são metodológicos, ou seja, exploram maneiras de se fazer

pesquisas em redes sociais em que o *Gephi* é uma das possibilidades de aplicação para geração de gráficos visuais.

Além destes seis, há mais cinco trabalhos que usam da extração de dados em plataformas como o Facebook e o X (antigo Twitter) para analisar interações entre usuários e páginas, hashtags, repercussão de novelas e as conexões de veículos jornalísticos em redes sociais midiáticas. Há, ainda, um trabalho que usa da cartografia como metodologia na inter-relação com a visualização de dados por meio do Gephi para compreender as redes sociais. Dos 14 trabalhos elencados neste estado da arte, dois não puderam ser classificados em virtude de conseguir acessar somente o resumo, em que não havia informações específicas sobre o uso dado ao *Gephi* no trabalho.

Outro aspecto a ser pontuado é que grande parte das pesquisas que usam tanto do Gephi quanto do Iramuteq como procedimentos metodológicos para criação de gráficos para análise de dados visuais também utiliza outros softwares em uma combinação de técnicas e ferramentas. Exemplos são as APIs das plataformas e o Netvizz⁷ para extração de dados, as linguagens Python e R para o processamento e o Tableau para visualização.

No entanto, em nenhum dos trabalhos analisados o *Gephi* e o *Iramuteq* aparecem juntos, ou seja, isto evoca que este movimento de discussão metodológica que fazemos aqui é

⁷ Permite extrair dados do Facebook.

necessário. Ainda, entendemos que essa articulação se constitui numa importante possibilidade de ampliar a discussão sobre o uso de *softwares* no campo da Comunicação. Como dito, por questões de espaço, vamos nos centrar, neste artigo, em explorar as potencialidades do uso do Iramuteq e a constituição de nuvens de palavras.

Nossas pesquisas

A partir desse levantamento, observamos que, mesmo promissores, ainda são incipientes os estudos na área. Assim, nos propomos a explorar e detalhar a utilização do IRaMuTeQ e da nuvem de palavras em investigações desenvolvidas nos últimos seis anos no âmbito do Cimid. Em dissertação de mestrado, Romero (2021) discute a composição de um circuito comunicacional (Braga, 2017) em torno das três primeiras reportagens da série Vaza Jato do The Intercept Brasil. Seu interesse estava em compreender como os sentidos circularam em diferentes plataformas (Van Dijck, Poell e De Waal, 2018), evidenciando as aproximações e distanciamentos entre o que se comentava no site, na fanpage e no canal do Youtube da agência de notícias. Seu percurso metodológico se amparou na coleta, tratamento e análise quantitativa dos vocábulos utilizados nos comentários das reportagens, para posteriormente, recontextualizar nos textos coletados.

Em monografia, Gonçalez (2020) analisa a transformação dos sentidos em torno da reportagem "Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência" na página do

Fantástico no Facebook a partir da composição de nuvens de palavras dos vocábulos dos comentários nas postagens. Na investigação, ele mapeia as mudanças de sentidos ao longo do tempo a partir do desdobramento da reportagem, marcando que no início havia elogios à sensibilidade da equipe de reportagem para a questão, até os xingamentos ao veículo e ao médico Drauzio Varella.

Diante da constatação do descaso do governo federal em relação à gestão e aos cuidados orientados pelas autoridades da saúde e da ciência durante a pandemia. Medeiros. Romero e Borelli (2021) analisam os discursos presidenciais realizados durante o primeiro momento da pandemia, de marco de 2020 a maio de 2021. Foram analisados um total de 18 pronunciamentos que tinham relação com o tema da pandemia e que foram publicados no site do Governo Federal. A partir do software Iramuteg, foram geradas nuvens de palavras e árvores de similitude. Como refletido posteriormente por Borelli (2023), neste caso específico a análise dos discursos oficiais foi fundamental para extração de pistas de que o governo federal mudava de postura e de opinião em função dos públicos aos quais se dirigia. Assim, foi necessário ter informações sobre o contexto e a cobertura midiática para que fosse possível fazer inferências sobre o que o governo falava acerca da pandemia. Mais uma vez, o retorno aos textos e aos contextos de geração de dados foi fundamental para a problematização da investigação (Borelli, 2023).

Frigo, Romero e Borelli (2021) fizeram uma análise da circulação de sentidos no grupo do Facebook "Mulheres unidas pela Democracia Santa Maria-RS", que fez parte do movimento #Elenão, no contexto das eleições presidenciais de 2018. A partir da problemática das sociedades em midiatização (Verón, 2004), também foram feitos dois movimentos metodológicos: primeiro, o software *Iramuteq* foi utilizado com o objetivo de recolher dados para que depois pudesse ser feita uma análise mais aprofundada do que era dito pelas participantes do grupo através da sociossemiótica, por meio da perspectiva veroniana.

Os mesmos autores apresentaram no 31º Encontro Anual da Compós, em 2022, e publicaram em 2024, uma investigação sobre a circulação de sentidos em torno do circuito comunicacional constituído por meio da publicação de textos noticiosos sobre marcos temporais de mortes por covid-19 no Brasil (50, 100, 200, 300, 400 e 500 mil mortos, entre 2020 e 2021) ao identificar que havia uma intensificação de matérias produzidas naguelas datas (Borelli, Frigo e Romero, 2024). A reflexão foi inspirada no aporte teórico trabalhado por Braga (2017) acerca da circulação, compreendida como fluxo adiante e também de que há determinados pontos nodais que merecem ser investigados. Assim, a análise dos 109 textos recolhidos foi feita a partir da integração das análises de similitude (Degenne & Vergès, 1973) com a classificação hierárquica descendente (CHD) (Reinert, 1993) sobre os títulos e textos, realizadas com auxílio do software livre francês de análise lexicométrica Iramuteq. Foram gerados grafos de árvore máxima (Degenne & Vergès, 1973) a partir da centralidade de intermediação dos vocábulos (Brandes, 2001; Newman & Girvan, 2004).

A nuvem de palavras foi utilizada por Souza, Borelli, Romero e Frigo (2023) ao analisar reportagens do portal de notícias UOL que tematizam a violência política de gênero e que envolviam Manuela d'Ávila, candidata à prefeitura de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, durante o segundo turno das eleições municipais de 2020. Neste estudo, foi feita uma integração metodológica entre dados quantitativos, através da utilização do *Iramuteq*, e uma abordagem qualitativa, através da análise dos sentidos que circularam também no âmbito dos comentários.

Em 2023, foram realizadas, pelo menos, cinco pesquisas e publicadas em revistas científicas ou apresentadas em eventos científicos da área. Borelli (2023) refletiu sobre os sentidos produzidos por reportagens do portal G1 que trataram de checagens (fato ou fake) durante o ano de 2020 e que diziam respeito à pandemia. Das 10 reportagens checadas mais acessadas, 9 eram sobre a pandemia e tinham algumas características em comum: os títulos possuíam as palavras "mensagem" ou "texto". Após tratamento dos textos, eles foram rodados no Iramuteq e geradas nuvem de palavra e árvore máxima, que apontaram as palavras "coronavírus" e "mensagem" com as maiores incidências. Os grafos mostraram, ainda, a centralidade do termo "mensagem", que liga-se a "falso", a "fake" e a

"circular". Além disso, estes termos estão conectados a outra ramificação que remete à "rede social". Os dados mostraram que as matérias checadas por G1 enfatizavam o fato de se tratarem de informações falsas e que sua disseminação ocorria por grupos e redes sociais digitais.

No artigo 'A construção da visão sobre Bolsonaro na pandemia: circulação de sentidos acerca dos depoimentos de familiares de vítimas da Covid-19', publicado nos anais do 46° Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (2023), Milene Aparecida Eichelberger, Samara Wobeto e Viviane Borelli utilizam o *Iramuteq* e o *Gephi* para gerar nuvens de palavras e campos de similitude. O artigo analisou comentários de três matérias do portal de notícias G1, publicadas durante a CPI da Pandemia, em outubro de 2021. O objetivo foi investigar como o ex-presidente Jair Bolsonaro foi mencionado nos comentários e as relações estabelecidas entre a figura do ex-presidente e a má condução da pandemia.

No trabalho 'Plataformas, jornalismo e a regulamentação das redes: a reação do Telegram contra o PL das Fake News', publicado nos anais do XVI Simpósio Nacional da ABCiber, as mesmas autoras utilizam o *Iramuteq* para a geração de nuvens de palavras. O estudo forneceu uma primeira análise da forma como portais de notícia retrataram a reação do aplicativo de mensagens Telegram acerca do PL 2630, chamado de PL das Fake News, em maio de 2023. Na época, o aplicativo disparou uma mensagem a todos os usuários acusando o governo de censura.

Ao pesquisar as relações entre o jornalismo esportivo e gênero, Thais Immig (2023) investigou, como parte da monografia de conclusão de curso, a cobertura do Escândalo de Berna, caso de estupro praticado pelo então jogador de futebol Cuca, na Suíça, em 1987. Em 2023 o episódio voltou ao debate por conta de protestos da ala feminina da torcida do Corinthians quando o treinador assumiu o time. A pesquisa investigou as diferenças entre a cobertura de 1987 e 2023, e usou o Iramuteq para a geração de nuvens de palavras e classificação hierárquica descendente (CHD), a fim de entender qual o tom da cobertura.

Como parte integrante da atividade de iniciação científica, foi desenvolvida uma análise da circulação de notícias sobre o "Caso Larissa Manoela" e apresentado na 38ª Jornada Acadêmica Integrada da UFSM e no XVI Simpósio Nacional da ABCIBER. Nas reflexões, Mariana Rodrigues, Samara Wobeto e Viviane Borelli utilizaram os softwares *Iramuteq* e *Gephi* para gerar gráficos como a nuvem de palavras e a árvore máxima. O objetivo foi analisar os sentidos criados pelas notícias que circularam nas mídias digitais sobre o desentendimento da atriz Larissa Manoela com os pais, a partir da primeira entrevista da atriz ao Fantástico. Os softwares permitiram classificar o corpus de 34 matérias em eixos temáticos, em que a maior frequência das palavras "Larissa_Manoela" e "pai_s", indicaram os protagonistas do acontecimento.

Por fim, mencionamos Wobeto, Borelli e Romero (2023) que fizeram uma análise da cobertura qualitativa e quan-

titativa da temática da acessibilidade e das pessoas com deficiência pelo portal G1. No artigo, os movimentos metodológicos utilizados incluíram o uso do software Iramuteq para a visualização dos dados textuais de 192 produtos jornalísticos. Com os gráficos gerados, foi possível encontrar cinco categorizações da cobertura.

Como apontado, tais pesquisas têm sido realizadas a partir da proposição de que é necessário refletirmos sobre possibilidades e potencialidades na utilização de softwares para coleta e tratamento de dados. Além disso, se constitui num desafio a experimentação de metodologias que visem o tensionamento entre olhares qualitativos e quantitativos na pesquisa em Comunicação.

Algumas considerações

Além das pesquisas citadas, há outras em desenvolvimento por integrantes do Grupo de Pesquisa, tanto por parte de pós-graduandos quanto de estudantes de iniciação científica. É importante pontuar que os trabalhos abordam temáticas diversas e partem de usos diversos das análises quantitativas, contudo o cuidado de recontextualização dos vocábulos se faz importante com recurso metodológico.

Cabe destacar, ainda, que as pesquisas realizadas no Cimid têm potencialidades ainda a serem melhor desenvolvidas, visto que os trabalhos elencados no estado da arte deste artigo em nenhum momento integram o uso do *Iramuteq* e do *Gephi*. Juntas, estas ferramentas são potenciais para o trata-

mento, processamento e criação de gráficos para a visualização de dados, a exemplo do que foi feito por Romero (2021).

Temos sido criteriosos também em relação ao tratamento de dados. Consideramos que é essencial que, depois de colhidos, eles sejam organizados, tratados e padronizados para que possam ser processados pelos *softwares*. Isto denota um rigor metodológico para garantir maior acuidade na análise. Também é importante mencionar que devemos pensar sobre os dados que coletamos para nossas pesquisas.

Gindin e Busso (2018) refletem sobre essa necessidade quando pensam a validade dos dados, já que, principalmente em redes sociais midiáticas, quem determina a coleta é o algoritmo - ou seja, não é possível coletar tudo - e os dados quase sempre são referentes ao passado. Esta reflexão não será aprofundada aqui, mas é também a partir deste entendimento que embasamos nossas pesquisas e reflexões com o uso de softwares para o processamento de dados e geração de gráficos visuais. Acreditamos que este movimento é importante para o desenvolvimento dos aspectos quantitativos e qualitativos inter-relacionados, mas este percurso deve ser pautado por um rigor metodológico.

Destacamos ainda, a necessidade de reflexões continuadas sobre as experimentações que têm sido feitas para que possamos elencar contribuições, desafios e também percalços nas processualidades das investigações. Ao detalharmos como são feitas as pesquisas, suas potencialidades e limitações, conseguimos avançar no desenvolvimento dos próximos estudos. Importante, ainda, mencionar que tais pesquisas têm contribuído para a formação de jovens pesquisadores por meio da iniciação científica e também através do diálogo entre pós-graduandos e graduandos em debates para trocas de conhecimento e, sobretudo, na realização de investigações conjuntas.

Referências

BARRICHELLO, Eugenia. **A autoria na elaboração de uma tese.** In: MOURA, Cláudia P.; LOPES, Maria Immacolatta (Orgs.). Pesquisa em Comunicação - Metodologias e Práticas Acadêmicas. EdiPUCRS, 2016, p. 129 - 152.

BORELLI, Viviane. A problematização teórica-metodológica nas pesquisas de circulação e plataforma. In: FERREIRA, Jairo; SILVEIRA, A.M.C.M. (Org.); BORELLI, Viviane (Org.); DALMOLIN, Aline (Org.); Rosa, Ana Paula (Org.); Löfgren, Isabel (Org.). IA, algoritmos e plataformas: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização (no prelo). 1. ed. SANTA MARIA: FACOS, 2023. v. 1. 340p.

BORELLI, V., FRIGO, D., & ROMERO, L. M. (2024). **Circulação de sentidos em textos noticiosos sobre mortes pela pandemia no Brasil.** *MATRIZ*es, *18*(1), 239-263. https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p239-263

BRAGA, J.L. et al. **Matrizes interacionais:** a comunicação constrói a sociedade [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, 449 p.

BRANDES, Ulrik. A faster algorithm for betweenness centrality. The Journal of Mathematical Sociology, v. 25, n. 2, p. 163-177, 2001

DEGENNE, A. e VERGÈS, P. Introduction à l'analyse de similitude. Revue Française de Sociologie, v. 14, n. 4, p. 471, Out 1973. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3320247?origin=crossref>. Acesso em: 24 maio 2020.

EICHELBERGER, Milene Aparecida; BORELLI, Viviane; WOBETO, Samara. A construção da visão sobre Bolsonaro na pandemia: circulação de sentidos acerca dos depoimentos de familiares de vítimas da Covid-19. *In:* CONGRES-SO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46, 2023, Belo Horizonte. **Anais.** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, 2023, p. 1869 - 1897. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/

link_aceite/nacional/11/0816202321483864dd6e662ed2a.pdf

EICHELBERGER, Milene Aparecida; BORELLI, Viviane; WOBETO, Samara. Plataformas, jornalismo e a regulamentação das redes: a reação do Telegram contra o PL das Fake News. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, XVI, 2023, Santa Maria. **Anais.** Santa Maria: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2023. Disponível em: https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber16/paper/view/2243/1062

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Bookman, 2009, 3ª edição.

FRIGO, D.; BORELLI, V; ROMERO, L. M. #EleNão e eleições brasileiras de 2018: a circulação de sentidos em grupos de mulheres no Facebook. RE-VISTA LATINOAMERICANA COMUNICACIÓN CHASQUI., v.148, p.89 - 106, 2021.

GENDLER, Martín Ariel. **Mapeando la dataficación digital y algorítmica** - Genealogía, estado de situación y nuevos desafíos. In: InMediaciones de la Comunicación, vol. 16, n. 2, 2021, p. 17 - 34.

GINDIN, Irene Lis; BUSSO, Mariana Patricia. Investigaciones en comunicación en tiempos de big data: sobre metodologías y temporalidades en el abordaje de redes sociales. In: adComunica - Revista de Estrategias, Tendencias e Innovación en Comunicación, n. 15, 2018, p. 25 - 43.

GONÇALEZ, Pablo Furlanetto. A circulação da reportagem "Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência": deslocamentos de sentidos na página do Fantástico no Facebook. Monografia (Graduação). Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2020, 100 p.

IMMIG, Thais Eduarda. **Pautado por Elas:** um estudo de caso sobre a cobertura de futebol feminino em GZH. Monografia. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2023.

HEPP, Andreas; COULDRY, Nick. A construção mediada da realidade. Tradução: Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2020.

HEPP, Andreas. Deep Mediatization. Milton Park: Rutledge, 2020.

MEDEIROS, J; ROMERO, L.; BORELLI, V. **Experimentação no jornalismo:** análise lexical de discursos presidenciais. In: Anais do 44° Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2021, Recife. Anais... São Paulo, 2021. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij01/jessica-missias-medeiros.pdf. Acesso em: 6 mar. 2022.

NEWMAN, M. E. J.; GIRVAN, M.. Finding and evaluating community structure in networks. Physical Review e, [S.L.], v. 69, n. 2, p. 69-74, 26 fev. 2004. Mensal. American Physical Society (APS). DOI: http://dx.doi.org/10.1103/physreve.69.026113.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização.** In: Revista Fronteiras - estudos midiáticos, vol. 22, n. 1, 2020, p. 2 - 10.

RECUERO, Raquel. **Estudando discursos em mídia social:** uma proposta metodológica. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (Orgs.). Estudando cultura e comunicação com mídias sociais. Editora IBPAD: Brasília, 2018, p. 13 -30.

RECUERO, Raquel. Introdução à análise de redes sociais. EDUFBA: Bahia, 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Editora Sulina: Porto Alegre, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social.** Porto Alegre: Sulina, 2015. 182 p.

REINERT, M. (1993). Les "Mondes lexicaux" et leur "logique" à travers de l'analyse statistique d'un corpus de récits de cauchemars. Langage et société, 66(1), 5-39. https://www.persee.fr/doc/lsoc_0181-4095_1993_num_66_1_2632

ROCHA, María Elena Meneses. **Grandes datos, grandes desafíos para las ciencias sociales.** In: Revista Mexicana de Sociologia, n. 2, 2018, p. 415 - 444.

RODRIGUES, Mariana; BORELLI, Viviane; WOBETO, Samara. **Caso Larissa Manoela**: uma Análise da Circulação de Notícias. ABCiber, 12 dez. 2023. Disponível em: https://abciber.org.br/simposios/index.php/abciber/abciber16/paper/view/2253. Acesso em: 24 maio 2024.

ROMERO, L. M. **Série Vaza Jato:** Análise do circuito comunicacional formado em torno das três primeiras reportagens. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

ROMERO, Luan; BORELLI, Viviane. **Articulação entre métricas e dados textuais como experimentação metodológica para estudos em circulação.** São Paulo: Compós, 2021.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq.** Planaltina: [s.e.], 2017.

SOUZA, C.; BORELLI, V.; ROMERO, L. M.; FRIGO, D. Violência Política de Gênero: A Circulação de Sentidos em Episódios Comunicacionais das Eleições de 2020. REVISTA COMUNICANDO., v.12, p.1 - 21, 2023.

SUED, Gabriela Elisa. Repertorio de técnicas digitales para la investigación con contenidos generados en redes sociodigitales. In: Paakat - Revista de tecnología y sociedad, ano 10, n. 19, 2021, p. 1 - 22.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **Platform society:** public values in a connective world. Nova York: Oxford University Press, 2018.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um Tecido**. São Leopoldo: Unisinos. 286 p. 2004.

WOBETO, S.; BORELLI, V.; ROMERO, L. M. Acessibilidade e pessoas com deficiência:. **Dispositiva**, v. 12, n. 22, p. 232-249, 18 dez. 2023.



SOFTWARES DE ANÁLISE LINGUÍSTICA COMO COMPLEMENTARES À ANÁLISE DO DISCURSO: EXPERIÊNCIA COM FERRAMENTAS GRATUITAS

Cristiano Magrini Rodrigues Rejane de Oliveira Pozobon

As pesquisas no campo da Comunicação são comumente distinguidas entre quantitativas e qualitativas. Quando se fala em métodos digitais, a tendência é de se pensar na primeira abordagem, dado que as técnicas utilizadas se baseiam em fórmulas matemáticas para a extração e trabalho dos dados (Omena, 2019). Esta é uma percepção difusa. Observando com um pouco mais de atenção às características dos métodos digitais, percebe-se que o mais adequado é tomá-los como híbrido.

Omena (2019, p. 6, grifo da autora) explica que "os métodos digitais nos convidam a observar, considerar e redirecionar os mecanismos inerentes às plataformas web e seus objetos *nativo* digitais para investigação social", e complementa definindo-os como "uma prática de pesquisa *quanti-qualitativa* que re-imagina a natureza, os mecanismos e os dados nativos às plataformas web e motores de busca para estudar a sociedade". Trata-se de pensar *com* e *através*

dos dispositivos digitais, sob um processo de trabalho que ainda guarda aspectos que remetem ao tratamento manual dos dados, por exemplo, desde o monitoramento e verificação dos dados. Para além, à luz de Richard Rogers, Omena (2019) destaca que também é necessário identificar procedimentos teóricos que não correspondem a esses métodos, mas que podem ser confundidos com eles, como a aplicação de métodos já existentes ou a simples migração de um instrumento das Ciências Sociais para o ambiente on-line, tais como os questionários enviados por e-mail, grupos on-line de discussões em plataformas de redes sociais, crowdsourcing, análises estatísticas justapostas às observações etnográficas ou demais métodos encontrados já prontos.

Este texto apresenta o processo de elaboração de uma metodologia construída justamente sob a ideia que conceitualiza os métodos digitais, formatada para a tese de doutorado "Campo jornalístico na pós-verdade: estratégias argumentativas de um jornalismo político desafiado pela desinformação", defendida em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Rodrigues, 2023). A tese discute as estratégias discursivo-argumentativas do jornalismo a partir da investigação de 389 editoriais publicados entre 2019 e 2022 sobretudo a partir da Análise Discursiva Argumentativa dos textos. Por derivar da Análise do Discurso, a Análise Discursiva Argumentativa se debruça minuciosamente sobre os textos e, portanto, sua aplicação é inviável para um corpus tão extenso

dentro do cronograma de um curso de doutorado. A combinação da análise discursiva com a Linguística de *Corpus* é o que torna possível expandir as inferências da AD tradicional a um conjunto mais volumoso de textos. Nem a análise discursiva nem as inferências possibilitadas por ela a partir da aplicação dessa metodologia que vincula métodos tradicionais e análises linguísticas por computador serão tratadas aqui. Também ficam de fora alguns detalhamentos que mesmo se relacionando à apresentação das próximas páginas, tornariam o capítulo demasiadamente longo.

Este recorte síntese do texto final da tese, apresenta a operacionalização para o processamento das quase quatro centenas de editoriais analisados na pesquisa final, sobretudo, acerca de como esse *corpus* foi tratado para que fosse viável o seu manejo. Atenta-se para o fato de ser um pacote metodológico acessível e integralmente gratuito, condição que visa atender às necessidades de pesquisadores que – assim como eu à época – não contam com muito mais que uma bolsa – isso, quando contemplados – nem têm condições de comprar/ assinar ou contar com acesso viabilizado pelas instituições às quais estão vinculados de *softwares* mais robustos, completos e intuitivos.

Na primeira parte, são apresentadas noções que consolidam o uso de softwares de Linguística de Corpus como ferramentas cada vez mais úteis na seara da análise discursiva. O segundo momento, mais descritivo, indica formas de se operacionalizar um corpus de modo que este possa ser

efetivamente trabalhado de modo a contribuir com o trabalho empírico da Análise do Discurso.

Softwares de análise linguística aplicados às análises discursivas

A adoção de técnicas baseadas no uso de máquinas para a análise do discurso francesa não é novidade. Há registros de métodos desde a década de 1960 para medir o impacto social das palavras no discurso (Käsper, Maurer, 2020; Lindgren, 2016)¹. Possibilidades mais complexas de trabalho a partir de procedimentos de lematização e de categorização, no entanto, só foram possíveis a partir da década de 1980 com o aumento da capacidade de processamento das máquinas. Já na contemporaneidade, a inteligência artificial permite robustas análises lexicais a partir de estatísticas trabalhadas por computador.

As informações que os *softwares* permitem obter incluem correlações e co-ocorrências formadas pelo conjunto lexical fornecido a partir dos textos. Conforme Nichols et al. (2021), com o uso dos programas adequados, pode-se aceder a grafos e métricas de modularidade — esta, conjunto de cálculos das posições dos nós e suas conexões que, entre outros *outputs*, permite a criação de *clusters* — e métricas de intermediação — que fornecem o índice de centralidade de um nó em uma rede.

¹Bancos de dados analógicos, no entanto, já vinham sendo experimentados desde os anos 1920 (Sardinha, 2000).

Um exemplo é o Connected Comcept Analysis (CCA). Lindgren (2016) explica que se trata de um método baseado em codificação comparativa constante que, a partir da construção de conceitos e de análise de rede, permite conectar palavras ou frases. Como resultado, obtém-se, por exemplo, gráficos de redes dos principais conceitos interligados ao conjunto de textos analisados, condição que serve de amparo para a análise do discurso.

Com base nessa percepção e nos usos que vêm sendo referendados em diversas pesquisas como a de Nichols et al. (2021), acredito que a CCA seja uma técnica válida para ser explorada no contexto da proposta aqui apresentada. O procedimento tem, na sua concepção, o objetivo de permitir a execução de análises qualitativas do discurso frente à massiva produção de informações nesta que se convencionou chamar de "era do big data". Vincula-se à Análise de Redes e é uma técnica que visa suprir as necessidades de observação de crescentes produções textuais, cada vez mais extensas, nas redes sociais digitais e fóruns na internet. Entre as possibilidades, está a de se avançar nas análises sobre quantidades cada vez maiores de texto sem a necessidade de selecionar apenas uma amostra e excluir grande quantidade de informações (Lindgren, 2016).

Assim, diante da pronta disponibilidade on-line de conjuntos de dados complexos, baseados em texto e em grande escala, há uma necessidade inevitável de chegar a um acordo com a divisão quanti-qualitativa na análise de texto. O caráter em rede dos meios de

comunicação online socialmente demarcado exige que as sensibilidades semióticas e semânticas sejam combinadas com a análise de rede (Lindgren, 2016, p. 343, tradução nossa)².

O pesquisador caracteriza como óbvias as vantagens de se poder "destilar" grande parte de texto em pouco tempo (o que poderia levar até mesmo meses de trabalho em tempo integral caso fosse demandado apenas esforço humano). Ele afirma que também se trata de uma questão de análise o ato de não proceder a leitura de todo o material, uma vez que tal procedimento pode dispersar o verdadeiro foco da pesquisa. Essa ação é a chamada "distant reading" (leitura à distância, em tradução livre), contraposta à técnica de "close reading" (leitura atenta), tão comum às análises discursivas:

O problema com a leitura atenta [...] é que ela necessariamente depende de um cânone extremamente pequeno [...] [Você] investe tanto em textos individuais apenas se pensa que muito poucos deles realmente importam. Caso contrário, não faz sentido [...] [O] que realmente precisamos é de um pequeno pacto com o diabo: sabemos ler textos, agora vamos aprender a não os ler. Leitura à distância: onde a distância [...] é uma condição do conhecimento: permite focar em unidades muito menores ou muito maiores que o texto: dispositivos, temas, tropos — ou gêneros e sistemas. E

² No original, em inglês: "So, in the face of the ready availability online of complex, text-based, largescale datasets, there is an inescapable need of coming to terms with the qualitative-quantitative divide in text analysis. The socially networked character of online communication media demands that semiotic and semantic sensibilities are brought together with network analysis".

se, entre o muito pequeno e o muito grande, o próprio texto desaparece, bem, é um daqueles casos em que se pode dizer com razão, menos é mais. Se queremos entender o sistema em sua totalidade, devemos aceitar perder algo. Sempre pagamos um preço pelo conhecimento teórico: a realidade é infinitamente rica; os conceitos são abstratos, são pobres. Mas é justamente essa "pobreza" que torna possível lidar com eles, e, portanto, saber (Moretti, 2013, p. 48-49 apud Lindgren, 2016, p. 344, tradução nossa)³.

A tese supracitada constatou que a análise discursiva de um excerto de textos sobre um determinado tema possibilita que as considerações daí obtidas sejam elevadas a uma escala maior sem que seja necessária a dissecação da AD em todo o *corpus*. E é justamente essa a proposta da CCA: um tipo híbrido de leitura que se estabelece em alternância entre redução quantitativa e validação qualitativa. Nas palavras de

³ No original, em inglês: "The trouble with close reading [...] is that it necessarily depends on an extremely small canon [...] [Y]ou invest so much in individual texts only if you think that very few of them really matter. Otherwise, it doesn't make sense [...] [W]hat we really need is a little pact with the devil: we know how to read texts, now let's learn how not to read them. Distant reading: where distance [...] is a condition of knowledge: it allows you to focus on units that are much smaller or much larger than the text: devices, themes, tropes – or genres and systems. And if, between the very small and the very large, the text itself disappears, well, it is one of those cases when one can justifiably say, Less is more. If we want to understand the system in its entirety, we must accept losing something. We always pay a price for theoretical knowledge: reality is infinitely rich; concepts are abstract, are poor. But it's precisely this "poverty" that makes it possible to handle them, and therefore to know".

Lindgren (2016, p. 344, tradução nossa) ⁴, isso mantém uma "sensibilidade qualitativa" ao mesmo tempo que ousa em "diminuir o *zoom*" para olhar todo o conjunto de dados, "refinando e validando conceitos codificados qualitativamente por meio de medidas quantitativas".

Lindgren (2016) também destaca que se trata de um procedimento que usa tanto de uma sensibilidade para como o significado é construído quanto de um meio para mapear a dinâmica de rede – usando, para isso, aspectos semióticos relacionados ao discurso. Frisa-se que tem ligação com outro método, este chamado Network Text Analysis (NTA), mas que também pode aparecer como Semantic Network Analysis. O pesquisador afirma que a Connected Comcept Analysis e a Network Text Analysis são análises semelhantes, mas que se diferem na forma como os conceitos são identificados e trabalhados no decorrer da pesquisa. Para a NTA, a identificação dos conceitos é feita basicamente de modo automatizado, enquanto a CCA faz uso de codificação qualitativa para identificar temas. Lindgren adverte que conceitos teóricos e filosóficos até podem ser usados na NTA, porém somente na leitura final dos gráficos. No caso da CCA, o aspecto sociocultural – questão bastante cara à Análise do Discurso – é parte integrante do processo de pesquisa. A possibilidade

⁴No original, em inglês (trecho completo): "It alternates between quantitative reduction and qualitative validation throughout the research process in order to maintain a qualitative sensibility while also daring to zoom out and look at the entire dataset, by refining and validating qualitatively coded concepts through quantitative measures".

de se equilibrar os pontos fortes e fracos dos métodos qualitativo e quantitativo tem se mostrado possível e atraente a muitas pesquisas (Brady, Collier, 2006; Ragin, 2000 *apud* Lindgren, 2016).

A Connected Comcept Analysis é um desses métodos. Ela mescla a análise comparativa constante, a teoria do discurso e a análise de texto em rede e cada uma dessas técnicas exerce uma função (Lindgren, 2016): a análise comparativa define categorias (também chamadas de temas ou de conceitos) e orienta a direção do olhar do pesquisador. É um conceito sensibilizador, no sentido explicado por Lindgren (2016, p. 348, tradução nossa)⁵ de que "sua codificação é baseada na identificação de palavras ou formulações que possam orientar o pesquisador ainda mais na análise do texto" e inclui, ainda, a ideia de saturação, "que se refere a como a codificação pode ser terminada antes que tudo tenha sido lido". Isso ajuda o pesquisador a saber até onde deve ir, isto é, até quando novas observações podem adicionar ou não algo novo.

Assim, a Connected Comcept Analysis emerge na busca de uma abordagem que combine a Network Text Analysis ao exercício interpretativo presente em todo o processo de análise do discurso. Lindgren (2016) compartilha da afirmação

⁵ No original, em inglês (trecho completo): "CCA works not with definitive concepts, but with sensitizing concepts. Its coding procedure is based on the identification of such words or formulations that might guide the researcher further into the analysis of the text. Another important notion is that of "saturation" (Glaser and Strauss 1967), which refers to how coding can be terminated before everything has been read".

de Moser et al. (2013), autores que percebem a sedução que a computação de dados exerce sobre os pesquisadores, mas que também classificam ela como ferramenta insuficiente quando se trata de entender o conteúdo dos laços que elas revelam: "a CCA", diz Lindgren (2016, p. 346, tradução nossa)⁶, "visa de fato integrar a análise de rede com a análise interpretativa e aplicar esse pacote metodológico na análise do conteúdo do texto". Já a teoria do discurso atua sobre a percepção de conceitos dominantes que se legitimam e de conceitos que são marginalizados ou apagados. Por fim, a análise de redes expressa a sua utilidade ao "realizar análises de relações discursivas", ou seja, mapeando e analisando pontos nodais, momentos e relações conceituais dentro das formações discursivas (Lindgren, 2016, p. 349, tradução nossa)⁷.

Ainda, os softwares de análise linguística apresentados aqui trabalham sob a perspectiva da Linguística de *Corpus*, sobre a qual cabe destacar que

> ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou varie-

⁶ No original, em inglês (trecho completo): "CCA, on the other hand, aims to actually integrate network analysis with interpretive analysis and to apply this methodological package in the analysis of text content".

⁷ No original, em inglês (trecho completo): "Drawing on such a perspective, network analysis can be of use in order to perform analyses of discursive relations. Various forms of network text analysis can be used to map out and analyze nodal points, moments ("differential positions") and conceptual relations ("chains of equivalency") within discursive formations".

dade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (Sardinha, 2000, p. 325).

Sardinha (2000, p. 350) esclarece que a Linguística de Corpus adota um quadro conceitual que mescla a abordagem empirista e a visão da linguagem enquanto sistema probabilístico. Do empirismo, tem-se a noção de que o conhecimento é originário da experiência: "na linguística, o empirismo significa dar primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral, reunidos sob a forma de um corpus"; a visão probabilística, por sua vez, está baseada na "probabilidade de sistemas linguísticos, dados os contextos em que os falantes os empregam". Portanto, tem-se que "a freguência dos itens linguísticos importa, não ocorre por acaso e nem poderia, uma vez que estamos diante de uma ciência que trabalha com dados de falantes reais", ideia que se soma ao conceito de que os discursos não são inocentes e de que os usos das palavras e das sequências discursivas não são ao acaso8. Conforme Sardinha, verifica-se a variação de conjuntos de tracos linguísticos conforme contextos comunicativos específicos:

O mais importante da diferença entre os traços é o fato de essas diferenças não serem aleatórias. Se o fossem, então o fato das possibilidades estruturais se realizarem com frequências diferentes não seria

⁸ A teoria que torna palavras de um texto em dados para análise. Curso Técnicas para Análise de Textos — Online. Disponível em https://ensino.ibpad.com.br/. Acesso em: 17 jun. 2022.

significativo, isto é, não acrescentaria informação a respeito da própria estrutura. Entretanto, pelo contrário, há um mapeamento regular entre a frequência maior ou menor de um traço e um contexto de ocorrência. Ou, nas palavras de Biber (1988, 1995), há uma correlação entre características linguísticas e situacionais (os contextos de uso) (Sardinha, 2000, p. 351).

Afirmar que a variação não é aleatória pressupõe a existência de uma padronização da linguagem e ela se dá pela recorrência, ou seja, por repetições significativas que derivam em um padrão lexical ou léxico-gramatical (Sardinha, 2000). Estes, por sua vez, apresentam regularidade no idioma. O que o computador faz é tentar identificar esses padrões e regularidades.

Para se saber qual a probabilidade de um traço ou estrutura é necessária, portanto, a observação empírica da frequência do emprego, realizado por diversos usuários, em contextos definidos. Destas considerações, tira-se duas conclusões. A primeira é a importância primordial de um corpus como fonte de informação, pois ele registra a linguagem natural realmente utilizada por falantes e escritores da língua em situações reais. A segunda é a não-trivialidade da investigação de ocorrência de traços linguísticos de várias ordens (lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos, etc), pois é através do conhecimento da frequência atestada que se pode estimar a probabilidade teórica (Sardinha, 2000, p. 352).

Considerando a necessidade de se verificar quais softwares se adequam mais à proposta de um pacote meto-

dológico que fosse acessível e gratuito, buscou-se testar o processamento do corpus em pelo menos quatro programas: Voyant-Tools, AntConc, WORDij e IRaMuTeQ. Além dos resultados que podem ser obtidos diretamente a partir deles, é possível exportar os dados para processamento em programas de análises de redes como NodeXL e Gephi (e algoritmos presentes neles, como OpenOrd e ForceAtlas2). entre outros que possibilitem visualizações mais intuitivas dos dados processados. Exemplos dessas visualizações são apresentados na pesquisa completa e demonstram formas de melhorar a legibilidade dos grafos formados a partir das informações contidas nos textos, tal como a estratégia de espacialização dirigida por força que, em resumo, ajusta a apresentação conforme a presença, a frequência e o fator de relevância que uma determinada palavra tem no texto. Ainda, outro efeito que essa estratégia proporciona é o de equilíbrio: "a densidade visual de nós e arestas se torna uma aproximada, embora segura, representante de estrutura matemática do grafo (Venturini et al., 2019, p. 103). Também facilitam a leitura, tornando-a mais intuitiva, a partir da forma como a imagem se constitui: um grupo de nós podem ser identificados no layout como clusters; os buracos estruturais se apresentam como zonas esparsas, com pouca ou nenhuma presença de nós; nós centrais, os hubs, colocam-se em posições intermediárias; entre as diferentes regiões, percebem-se pontes, as arestas, que ligam os pontos entre si (Venturini et al., 2019).

Coleta do corpus e aplicação dos softwares de análise de linguística de corpus

Nesta seção, apresento como foi realizada a coleta e a preparação dos textos no processo de construção do *corpus* para a tese. Ainda que as inferências obtidas a partir dele não constem aqui, acredito ser válido o exemplo por se tratar de um procedimento que teve efetiva aplicação.

Aluísio e Almeida (2006, p. 157) resgatam em teóricos da Linguística de Corpus quatro características fundamentais para a estruturação de um corpus que possa ser trabalhado sob os métodos digitais. São elas: amostragem e representatividade: tamanho finito: formato eletrônico: e referência padrão. Amostragem e representatividade significam que "um corpus deve ter uma amostragem suficiente da língua ou variedade de língua que se quer analisar para obter-se o máximo de representatividade" delas. Ainda que abrangente, há a necessidade de que seja delimitado, isto é, finito, para que seja possível o seu processamento. A disponibilidade em formato eletrônico também decorre do tamanho que esse corpus, mesmo que finito, apresentará para que seja considerado suficientemente representativo. Isso permite rapidez na pesquisa e na manipulação do que se está observando, bem como permite navegação entre os dados de forma que manualmente seria inviável. Por fim, "existe um entendimento tácito de que um corpus constitui uma referência padrão para a variedade de língua que ele representa, pressupondo que o corpus esteja disponível para outros pesquisadores" (Aluísio; Almeida, 2006, p. 158). Estando claras essas noções, pode-se avançar aos procedimentos técnicos que interessam a este capítulo.

Dado o interesse em me debruçar sobre um corpus robusto que desse conta de responder às questões da tese, estabeleci um recorte temporal bastante amplo considerando que foram estabelecidos como ponto de partida os editoriais de três jornais brasileiros de circulação nacional (Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo) e que cada um desses impressos tem, normalmente, mais de um texto por edição, na referida seção, publicado diariamente. O período fixado foi de 1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022. O primeiro passo para recolher o material foi determinar palavras-chave que pudessem contemplar o assunto a partir de um consenso teórico obtido das discussões bibliográficas realizadas sobre o tema da pesquisa. Assim, adota-se inicialmente a perspectiva de recorte diacrônico defendida por Moura (2009, p. 66). A pesquisadora afirma que essa abordagem permite "o desenho da malha discursiva do tema escolhido", levando ao interdiscurso a partir do "já dito em momentos diferentes". O recorte de tempo diacrônico, diz ela, origina um corpus que deve ser estabelecido a partir de um fio de sentidos central. Na tese, tratava-se do intervalo de tempo ser coincidente com o mandato de Jair Bolsonaro como presidente da República. O processo de busca do fio de sentidos se deu também a partir da definição das palavras-chave. Dois termos serviram de base para a coleta dos textos no universo temporal delimitado: "desinformação" e "fake news".

Um exemplo das explorações realizadas para se chegar ao corpus está no mecanismo de busca avançada do acervo digital do jornal O Estado de S. Paulo, que retornou resultados bastante precisos. Para os outros dois jornais, a busca se deu também na página oficial do veículo, no caso da Folha de S.Paulo e por mecanismo de busca avançada no Google para O Globo, pois o buscador da página do jornal se apresentou ineficiente tanto na definição dos filtros quanto na forma de apresentação dos resultados por não indicar quantos textos foram encontrados (nesta última situação, fez-se uso de comandos de pesquisa para que o motor de busca retornasse os resultados mais precisos possíveis). Para Estadão e Folha, os termos foram pesquisados separadamente, filtrando pela seção de interesse, e os textos duplicados foram considerados apenas uma vez. Para O Globo, o motor de busca do Google permitiu que tanto "desinformação" quanto "fake news" fossem mapeados ao mesmo tempo, bem como ofereceu a possibilidade de filtrar a seção na mesma busca9. Ao todo, a coleta retornou 389 textos do gênero editorial. Dentro da perspectiva teórica, o conjunto de 389 textos se inscreve na Linguística de Corpus (Aluísio; Almeida, 2006; Bauer: Aarts, 2002: Sardinha, 2000). Para a análise discursiva, esse número é inviável de se operacionalizar e, por isso,

⁹ Exemplo de busca avançada: "fake news" OR "desinformação" site:https://oglobo.globo.com/opiniao/

para tal análise foi realizada uma segunda seleção a partir deste material levando em consideração as noções apresentadas em Bauer e Aarts (2002) e que podem ser verificadas diretamente. Cabe destacar que tanto para a delimitação do número de textos a serem analisados discursivamente quanto para outros parâmetros estabelecidos para a linguística de corpus, não há um valor único universal. Faz-se necessária alguma intuição do pesquisador, que precisa estar familiarizado com o tema sobre o qual escreve quando esses textos são processados computacionalmente. Por exemplo, a determinação do tamanho e da frequência mínima de segmentos de texto e do número de formas a serem analisadas para que o IRaMuTeQ apresente resultados mais precisos no momento de definição das classes de palavras no Método de Reinert é algo que precisa ser testado conforme cada corpus.

Apesar das especificidades, o procedimento foi semelhante para os três veículos. Acesso dos editoriais nas páginas dos veículos. Observo que em todos os três, o acesso ao acervo e aos textos são pagos, havendo necessidade de assinatura dos três jornais para obter a íntegra de cada um – as expensas, nesses casos, geralmente ficam por conta do pós-graduando. Para a adequação aos softwares, o texto completo de cada site foi copiado do site e colado em um documento do programa Notepad++ em codificação binária (Unicode) UTF-8 (8-BIT Unicod Transformation Format). Para cada texto, foi criado um arquivo de texto (.txt) único, identifi-

cando o jornal ao qual se refere e a data de publicação ¹⁰. Esse procedimento visa a facilitar a manipulação dos textos pelos programas, excluindo qualquer tipo de formatação e *hiperlinks*, bem como organizar cronologicamente o *corpus* para buscas mais rápidas e acessíveis.

A estratégia de coleta manual se justifica, principalmente, para constituir uma base de dados o mais limpa possível. Há possibilidade de realizar a coleta a partir dos links das publicações, porém, no caso da Folha de S.Paulo, identificou-se uma anomalia nos resultados de busca pois todas as páginas dos editoriais contêm uma chamada para o projeto editorial do jornal com o título "Folha destaca a relevância do jornalismo profissional para combater as notícias falsas". A repetição desses termos, em uma coleta totalmente às cegas, representaria em uma análise inadequada por parte dos programas porque todos os editoriais, mesmo aqueles que não abordam a temática definida, seriam recolhidos. Além disso, a opção por efetuar esse trabalho mais demorado visou também evitar a futura necessidade de conversão de formatos de arquivo para a leitura, bem como para se excluir de antemão outras ocorrências que pudessem vir a sujar o corpus. Isso porque muitos dos textos possuem chamadas para outras matérias entre um parágrafo e outro, com títulos que, tratando ou não

¹⁰ O formato determinado foi Xaaaammdd.txt, de modo que "X" corresponde a letra identificadora do jornal (E = O Estado de S. Paulo; F = Folha de S.Paulo; G = O Globo) e o formato ano-mês-dia permite a apresentação cronológica ordenada no sistema Windows. Por exemplo, o texto de 21 de outubro de 2022 da Folha de S.Paulo fica nomeado como F20221021.txt.

da temática, não fazem parte da publicação em si. Além disso, o salvamento das páginas em formatos diversos ao referido anteriormente (.pdf ou .html, entre outros) frequentemente inclui outras informações que não são de interesse, tais como títulos de listas, legendas de imagens, tags e outras informacões comuns às páginas da web. Essas palavras precisariam ser filtradas posteriormente nas stoplists (listas de palavras que são excluídas do processamento nos programas). Tal forma de montagem do banco de dados ainda permite que ele possa ser rodado nos principais softwares escolhidos para serem usados na análise (softwares gratuitos), bem como possibilita a inclusão dos textos em bancos de dados em outros formatos, específicos para as análises que necessitam ser processadas em .xls (Excel) ou .txt (Notepad++). Assim, a partir do formato .txt os textos podem ser facilmente adaptados para a leitura em diferentes programas de análise da linguística de corpus.

Com o uso do AntConc, um programa gratuito para análise de documentos escritos que se baseia nos conceitos da linguística de *corpus* e que auxilia em pesquisas que recorrem à análise do discurso (Käsper; Maurer, 2020; Gonçalves, 2016), pode-se facilmente organizar e processar grande volume de textos. Nesse programa, a exploração dos textos se deu a partir da base de dados para cada veículo. Na primeira etapa, uma lista de palavras (*stoplist*) foi inserida para cada conjunto de arquivos a fim de realizar uma espécie de limpeza do *corpus*. Essa lista contém as chamadas

stopwords, palavras muito frequentes na maioria dos textos em um determinado idioma, mas com pouco ou nenhum significado para as análises. São, por exemplo, artigos, preposições e conjunções que geralmente são desconsideradas nas atividades de mineração de textos. As listas são editáveis, o que permite partir de uma stoplist genérica para, posteriormente. acrescentar-se outros termos que continuem frequentes, mas que não têm significância relevante. O procedimento seguiu as orientações a partir de Lindgren (2016). Deu-se, assim, a calibragem da stoplist e, em seguida, os textos são novamente processados para que o resultado das saídas (outputs) contenha uma lista de palavras que seja mais relevante para o corpus. Ainda no AntConc, é possível verificar se os textos apresentam as palavras-chave determinadas para a seleção inicial do corpus a partir da ferramenta Concordance Plot, que apresenta a posição da palavra no arquivo e quantas vezes o termo é mencionado. Essa e outras funcionalidades do programa permitem garantir que os textos analisados tratam das temáticas de interesse da análise.

A etapa seguinte de exploração do *corpus* se apropria do *software* WORDij, descrito como um conjunto de programas de ciências de dados que permite processo automatizado de linguagem natural. Nele, é possível trabalhar com publicações de mídias sociais, notícias, entrevistas, discursos, e-mails, sites, grupos focais ou quaisquer outras formas cuja manipulação em formato textual possa ser viabilizada e transformada em redes semânticas. A promessa é de que

a perspectiva de rede possibilita a percepção melhorada da relação entre as palavras nas mensagens em comparação a apenas uma categorização dessas mensagens. Assim, o programa transforma os textos em um conjunto de nós e pares de palavras conectados.

O WORDij executa as suas operações a partir da ideia de redes entre elementos semânticos codificados por processos ou por outras unidades sociais:

As pessoas que encadeiam palavras de maneira semelhante são semelhantes umas às outras em comportamento de fala/ ação. Se duas pessoas falam ou escrevem da mesma forma, por causa dessa semelhança de codificação semântica, elas podem ser semelhantes em outros níveis. Assumimos que a linguagem reflete a percepção e o comportamento. As pessoas que falam mais com as outras tendem a se comportar de forma mais semelhantes umas com as outras, dadas as circunstâncias contextuais semelhantes. Isso provavelmente ocorre porque elas percebem seus ambientes e suas escolhas de comportamento dentro deles de maneira semelhante (WORDij, tradução nossa)¹¹.

¹¹ No original, em inglês: "People who string words together in a similar manner are similar to one another in speech/act behaviors. If two people talk alike or write alike, because of this semantic encoding similarity they may be similar on other levels. We assume that language reflects perception and behavior. The people who talk more like each other are likely to behave more similarity to one another given similar contextual circumstances. This is probably because they perceive their environments and their choices for behavior within them more similarly". WORDij: About. Disponível em: https://www.wordii.net/about.html>. Acesso em: 07 ago. 2022.

Os dados processados no programa são convertidos em diferentes tipos de formato. Os documentos exportados (outputs) permitem a manipulação das informações de diferentes formas em outros softwares e também no próprio WORDij.

Entre as ferramentas que o programa oferece, duas delas se destacam pelo uso na tese: a funcionalidade WordLink, que efetua a leitura dos arquivos em .txt elaborados na etapa anterior e os converte para os formatos necessários para as análises tanto no próprio programa quanto fora dele e a Utilities, que apresenta o recurso Proper Nouns, um identificador de substantivos próprios e das suas conexões com o texto. Especificamente no caso desta última ferramenta, ela é de grande utilidade devido a oportunidade de ajustar termos compostos para que eles sejam lidos como uma única palavra. O funcionamento é semelhante ao processo de lematização, mas mais preciso. Em suma, a Proper Nouns combina um termo a outro e eles passam a ser lidos como uma única palavra. Para isso, bastam comandos simples em um arquivo .txt. Por exemplo, as palavras "jair" e "Bolsonaro" configuram, inicialmente, duas entradas diferentes na lista obtida no AntConc. Sabe-se que, quando juntas, elas se referem a uma só pessoa, o então presidente Jair Bolsonaro. A partir dessa funcionalidade, pode-se agregar os dois termos para que eles apareçam como únicos sempre que estiverem juntos em um texto. Porém, pessoas diferentes podem ter nome ou sobrenome em comum e esse é justamente o caso do presidente Jair Bolsonaro e dos seus filhos, figuras que não somente têm o mesmo sobrenome como também figuram com frequência nas mesmas editorias que o pai, pois são todos políticos. A ferramenta não apenas identifica os substantivos próprios no texto como também oferece sugestões de apresentação dos *outputs*. É mais uma forma de refinar os dados, convertendo diversas palavras em um único termo e permitindo respostas e visualizações mais precisas.

Seguindo o mesmo exemplo recém citado, as formacões "Jair Bolsonaro" e "Bolsonaro" foram identificadas pelo programa com se referindo a uma mesma pessoa. Elas são reapresentadas como "Jair_Bolsonaro". Quando da menção aos seus filhos, o programa permite solicitar que sempre que os termos aparecem um ao lado do outro, como é o caso de "Eduardo Bolsonaro", eles sejam apresentados como "Eduardo_Bolsonaro", distinguindo assim pai e filho. Como resultado, tem-se um refinamento e uma apresentação mais preciso dos nós e arestas que sintetizam o texto. O material trabalhado é exportado com o recurso NodeTric no formato de um arquivo preparado para ser lido como rede semântica e que resulta em grafos com destaque para as palavras e suas ligações no texto. As informações processadas no WORDij são posteriormente, elaboradas graficamente no Gephi de forma que também sejam esteticamente interessantes.

Neste momento, a análise atinge uma fase em que os textos começam a ser representados graficamente. Inicialmente, a definição de rede é bastante ampla e, em resumo, "descreve como as coisas estão conectadas umas às outras", podendo-se afirmar que as redes existem em escalas espaciais e temporais bastante variadas (Netscied, 2015, p. 3)¹². Aqui, interessa a vertente de Análise de Redes, abordagem direcionada ao "apelo metodológico a técnicas matemáticas para medir e representar as conexões" (Venturini et al., 2018, p. 8) possibilitando, a partir da descrição dessas conexões e interações, a afirmação de que elas podem revelar padrões.

O entendimento de que as redes descrevem como as coisas se conectam e interagem parte de um subcampo da matemática nomeado Teoria dos Grafos. A matemática dos grafos tem nomenclaturas específicas que valem ser observadas por quem decidir seguir esse rumo na pesquisa. A observação dos aspectos de uma rede a partir de algumas propriedades podem revelar padrões, ou seja, a forma como os graus se distribuem entre os nós, a força ou a fragueza da rede, as subestruturas e hierarquias delas e a percepção de partes ou conexões que se mostram mais importantes, bem como a distância necessária para ir de um nó a outro da rede se materializam em hubs (grupos de nós com graus muito maiores que os demais) e em cluesters ou comunidades (grupos de nós mais conectados entre si do que poderia indicar uma probabilidade). Para a observação mais contundente, faz-se necessária a conversão das operações matemáticas em elementos gráficos. Daí que o "design criativo da

¹²O texto completo do Netscied foi traduzido por Tarcizio Silva para o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados.

informação exerce um papel importante ao se fazer uma visualização efetiva" porque "a visualização de rede geralmente ajuda a entendê-la e comunicar ideias sobre conectividade de uma maneira intuitiva, não-técnica" (Netscied, 2015, p. 6).

Nas métricas para a análise de redes semânticas, outro termo importante é a *modularidade*:

A modularidade é uma métrica que mensura, basicamente, a tendência de determinados nós se conectarem na rede. Quando observamos os agrupamentos de alguns nós e um certo distanciamento de outros grupos, muito se deve a isso. Nesse aspecto, é possível notar quais grupos possuem uma conexão mais frequente entre si. Essa métrica está voltada para o entendimento da rede em seu conjunto geral¹³.

A última etapa da análise é formulada a partir do auxílio de mais um programa, o IRaMuTeQ, software para análises de conteúdo, lexicometria e análise do discurso. A principal análise do IRaMuTeQ é a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), ferramenta que auxilia na identificação dos temas tratados nos textos. Ela apresenta classes dentro de um conjunto de textos ou segmentos de textos, demonstrando como os termos se agrupam e proporcionando que se chegue, também, aos subtemas abordados. Tal característica do software implica em algumas particularidades. O pesquisador, ao fazer uso do IRaMuTeQ, deve se basear em três níveis de divisão do seu banco de dados, de acordo com a gramática do programa: corpus (todo o material da coleta – neste caso,

¹³ Curso Técnicas para Análise de Textos – Online, (IBPAD, op. cit.).

todos os editoriais coletados); textos (os editoriais selecionados para serem analisados no programa porque compõem a temática observada na tese); e segmentos de textos¹⁴ (unidade básica do programa a partir do fracionamento dos textos para a realização dos cálculos estatísticos). Assim, os textos, após preparados, são inseridos no IRaMuTeQ, que faz um cálculo da extensão de cada um, divide-os conforme o tamanho e as palavras lematizadas e oferece dados dispostos em classes de palavras semelhantes entre si e diferentes das demais (Ramos et al., 2018).

O tamanho do texto influencia na forma como o programa faz os cálculos, sendo que os textos muito pequenos nem sempre permitem que o IRaMuTeQ realize as operações necessárias para a segmentação e a comparação dos trechos. Isso inviabiliza alguns tipos de análises, como a de poucas publicações recolhidas da rede social X (antigo Twitter) ou de corpus com poucos textos. Assim, o funcionamento do programa, pensado para grande volume de informações, é um limitador em algumas pesquisas. A pouca variabilidade de formas existentes em um texto curto dificulta – ou até mesmo impede – que o IRaMuTeQ consiga rodar alguns algoritmos.

Acerca das funcionalidades do programa, decorre da Classificação Hierárquica Descendente a Análise Fatorial de

¹⁴ A divisão de textos em segmentos de textos pelo IRaMuTeQ se dá pela lógica de que o programa foi construído de modo a pequenas partes servirem como facilitadoras para a compreensão do todo. In: Corpus, textos e segmentos de texto. Curso Técnicas para Análise de Textos – Online (IBPAD, op. cit.).

Correspondência (AFC), quando o cruzamento entre o vocabulário e as classes gera uma representação gráfica (Salviati, 2017)¹⁵. "Na AFC é apresentado em um plano cartesiano os diferentes agrupamentos de palavras ou de sujeitos que constituem cada uma das classes propostas na CHD" (Ramos et al., 2018, p. 507).

A construção da base de dados para a análise pelo IRaMuTeQ exige a preparação do material. O tratamento inicial do banco de dados realizado nas etapas anteriores foi útil neste momento, porque o texto ainda deve passar por uma nova "limpeza" ao ser formatado para a leitura deste programa. Por exemplo, há uma série de caracteres que o IRaMuTeQ não lê, como aspas, apóstrofo, cifrão, recuos de parágrafo, margens e tabulações. Ademais, conforme indica Salviati (2017), há outras padronizações de texto necessárias para a melhor leitura dos dados no programa: adequa-se a escrita para a forma de texto corrido, isto é, sem mudança de linha; evita-se o uso de palavras compostas, unindo-as pelo sinal gráfico sublinhado (underline); padronizam-se as siglas e os substantivos próprios para seguirem a mesma grafia, entre outros. Outra situação relevante é que os algoritmos do IRaMuTeQ necessitam de uma codificação específica para que os dados sejam processados adequadamente. O manual disponível na página oficial do programa sugere as codificações de caracteres em UTF-8 ou CP1252 (Salviati, 2017).

¹⁵ Para mais detalhes acerca do vocabulário do IRaMuTeQ, consultar Salviati (2017).

Na pesquisa que serve de referência para este capítulo, após a criação de uma tabela com os identificadores de veículo (jornal), data, texto (o editorial completo) e "ID" (cada texto recebe um número para ser lido como único pelo programa), o corpus foi revisado com o auxílio de uma macro, garantindo a eliminação dos sinais gráficos inadequados. Observo que mesmo assim, nem todos os sinais foram eliminados, pois a tipografia original na página de cada veículo fez com que sinais gráficos como aspas e travessões fossem convertidos em mais de uma forma ao serem transpostos tanto para o Bloco de Notas quanto para o Excel e até mesmo o Notepad++. Por isso, houve necessidade de proceder com uma limpeza manual.

Além do tratamento do texto para a exclusão de caracteres impróprios, é fundamental para o IRaMuTeQ que as células que contenham fórmulas sejam transformadas somente para texto, isto é, que fique apenas o resultado da fórmula usada. Também, é essencial a criação de um cabeçalho. Ele permite a separação dos textos, que se dá por linhas de comandos. A estruturação do corpus pode ser feita em programas como Excel ou LibreOffice Calc, onde as informações consideradas importantes para a análise podem ser inseridas e padronizadas de acordo com as especificidades da pesquisa. O cabeçalho determinará as entradas e as demais informações da base de dados. Invariavelmente, é necessário garantir que as informações estejam formatadas corretamente para a composição do cabeçalho. Ele precisa ter, como mencionado

anteriormente, um identificador único para cada entrada (o ID), além das demais informações que serão lidas pelo IRaMuTeQ. Após a formatação das informações e da elaboração da linha de comando, a etapa seguinte é a criação de uma tabela dinâmica contendo a linha de comando e o texto já preparado. Essa tabela é exportada para o Notepad++ para ser salva em arquivo .txt. Na pesquisa que serve de base para este capítulo, foi criado um arquivo para cada jornal. Devido às informações do cabeçalho, pode-se explorar os textos conforme as datas desejadas, realizando a seleção no próprio IRaMuTeQ, bastando importar o arquivo no programa.

Considerações finais

Antes de mais nada, este capítulo visa indicar um caminho para quem, assim como eu, precisou partir do zero na busca por uma metodologia que suprisse as necessidades da pesquisa. A proposta descrita nas últimas páginas não é a única, a principal e, provavelmente, nem a mais fácil para se atingir os mesmos resultados que obtive. Como mencionei anteriormente, há programas mais intuitivos e melhor estruturados para esse tipo de trabalho. No entanto, trata-se de uma alternativa viável, bastante maleável e funcional para pesquisadores cujos recursos são limitados – situação bastante comum, sobretudo quando as pesquisas são realizadas na área das Ciências Sociais Aplicadas.

Também, é bem possível que outros colegas tenham desenvolvido aplicações menos trabalhosas, porém, não raro

essas etapas do trabalho acadêmico acabam descartadas dos textos finais e dos periódicos científicos porque são demasiadamente descritivas, técnicas e maçantes sob o olhar das bancas ou dos corpos editoriais das revistas. Com a tendência de dissertações e teses cada vez mais enxutas, não há espaço para tantas explicações. No meu percurso acadêmico, esses detalhamentos sempre fizeram falta, seja para entendimento de como determinados resultados apresentados em trabalhos finais ou em artigos foram obtidos, seja para buscar pelas minhas próprias conclusões. Por isso, insisti na permanência descritiva e detalhada dos procedimentos inclusive na versão final e, também por isso, apresento uma versão desse percurso nesta obra.

Considero o caminho metodológico da tese, em parte exposto nesta obra, a melhor contribuição da minha pesquisa de doutorado. O clichê de que a caminhada é mais importante que o destino se faz verdade aqui e, por isso, sinto a necessidade de compartilhar. Percebo esse destrinchar metodológico também como uma forma de transparência e respeito com o leitor. Ainda, creio ser uma necessidade científica, pois pouco encontrei sobre na literatura produzida no Brasil. Se, na pós-graduação, o domínio de outros idiomas é fundamental, na graduação e na iniciação científica, referências em português fazem falta, sobretudo, devido ao vácuo que os ensinos Fundamental e Médio ainda precisam preencher no que diz respeito às línguas estrangeiras.

Por fim, fica o convite para que busquem a pesquisa completa descrita na tese, onde a metodologia apresentada aqui serve como ferramenta complementar de uma análise empírica, mostrando-se um pacote metodológico rico para análises discursivas mais abrangentes e cujos resultados apresentam um retrato de uma temática fundamental à sociedade, que é a desinformação no contexto do jornalismo e da política brasileiros.

Referências

ALUÍSIO, Sandra Maria; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística. **Caleidoscópio**, Vol. 4, n. 3, set/dez, 2006, p. 156-178. Disponível em: < https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6002>. Acesso em:

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: Bauer, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 39-63.

GONÇALVES, Julia de Souza Borba. TUTORIAL ANTCONC – software para a realização de análises qualitativas. **Documentos LANTRI**. Universidade Estadual Paulista, Franca, 2016.

KÄSPER, Marge; MAURER, Liina. Starting Points in French Discourse Analysis Lexicometry to Study Political Tweets. **Digital Humanities in the Nordic & Baltic Countries, University of Tartu**, College of Foreing Languages and Cultures, 9p. 2020.

LINDGREN, Simon. Introducing Connected Concept Analysis: A network approach to big text datasets. **Text&Talk**, v. 36, n. 3, p. 341–362, 2016.

MOSER, Christine; GROENEWEGEN, Peter; HUYSMAN, Marleen. **Extending social network analysis with discourse analysis: Combining relational with interpretive data**. In: ÖZYER, Tansel; ROKNE, Jon; WAGNER, Gerhard; REUSER, Arno H.P. (eds.), The influence of technology on social network analysis and mining, 547–561. Vienna: Springer, 2013.

MOURA, Dione Oliveira. O "sincrônico", o "diacrônico", o acontecimento e a errância de sentimentos de análise do discurso jornalístico. **Comunicação e Informação**, [s.l], v. 12, n. 2, p. 63-73, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/12352>. Acesso em: 3 ago. 2021.

NETSCIED. **Network Literacy**: Essential Concepts and Core Ideas. Brazilian Portuguese version by Tarcizio Silva, 2015. Disponível em: https://sites.google.com/a/binghamton.edu/netscied/teaching-learning/network-concepts?authuser=0>.

NICHOLS, Bruno; KLEINA, Nilton; MARIOTO, Djiovanni J. F.; SAMPAIO, Rafael C. CPI do Circo ou CPI do Fim do Mundo? A guerra de narrativas sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito da COVID-19 no YouTube. **ANAIS 45° Encontro Anual da Ampocs**, 2021. Disponível em: https://biblioteca.so-phia.com.br/terminal/9666/Resultado/Listar?guid=1701747080635>. Acesso em: 15 abr. 2022.

OMENA, Janna Joceli. Introdução. In: OMENA, Janna Joceli. **Métodos Digitais**: Teoria-prática-crítica. Lisboa, Portugal: ICNOVA, 2019, p. 5-15.

RAMOS, Maurivan Güntzel; LIMA, Valderez Marina do Rosário; AMARAL-ROSA, Marcelo Prado. Contribuições do software IRAMUTEQ para a Análise Textual Discursiva. **Atas: CIAIQ2018**, Porto Alegre, Investigação Qualitativa em Educação, 2018, p. 505-514. Disponível em: https://hdl.handle.net/10923/14665>. Acesso em: 3 jun. 2022.

RODRIGUES, Cristiano Magrini. Campo jornalístico na pós-verdade: estratégias argumentativas de um jornalismo político desafiado pela desinformação. 2023. 270f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq** (versão 0.7 Alpha 2 e R 3.2.3). Planaltina, 2017. Disponível em: http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati. Acesso em: 3 jun. 2022.

SARDINHA, Tony Beber. Linguística de Corpus: histórico e problemática. DELTA. Vol. 16, n. 2, 2000, p. 323-367. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=en&nrm=i-so. Acesso em 30 jul. 2022.

VENTURINI, Tommaso; JACOMY, Mathieu; BOUNEGRU, Liliana; GRAY, Jonathan. Exploração visual de redes para jornalistas de dados. In: **Métodos**

Digitais: Teoria-prática-crítica. Lisboa, Portugal: ICNOVA, 2019, p. 99-119.

VENTURINI, Tommaso; MUNK, Anders; JACOMY, Mathieu. Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes? **Galáxia**, São Paulo (on-line), n. 38, mai-ago., 2018, p. 5-27. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/36645>. Acesso em 28 jul. 2022.



EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS EM COMUNICAÇÃO: ENSINO E PRÁTICA DA PESQUISA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Fabio Frá Fernandes Maria Ivete Trevisan Fossá Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello

É comum ouvirmos dos estudantes nos corredores das universidades que as disciplinas relacionadas à metodologia científica são centradas na exposição de modelos pré-estabelecidos para procedimentos e técnicas de pesquisa, além de normas e padrões de formatação e apresentação de trabalhos acadêmicos. Afirmações como essas não apenas são reducionistas, mas também desvalorizam a ciência ao impactar diretamente o conhecimento gerado nas diversas áreas que, por meio de procedimentos, técnicas e rigor científico, oferecem soluções para problemas da sociedade. Não reconhecer a importância da metodologia para a pesquisa significa ir contra o progresso científico e tecnológico.

Contexto esse, que enfatiza a necessidade de repensar a prática de ensinar pesquisa, alinhada à formação de profissionais em diferentes áreas do conhecimento, especialmente no ensino terciário e quaternário. Em um modelo ideal de ensino, os estudantes deveriam ter acesso ao ensino e prática da pesquisa científica, básica ou aplicada, desde o início de sua formação educacional. Infelizmente, essa realidade continua distante para a maioria dos estudantes brasileiros, dificultando sua familiaridade com a pesquisa ao ingressarem na universidade.

O ensino e a prática da metodologia científica precisam ser entendidos como um conjunto de conhecimentos articulados, aplicados a um determinado objeto ou fenômeno, com estratégias planejadas e testadas. Essa abordagem pode ser a primeira explicação para introduzir estudantes do sistema secundário de educação à metodologia. Essa visão é corroborada por Silveira e Barichello (2014), que definem metodologia como uma prática que acessa a complexidade da pesquisa e a possibilidade de atualização contínua do conhecimento, e por Braga (2016), que considera o pensamento metodológico intrínseco às reflexões sobre os processos de produção do conhecimento.

Nas universidades, o ensino e a prática da metodologia precisam estar alinhados às outras disciplinas acadêmicas dos cursos de graduação e pós-graduação. Pois as teorias e fenômenos estudados nessas disciplinas podem guiar e problematizar futuras pesquisas dos estudantes. Na área da comunicação, essa aproximação e alinhamento teórico-epistemológico-metodológico fortalecem o campo, proporcionando variadas possibilidades acadêmicas e profissionais com múltiplos fenômenos para investigação e análise.

No campo da comunicação, suas múltiplas dimensões, segundo os pensamentos de Vera França (2016) e Muniz Sodré (2012), demonstram a riqueza de pesquisas e intervenções, possibilitadas pela proximidade com outras ciências, práticas profissionais, produtos de comunicação e o ecossistema midiático atual. Sodré (2012) destaca a posição reflexiva da comunicação na vida social, enquanto França (2016) ressalta que o objeto da comunicação é construído e definido pelo campo. Assim, a comunicação pode ser configurada como um objeto empírico para leitura da realidade a partir de práticas sociais e profissionais, ou como um objeto de conhecimento que permite analisar fenômenos distintos.

Para o ensino e prática da metodologia científica, esse entendimento sobre o campo, seus fenômenos e possibilidades de objetos de estudo impacta diretamente a concepção da pesquisa. Braga (2016) observa que, ao conduzir pesquisas, estamos envolvidos com a especificidade do objeto e as questões que nós mesmos formulamos a partir de nossas curiosidades.

Ao apresentar o campo da comunicação, suas possibilidades de objetos e a natureza das pesquisas a estudantes de graduação e pós-graduação, a tarefa metodológica se torna mais complexa. Segundo Braga (2016), há uma variedade de problemas, teorias e perspectivas sobre o objeto geral dos estudos de comunicação, além das questões individuais de cada estudante. Compreender os objetos e problemas de investigação é um requisito fundamental para o professor de

metodologia científica, que deve orientar e oferecer suporte metodológico adequado para cada fenômeno e teoria. Portanto, a disciplina de metodologia não deve se limitar a recursos instrucionais e normativos, mas sim funcionar como uma disciplina questionadora, que desafia teorias, métodos e técnicas, além de incentivar o espírito investigativo dos estudantes. Ensinar a prática da pesquisa e torná-la autoral, conforme Barichello (2016), é fundamental.

Ao reconhecer que o ensino e a prática da metodologia científica estão sempre baseados em uma teoria de pesquisa, podemos entender, junto a Fossá (2022), Barichello (2016) e Lopes (2016), que as opções metodológicas devem se referir aos métodos e técnicas usados para construir o raciocínio teórico e lógico, que acompanhará os estudantes em seus estudos. O método, como parte dos estudos de metodologia, se configura como o caminho e as estratégias para alcançar os objetivos propostos e responder à problemática da pesquisa, resultando em descobertas importantes.

O processo de ensino e prática da metodologia científica exige habilidade do professor, tornando o conhecimento dos métodos atraente e coerente com a realidade sociocultural dos estudantes. Isso envolve engajá-los nos exercícios de exploração teórico-metodológica diante das possibilidades de pesquisa em comunicação. Como Fossá (2022) alerta, discutir sobre métodos de pesquisa promove não apenas o desenvolvimento contínuo de estudantes e pesquisadores, mas também permite o avanço da ciência.

Nesse contexto, o presente artigo relata o processo de organização da disciplina de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação para os cursos de graduação em Relações Públicas, Jornalismo, Produção Editorial, Publicidade e Propaganda, além da disciplina de Metodologia da Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria.

Os exercícios aqui apresentados são baseados na experiência docente e de pesquisa de mais de três décadas das professoras Maria Ivete Trevisan Fossá e Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, que, ao longo de suas carreiras, têm ressignificado o sabor do labor científico da investigação para centenas de estudantes que hoje são profissionais de excelência, muitos deles, docentes e pesquisadores de referência nacional e internacional. Complementando esse trabalho, há a atuação do professor Fabio Frá Fernandes, que durante seu doutorado na UFSM atuou como docente-orientado e docente-colaborador nas disciplinas de metodologia na graduação, sob a supervisão de Maria Ivete e Eugenia Maria.

A experiência prática descrita neste artigo tem como base histórica os semestres letivos de 2020, 2021 e 2022, períodos marcados pela pandemia de Covid-19. Naquele momento, não apenas tivemos que ressignificar nossas formas de perceber o mundo, mas também reinventar os modos de ensinar, estudar e pesquisar comunicação, mantendo as rotinas de produção científica da nossa universidade.

Exercícios metodológicos: ressignificar o sabor da pesquisa em comunicação

A disciplina de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação I e II nos cursos de graduação em Comunicação Social (Jornalismo, Relações Públicas, Produção Editorial, Publicidade e Propaganda) e a disciplina de Metodologia da Pesquisa nos cursos de Mestrado e Doutorado em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria são oferecidas na forma de oficinas. Elas proporcionam um ambiente de ensino prático, onde os alunos assumem um papel ativo em seu processo educacional, sendo estimulados a desenvolver um pensamento crítico sob a orientação do professor, visando entender as problemáticas do campo da Comunicação e aplicar teorias e métodos adequados para a integração entre o objeto empírico, as teorias e a prática da pesquisa.

Para além do conteúdo básico dessas disciplinas, cada docente tem autonomia para desenvolver o conteúdo de suas aulas conforme o curso em que leciona. A experiência científica dos autores convidados a participar do quadro de referência, aliada às teorias que promovem um melhor entendimento dos fenômenos sociotécnicos, possibilita a proposição de exercícios metodológicos inovadores que vão além dos modelos prontos de técnicas de pesquisa, proporcionando uma experiência enriquecedora na construção do conhecimento.

Durante os semestres letivos de 2020, 2021 e 2022, diante do isolamento físico imposto pela pandemia da COVID-19, a instituição experimentou o ensino remoto emergencial.

Nosso primeiro desafio, como docentes, foi compreender a realidade socioeconômica, sociocultural e tecnológica dos estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação, para entender os efeitos da pandemia em suas vidas. Em seguida, precisamos adaptar as aulas, atividades, prazos e ambientes midiáticos para viabilizar os encontros remotos, garantindo uma abordagem democrática diante das diferenças do corpo discente. Por fim, houve a necessidade de adequar a bibliografia de referência, buscando alternativas virtuais para superar a limitação de acesso a livros físicos.

Como muitas universidades, a UFSM adotou o Google Meet para os encontros síncronos, realizados conforme o calendário acadêmico. Para as atividades assíncronas, denominadas "exercícios domiciliares", foram utilizadas plataformas como Moodle, WhatsApp e e-mail. As aulas síncronas tinham duração de quatro horas, enquanto as assíncronas eram realizadas em horários flexíveis ao longo da semana, conforme a disponibilidade dos estudantes. Apesar da carga adicional de trabalho trazida pela pandemia, procuramos nos manter acessíveis aos alunos diariamente para fornecer suporte técnico e, às vezes, emocional.

Além desses desafios, buscamos oferecer uma experiência diferenciada aos estudantes no ambiente virtual e midiático do ensino remoto. Tentamos reproduzir virtualmente as interações típicas dos corredores universitários, reservando de 15 a 30 minutos de aula para conversas sobre a vida cotidiana, experiências com o ensino remoto e outras questões

pertinentes para aliviar o distanciamento físico. Também utilizamos expressões acadêmicas tradicionais para reforçar a sensação de continuidade com o ambiente presencial.

Encorajaram os alunos a manter suas rotinas normais, preparar o ambiente de estudo, respeitar os horários, se envolver e se dedicar ao processo de ensino-aprendizagem, fatores cruciais para o sucesso das aulas e atividades de pesquisa. Incentivamos o uso de câmeras e microfones durante as aulas para promover debates, além de utilizar o chat para dúvidas e sugestões. Outras tecnologias midiáticas como o Miro Dashboard, Jamboard Google, Instagram, YouTube, Tik Tok e além, foram apropriadas para qualificar o ensino-aprendizagem, buscando promover acionamentos ágeis no planejamento e execução de suas pesquisas e no cumprimento das atividades propostas nos planos de ensino, nos caso das duas primeiras mídias, bem como para motivar a busca e a produção de conteúdo midiático instrucional especializado, no caso das demais.

Em resumo, as disciplinas de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação I e II, e Metodologia da Pesquisa em Comunicação se mantiveram como verdadeiras oficinas de trabalho científico, colaborativas e construídas com o envolvimento de todos os estudantes, mesmo em um cenário de ensino remoto.

A Metodologia da pesquisa na graduação em Comunicação

A disciplina de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação é oferecida em dois momentos distintos durante o curso de graduação em nossa universidade. A primeira parte é ministrada no primeiro semestre e a segunda no sexto semestre. Essa estrutura foi projetada para introduzir os alunos ao mundo da ciência e da produção de conhecimento logo no início de sua formação, familiarizando-os com os âmbitos do ensino, pesquisa e extensão, e também com as questões relacionadas à autoria, produção intelectual, financiamento de pesquisas e divulgação científica.

Na primeira oferta, durante o primeiro semestre, os estudantes são apresentados a conceitos fundamentais e abstratos da pesquisa em comunicação, explorando conexões entre teoria e prática. Nesta fase, é essencial que os alunos se envolvam com leituras obrigatórias e desenvolvam trabalhos de escrita acadêmica que estimulem a reflexão teórico-prática, crítica ao mercado e análise de produtos de mídia e comunicação.

A disciplina, organizada em quinze encontros, começa com conceitos básicos e introdutórios sobre o universo da ciência e suas diversas camadas, incluindo as ciências humanas, para então posicionar a Comunicação nesse contexto. Em seguida, exploramos o trabalho de pesquisa e o papel do cientista, com ênfase no cientista da comunicação, na atualidade, além de destacar a importância da divulgação e comunicação cien-

tífica para o progresso das sociedades. Nos últimos encontros, focamos na escrita científica e seus diferentes produtos, debatemos sobre o plágio e suas implicações, e incentivamos os estudantes a conhecerem melhor a Plataforma Lattes, criada em homenagem ao físico brasileiro César Lattes.

Na segunda oferta, no sexto semestre, a disciplina assume uma abordagem mais pragmática, preparando os alunos para os desafios do pré-TCC ou pré-projeto experimental. Os estudantes aplicam o conhecimento acumulado ao longo do curso para aprofundar-se nas tradições metodológicas da pesquisa em comunicação, identificando fenômenos a serem investigados e desenvolvendo habilidades para problematizar seu objeto de estudo. Nesse estágio, os alunos são incentivados a compor um *corpus* de pesquisa, definir fases da investigação e escolher abordagens metodológicas adequadas.

Durante essa fase mais prática, os estudantes também apresentam seus trabalhos para avaliação e debate entre professores e colegas, permitindo a validação de suas proposições e reflexões. O objetivo é que eles desenvolvam um Projeto de Pesquisa Monográfico ou Experimental, que será a base para seu Trabalho de Conclusão de Curso, a ser aprofundado nos dois últimos semestres do curso.

Em meio ao ensino remoto, a disciplina de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação II foi adaptada para incluir um conjunto de dez atividades teórico-práticas inter-relacionadas. Ao concluir todas as etapas, o estudante estará preparado com um Projeto de Pesquisa para desenvolver um

estudo monográfico ou experimental de conclusão de curso, coerente e viável.

Assim, como parte do aprendizado metodológico para a pesquisa em Comunicação na graduação, sugerimos um conjunto de dez exercícios para ajudar os estudantes a desenvolverem suas habilidades de investigação, análise crítica e produção de conhecimento na área. Estes exercícios foram projetados para fornecer uma base sólida nos princípios e práticas da pesquisa acadêmica, desde a formulação de questões de pesquisa até a apresentação dos resultados.

- I. Escolha do tema e sua delimitação: desafiamos os estudantes a selecionar um tema de pesquisa dentro de suas áreas de interesse, buscando observar a objetividade, a relevância e originalidade da proposta, bem como sua inserção no campo de estudos da Comunicação. Sugerimos, a partir do conselho de Barichello (2016, p.130), que eles comecem "pelo mais familiar", ou seja, "partir da experiência e das escolhas do seu cotidiano". Após uma apresentação verbal e visual do tema, os estudantes devem proceder com a delimitação, definindo limites temporais e espaciais para sua pesquisa.
- II. O exercício da carta: este exercício ajuda os estudantes na seleção e delimitação do tema. Escrevendo uma carta dirigida a um possível orientador, colega, familiar ou a si mesmos, os

alunos verbalizam e visualizam seus objetivos de pesquisa e seu conhecimento prévio sobre o tema. Essa abordagem fornece informações valiosas para os professores, permitindo que eles compreendam o grau de conhecimento do estudante e identifiquem possíveis desafios na elaboração dos textos científicos.

III. Pesquisa exploratória e o fichamento leituras: após escolher o tema e delimitá-lo, os estudantes devem conduzir uma pesquisa exploratória usando palavras-chave para encontrar pesquisadores que trabalham na área. O objetivo é identificar lacunas e possibilidades de estudo. Os recursos para essa pesquisa incluem bibliotecas físicas e digitais, repositórios virtuais, Google Scholar, ResearchGate, Academia.edu, entre outros. Para organizar os resultados, recomendamos aos estudantes a criação de fichas de leitura. Estas fichas devem conter uma variedade de informações importantes, incluindo referências completas de cada obra consultada, objetivos da obra ou do autor, principais argumentos levantados, conceitos-chave abordados, citações relevantes com informações sobre a página e uma análise crítica da obra. Além disso, é extremamente útil indexar as fichas de leitura. A indexação envolve atribuir palavras-chave (tags) a cada ficha com base em seu conteúdo. Isso

- permite uma busca rápida e eficiente do conteúdo relevante em seus dispositivos.
- IV. Construção do Estado da Arte: com base na pesquisa exploratória, os estudantes devem criar um relato do Estado da Arte, analisando as obras encontradas e suas fichas de leitura. Isso inclui identificar os principais autores citados e referenciados nas pesquisas, ler novos textos, e definir um corpo teórico-metodológico para a problemática de pesquisa. Sugere-se a elaboração de quadros ou tabelas comparativas para resumir e analisar os trabalhos relevantes.
- V. A escolha do orientador: os estudantes devem identificar potenciais orientadores analisando currículos de professores e suas áreas de especialização. Considerar sua formação, interesses de pesquisa, trabalhos orientados, e palavras-chave em suas publicações auxilia na seleção de um orientador adequado.
- VI. Trabalho de desconstrução: este exercício ajuda os estudantes a compreender a estrutura de um trabalho acadêmico e a relação entre o TCC e o projeto de pesquisa. Seu objetivo é identificar as relações estruturais entre o Trabalho de Conclusão de Curso e o projeto. A leitura de trabalhos semelhantes facilita o entendimento da organização textual e a elaboração de um senso crítico com base

em pesquisas anteriores. Sugerimos como roteiro para caracterizar os principais itens do projeto que lhe deu origem, a identificação do: tema, problema, justificativa, objetivos e bases teóricas. Também é necessário sintetizar cada capítulo, relatando os principais conceitos utilizados e autores. Para concluir, o estudante deverá apreciar o trabalho, considerando a relação entre as propostas do autor, contidas na introdução e conclusão.

VII. Definição do objeto e o problema de pesquisa: ao chegar a este exercício, espera-se que o estudante possua conhecimento sobre as bases teóricas e metodológicas necessárias para definir e problematizar sua pesquisa. Ensinamos aos nossos alunos que o problema é o foco central da pesquisa a ser realizada. Ele deve ser construído a partir do confronto de proposições dos autores que já trabalharam com a temática (identificados na pesquisa exploratória e organizados no Estado da Arte) ou de dados de pesquisas já realizadas (Barichello, 2016). O problema estará diretamente relacionado com o objeto a ser estudado, contribuindo para a formulação dos objetivos em um momento posterior. Conforme já exposto, o campo da Comunicação oferece uma ampla variedade de fenômenos a serem pesquisados. Para definir o objeto, é fundamental que o estudante tenha certa proximidade com ele. Apenas assim, munido das teorias do campo, será possível problematizar sua pesquisa. Sugerimos que, ao formular um problema de pesquisa, ele seja escrito na forma de pergunta, pois dessa forma, a necessidade de obter uma resposta fica mais explícita, motivando o pesquisador a buscar um resultado que atenda à questão formulada.

VIII. Formulação dos objetivos e a justificativa do trabalho: para Barichello (2016), os objetivos são metas que o pesquisador pretende alcançar para esclarecer o seu problema, seja identificando, constatando, analisando ou explicando-o. Os objetivos podem ser de duas ordens: gerais ou específicos, e são sempre apresentados na forma de uma ação, ou seja, utilizando verbos que expressem algo a ser feito. A língua portuguesa oferece uma variedade satisfatória de verbos para objetivos gerais e outros para objetivos específicos. É importante destacar que a pergunta que dá forma ao problema deve, preferencialmente, ser desdobrada para se tornar o objetivo geral. Já os objetivos específicos devem estar diretamente relacionados à metodologia escolhida ou exigida pelo objeto de estudo, seus procedimentos e técnicas de pesquisa. A justificativa, por sua vez, deve defender o interesse do estudante ao propor seu projeto de pesquisa. Nela, é essencial explicar o que motivou a escolha do tema, do objeto empírico ou teórico, bem como as contribuições que o trabalho oferecerá para o estudante como futuro profissional e pesquisador, para o campo de estudos, para o seu curso de graduação, para a universidade e, principalmente, para a sociedade.

IX A escolha da metodologia: de acordo com Braga (2011), uma formação metodológica, tanto na graduação quanto na pós-graduação, não deve se limitar apenas a informações sobre teorias e métodos. Ela precisa conduzir os estudantes a refletirem sobre os desafios da pesquisa. enquanto estimula o desenvolvimento de abordagens metodológicas práticas para lidar com seus próprios problemas de investigação. Diante do vasto conjunto de metodologias disponíveis, é fundamental que os estudantes se familiarizem com o maior número possível, considerando sua trajetória acadêmica e profissional. Para isso, sugerimos a leitura de livros e manuais de referência para o campo da Comunicação, bem como para as áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas. A partir de seus objetos de estudo e problemáticas, os estudantes devem identificar quais métodos, procedimentos e técnicas podem ser desenvolvidos para a realização de seu trabalho. Neste contexto, os estudantes também recuperam o entendimento sobre as abordagens, natureza e objetivos das pesquisas trabalhadas durante a disciplina de Teoria e Método da Pesquisa I.

O projeto como um todo coerente: ao final dos Χ. nove exercícios, o último trabalho que os estudantes precisarão desenvolver é o Projeto de Pesquisa ou Projeto Experimental. Acreditamos que, a partir deste conjunto de atividades, os alunos terão as partes principais de seu projeto prontas. Agora, é necessário organizá-las de forma coerente. Esta etapa consiste em formatar e normalizar o texto, organizar os capítulos e subcapítulos, revisar a redação e propor um cronograma para sua execução. Os estudantes também devem revisar e testar a articulação entre o título, as bases teórico-metodológicas escolhidas e as palavras-chave. Para testar a coesão entre as partes e subpartes do projeto, com base em Barichello (2016), sugerimos transformá-lo em um primeiro rascunho do Trabalho de Conclusão de Curso, já em seu formato final. Feito isso, cada estudante deverá apresentar e defender sua pesquisa para o professor e colegas, em um seminário no qual todos poderão colaborar com ajustes e melhorias para cada trabalho.

Metodologia da pesquisa em Comunicação na pós-graduação

Na pós-graduação em Comunicação, os cursos de mestrado e doutorado incluem uma disciplina obrigatória de Metodologia da Pesquisa, visando aprimorar e revisar os projetos submetidos pelos estudantes para seleção e ingresso nos programas. Essa disciplina também é uma oportunidade para avançar nas pesquisas, com especial atenção aos períodos de qualificação de dissertações ou teses.

Espera-se que os estudantes de mestrado demonstrem uma capacidade analítica e propositiva superior à dos alunos de graduação. Essa habilidade deve ser ainda mais pronunciada nos doutorandos, que devem apresentar um perfil de pesquisador mais consolidado devido à sua experiência acadêmico-profissional.

Durante períodos de isolamento e distanciamento social, foram implementadas aulas síncronas e assíncronas semelhantes às oferecidas nos cursos de graduação. As atividades incluem oficinas colaborativas e laboratoriais que enriquecem e aprofundam os debates, reflexões e análises das pesquisas dos estudantes.

Assim, a disciplina oferece mais do que apenas uma revisão teórica, epistemológica e metodológica sobre o campo da Comunicação; ela também propõe dez exercícios para aprimorar e desenvolver os projetos de dissertação ou tese dos estudantes de pós-graduação.

- I. Revisão das teorias e metodologias: para iniciar a reflexão sobre seus projetos de dissertação ou tese, os estudantes são convidados a revisar as principais teorias e métodos de pesquisa no campo da Comunicação ou em outros fenômenos relacionados ao tema de pesquisa. Isso deve ser articulado e tensionado a partir de uma perspectiva comunicacional. Ao apresentar sua proposta de tema e problema para ingressar no programa, cada estudante deve expor sua revisão, destacando aspectos relevantes e importantes para a consecução de sua pesquisa.
- II. Revisão do tema e problema de pesquisa: muitos projetos de pesquisa sofrem ajustes ou modificações ao longo de sua elaboração. Presumindo que os projetos apresentados para ingresso na pós-graduação sejam os mesmos a serem trabalhados na disciplina, os estudantes precisarão revisar a tematização e problematização de suas pesquisas, articulando hipóteses, triangulando métodos e desconstruindo conceitos. É crucial que os problemas de pesquisa sejam factíveis e contribuam de forma significativa para o campo e o programa. Se um estudante descartar sua ideia inicial de projeto, deverá apresentar uma nova proposta, que será testada e revisada.
- III. Pesquisa exploratória e fichamento de leituras: os estudantes de pós-graduação devem conduzir

pesquisas exploratórias para qualificar o que já foi desenvolvido por eles, bem como atualizar o estado da arte e o quadro referencial teórico. Sugere-se que a pesquisa exploratória e o fichamento de leituras sigam padrões semelhantes aos dos exercícios de graduação, com acréscimos de capacidade analítica, reflexiva e investigativa dos mestrandos e doutorandos.

IV. Estado da Arte e quadro referencial teórico: partimos do pressuposto que os ingressantes no mestrado e doutorado já tenham elaborado uma versão preliminar do estado da arte. Agora, solicitamos que revisem e atualizem as informações para formar um quadro teórico de referência. Os estudantes precisam realizar um levantamento bibliográfico preliminar para garantir a disponibilidade e acessibilidade de material para apoiar sua pesquisa. A partir disso, os pós-graduandos devem situar seu trabalho em um marco teórico, traçando um fio-condutor para o pensamento lógico e coerente ao longo de sua pesquisa. Em uma pesquisa, o quadro referencial teórico, vai representar a construção de um articulado conjunto de conceitos e de proposições que possam dar sustento a compreensão do problema de pesquisa, situar o trabalho no campo de estudos, além de ser a essência do embasamento teórico.

- V Exercício de desconstrução: os mestrandos devem desconstruir uma dissertação e doutorandos, uma tese, tal qual apresentamos nos exercícios para a graduação. Esse exercício oferece mais clareza sobre a redação e organização de um relatório de pesquisa, compreendendo a complexidade da escrita de uma dissertação ou tese. Recomenda-se que os estudantes escolham trabalhos relacionados ao seu tema e problema, preferencialmente orientados por seu professor. Isso familiariza o estudante com os métodos e abordagens comuns na bibliografia do orientador, facilitando diálogos futuros entre orientando e orientador. Por fim. o estudante deve analisar profundamente o trabalho. tecendo críticas ao passo de considerá-lo na composição de seu quadro teórico de referência.
- VI. Tensionamento dos objetivos e justificativa: com este exercício, os pós-graduandos devem tensionar e testar seus objetivos, assim como revisaram o tema e problema de pesquisa. É fundamental que eles percebam as capacidades ou limitações de seu objeto, considerando os resultados esperados e a escolha metodológica. Os objetivos precisam ser articulados de forma narrativa para explicar claramente o que se espera alcançar com o trabalho. Esse tensionamento também serve para qualificar a justifica-

tiva da pesquisa, que precisa apontar, de maneira aprofundada, os benefícios de sua realização para o campo, o programa, a universidade, o estudante e a sociedade.

- VII. Escolha da metodologia: nos projetos iniciais, os pós-graduandos propõem uma metodologia para desenvolver sua pesquisa. Ao longo da disciplina e exercícios, espera-se que cada estudante amplie sua compreensão sobre o método científico, seus procedimentos e técnicas de pesquisa. É o momento de testar e validar se a estratégia metodológica será suficiente para lidar com as intervenções e análises dos dados e informações coletadas. Segundo Braga (2011). os estudantes precisam entender a metodologia como um processo relacionado a uma diversidade de abordagens, instâncias para reflexão e tomadas de decisão, o que implica fazer distinções entre níveis e elaborações distintas e inter--relacionadas. O método de pesquisa escolhido será responsável por legitimar o rigor científico da dissertação ou tese. Portanto, os pós-graduandos devem apresentar um capítulo metodológico detalhado e coerente com a proposta defendida em seu projeto de pesquisa.
- VIII. **Formulação do cronograma de trabalho:** todo trabalho de pesquisa tem um prazo e espaço definidos para sua realização. Geralmente, os

mestrandos têm 24 meses e os doutorandos, 48. Considerando as disciplinas a serem cursadas, a complexidade do objeto, as teorias e o método de pesquisa, os estudantes precisam estabelecer um planejamento visual e gráfico de sua execução. Recomenda-se um quadro abrangente que cubra todo o período de estudos na pós-graduação. Esse quadro orientará tanto o pós-graduando quanto o orientador sobre metas e resultados durante o trabalho de pesquisa.

Quadro 01 – Modelo de Cronograma de Pesquisa

CRONOGRAMA DE PESQUISA -TESE OU DISSERTAÇÃO									
Atividades	Mar.		Abr.		Mai.		Jun.		
	01-15	16-31	01-15	16-30	01-15	16-31	01-15	16-30	
Projeto de pesquisa									
Pesquisa Exploratória	X	X							
Definição do objeto		X							
Formulação do problema		X							



Elaboração dos objetivos	×						
Proposição do percurso metodológico	X	×	X				
Elaboração quadro Referencial Teórico		X	X	X	X		
Elaboração do Estado da Arte		X	X	X	X		
Planejamento metodológico						X	
Construção da Amostra							X
Construção das Técnicas							X
Pré-teste das estratégias metodológicas							
Qualificação da Dissertação ou Tese							
Organização do projeto de qualificação							
Banca de Qualificação							
Coleta de dados e informações							

Execução das estratégias metodológicas				
Descrição/Tabulação/ Tratamento da Análise				
Interpretação				
Análise Interpretativa				
Conclusões				
Organização da Dissertação ou Tese (coerente e revisada)				
Defesa da Dissertação ou Tese				
Banca de defesa				
Revisão da Dissertação ou Tese (considerações da banca)				
Entrega da Dissertação ou Tese				

Fonte: elaborado pelos autores

IX. **Projeto de Dissertação ou Tese:** ao realizarem todos os exercícios apresentados até o momento, os pós-graduandos terão em mãos todas as

partes e subpartes necessárias para um projeto de pesquisa de mestrado ou doutorado. Com as revisões realizadas pelos orientadores, bem como pelos seminários desenvolvidos em sala de aula com a colaboração dos colegas e professores da disciplina, cada estudante poderá concretizar a completude de seu trabalho, e se candidatar ao exame de qualificação da dissertação ou tese.

Χ. Sumário Provisório: para concluir a proposta de pesquisa e já preparar um documento no formato de dissertação ou tese, sugere-se que os pós-graduandos elaborem um sumário provisório. Ele deve incluir propostas para os capítulos e subcapítulos, expressando a narrativa que se pretende alcançar com o trabalho. Isso tornará mais claro todos os aportes teóricos e metodológicos necessários para sua execução, além de dimensionar o volume de páginas para cada parte, que devem ter pesos similares e conter os conceitos necessários para construir um diálogo epistemológico e prático com a pesquisa. Dessa forma, com esses exercícios, o estudante estará mais próximo de ter uma dissertação ou tese autoral e coesa.

Considerações finais

Os diálogos e propostas apresentados anteriormente emergiram de situações concretas vivenciadas tanto em sala de aula quanto em orientações acadêmicas. Essas experiências enriqueceram as disciplinas de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação I e II nos cursos de graduação em Comunicação, assim como a disciplina de Metodologia da Pesquisa nos cursos de mestrado e doutorado em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria.

A pesquisa é uma jornada complexa, exigente e, por vezes, solitária. Muitos estudantes universitários não exploram plenamente esse universo, limitando sua incursão na investigação científica apenas às disciplinas diretamente relacionadas ao tema. Esse enfoque restrito diminui a produção de conhecimento e prejudica a capacidade dos profissionais de aplicar métodos científicos em suas atividades. Tal cenário é exacerbado pela falta de docentes especializados em Metodologia da Pesquisa e pelos estereótipos associados a essas disciplinas, frequentemente reduzidas a meras normas de formatação de relatos de pesquisa.

Para mais, é importante ressaltar que a metodologia da pesquisa não é apenas uma ferramenta acadêmica, mas também uma habilidade essencial para a vida profissional. Uma compreensão sólida dos métodos de pesquisa permite aos profissionais abordar desafios de forma sistemática, analisar criticamente informações e tomar decisões embasadas em evidências. No entanto, o acesso a uma educação

de qualidade em metodologia da pesquisa nem sempre é garantido, o que pode perpetuar disparidades no desenvolvimento de habilidades de pesquisa entre os estudantes.

Diante desses desafios, é fundamental promover uma cultura de pesquisa mais robusta e inclusiva nas instituições de ensino superior. Isso requer a integração de métodos de pesquisa em diferentes disciplinas, o incentivo à colaboração interdisciplinar e o reconhecimento da pesquisa como uma atividade valorizada e recompensada dentro da comunidade acadêmica. Além disso, é essencial enfatizar a importância da ética na pesquisa e da conduta responsável dos pesquisadores, garantindo a integridade e a credibilidade da pesquisa.

Portanto, ao ampliar a discussão sobre a importância da metodologia da pesquisa e seu impacto no desenvolvimento acadêmico e profissional, podemos fornecer uma visão mais abrangente e significativa sobre o papel fundamental que essa área desempenha na produção de conhecimento e na formação de profissionais-pesquisadores capacitados.

Não pretendemos que os exercícios aqui propostos sejam adotados de forma definitiva, mas sim adaptados e aprimorados para que estudantes e professores desenvolvam um maior interesse pela metodologia científica e pela pesquisa. Acreditamos que o 'saber', cujo radical é o mesmo de 'sabor', deva ser constituído de forma 'palatável', para ser apreciado em sua plenitude e essência e, assim, poder continuar a ser o alimento da ciência.

REFERÊNCIAS

BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. **A autoria na elaboração de uma tese.** *In*: MOURA, Claúdia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (orgs). Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BRAGA, José Luiz. Aprender metodologia ensinando pesquisa: incidências mútuas entre metodologia pedagógica e metodologia científica. *In*: MOU-RA, Claúdia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs). Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BRAGA, José Luiz. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões.** E-Compós, Brasília, v. 14, n. 1, jan./ abr. 2011. https://doi.org/10.30962/ec.665

FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan Fossá. Prefácio. *In*: KEGLER, Bruno; SOARES, Gibsy (orgs.). **Perspectivas metodológicas em Comunicação: reflexões e relatos de pesquisa.** Santa Maria, RS: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2022, p. 7-9.

FRANÇA, Vera Veiga. **O objeto da pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional.** *In*: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. (orgs.). Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 153-174.

LOPES, Maria Immacolata. **Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação**. *In*: MOURA, Claúdia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo (orgs). Pesquisa em Comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. Sobre a possibilidade de ensinar o labor científico da investigação: indagações acerca da prática metodológica acadêmica. In: BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha; RUBLESCKI, Anelise (orgs.). Pesquisa em Comunicação: olhares e abordagens. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: **uma teoria da comunicação linear e em rede.** 5. ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2012.



O FILME DOCUMENTÁRIO DE INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA

Joel Felipe Guindani Sáryon Azevedo

Este capítulo propõe reflexões a partir de uma experiência de pré-produção do filme documentário Em algum lugar da memória: episódio chibeiros¹. Busca apontar construções metodológicas de inspiração etnográfica a partir do encontro com informantes e possíveis personagens do filme em produção. Estimula o pensar a produção fílmica também como lugar possível de aprendizado metodológico quando os sujeitos/personagens do filme então deflagram, por meio da oralidade, seus contextos, cotidianos e, sobretudo, do relato memorial e biográfico.

Assim, ao evidenciar elementos do processo metodológico de pré-produção do filme documentário, desvelam-se narrativas biográficas sobre o ofício deste sujeito/personagem fronteiriço, popularmente conhecido como o chibeiro do rio Uruguai.² Na sequência, evidencia-se o percurso de inspi-

¹ O a produção do documentário *Em algum lugar da memória* (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XgJfbk_w5JM).

² Denominação dada aos sujeitos que cruzam a fronteira Brasil-Argentina, sob o rio Uruguai, e praticam a compra, venda ou troca de produtos entre seus respectivos países.

ração etnográfica empreendido no decorrer da pré-produção: os informantes, a aproximação com os personagens, a escuta paciente de suas biografias e memórias, bem como o registro por meio do diário de campo.

Teoricamente, apresenta a noção de filme documentário de forma relacional e aberta ao encontro com outro. Ao relatar a experiência da pré-produção fílmica, também são evidentes alguns entendimentos de um percurso teórico-metodológico mais amplo, de revelação/representação das memórias desses personagens, bem como de um contexto social, econômico e cultural de boa parte desse povoado fronteiriço.

O filme documentário pelo prisma relacional

Um filme, segundo Deleuze (1976, p.84), pode ser lido na perspectiva do devir, como arte em potência e que é: "[...] estimulante da vontade de poder, excitante do querer". Como dispositivo de experimento, o filme se amplia em distintos formatos e gêneros possíveis, performa como um sujeito comunicacional relativo a condições/condicionantes, sejam elas técnicas, estéticas e, no caso deste texto, metodológicas, as quais nos mostram a complexidade de elementos que estão sob a base do seu próprio fazer.

A perspectiva comunicacional aqui adotada, desnuda as dimensões ou aberturas do filme como uma produção — mesmo, às vezes, cristalizado em lógicas, técnicas e saberes próprios e bem ordenados — respectiva a experimentações, aproximações com o estranho, o diferente, a riscos e à neces-

sidade de se fazer apostas. E, para um olhar mais atento à dimensão comunicacional de produção do filme, é importante aproximar outras noções/conceitos que ajudam a perceber o audiovisual pelo prisma das relações; ou seja, do relacional entre a dimensão ordenada/técnica/filmar/montar/exibir e a dimensão aberta, criativa, que acontece, por exemplo, como no ato comunicacional entre sujeitos que estão em produção e que denota, possivelmente, uma experiência rica em interlocuções, afetações mútuas e transformações de sentido (Santaella, 2016).

Vale ponderar com mais atenção sobre o filme documentário neste lugar de experimento aberto e potente, de espaço de interações e de relações constantes para se compreender que um filme — rodeado pelos saberes das artes visuais, sonoras, literárias e teatrais — também performa no campo das ciências da comunicação no sentido das afetações no tecido das sociabilidades e das possíveis ampliações no domínio das tecnologias digitais. Quer dizer, este olhar sobre as potências do filme documentário também é possível de ser angulado pelo viés do que as ciências da comunicação, das pesquisas comunicacionais, nos oferecem, sobretudo no âmbito do olhar das construções metodológicas.

No artigo "O objeto e a pesquisa em comunicação: Uma abordagem relacional", Vera França apresenta uma série de perspectivas metodológicas a respeito do objeto de pesquisa na área da comunicação. O que é importante – para o recorte deste texto – é a ponderação da referida autora sobre a pers-

pectiva relacional. E aqui vale o esforço de observação do filme documentário como um fazer comunicacional (seja da práxis acadêmica/pesquisa ou do saber fazer comunicacional/ experimental/artístico). França (2016) ajuda-nos a entender a abordagem relacional, onde o comunicacional (seja pesquisa ou, neste caso, um mesmo experimento fílmico) é entendido como construção que se modifica de acordo com as interações entre o pesquisador/produtor/sujeitos/objetos e as teorias e metodologias previstas ou mobilizadas. Pode-se inferir, assim, que França adota a formulação "relacional" para evocar a complexidade, as conexões e arranjos de abertura dos objetos/sujeitos da comunicação em detrimento das simplificações, ordenamentos rígidos ou tecnicismos:

[...] a comunicação é um processo de globalidade (relações entre pessoas situadas em qualquer lugar do planeta) em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela (França, 2016, p. 158).

Nesta concepção, nos é permitido pensar que a produção do filme documentário não pode ser decorrente de metodologias de redução dos processos de comunicação a dinâmicas produtivas tipo transmissão entre polos idealizados em um plano/roteiro de imagens pré-definidas. Quer dizer, a dimensão da relação (neste caso, entre os sujeitos em situação de produção do filme) como derivada de distintas interações necessárias e mais ou menos previsíveis pode ser

lida como uma "[...] ação reciprocamente referenciada, estabelecida pela mediação do simbólico, da linguagem" (Mead, 2006 apud França, 2016, p. 158). Interessante pensar que, por este ângulo, a produção de um filme, por exemplo, é permeada por uma miríade de interações comunicacionais; é um ambiente de laços feitos às vezes lentamente, por intercâmbios constantes entre sujeitos que não podem abrir mão do exercício do diálogo e do esforço constante de entendimento das diferenças.

Este exercício do ver e do esforco metodológico para construir relações dialógicas no campo do fazer o filme é um assunto ponderado por Gadamer (1998), que sintetiza a comunicação à fusão de horizontes entre sujeitos em situação de diferenças. Para que aconteça esta fusão de horizontes, é necessário exercitar a capacidade de se situar, minimamente, no horizonte do outro como um exercício metodológico inegociável. A partir do horizonte do outro, ou seja, a partir do esforço concreto de ir ao encontro do outro, acontece a comunicação que gera a fusão de conhecimentos entre sujeitos que antes permaneciam indiferentes. Somente na experiência comunicativa com o outro é que se multiplicam se ampliam os conhecimentos, pois toda a aproximação entre sujeitos ativa novos modos de pensar, de agir e de se relacionar, bem como de se propor o encurtamento do que dificulta – metodologicamente – os protocolos das relações de confiança (Gadamer, 1998).

O filme documentário e o encontro com o outro

A noção do outro é uma ideia fundamental na filosofia e nas ciências sociais, que se refere à percepção e construção de identidade em relação a algo ou alguém que é percebido como diferente, estranho ou externo ao eu e/ou ao grupo. Essa noção não apenas delineia a forma como nos relacionamos com os outros, mas também atravessa nossas interações sociais, políticas e culturais. Refletir sobre o outro nos desafia a reconhecer a complexidade das múltiplas identidades humanas que atuam — neste caso — na construção de um filme. Torna-se um olhar importante, como um convite à busca da compreensão mais empática e inclusiva das diversidades que nos constituem.

É neste ponto que se pode tecer um ponto interessante entre a noção de filme documentário e os possíveis saberes do fazer ou do experimentar metodológico que conduz ou propicia essas interações. Pode-se partir – hipoteticamente – de que toda a produção de um filme, seja até mesmo de uma ficção, estrutura-se, bem como estrutura processos metodológicos em construção porque existem interações. Em outras palavras, uma obra fílmica requer metodologias capazes de colocar os "produtores/diretores/roteiristas" em aproximação e em possível sintonia com a singularidade dos personagens em seus contextos, com seus saberes.

Trata-se, assim, de um processo de fazer/aprender sobre metodologias possíveis que indiquem o percurso ou caminho entre a natureza e o absoluto do que se pretende registrar/representar "filmicamente" (grifo nosso). É possível se conceber o filme documentário como atividade que objetiva a busca, o enquadramento, o registro da naturalidade do mundo, expressando, assim, o absoluto, a unicidade e a singularidade. Para isso, vale observar as ponderações de Tarkovski, que relata a produção do filme nesta esteira das relações interpessoais em jogo: "[...] nem os cineastas e nem os diretores devem se encontrar em situação de superioridade com a relação ao que se trata de dizer ou de representar" (Aumont, 2012, p. 62). É preciso, portanto, produzir o filme ao mesmo passo que se entrega à naturalidade das coisas que nos cercam, ao passo que também se pondera sobre o percurso construído/em construção.

Assim, para Tarkovski, o filme documentário é fruto de um encontro e de um trabalho/pensamento estratégico para o "querer encontrar" (grifo nosso). O cineasta/cinegrafista depende do que ele "[...] encontrará, mas trabalha – a partir do seu intelecto – para provocar e ampliar este encontro" (Aumont, 2012, p. 63). Ainda ressalta que "[...] o filme não é algo que se domine e calcule; trata-se de criar ou recriar uma experiência, que deve ser vivida pela primeira vez durante a filmagem" (Aumont, 2012, p. 63-64). Todavia, a produção cinematográfica como imagem artística nasce da conjunção paradoxal do querer (intencionalidade) e do não querer (espontaneidade); requer, portanto, certa intencionalidade metodológica, de construção de um percurso prévio que oriente/inspire a liberdade artística para o encontro com a natureza das coisas

que os espera enquanto contexto/sujeito/imagem. Assim, uma produção fílmica é relativa a processos metodológicos que propiciem certa tomada de consciência entre os sujeitos em contexto de produção/interação em um percurso que pode e deve ser constantemente dialogado e revisto.

Em outras palavras, o filme documentário como percurso metodológico orientado pela inspiração etnográfica é uma discussão que pode ser feita a partir desta problematização entre: a busca por uma unicidade/forma única da imagem imediata (melhor enquadramento/plano/fotografia/performance do personagem) e o não controle das coisas em devir, mutação e movimento. Assim, a produção do filme – e os processos metodológicos que a conduzem – resulta de uma percepção abdutiva, poética, que não visa analisar nem compreender intelectualmente, mas encontrar e descobrir à medida que abre à complexidade do que se vê/enquadra à frente.

Retomando novamente Gadamer (1998), é importante salientar que o mundo só se manifesta no encontro, na comunicação, na relação entre os sujeitos comunicantes. Portanto, é nesta abertura ao "[...] inesperado que a filmagem me oferece, há algo que espero: um clarão de verdade sobre o real" (Aumont, 2012, p. 17).

Reforça-se, portanto, a proposição de que o trabalho do cineasta consiste em provocar o acontecimento desse encontro com o que lhe permitirá ascender do estado de intenções e idealizações pessoais para o acontecimento comunicacional.

Aqui neste ponto, é possível pensar a construção fílmica como este exercício do pensamento metodológico, sobretudo quando se deflagra a necessidade de construir relacionamentos, caminhos aproximativos com sujeitos em seus contextos não apenas geográficos, mas culturais e afetivos.

A forma da escrita que seguirá a próxima seção é de ponderação teórica sobre a noção de inspiração etnográfica, ao passo que também já se tece a isto alguns elementos empíricos, da experiência de produção do filme documentário *Em algum lugar da memória: episódio chibeiros*.

A inspiração etnográfica e relatos da pré-produção do filme documentário

Seguindo na perspectiva da pré-produção do filme como lugar de experimento metodológico, observa-se que ele também se apresenta aberto – a depender da sensibilidade de quem o faz – a outros saberes que não apenas relativos ao seu campo teórico, às suas epistemes. Assim, o filme documentário pode se tornar um fazer que contempla saberes oriundos da Etnografia como uma via metodológica possível, se não cabalmente, ao menos na perspectiva da inspiração.

Na etapa da pré-produção de um filme, a inspiração etnográfica pode ser entendida como um método qualitativo de investigação, que auxilia no processo de entendimento, observação e descrição de contextos, comportamentos, culturas e práticas sociais de grupos humanos específicos a partir de um trabalho de campo não de forma, temporalmente, extensiva (Travancas, 2006). Por esse caminho, a etnografia dispõe de instrumentais para a imersão em um ambiente ou comunidade para o objetivo de capturar detalhes contextuais e nuances da vida cotidiana dos possíveis informantes/personagens. Como também define Geertz (2008, p. 4): "[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante".

De modo amplo, o método etnográfico performa seguindo alguns rituais: imersão no universo/contexto/cena, possibilitando estreitar lacos de convivência e confianca entre sujeitos. A perspectiva de inspiração etnográfica – já que o fazer etnografia requer um tempo e protocolos mais extensivo – auxilia na abertura do olhar de quem objetiva ir ao encontro deste outro, ainda desconhecido e distante. Quando se fala na perspectiva de inspiração etnográfica, imagina-se que ela deve ser utilizada em contextos de sociedades/agrupamentos/contextos sociais exóticos, isolados, por vezes, primitivos, como assim foi o fazer da antropologia primeira ou tradicional. De fato, o termo conduz, possivelmente, a imaginar tal situação em um primeiro momento, pois a antropologia realmente trabalha sobre o eixo central das diferenças. No entanto, o fazer etnográfico contemporâneo também opera sob a perspectiva da inspiração e não diz respeito a um fazer superficial ou que requeira um contexto excêntrico. Pelo contrário, a amplitude dos saberes antropológicos – e aqui a etnografia – toca na possibilidade de apropriação interdisciplinar, onde o fazer/ produzir/observar/filmar, por exemplo, se vale dos seus diferentes ferramentais.

Assim, o método etnográfico dispõe à pré-produção fílmica diferentes instrumentos e inspira formas de atuação dos sujeitos em campo, como as entrevistas em profundidade, abertas ou semiestruturadas, diário de campo, observação participante, dentre outros, com o objetivo — além de aproximar sujeitos — de levantar dados, informações, percepções e impressões que irão auxiliar a construção do filme.

A experiência da pré-produção fílmica sob a perspectiva da inspiração etnográfica

Na escrita deste texto, daqui para a frente, será utilizado o tempo verbal da primeira pessoa do plural, pois se trata de um relato da experiência do filme e que – também inspirado pela etnografia – autoriza o posicionamento das vozes dos sujeitos do acontecimento.

A pré-produção do filme documentário transcorreu após o coletivo ter noção de que se tratava de um registro audiovisual não apenas de um possível recorte, ou de um acontecimento histórico ainda refratário ao acesso de algumas memórias possíveis, mas da construção da nossa consciência de um filme que dependeria muito das formas de estabelecer relações no contexto com os outros/personagens.

Na medida em que fomos tomando conhecimento dos inúmeros fatores históricos que compunham o fenômeno,

percebemos a necessidade de observar com mais sutileza e a estabelecer o diálogo por meio de diversas perspectivas teóricas e que nos auxiliaram na construção das primeiras curiosidades/perguntas/inquietações. Por exemplo, a observação dos contextos econômico, cultural e político desses personagens reclamavam por um olhar mais atento e por questões mais abrangentes, como: qual ofício exercia antes de ser chibeiro? Qual a renda aproximada? Qual a composição familiar? O que passou a fazer quando deixou de ser chibeiro? Por isso, este fazer filme, em certa medida, também se apresentava com um fazer etnográfico, no sentido de:

[...] tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado" (Geertz, 2008, p. 07).

No âmbito de filmar narrativas biográficas³, compreender os discursos e localizá-los num tempo histórico ou identificá-los enquanto memória de um contexto não apenas pessoal, mas social e econômico, obrigou-nos a procurar sujeitos que faziam parte deste cotidiano dos chibeiros. Assim, também nos interessou o depoimento dos militares responsáveis pela guarda costeira. Esta necessidade surgiu após nosso contato

³ "Os filmes biográficos são utilizados como uma opção estética (...), pois conseguem legitimidade ao evocar um personagem real, misturando de forma inextrincável detalhes autênticos, lugares-contextos-comuns" (Gutfreind; Stigger, 2013, p. 177).

com o primeiro chibeiro, que nos relatou vários conflitos com a polícia marítima argentina e a fuzilaria naval brasileira. A busca de novos personagens se deu orientada pela construção de um diário de campo, um caderno de anotações que alguns integrantes da equipe de produção portavam e, no decorrer dos encontros, descreviam os relatos.

Neste percurso de inspiração etnográfica inicial, realizamos em cada abordagem relatos textuais descritivos, que serão relatados a seguir. De modo geral, os passos da entrada no campo de filmagem se orientaram pela escuta de diversos informantes periféricos, alunos moradores do Bairro do Passo, parentes e comerciantes na região ribeirinha onde se realizava a antiga prática de comércio entre Brasil e Argentina: o chibo, também chamado de comércio formiga.

Dos inúmeros informantes – que consideramos periféricos –, igualmente nos chamou a atenção a repetição de alguns nomes/personagens que, segundo eles, se tratava de sujeitos carregados de memórias, de vasta experiência autobiográfica quando o assunto era o comércio formiga às margens do rio Uruguai.

A noção de memória no contexto fronteiriço

Assim, leituras sobre a noção de memória se apresentaram importantes. No decorrer desses processos de pré-produção, debatemos sobre esta relação entre cultura local e memória. Passamos, então, a compreender as noções de memória e a cultura como noções indissociáveis, em movimento, que

perduram ou desaparecem ao longo de um tempo e de um espaço. Estas leituras nos alinhavaram a certeza da urgência do registro de sujeitos de memória, pois a crescente aceleração da vida cotidiana, ocasionada pela intensificação das relações capitalistas, do consumo tecnológico e simbólico, tornam efêmeras e frágeis a densidade histórica que constitui esses sujeitos (Bauman, 2007).

Passamos a compreender e a demarcar a dimensão epistemológica do conceito, percebendo, portanto, que a memória – que se refere implicitamente ao ato de recordar – está relacionada à dimensão social e, portanto, coletiva (Halbwachs, 1990). Responsável não apenas pelo recordar em si, a memória está encarnada nos elos sociais que dão sequência às mais complexas formas da convivência humana.

Portanto, o conceito de memória ao qual nos filiamos ao longo da pré-produção, em certa medida é uma crítica a todos os imperativos e discursos presenteístas, que reduzem a dimensão espaço-temporal ao mero presente, desconectada do passado e do futuro, bem como das relações que constituem o sujeito-memória. Assim, tornou-se mais potente o próprio argumento do filme em construção, quando fundamentamos a intenção de registrar biografia em seus contextos e relações, a se perceber que a memória em certa medida é

fundamentalmente individual⁴, mas, sobretudo coletiva, que a memória se constitui também à luz dos contextos socioeconômico e histórico desses personagens.

Assim, passamos a compreender as narrativas biográficas que compõem o cenário histórico do chibeiro são-borjense, bem como registrá-las imageticamente como um ato de descoberta e de aproximação com estes sujeitos — que representam a memória de setores ou de atividades culturais e econômicas mais amplas e em relação com outros personagens, como os balseiros e chalaneiros do rio Uruguai.

Na conversa com os primeiros informantes, conforme será mais bem relatado no diário de campo abaixo, identificamos que esses chibeiros são partícipes de um tempo e de um espaço histórico, cujas vidas carregavam memórias singulares. Esses chibeiros, pudemos deduzir, são testemunhas de que a memória também está relegada ao efêmero, ao silêncio e à deterioração. No decorrer das leituras e discussões, estava cada vez mais lúcido para nós que esses sujeitos, popularmente chamados de chibeiros, representavam a continuidade e a transformação de uma identidade local e também regional, expressas nas suas diversas práticas comerciais que ainda era possível identificar nos arredores do bairro, nos pequenos comércios — chamados de bolichos — que ainda praticam

⁴ Mesmo a perspectiva da memória individual, há um retorno aos processos comunicativos que a constitui. Para Jan Assmann (2016. p. 22), a construção de uma memória é decorrente "das memórias que um indivíduo compartilha com seus contemporâneos".

a revenda de produtos argentinos, agora trazidos de lá por meio de carros pela ponte e não mais por meio das chalanas.

Nesta primeira conversa com os informantes, e que nos conduziam para os personagens, salientamos que neste contexto fronteiriço as memórias, bem como as identidades, excedem os limites geográficos ou as barreiras politicamente definidas. E como ficaria mais claro na escuta desses personagens, é característico ou consensual a perspectiva da confluência das fronteiras. São expressões que nos indicavam não haver um claro limite para o ato de estar do lado de cá do rio, ou o ato de cruzar a margem do rio Uruguai e "cambiar con los hermanos correntinos"⁵.

Essa convivência de interculturalidades que extrapola os limites políticos vem ao encontro da perspectiva de culturas híbridas, que entende as culturas não mais de forma homogêneas ou puras, mas sim uma mistura complexa de elementos. Ele examina como as culturas se adaptam e se transformam através do contato com outras. São esses movimentos que o autor irá chamar de "hibridação, os processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas". (Canclini, 2011, p. XIX).

⁵ Depoimento concedido por Zenóbio Souza, um dos chibeiros entrevistados. Entrevista realizada em 15 de junho de 2015.

Aproximação com os informantes e possíveis personagens do filme

Após inúmeras conversas com pesquisadores e simpatizantes destas narrativas sobre o rio Uruguai, fomos identificando os possíveis informantes e personagens. Por se tratar de uma prática extinta há mais de 20 anos, acreditávamos não haver muitos chibeiros a nos testemunhar. Para nossa surpresa, na medida em que fomos nos aproximando dos nomes mais lembrados ou citados pelos nossos informantes. e na medida em que a nossa aproximação foi se consolidando, surgiam inúmeros nomes, sujeitos que, inclusive, conviviam conosco em outros projetos de extensão da universidade. Devido à comum limitação a qualquer produção audiovisual. tornava-se impossível entrevistar todos os personagens citados pelos informantes e pelos próprios personagens. Por exemplo, o primeiro chibeiro entrevistado nos revelou a existência de aproximadamente outros 30 chibeiros, a maioria deles ainda moradores às margens do rio Uruguai.

Esta aproximação e contato com o primeiro chibeiro foi intermediada por um informante, o Sr. Mariano, corretor de imóveis, conforme se autointitulou. Mariano nos conduziu até a casa do Sr. Zenóbio. Inclusive, fez questão de ir conosco, pois segundo ele o Zenóbio iria lembrar de mais coisas se eles começassem a contar certas histórias.

Esta aproximação "intermediada" pelo informante, Mariano, foi necessária, pois muitos chibeiros dificilmente falariam conosco e se disporiam a revelar alguns detalhes mais precisos. Segundo Mariano, esses personagens não nos revelariam detalhadamente os aspectos mais interessantes, como, por exemplo, as técnicas de driblar a polícia e a fiscalização portuária. Segundo ele: "esses chibeiros vão desconfiar que vocês vão usar isso contra eles; eles até podem desconfiar que vocês são da polícia e nem receber vocês direito". Após este processo de negociação com os informantes, seguimos para o passo seguinte: a visita aos chibeiros. Abaixo, expomos a descrição de um dos diários de campo, construído a partir do nosso encontro com o Sr. Felipe Barreto, piloto naval (lancheiro) e também chibeiro.

São Borja, inverno, 14h30min.

Na tarde do dia 20 de junho de 2015, o Sr. Felipe Barreto nos recebeu em sua casa para nos relatar fatos de sua vida profissional, familiar e o que viu durante seus então 91 anos de existência na cidade de São Borja. Ao chegarmos, sua neta Angélica nos recebeu e logo nos indicou o caminho até um quarto. Passamos pela sala. Quadros da família, com batizado de crianças e uma televisão ligada na Rede Globo. No quarto pequeno, encontrava-se Sr. Felipe, deitado na cama com o rádio ligado ao seu lado. Com enorme dificuldade, sentou-se e começou a nos indicar lugares para nos assentarmos.

⁶ Depoimento concedido por Mariano Souza, informante e morador do bairro do Passo. Entrevista realizada em 13 de maio de 2015.

Perguntou-se sobre as suas atividades na barranca do rio Uruguai. Sr. Felipe riu e disse ter muitas histórias e que uma tarde seria pequena. Logo nos relatou sobre seus mais de quarenta anos vividos junto ao rio Uruguai. Devido a sua idade avançada, suas narrativas são contadas lentamente, às vezes de forma desordenada. A sua filha, encostada no marco da porta, às vezes dialogava conosco, enfatizando que a história contada por Sr. Felipe era de outro jeito. Sr. Felipe pede para sentar. Inicia o relato, que é filho de lavadeira, que ajudava a sua mãe, já aos oito anos, juntamente com o irmão, que vendia bergamotas e pastel nas ruas de São Borja. Sua mãe trabalhava na residência da família do futuro presidente Getúlio Vargas; e por ser afilhado de dona Alda (cunhada de Getúlio), tinha livre acesso à casa e à convivência com Getúlio. Disse que conheceu Getúlio Vargas pessoalmente.

Sr. Felipe ainda nos relatou que por 47 anos exerceu a função de lancheiro no Porto de São Borja. Por este ofício recebeu recomendações e honrarias da Marinha. Mas também atuou como timoneiro, e com outros cinco sócios tinham duas lanchas de passageiros que cruzavam o rio Uruguai três vezes ao dia, até o momento da inauguração da ponte. Com pesar, diz que tudo se acabou devido à evolução: a construção da ponte da Integração Brasil-Argentina. Pelo rio não só se comercializava, mas também se comunicava. Dos fatos mais marcantes, relata que a sua chalana já havia sido atacada por Correntinos com tiros de carabinas. Lembra-se apenas de que foi em dia 27 de agosto de algum tempo passado.

Outro ponto forte da memória de Sr. Felipe é a observação das condições climáticas. Relata com voz mais forte, que conseguiu escapar de um "tornado" quando era timoneiro em meio a uma forte tempestade no regresso, ainda no lado argentino. Fala das inúmeras outras situações de risco. Sr. Felipe enfatiza que não foi apenas lancheiro, mas também chibeiro. Como chibeiro tinha muitas mercadorias em sua casa, uma espécie de mercadinho, ali no canto da sala, aponta com a mão. Vendia produtos, como mortadela, patê, doces, farinhas, banha de porco, azeite. Foi com a prática de chibeiro que sustentou seus nove filhos por mais de 40 anos.

Também revelou que por inúmeras vezes recebeu propostas para contrabandear, mas sua esposa o proibia. Apenas uma vez levou mais de 50 caixas de munição de balas calibre 32, dentro de garrafas de bebidas, e por sua inocência, relata, foi flagrado pela polícia aduaneira. Como era conhecido, foi apenas chamada a sua atenção e, posteriormente, liberado. Detalha que, com os pesos das garrafas, suas "veias dos braços ficaram sobressaltadas", evidenciando, portanto, que ali havia muito mais do que líquido nas garrafas. Ao final da conversa, Felipe pede à sua filha o álbum de fotografias. Com a ajuda das fotografias, rememora as festas, seus feitos, sua família e nos surpreende com uma música, um "sambinha" feito para sua esposa.

Nesse momento, aproximou-se outra filha, Marli Barreto Leite, que emocionada relatou o trabalho do pai às margens do rio Uruquai: "Era sagrado ver o pai trazer coisas em uma caixinha apoiada na cabeça para os filhos". A neta Angélica de Fátima Barreto (41 anos) confirma a informação e relata que morou toda sua vida ao lado do avô Felipe. Emociona-se ao contar que foi a única pessoa que ganhou de Felipe uma lancha com seu nome: "A lancha vinha de longe, com o meu nome Angélica. Ao final do nosso encontro, estavam presentes também os bisnetos Lucas Barreto Xavier (13 anos), que mostrava toda uma admiração ao avô Felipe, e Matheus Leite Vepo (7), que vez ou outra corria pelo pátio, e em alguns momentos observava os relatos do bisavô. Felipe Barreto nasceu em 1° de maio 1924, viúvo, têm sete filhos e mais dois filhos adotados, 30 netos, 22 bisnetos e três tataranetos.⁷

Este diário de campo relata uma etapa de pré-produção, de aproximação para a primeira conversa ainda sem as câmeras apontadas para o personagem. Tratou-se de um processo anterior à nossa intenção de reproduzir e registrar esses recortes temporais da memória em uma possível prática de filmagem ou de enquadramento fílmico. Observa-se, assim, que a produção de um filme documentário é uma forma de intervenção social, e não meramente um espaço para a produção e o consumo de uma estética acabada a partir da interpelação desatenta ou desinteressada (Turner, 1997). Adentrar não apenas à casa, mas à memória deste

⁷ Este relato contou com a colaboração de Fernanda Martinne e Fernanda Martins, discentes do curso de Relações Públicas da Unipampa, campus São Borja.

personagem, é uma prática social complexa e que requer um olhar sensível ao contexto do outro, às formas de abordar este outro.

Assim, a escuta atenta aos demais personagens que sucederam às visitas consolidaram-se como um passo dado anteriormente à cinegrafia e que nos orientou à roteirização de novos argumentos e questões. O diário de campo foi fundamental para o processo de decupagem e montagem final do filme, como também nos orientou a novas leituras – teóricas – e releituras – retomadas de consciência sobre outros elementos sociais, históricos e políticos deste personagem/fenômeno. Este primeiro contato, de escuta aos possíveis personagens, nos instigou a novas leituras. As noções de memória e identidade se tornavam centrais para a constituição do argumento e de continuidade do filme.

Chibeiros: memórias desertadas?

Para Joel Candau (2011), é imperativo compreender a identidade a partir da memória coletiva, centrada no sujeito que se vincula a uma coletividade a partir dos laços afetivos. O referido autor acentua, assim, o processo dialético entre memória e identidade, afirmando que, em muitas vezes, somente sabemos de nossa identidade quando recorremos à memória ou mesmo quando reconhecemos de onde viemos e a quem nos vinculamos, como se fosse um trabalho de encontrar numa colcha os pontos de partida e de chegada. Esta reflexão nos inspirou a compreender os relatos ou as

lógicas de externalização das memórias desses personagens. Nos depoimentos era possível destacar esta relação indissociável entre a memória e a identidade, sobretudo através desta prática profissional protagonizada de forma relativamente ilegal, à margem de qualquer reconhecimento ou proteção jurídica. Esta insignificação, ou mesmo ocultação dessa prática, fez com que esses personagens estabelecem fortes redes de solidariedade com lógicas e sistemas próprios, ou seja, fortemente identitários, inclusive com outros personagens do lado de lá da fronteira brasileira.

Seguimos observando que esses elementos de violência e de conflito eram base forte desses laços identitários. Consideramos também, no relato de alguns personagens, que se tratava de "memórias desertadas" devido à parca existência de relatos ou de suportes dessas lembranças cada vez mais dispersas e incomunicáveis. Conforme relata o chibeiro Zenóbio: "Eu nunca mais me encontrei com as famílias lá da Argentina pra relembrar essas coisas que vocês estão me perguntando. Aí a gente vai esquecendo e também porque não conta pra qualquer um que aparece assim".

Essas memórias desertadas, conforme Candau (2011), denotam certa interrupção no fluxo da sociabilidade desses personagens, seja uma interrupção pela dificuldade de locomoção, seja física ou financeira, bem como pela própria fragilidade da memória que com o tempo vai relativizando a importância da sua existência.

Considerações finais

No transcorrer da pré-produção, observamos que a metodologia – inspiração etnográfica – também nos provocava ao exercício da significação, de novas leituras sobre os elementos que a memória dos personagens nos revelava a cada encontro. Em outras palavras, esta prática audiovisual – como uma prática de inspiração etnográfica – nos provocava, inevitavelmente, à interpretação dos relatos dos sujeitos, na busca de possíveis hipóteses e significações. Realizamos um debruçar-se sobre o campo de pesquisa para depois um possível regresso ao campo conceitual ou significativo sobre o fenômeno observado, na tentativa de já ordenar/relacionar no filme os depoimentos/personagens.

A isso, somou-se a significação de que os relatos de acontecimentos pessoais, como o barco que afundou em um temporal, eram parte de uma historicidade maior, ou seja, de um contexto de violência quase que estrutural e que se tornou um método de vigilância, regulação e punição desse sujeito, o chibeiro. A lembrança de um acontecimento em si – da sorte ou azar do chibeiro – nos relatava, subliminarmente, condições estruturais mais complexas. Esta forma de leitura mais ampla se deveu a uma leitura/olhar a partir da inspiração etnográfica. Portanto, observamos que o nosso olhar possivelmente "reconstituinte" desta memória era, de fato, um trabalho de significação dos elementos menores (fatos e curiosidades dos acontecidos pontuais) com os elementos maiores e estruturais. Passamos a observar que os depoi-

mentos que nos revelavam a prática econômica através do chibo eram demarcadores de um tempo que nem todos conseguiam precisar na totalidade, pois, segundo o chibeiro Zenóbio: "Desde o tempo dos índios guaranis existia essa troca de produtos. O comércio da erva-mate e de outras coisas sempre aconteceu aqui na fronteira [...]. A gente fala por nós, do que a gente passou, mas isso é muito mais antigo e acho que antigamente era mais difícil", relata.

Especificamente sobre os "chibeiros", podemos realizar um recorte temporal, enfatizando o seu início e o seu desenrolar mais ostensivo a partir de 1960. Este também é o período temporal delimitado a partir da atuação dos sujeitos entrevistados, que nos revelam intensificar a prática do chibo a partir 1970. O fim desta prática é, segundo Muriel Pinto (2010), o ano de 1994, com a construção e finalização da ponte da Integração São Borja (BRA) e Santo-Tomé (ARG). Neste ano, ocorre o final do translado de embarcações desde o antigo porto local. É o tempo onde se proíbe o transporte de pessoas por meio de embarcações. Esse término do translado de pessoas e veículos no antigo porto ocasionou mudanças culturais e econômicas nessa região ribeirinha. Aproximadamente mais de duas mil famílias são afetadas pela esterilização do chamado comércio formiga, expressão

que denomina o espaço tumultuado por pessoas e onde eram comercializados os produtos oriundos do chibo/chibeiro.8

Conclui-se que o filme documentário – as potencialidades e devires de sua natureza criativa – são relativas às formas de como entendemos. Dialogando com Tomaim (2016, p. 99), a pré-produção também revelou que o filme documentário é este lugar de atenção aos pormenores dos "vestígios e testemunhas, o que faz deste tipo de cinema uma atividade "artesanal da memória" vocacionada a preservar/ armazenar uma memória experiencial do vivido". E, nesse caminho, a inspiração etnográfica, por meio dos seus conceitos e instrumentais, é um lugar propício de estudo e de partida. Foi e continua sendo um espaço de leitura e construção metodológica para a pré-produção fílmica, sobretudo quando a intenção/argumento é o de ir ao encontro de biografias e memórias.

⁸ Retamoso (2021) recentemente em sua pesquisa intitulada Fronteira, ponte e rio: limites e passagens para diferentes atores em São Borja, identifica que ao monopolizar o Passo (bairro), ou seja, a passagem na fronteira, a Ponte Internacional da Integração transformou significativamente estas dinâmicas, trazendo uma nova lógica de econômica imposta, seja pelos atores comerciais, ou pelas instituições privadas e de Estado, de segurança e logística. O autor defende em sua pesquisa que, "a partir da construção da Ponte da Integração, houve uma esterilização das margens do rio, visto que o referido objeto cria um monopólio legal de passagem, desconstituindo um fluxo histórico das pessoas com o rio e com as outras ". (Retamoso, 2021, p. 157).

Referências bibliográficas

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Revista História Oral, vol. 19, n. 1, Jan./Jun. 2016, p. 115-127.

AUMONT, Jacques. **As teorias dos cineastas**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora USP, 2011.

DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. **In**: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Trad. de Paulo Cesar Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

GUTFREIND, Cristiane Freitas; STIGGER, Helena. Resgate do real nos filmes biográficos sobre a ditadura militar. **In**: GERBASE, Carlos; GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Cinema em choque**. Diálogos e rupturas. Porto Alegre: Sulina. 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 2008.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais. 1990.

PINTO, Muriel. A cidade como fenômeno cultural: os impactos territoriais das transformações do patrimônio cultural e da identidade na cidade histórica de São Borja-RS. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 16, 2010, Porto Alegre. *Anais* [...], 2010.

RETAMOSO, Alex Sander Barcelos. Fronteira, Ponte e Rio: **Limites e passagens para diferentes atores em São Borja**. Unisinos, São Leopoldo, 2021. Orientador: Prof. Dr. José Rogério Lopes.

SANTAELLA, Lúcia. **Novas formas do audiovisual**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

TARKOVSKI. Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **O documentário como "mídia de memória": afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação**. Revista Significação, São Paulo, v. 43, n. 45, p.96-114, 2016.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In BARROS, A. e DUARTE, Jorge. (org.), Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social** São Paulo: Summus, 1997.



ESTUDANDO A CIRCULAÇÃO NA PERFORMANCE DE INFLUENCIADORES DIGITAIS: UMA EXPERIMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Kassieli Joaquina G. de Mello dos Santos Aline Roes Dalmolin

Este capítulo compreende a apresentação do desenho metodológico materializado na problematização definida na pergunta: como circularam desordens informacionais a partir das performances produzidas por influenciadores digitais de "estilos de vida" durante a pandemia da Covid-19 no Brasil? Esta proposta ilustra os caminhos trilhados durante o desenvolvimento do projeto de tese que desenvolvemos como autora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na linha pesquisa de Mídias e Estratégias Comunicacionais, contemplando um estudo da circulação da desordem da informação em performances de influenciadores digitais no Brasil durante a pandemia da Covid-19 (Dos Santos, 2023). Aqui, explanamos as reflexões dos processos e práticas de investigação que orientaram o conjunto de decisões e opções realizadas para o estudo. Desse modo, a proposta vincula-se às proposições teórico--metodológicas elaboradas no processo de construção da tese, articulando a apresentação do desenho metodológico a partir dos conceitos e situações empíricas do objeto (Dos Santos, 2023).

Para tanto, desenvolvemos proposições metodológicas a partir de uma elaboração própria para a percepção do fenômeno comunicacional em análise. Para aplicabilidade empírica, e compreensão das variações e transformações operadas por nosso objeto, articulamos os aportes teóricos desenvolvidos nos capítulos da tese em construção, e combinações metodológicas que oferecem a possibilidade de analisar e compreender os fenômenos que se manifestam através deste objeto. A elaboração desse entendimento é construída a seguir na clarificação dos ângulos metodológicos deste trabalho e na operacionalização dos primeiros procedimentos expostos.

A metodologia proposta é articulada com base nas leituras realizadas no grupo de pesquisa¹ e no contexto das manifestações da sociedade em midiatização nos cenários estudados. Nossa inspiração metodológica são as estratégias formuladas pelo operador teórico-metodológico Dispositivo Analítico, proposto por Carlón (2017), acerca das novas condições da circulação de fenômenos na sociedade hipermediatizada, formulado a partir da teoria de Verón (1987) sobre os estudos da circulação de sentido. Assim sendo, as estratégias usadas "tem a capacidade de identificar [graficamente] o posicionamento de diferentes tipos de enunciadores

¹ Grupo de Pesquisa do CNPq Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (UFSM). Mais informações em https://www.ufsm.br/grupos/circulacaoeestrategias.

na arena midiática" (Carlón, 2017, p.26), sujeitos que fazem circular seus discursos publicamente. Com base no dispositivo analítico proposto por Carlón (2017, 2020) para a análise da circulação, nos atemos às dimensões temporais e espaciais observando as fases da circulação.

Movimentos metodológicos

Em um primeiro momento é feita uma pré-observação do panorama da desordem informacional (Wardle e Derakhshan, 2017) no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil, investigando a atuação dos influenciadores digitais a partir de ciberacontecimentos (Henn, 2013) em circulação envolvendo conteúdo de dados falsos sobre a Covid-19, contrariedade às medidas de segurança durante a quarentena, discursos políticos tendenciosos, entre outros. Assim, a primeira etapa de nosso movimento metodológico de mapeamento dos circuitos dos ciberacontecimentos consistiu no agrupamento das performances dos influenciadores relacionadas à desordem da informação no contexto de pandemia da Covid-19.

Deste modo, realizamos o movimento metodológico de mapeamento dos circuitos interacionais na macro circulação envolvendo a performance de influenciadores brasileiros² e desordem da informação, chegando ao recorte de 74 ciberacontecimentos em circulação nos sistemas midiáticos. Sendo

² Embora, tenhamos coletado ciberacontecimentos que estivessem trazendo performances de influenciadores em outros países, nosso recorte propõe contemplar apenas o cenário brasileiro.

esse movimento que nos possibilitou mapear os circuitos acerca das performances desses enunciadores, os quais foram evidenciados na coleta via meios de comunicação tradicionais e das novas mídias, ou seja, diferentes sistemas midiáticos da sociedade hipermidiatizada (Carlón, 2017). O mapeamento se deu por meio das plataformas digitais que possibilitam um sistema de memória audiovisual digital. Vale ressaltar que, após esta etapa, realizamos a análise dos ciberacontecimentos, o qual mostrou-se fundamental a fim de cumprir um dos objetivos específicos da pesquisa, que consiste em compreender os padrões da popularização acerca da performance dos influenciadores digitais durante a Covid-19. Com essa perspectiva, empreendemos uma pré-observação dos circuitos de interação acionados a partir das performances dos influenciadores digitais nas postagens em seus perfis nas redes sociais identificadas a partir dos casos retratados em cibercacontecimentos coletados entre março de 2020 a março de 2021³.

O corpus da tese por sua vez, é composto por seis ciberacontecimentos da performance de influenciadores digitais veiculando desordem da informação. Nesse conjunto, nos voltamos à observação da sequência de fluxos interacionais que se desencadeiam nas plataformas digitais (Instagram,

³ O recorte temporal contempla o primeiro ano de pandemia, período da eclosão das performances dentro do delineado para a investigação. Estendemos para 13 meses o período de análise, devido à continuidade dos circuitos no debate público acerca dos ciberacontecimentos analisados, ainda no mês de março de 2021.

WhatsApp, Twitter, Youtube). A observação tem como ponto de partida as postagens na plataforma digital Instagram, que diz respeito à emergência das performances polêmicas selecionadas a partir dos casos observados. Contudo, outras plataformas digitais como Youtube, Twitter e Whatsapp estão inseridas na complexidade do desenho dos circuitos interacionais de fluxos difusos e não lineares. Dessa maneira, os rastros não podem ser analisados isoladamente.

Os ciberacontecimentos selecionados, em circulação durante a pandemia, se constituem em nossa análise como circuitos do contexto da desordem informacional. Nesse viés, trabalhamos com a percepção de que cada ciberacontecimento se constitui como circuito (Braga, 2012, 2017) na macro circulação da conjuntura de desordem da informação durante a pandemia da Covid-19 no Brasil nos sistemas midiáticos.

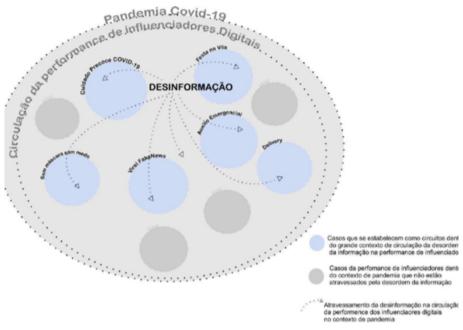
Diante disso, os produtos⁴ em circulação – conjunto de postagens inseridos em um caso, em nosso objeto – analisados se tratam de materialidades que auxiliam na articulação das inferências acerca de um circuito, que se formaliza nesse momento, mas é antecedido e precedido no fluxo contínuo. Nesse viés, uma de nossas preocupações quanto ao objeto selecionado é compreender "como ele ocupa um lugar nesse circuito; que proposições recolhe e organiza;

⁴ Nessa mesma perspectiva, entendemos que a circulação não se refere a um produto que circula (Braga, 2012), mas à existência transitória do discurso, e neste estudo, especificamente, comparecimento da performance em determinadas interações e comunicações.

como reage sobre o que o antecede, o que produz nesse percurso e o que dirige "adiante", fazendo continuar a circulação" (Braga, 2017, p. 48). Como representado (FIGURA 1), a intenção é trazer à tona o macro cenário da circulação da performance de influenciadores digitais durante a pandemia da Covid-19, observando cada ciberacontecimento como um circuito dessa circulação, destacando que cada ciberacontecimento é também constituído por diferentes subcircuitos⁵. Destacamos em azul os ciberacontecimentos analisados em nosso estudo, que são atravessados pela desordem da informação através das setas vazadas. As demais esferas, na cor cinza claro representam casos que circularam a performance de influenciadores durante o período de pandemia, mas não foram identificados como disseminadores de desordem da informação, portanto, não estão contemplados na análise.

⁵ Como esta se trata de uma pesquisa ainda em andamento, a visualização completa destes subcircuitos só será possível após a finalização das análises.

Figura 1 - Representação do contexto de circulação da performance de influenciadores na pandemia



Fonte: Ilustração própria.

O produto midiático pode ser reconhecido como ponto de partida, contudo, não ocupa somente esse lugar, ele realimenta o fluxo de circulação entre os diferentes dispositivos interacionais e funciona como um objeto de inferências.

Métodos e definição da amostra

Como uma das estratégias de análise da pesquisa, utilizamos o conceito de ciberacontecimento, que por sua vez, é proposto devido sua materialização na natureza mediática de um fato engendrado na lógica das redes sociais acumulando

acentuados sentidos. A conceituação é resultado da articulação das teorias do acontecimento e acontecimento jornalístico (Henn, 2013).

Dessa maneira, procuramos identificar os ciberacontecimentos popularizados nos diversos veículos de comunicação durante a pandemia. Para a técnica de coleta dentro desse passo metodológico, usamos o sistema de busca do Google e os aplicativos YouTube, Instagram e Twitter⁶. O processo foi realizado no período de 23 de junho de 2022 a 23 de julho de 2022. Associamos os termos "influenciadores digitais" e "pandemia"; "influenciadores digitais" e "coronavírus"; "influenciadores digitais" e "Covid-19"; "influenciadores digitais" e "vacina Covid-19".

No Instagram e no Twitter a busca foi realizada por meio de perfil pessoal⁷ com uso dos termos citados como hashtags na aba de pesquisa, usando este recurso também foi possível expandir o alcance a posts de perfis que não eram seguidos pela conta. Como já mencionamos, o recorte é feito a partir da delimitação por ciberacontecimentos em circulação de março de 2020 a março de 2021.

Sendo assim, acessamos notícias em sites, portais, canais no Youtube, páginas no Instagram e Twitter, tanto de veículos de comunicação jornalísticos como também de entretenimento. Ressaltamos que por meio da busca nas redes sociais

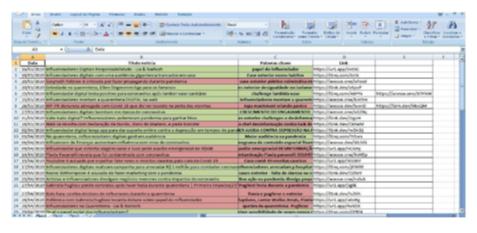
⁶ Atual "X".

⁷ Conta vinculada ao perfil da doutoranda.

tivemos acesso a ciberacontecimentos em sites ou portais menos populares que não haviam sido encontradas no sistema de buscas do Google.

Durante o trabalho de coleta⁸ organizamos uma planilha com o auxílio do software Excel com a data, título, endereçamento eletrônico e palavras-chaves, identificadas de acordo com a abordagem das notícias encontradas (FIGURA 2). Foram coletadas 74 notícias para a investigação de questões e tensões que permearam o contexto e que conduzem à identificação da circulação da performance dos influenciadores nos ambientes digitais.

Figura 2 - Imagem da tabela do Excel com informações dos ciberacontecimentos coletados.



Fonte: Elaboração própria.

⁸ Dados coletados manualmente das notícias nos sites.

Buscando artefatos visuais que auxiliassem na apresentação e interpretação metodológica da pesquisa recorremos à criação de uma nuvem de palavras (FIGURA 3), em 28 de junho de 2022, com a plataforma online Mentimeter. Os dados observados foram os títulos das notícias organizados em planilha no passo metodológico acima, visando a investigação das abordagens a serem consideradas durante o posterior movimento analítico dos ciberacontecimentos. A representação visual foi criada a partir da frequência dos termos contidos nos títulos das notícias. Foram identificadas palavras-chaves, como: papel, responsabilidade, quarentena, influência, crise, ensina, governo, sanitário. Deste modo, percebemos perspectivas que extrapolam o comumente debatido acerca da performance do enunciador visibilizado em nosso estudo.

Figura 3 - Nuvem de palavras formulada a partir do título dos ciberacontecimentos.



Fonte: Elaboração própria

A partir da coleta dos ciberacontecimentos popularizados nos veículos de comunicação e identificação das abordagem das notícias encontradas foi possível mapear os circuitos da performance de influenciadores que permearam o contexto. Assim, observamos a disseminação de conteúdos apresentando polêmicas e desordens da informação com ênfase na atuação desses enunciadores visibilizados nesse contexto midiático das redes sociais. Estes movimentos metodológicos atendem a um dos objetivos da pesquisa que busca compreender padrões da popularização e da circulação da performance dos influenciadores digitais nos ambientes digitais durante o período.

Empreendemos a investigação atenta cada ciberacontecimento, problematizando as exposições peculiaridades que se mostravam propícias à análise. Diante disso, nos detemos em analisar o conteúdo das 74 notícias coletadas no movimento metodológico de mapeamento dos circuitos dos ciberacontecimentos, conforme já descrito. Para levar adiante a tarefa, identificamos em nossa tabela as notícias de acordo com a perspectiva abordada dentro da pandemia, segundo a data de ocorrência. Identificamos os ciberacontecimentos em dois grupos para nossa melhor organização, para que pudéssemos atuar na investigação de casos que pudessem compor nosso corpus de análise, conforme a tabela (FIGURA 2). Para tanto, escolhemos duas cores aleatórias para a diferenciação das matérias, assinalamos na cor verde as abordadas como ciberacontecimentos associados ao jornalismo de gatekeepers discutindo o papel de responsabilidade, mudanças na prática da influência digital e disseminação de desinformação. Já os ciberacontecimentos que estavam relacionados a notícias factuais⁹, que abordam casos específicos de performances polêmicas, informações desinformativas em circulação, as quais de fato nos interessam, foram identificadas com a cor vermelha.

A identificação a respeito do quadro de performances a serem analisadas ocorre por meio de linhas-mestras: performances de influenciadores digitais brasileiros que comunicam desordem da informação acerca das medidas de segurança contra a Covid-19; reconhecimento pelos diferentes enunciadores nas plataformas digitais; se o assunto abordado não se aproximava, especialmente, das discussões envolvendo o período de pandemia, não integra nossa amostra. Nossa análise é composta por um conjunto de ciberacontecimentos que compõem a conjectura pandêmica e que se manifestam através de uma série de circuitos que viabilizam que se explore o desdobramento das performances de influenciadores digitais nesse mesmo cenário. Além do recorte do estudo pelo

⁹ As ocorrências desse tipo, aquelas que manifestam uma ruptura em relação a um estado do mundo natural ou social, são privilegiadas. As ocorrências que não exibem de início essa característica, em particular as atividades discursivas, devem poder ser transformadas em evento para se tornarem aceitáveis para o jornal. [...] A forte densidade do fluxo de informação que ultrapassa em muito a superfície de impressão obriga o jornal a descartar os acontecimentos relativos à atividade rotineira das instituições sociais e a privilegiar os acontecimentos que oferecem um coeficiente de novidade maior, uma maior distância da norma (Charron; Bonville, 2016, p. 204).

período analisado, delimitamos nosso corpus a influenciadores que se comunicam com a audiência por meio de técnicas de construção desse status de "microcelebridade", fornecendo a sensação de intimidade mostrando os bastidores de acordo com Marwick e Boyd (2011). Nesse sentido, o conteúdo é associado à "natureza íntima das relações pessoais mediadas" nas plataformas digitais (Thelandersson, 2020), que buscam fortalecer os vínculos com a audiência. Sendo assim, delimitamos nosso *corpus* de análise a seis ciberacontecimentos.

A seguir, podemos observar visualmente (FIGURA 4) a proposta metodológica elaborada, destacando as quatro fases adentradas: desde o primeiro movimento metodológico de busca e mapeamento dos circuitos envolvendo as performances relacionadas à desordens da informação, passando pelo recorte dos ciberacontecimentos em circulação, em seguida o movimento analítico das performances de influenciadores digitais a partir dos ciberacontecimentos, logo a definição do corpus de análise com a seleção dos casos, até a análise dos circuitos a partir da ferramenta (DA).

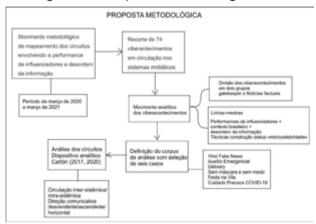


Figura 4 – Proposta Metodológica

Fonte: Elaboração própria

A tomada de decisões metodológicas esteve voltada aos objetivos da pesquisa e convergiram para a produção das reflexões na compreensão deste objeto. A ordem dos ciberacontecimentos em nosso estudo é estabelecida na análise dos circuitos em ordem cronológica durante a pandemia no cenário brasileiro ganhando visibilidade nas plataformas digitais e em veículos de comunicação nos meios massivos.

Dispositivo analítico: proposta de análise da circulação

Para a análise dos ciberacontecimentos, nossa escolha foi utilizar as estratégias formuladas no conceito de Dispositivo Analítico por Carlón (2017) acerca das novas condições da circulação de fenômenos na sociedade hipermediatizada. Tendo em vista, a conformidade com o conceito formulado

a partir da teoria veroniana (Verón, 1987) sobre os estudos da circulação de sentido, a qual é apropriada por Carlón para contemplar "a emergência de novos enunciadores capazes de produzir discursos públicos, fazendo-os circular" (Carlón, 2019, p.1, tradução nossa). A tese de Verón sobre a mudança na midiatização é utilizada para explicar como funciona a comunicação. O modelo é apresentado como uma dimensão analítica. Ressaltamos que, recorremos a esse processo analítico mapeando os circuitos, com o objetivo de tornar visível a circulação.

Nesse viés, o instrumento teórico-metodológico elaborado por Carlón (2018), oportuniza a formalização dos estudos sobre circulação discursiva permitindo a análise de distintos casos do objeto de investigação e da circulação de sentido, contemplando a relação entre meios massivos e os novos meios bem como a análise da dimensão espacial e temporal do caso. Para o autor, os distintos casos de circulação de sentido atual, são característicos da complexidade da sociedade hipermediatizada, em que há a existência de um novo sistema baseado nas plataformas digitais. Para além da sociedade dos meios massivos, as novas mídias integram essa complexificação, "esse sistema com um novo baseado na Internet (Twitter, Facebook, Instagram, YouTube, Snapchat, etc.), transformou profundamente o cenário midiático, dando

¹⁰ No original, "la emergencia de nuevos enunciadores capaces de producir discursos públicos, hacerlos circular".

origem a uma sociedade hipermediatizada"¹¹ (Carlón, 2020, p.10). Nesse cenário, haveria distintos enunciadores e circulação hipermidiática, implicando em novas práticas sociais e discursos. A consolidação de um novo sistema midiático, nos estudos da circulação é visto por dois enfoques que se complementam, as transformações inéditas nas condições de circulação (Verón, 2013a) e dos novos enunciadores e suas funções.

Inspirado nas proposições de Verón (1987), Carlón (2018) promove articulações acerca das transformações dos fenômenos midiáticos, pensando um conjunto de características e perguntas emergentes na estruturação da sociedade contemporânea. O autor articula a existência de duas grandes áreas no espaço midiático. A dimensão temporal tem como objetivo determinar a dimensão diacrônica da circulação (evolução no tempo – modificações sofridas por ela com o passar do tempo). Deste modo, ao identificar o discurso inicial é possível reconhecer a origem ascendente ou descendente¹² do discurso, determinando a origem e o desenvolvimento da circulação de sentido. O sentido ascendente é atribuído a "casos que vêm "de baixo para cima", das redes sociais aos meios de comunicação de massa" (Carlón, 2020, p.15), sendo

¹¹ No original, "ese sistema con uno nuevo con base en Internet (Twitter, Facebook, Instagram, YouTube, Snapchat etcétera), ha transformado profundamente el paisaje mediático, dando origen a una sociedad hipermediatizada".

¹² A classificação de Verón para os processos comunicativos aos fenômenos dos meios massivos é nomeada como descendente por Carlón (2018).

a origem descendente identificada quando os casos se disseminam dos meios massivos para as demais novas mídias.

Neste ponto, quando o teor do que é dito acerca do assunto em circulação muda, ocorrem mudanças na dimensão espacial de circulação. Neste sentido, optamos por selecionar casos em que fiquem evidenciadas e de certa forma, comprovadas, por meio da memória digital, as diferentes fases de circulação, para construir o cenário em que ocorrem. A dimensão temporal observa quando foram as primeiras manifestações discursivas e a primeira troca com os públicos, o que permite gerar uma linha do tempo do caso, recortando cada uma de suas fases.

A tradicional representação em gráficos do funcionamento da circulação em meios massivos de Eliseo Verón (FIGURA 5) evidencia a circulação e os intercâmbios de sentido, para tanto, indica discurso (D), produção (P) e reconhecimento (R) e objeto (O).

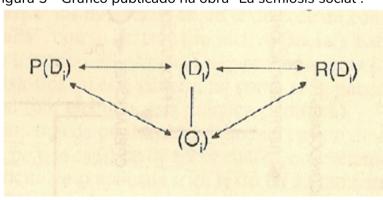
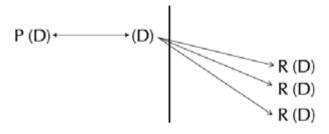


Figura 5 - Gráfico publicado na obra "La semiosis social".

Fonte: (Verón, 1987)

Considerando as mudanças sociais e do sistema midiático, Carlón (2018) representa as direções comunicacionais e desenvolve um novo esquema (FIGURA 6) para ilustrar o que interessava ao primeiro autor. Tal demarcação inserida se faz fundamental em nosso estudo, pois atende a um dos aspectos destacados por Wardle e Derakhshan (2017) acerca do discernimento a respeito do produtor inicial da mensagem em circulação, percebendo os caminhos entre produção e reconhecimento, para que se possa caracterizar o tipo de desordem da informação de acordo com sua intenção.

Figura 6 - Gráfico inspirado na representação de Verón de 1987.



Fonte: (Carlón, 2020)

Além disso, o gráfico exprime que o discurso pode gerar diversificados reconhecimentos, baseado na transformação da sociedade e novos sistemas midiáticos na emergência de novos enunciadores capazes de produzir discursos públicos. Diante das novas configurações, a linha em negrito da linguagem visual dá particular visibilidade aos distintos reconhecimentos possíveis.

Em uma proposta de análise para a circulação contemporânea, o dispositivo analítico trabalhado pensa em como o processo da circulação se desdobra no tempo, para isso distingue as fases. O dispositivo analítico de Carlón atende as demandas de nosso estudo, sendo aprofundado de acordo com as particularidades citadas e articulado com as peculiaridades de nosso objeto. Assim, atende ao objetivo de identificar a atuação dos influenciadores digitais na circulação de informações durante a pandemia da Covid-19 analisando suas performances, a partir das manifestações da circulação das desordens da informação durante a pandemia da Covid-19 no Brasil.

Para mostrar o funcionamento das dinâmicas de circulação, exemplificamos em uma figura como realizamos a análise dos ciberacontecimentos selecionados a partir da performance dos influenciadores, destacando o modo como se estruturam na complexidade dos circuitos interacionais. Como vemos a seguir (FIGURA 7) a performance tem origem em um dos três sistemas: meios de comunicação de massa, redes sociais e underground com mudanças de sentido conforme sua circulação por esses. O conteúdo que deu início ao ciberacontecimento exemplificado foi publicado no dia 26/03/2020, a circulação está composta por um total de quatro fases e uma subfase.

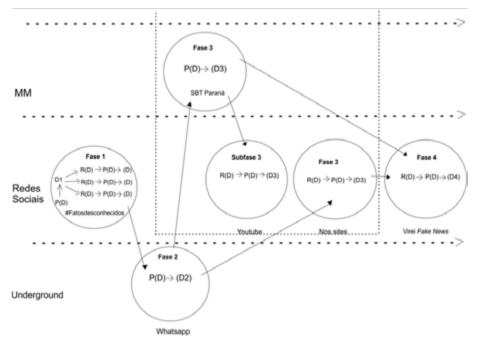


Figura 7 - Fases da circulação do ciberacontecimento

Fonte: Elaboração própria a partir de Carlón (2020)

A Fase um identificada em nosso trabalho como "#Fatosdesconhecidos", ilustra o início da circulação. A publicação é feita no stories do Instagram interagindo com a comunidade de seguidores e, posteriormente a performance começa a ter recepção em outras plataformas digitais, portanto, ilustramos tal reconhecimento no processo R (D) - P (D) - (D).

Logo, mostramos no gráfico a fase dois, que é hipermidiática (inter-sistêmica) por uma mudança da escala, caracterizada pelo reconhecimento e nova produção. A partir do download da série de *stories* é criado um novo conteúdo colocado em circulação pela própria audiência. Esse discurso (D2) expande o alcance da comunidade inicial, formado por seguidores no Instagram, viralizando no aplicativo Whatsapp, o que caracteriza a mudança de direção comunicacional para descendente e posteriormente ascendente.

Na fase três, constitui-se o salto hipermidiático na circulação de direção ascendente na transição de escala na midiatização. Através do processo de reconhecimento por meio da circulação no sistema undergound, se tem a produção de um novo discurso (D3) disseminado através de conteúdo em meios de comunicação de massa e veículos de comunicação online. Assim, no dia posterior à publicação (D1) da influenciadora, veículos de comunicação online, bem como, veículos de comunicação de massa faziam a chamada em suas páginas – Youtube ou Instagram, caracterizando a subfase 3 - para o acesso à informação (D3) acerca da polêmica envolvendo a influenciadora.

Após a repercussão nos diferentes sistemas midiáticos o ciberacontecimento tem um novo estágio, o desdobramento da quarta fase o impulsiona a continuar circulando e repercutindo. Um novo discurso (D4) é colocado em circulação por meio da postagem da performance polêmica no feed de notícias da conta da influenciadora, circulando novos sentidos acerca da mesma.

Considerações finais

Nosso relato nos leva a empreendermos a reflexão acerca das dificuldades encontradas para a definição de um arcabouço metodológico já estabelecido na academia que "conseguisse dar conta" deste objeto comunicacional. Assim, foi necessário delinear nosso próprio caminho a partir de movimentos teórico-metodológicos que atendessem as especificidades de nosso estudo. A própria definição do recorte dentro do objeto de pesquisa com performances oriundas nas plataformas digitais e com expansão e desdobramento no campo midiático e não midiático já está inserida na aplicação dos procedimentos metodológicos. Em nosso caso, refletimos como de forma prática fizemos para debruçar-se em uma análise da formação de circuitos documentadas neste universo digital que com fluxos difusos se expande para os diversos sistemas midiáticos.

Ao longo de nosso trabalho, a ideia de circulação é explorada tecendo o objeto de estudo, assim empreendemos a análise dos ciberacontecimentos (Henn, 2013) selecionados com uso das estratégias formuladas no conceito de Dispositivo Analítico (Carlón, 2020). A ferramenta proposta reflete o processo da circulação observando as fases da circulação no tempo e sua transição entre os sistemas midiáticos na sociedade hipermediatizada (Carlón, 2020). Para tanto, dimensionamos a origem do discurso no circuito e direções não lineares tomadas pelos sentidos veiculados, assim conseguimos compreender a amplitude tomada pelo discurso e perfor-

mances como um todo desses enunciadores. Nesse viés, os circuitos observados nos ciberacontecimentos nos elucidam o desdobramento da comunicação desses influenciadores digitais, propondo a reflexão das dimensões do fluxo em continuidade a partir dela.

Nesse viés, a partir das análises individuais de cada ciberacontecimento, nossa intenção foi trazer à tona os circuitos desse macro cenário da circulação da performance de influenciadores digitais durante a pandemia da Covid-19. Finalizamos enfatizando que a construção metodológica aqui proposta pode ser adaptada a objetos similares, sobretudo em investigações sobre a circulação de outros acontecimentos envolvendo influenciadores digitais no contexto da sociedade hipermediatizada (Carlón, 2020).

Referências

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação e midiatização**, Salvador: EDUFBA, 2012; Brasília: COMPÓS, 2012a. Disponível em: << https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf>> Acesso em maio de 2023.

_____. **Circulação & circuitos** situações. Livro Ciseco. p. 49-64. 2018. In: CASTRO, Paulo César (org). A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento. Maceió, Edufal, 2017.

CARLÓN, M. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión, (segunda apropiación de la teoría de la comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). Em.: CASTRO, P. (org.). A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento, pp. 25-48. Maceió, Brasil: Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal), 2017.

Medios individuales, medios colectivos y circulación transversal. Desde 'adentro hacia afuera' y desde 'afuera hacia adentro' (o cómo afecta
la nueva circulación a las instituciones sociales). Em.: CASTRO, P. (org.). Cir-
culação discursiva e transformação da sociedade. (2018). Recuperado de:
cutação discursiva e transformação da sociedade. (2018). Recuperado de:
http://www.ciseco.org.br/index.php/noticias/373-livro-circulacao-discursiva-
<u>-e-transformacao-da-sociedade</u>
Individuos y colectivos en los nuevos estudios sobre circulación. In: Mediaciones de la Comunicación . Montevideo, v.14. p. 27-48. 2019. Disponible en: https://doi.org/10.18861/ic.2019.14.1.2884 >.
·
Tras los pasos de Verón Un acercamiento a las nuevas condiciones de circulación del sentido en la era contemporánea. Galáxia . V. 1.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalis-mo**. Florianópolis: Insular, Brasília: FAC Livros, 2016.

N. 43), pp. 5-25, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1982-

25532020146718>. Acesso em 18 abr 2024.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. *In*: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. Florianópolis: Insular, 2013. p. 31-48.

DOS SANTOS, Kassieli Joaquina Gonçalves de Mello. Circulação da desordem da informação em performances de influenciadores digitais durante a pandemia da Covid-19 no Brasil. Relatório de Qualificação de Doutorado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

MARWICK, Alice; BOYD, Danah. To see and be seen: Celebrity practice on Twitter. **Convergence**, v. 17, n. 2, p. 139-158, 2011.

THELANDERSSON, Frederika. Mediated Intimacies. In: ROSS, Karen et. alli. (orgs.). **Encyclopaedia of Gender, Media and Communication**. London: Wiley-Blackwell, V.1-3, p. 1-9. 2020, Disponível em: https://doi.org/10.1002/9781119429128.IEGMC288. Acesso em 10 jun 2022.

VERÓN, E. La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes. Paidós, 2013.

_____. "El sentido como producción discursiva". *La semiosis social*. Fragmentos de uma teoría de la discursividad. Buenos Aires: Gedisa, páginas,1987.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder:** Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: Council of Europe, 2017.



DESAFIOS METODOLÓGICOS EM PESQUISAS DE MIDIATIZAÇÃO: O OBJETO COMO REFERÊNCIA DO MÉTODO

Tatiane Milani Ana Paula da Rosa

A reflexão metodológica, ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa, não é apenas um exercício necessário, mas um componente vital que molda o próprio percurso investigativo. Nos estudos de comunicação, especialmente aqueles que envolvem a análise de dinâmicas complexas como as interações em midiatização, a metodologia não condiz com um caminho linear previamente estabelecido, mas com um campo de elaborações contínuas. Neste sentido, propomos refletir neste capítulo sobre a complexidade dos fenômenos comunicacionais contemporâneos, tomando a própria midiatização como uma organizadora metodológica, sendo fundamental, portanto, desenvolver métodos, caminhos e procedimentos metodológicos particulares a tais fenômenos. É a partir desse cenário que se desenrola a reflexão que propomos, cuja

origem tem início na elaboração da tese de doutorado¹ e ancora-se, também, na prática da pesquisa que vem sendo desenvolvida em artigos, reflexões e debates de grupo.

Assim, neste texto faremos um exercício reflexivo do processo teórico-metodológico considerando a tese de douto-rado mencionada como um objeto para a observação de movimentos de elaboração metodológicos, visto que os arranjos são inventivos, particulares e lidam com a especificidade dos observáveis o que já é, por si só, um compromisso metodológico que rompe com a ideia de metodologia baseada em um conjunto de regras, critérios e categorias a priori.

A pesquisa centrou-se na investigação das afetações e representatividades comunicativas do Papa Francisco sob a perspectiva das dinâmicas da circulação. Tal perspectiva consiste em um encaminhamento metodológico particular ao objeto, pensado e elaborado à luz da solicitação da empiria. Reforçamos o protagonismo da ambiência da midiatização na reflexão epistemológica, considerando não só as técnicas de métodos – também particulares – mas uma reflexão crítica em como os desafios impostos pelas complexas interações da midiatização e da circulação moldam e conduzem as escolhas

¹ A escrita deste texto está ancorada nas reflexões da tese de doutorado, intitulada "Entre afetações e representatividades comunicativas: As dinâmicas da circuitagem a partir do que o Papa Francisco diz e faz" (Milani, 2024) sob a orientação do prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes e coorientação da prof. Dra. Ana Paula da Rosa. Ainda, se filia, às proposições teórico-metodológicas do Grupo de Pesquisa (CNPq) Laboratório da Circulação, Imagem e Midiatização (LACIM).

que precisamos fazer no decorrer dos movimentos exploratórios, investigativos e analíticos.

Desde o início, ficou claro que o objeto em questão demandava mais do que a aplicação de métodos tradicionais; exigia uma abertura epistemológica que permitisse adaptar, transformar e, por vezes, questionar as ferramentas metodológicas disponíveis. Nesse sentido, a metodologia tornou-se não apenas um meio, mas um fim em si mesmo, compondo e recompondo as bases do estudo conforme novos desafios se apresentavam e eram encaminhados. Por essa razão, este texto se propõe a explorar uma jornada metodológica, articulando reflexões críticas que além de comporem o processo de elaboração de uma tese, consideramos que precisa cada vez mais estar no palco das pesquisas em Comunicação. Mais do que uma experiência metodológica pelos caminhos da midiatização, trazemos para o debate a relação do sujeito que faz pesquisa, evidenciando que um dos elementos da ciência é a pessoa do pesquisador que não só conduz sua pesquisa, mas a transforma e é transformado de maneira constante.

Ao compartilhar as decisões, desafios, ajustes e (re) elaborações que emergiram no decorrer da pesquisa para a tese, buscamos oferecer uma visão abrangente e contextualizada da importância da metodologia em estudos de midiatização. Para além de uma simples descrição técnica, este texto é uma tentativa de narrar a construção de um pensamento metodológico em movimento, em constante diálogo com o objeto de estudo e com as demandas teóricas

que dele emergem. Espera-se que a partir dessa tentativa de abrir a caixa-preta da pesquisa, outros pesquisadores possam ser afetados, inclusive estimulando que outros textos-relato possam estimular um debate sobre as experimentações metodológicas, mais do que as aplicações em si.

O objeto como orientador das escolhas de pesquisa

Em nossa reflexão metodológica, o objeto empírico vai além de um ponto de partida, tornando-se um guia fundamental que orienta as escolhas metodológicas. A partir dele, emergem as questões mais relevantes, as quais demandam abordagens que sejam teóricas, práticas técnicas e de método. Nesse sentido, o objeto empírico transcende a simples descrição do fenômeno, e passa a configurar o próprio eixo estruturante da pesquisa. Aqui nos propomos a pensar na importância de deixar o objeto guiar a metodologia, as escolhas e orientações de uma pesquisa científica.

Além disso, justificamos que a metodologia científica é muito mais do que um critério obrigatório, ela manifesta-se como um lugar em que a produção se torna um campo de luta científica, assim como defende Bourdieu (2019). Embora a abordagem metodológica normalmente receba um capítulo particular nas teses e dissertações da área da Comunicação, consideramos necessário evidenciá-la ao longo de toda a escrita. Esse esforço nos permite conhecer, identificar e ampliar as problematizações do campo.

No caso específico do percurso do doutorado, o dinamismo do objeto empírico exigiu uma abordagem metodológica igualmente flexível e adaptativa. Ao contrário de um método imposto de forma rígida, a metodologia precisou ser continuamente ajustada às descobertas e desafios emergentes e do próprio andamento das descobertas. A orientação pelo objeto empírico permitiu que a pesquisa se movesse de forma mais orgânica, onde cada escolha metodológica era uma resposta direta às necessidades que o objeto apresentava.

Entre os marcos metodológicos da tese esteve a decisão de assumir a dissertação² como primeira fase do trabalho desenvolvido no doutorado. Essa escolha se deu em razão de dar continuidade ao estudo do mesmo objeto, porém com nova problemática e encaminhamentos. Contudo, colocar a dissertação nesse lugar de origem também trouxe riscos aos encaminhamentos epistemológicos, que ao longo do percurso se tornaram em desafios superados. Entendemos que os movimentos de risco, de ousadia metodológica ativam o protagonismo dos pesquisadores em seus próprios textos, além de fornecer condições para que o fazer em si mesmo possa também fazer parte do resultado final dos nossos trabalhos investigativos. Acreditamos fortemente que a pesquisa em midiatização seja uma oportunidade de usarmos da complexidade dos fenômenos para pensar modos de fazer particulares

² MILANI, Tatiane. **Agonística expressa em circulação**: o Papa Francisco como articulador de sentidos, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos. São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3fa6dav.

e, por consequência, ampliar debates teórico-metodológicos ou quem sabe dar voz a manuais de métodos próprios.

Ao invés de seguir uma linha de investigação previamente traçada, o processo metodológico foi constantemente ajustado para melhor capturar as particularidades do objeto e da problemática em estudo. Dessa forma, os métodos não se limitaram a um segundo plano, mas o seu protagonismo foi se destacando em razão da interdependência com o objeto, fazendo com que cada decisão metodológica fosse guiada pela complexidade e pelas nuances do próprio fenômeno. Ou seja, em nosso entendimento, o método é tecido com a tese ao longo de toda a pesquisa. Isso exige olharmos para a importância de observar situações da realidade para compreender como as coisas se transformam e, principalmente, usar a própria pesquisa como ambiente de experimentação, reflexão e aprendizado sobre as escolhas e modos de conduzir uma pesquisa empírica que contribua ao conhecimento da Comunicação.

Dinâmicas da circulação como referência para o método

Explorar uma metodologia da midiatização obviamente não é uma tentativa de universalizá-la, especialmente porque outros colegas³ já desenvolveram métodos próprios para seus objetos, também na ambiência midiatização. Porém, isso

³ Da linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais (PPGCC UNISINOS).

nos convoca a pensar a sua diversidade sob abordagens cujas imposições dos fenômenos comunicacionais atuais não nos permitem mais fugir ou neutralizá-los.

Assim, uma das propostas de nossa pesquisa foi desenvolver uma tentativa de construção metodológica tendo como base a circulação como organizadora dos movimentos do objeto. Vale reforçar, portanto, que a tese foi elaborada sob a condição de uma metodologia de midiatização, enfrentando as dinâmicas da circulação como método central. Dito isto, o objetivo aqui não é debater as teorias metodológicas consolidadas, porque o esforço reflexivo é justamente avançarmos no campo de estudos da midiatização para uma nova tentativa metodológica. Afinal, muitas vezes justificamos os movimentos e escolhas que somos obrigados a fazer em função dos objetos da midiatização com os arcabouços de fora dela, ou então a naturalizamos como fenômeno, a ponto de não a reconhecermos como metodologia.

Antes, porém, é necessário distinguir aquilo que também faz parte daquilo que acionamos como métodos de pesquisa e o que consideramos como perspectiva metodológica. Os primeiros dizem respeito àqueles aspectos pontuais, estabelecidos ou tentativos (circulação) das metodologias tradicionais. As perspectivas metodológicas dizem respeito mais a uma atitude de pesquisa e um direcionamento de como a exploração, observação e análise das materialidades empíricas são manejadas, e por consequência, como esse processo vai nos indicando a construção do caso de pesquisa, das bordas para depois adentrar nas especificidades.

Adotamos a perspectiva indiciária a partir dos estudos de Braga (2008) e Ginzburg (1989), e com a perspectiva etnometodológica em sua essência, adaptada para conduzir a pesquisa empírica. Para que a produção de conhecimento ocorra, e de modo que possamos elencar movimentos de operacionalização, primeiro é necessário um mergulho no objeto material, no sentido de buscar investigar sem carregar categorizações, estereótipos ou definições teóricas apriorísticas. Ou seja, olhar para as discursividades em torno do Papa Francisco em circulação, sem predefinições e captar dali aquilo que poderia ser uma potência investigativa. É um primeiro passo de buscar pelo objeto empírico, sobretudo permitindo que ele vá indicando suas processualidades. Esse passo se dá a partir do paradigma indiciário (Braga, 2008; Ginzburg, 1989), cujas observações geram conjecturas - inferências dedutivas, indutivas e abdutivas (Ferreira, 2012).

O indiciário se trata de um paradigma de conhecimento, uma forma de conhecer alguma coisa; não é diretamente um método, embora oriente epistemologias e disciplinas de conhecimento que são essencialmente indiciárias. Quer dizer, trabalhar com indícios requer que façamos conjecturas/inferências – competência básica do ser humano – perceber e fazer inferências. A leitura que fazemos dos dados dos objetos – indícios – nos levam a fazer conjecturas, e estas a desenvolver hipóteses e perguntas.

No indiciário não se trata de explicar, mas de interpretar e compreender. Requer um processo de articulação entre os indícios para formular um modelo interpretativo que explique o fenômeno em questão. É um exercício tentativo de buscar conexões entre aquilo que está sendo descrito, o observável com suas características próprias e as perguntas de pesquisa. Para que se consiga fazer tal conexão é necessário perceber características próprias do observável, ou seja, suas dinâmicas e lógicas internas com o melhor detalhamento possível destas. Para isso, não é apropriado olhar para essas características através de hipóteses e filtros teóricos já definidos, pois podem direcionar e destacar alguns aspectos e não perceber outros. Aliás, o raciocínio abdutivo vai sendo elaborado conforme a exploração e observação empírica, que por sua vez orienta a reflexão teórica e, conforme esses movimentos, cada pista pode alterar a compreensão do caso e, consequentemente, o modelo que está sendo construído. Precisamos, portanto, abrir mão de "apegos" metodológicos ou decisões prévias.

Conforme avançamos na compreensão dos componentes e integrantes do objeto material, mais a abordagem indiciária vai se aperfeiçoando e gerando conjecturas afinadas. Uma das formas de fazer esse processo é o de perguntar. E as perguntas começam a surgir à medida que observamos e compreendemos os materiais. Pensando em uma ordem desta processualidade temos: uma inquietação e/ou premissa (não necessariamente uma pergunta sobre determinado assunto); em seguida começamos a observar detalhes desse assunto – indícios; a partir deles vão surgindo perguntas e mais clareza sobre os próprios indícios. São essas perguntas que vão dar a

sustentação para o processo inferencial.

O paradigma indiciário tem como valor a capacidade de lidar com a complexidade e singularidade dos fenômenos sociais, comunicacionais etc., especialmente porque permite a exploração das descobertas de forma livre e dinâmica. É uma alternativa às abordagens quantitativas e generalizadoras, incentivando uma exploração mais detalhada e avançada dos casos estudados. Na ambiência da midiatização analisamos fenômenos e casos multifacetados, enriquecidos de pequenos detalhes que se entrelaçam, se complexificam, e com a abordagem indiciária encontramos caminhos livres para refletir sobre tais dinâmicas e lógicas interacionais.

O paradigma indiciário caracteriza algumas metodologias, e também outras perspectivas analíticas, como por exemplo, a etnometodologia, a etnografia, análise da conversa etc. Todas as atividades que têm como eixo central a observação de atividades internas requerem a utilização de indícios. Na pesquisa, somamos esforços investigativos com a perspectiva etnometodológica. Resumidamente, diz respeito a uma atitude de pesquisa, e não a uma metodologia estabelecida. Aqui, trata-se de uma prática com ênfase heurística, que por meio da observação e de tentativas nos permite a descoberta.

O seu propósito está enfaticamente em uma atitude, que é analisar os sentidos "que atores e agentes sociais atribuem à sua própria prática social" (Rodrigues; Braga, 2014, p. 6). Ou seja, requer adentrar no campo de observação para perceber o que as pessoas dizem e o que elas fazem em cada situação.

Para pensar a abordagem etnometodológica é preciso pensar os fenômenos de forma subterrânea e renunciar a tudo o que fere a observação. Requer um aprofundamento observacional, que procura ver as especificidades do objeto empírico em questão; se caracteriza por um olhar de dentro do objeto, para que ele nos encaminhe para os desdobramentos futuros, renunciando a categorizações prévias.

Inspirada na fenomenologia de retornar "às próprias coisas", isto é, na observação dos fenômenos tal como eles se apresentam na experiência direta, esta abordagem examina como os indivíduos constroem e entendem a ordem social através de suas práticas comuns de interação. Obviamente encontramos algumas limitações em utilizar desta abordagem em nossa prática de objetos em circulação, porque os materiais a que temos acessos nos são tangíveis a partir de vários graus de mediação técnica e humana, não havendo a possibilidade de observar um acontecimento com o Papa Francisco, por exemplo, no momento em que este se realiza.

Contudo, essa perspectiva nos encoraja a olhar o conjunto de interações a que somos expostos conforme está dado, ou seja, só temos acesso ao enunciado e não ao ato da enunciação. Não nos cabe e nem é importante fazermos uma análise como se estivéssemos presente no exato momento de seu acontecimento, justamente porque nosso objeto é sobre as dinâmicas da circulação em movimento, em constantes modificações. Assim, aquilo que olhamos pela atitude êmica é o emaranhado de interações em circulação, fazendo o exer-

cício de observar sem categorizações prévias. E mais importante, permitindo que o próprio objeto mostre o seu caminho.

Acreditamos que é com esse primeiro espaço de observação que vão se aperfeiçoando as demais escolhas e definições. Basicamente, em nossa pesquisa específica, se trata de compreender não só o que o objeto diz, mas sobretudo o que as falas/ações do Papa Francisco fazem através do que ele diz. Isto é, não basta olhar para o que o pontífice fala, mas para o que acontece a partir do dito e, inclusive, de seu silêncio. Assim, a perspectiva indiciária junto com o ponto de vista êmico é que direcionam toda a investigação das materialidades, desde a fase de exploração até a definição do caso de pesquisa.

A partir desse cenário, mobilizamos a opção de trabalhar múltiplos casos de circulação, e esta escolha em particular provém de alguns condicionamentos. Primeiro, porque na dissertação desenvolvemos uma pesquisa, cujos resultados deixaram inquietações, mas, além disso, a pesquisa lá realizada comprovou que conforme o Papa Francisco se desloca entre diferentes contextos e/ou situações, existe um imaginário em torno de sua performance comunicativa que evoca uma ideia de "papa da acolhida", ou seja, "uma imagem que agrada" (Milani, 2019, p. 144). Contudo, não há a prevalência desse tipo de imagem ou imaginário sobre o papa, pois estas se modificam em curso, conforme elaboração e tensão da situação que aciona um episódio ou acontecimento sob as lógicas e dinâmicas da circulação.

Isso quer dizer que as afetações interpretativas geradas em cada acontecimento polemizador com o Papa Francisco são construídas de maneira particular. Neste ponto, surge a premissa de que em torno do papa existem representatividades comunicativas simbólicas, e diferem entre si conforme espaço interacional ocupado pelo líder católico. Quer dizer, a conduta e expressões comunicativas do papa não se limitam aos espaços próprios à Igreja Católica, ele os expande quando permite a emergência de debates sobre questões de políticas sociais e integrativas, sobre o meio ambiente, povos e nações, e até mesmo em espaços estritamente políticos, como é o caso da tentativa de negociação entre Rússia e Ucrânia. Assim, torna-se imprescindível trabalharmos com casos que contemplem diferentes cenários, pontos de eclosão, contextos e ecossistemas circulatórios, participantes e abrangências.

Ora, quando analisamos fenômenos, situações e/ou grupos de pessoas no cenário comunicacional da circulação, aquilo que estamos observando é um conjunto com várias unidades, tipos de interações, participantes e dispositivos tecnológicos, mas como parte integrante deste fenômeno. A observação perpassa a especificidade de cada unidade, mas dentro de um contexto de caso único. Então quando optamos por observar múltiplos casos de circulação, diz respeito a observar vários casos com esse tipo de configuração heterogênea.

Além disso, normalmente casos de pesquisa sob as dinâmicas da circulação não possuem um fechamento reto, concreto ou com uma borda definida, no sentido de "aqui

termina este caso". As lógicas dos circuitos interacionais perduram por anos e de tão variadas formas que é praticamente inviável termos a perspectiva de um caso fechado, no sentido estrito do termo.

Outra limitação enfrentada em nossa tentativa de "construir" os casos que comporiam o estudo empírico foi de estar fazendo as observações e inferências através dos materiais, e ao mesmo tempo novas interações entre os participantes estarem acontecendo praticamente em tempo real, característica própria do que mencionamos anteriormente. Isso não significa que precisamos olhar para tudo o que vai se desenvolvendo infinitamente, mas exige destreza e flexibilidade para compreendermos seus limites e o grau de importância de cada situação interacional para a constituição do caso, assim como sua pertinência ao problema e objetivos da pesquisa.

Desafios metodológicos

Retomando o proposto, ao longo da pesquisa desenvolvida lidamos com desafios. Geralmente o tema de uma pesquisa de doutorado nasce de um interesse pessoal junto ao campo de estudos em que fazemos parte. Em alguns casos, também pode surgir a partir de alguma lacuna ou novas explorações possíveis que ficaram como oportunidade exploratória a partir do mestrado. Mas nem por isso quer dizer que tudo o que vamos enfrentar durante o processo seja tirado de letra. O contrário é muito mais verdadeiro. Portanto, dialogar sobre os desafios metodológicos, teóricos

e, também, pessoais que os objetos de investigação no âmbito da midiatização nos exigem, para esta tese é fundamental. De maneira geral, fazemos o exercício de abrirmos as portas da "cozinha da pesquisa" como um ambiente de experimentação, reflexão e aprendizado do que significa fazer ciência. Todos os processos, idas e muitos retornos, não podem ser visualizados por quem lê um trabalho acadêmico, especialmente porque as formas de aprendizados, as "grandes" sacadas são particulares ao sujeito que vive, sente e escreve.

Acreditamos que todos que já passaram pela etapa doutorado concordam que a lista de desafios e adversidades para a construção de uma tese daria condições para uma outra tese. Assim nos propomos a aprofundar os que foram mais significativos e fundamentais que a tese revelou, mas que todo pesquisador está sujeito a se deparar em qualquer etapa de formação.

Entre os principais desafios, nos deparamos com uma espécie de dever de continuar a investigar aquilo que foi iniciado na dissertação, especialmente as lacunas e possibilidades investigativas que não tinham condições de serem expandidas lá. Ao assumir esse lugar de continuação, o enfrentamento acontece com os riscos, e embora seja natural que muitos pesquisadores sigam esse caminho, isso não isenta as dificuldades. Dentre todas as absorvidas no processo, esta foi a mais significativa porque travava uma disputa pessoal "de como conseguir desenvolver uma tese?". Esse questionamento abarca a autorresponsabilidade e o compromisso com

o rigor científico, além de fazer uma pesquisa significativa e não apenas para cumprir uma etapa de formação.

Ao prosseguir com o mesmo tema, a ação comunicativa do Papa Francisco, observando de longe as constantes transformações e alterações comunicacionais, em certa medida causam uma sensação de impotência. Além disso, não se tratava de observar "o Papa Francisco", mas sim atentar para um fenômeno comunicacional no âmago da midiatização. A partir deste contexto, por si só já desafiador, que se origina o objeto. Até então havia uma aproximação recente com os materiais que limitavam a percepção de avançar nas análises (limitação da experiência). Ao longo das pesquisas empíricas foi necessário buscar auxílio nos seminários e também afastar-se do tema por um tempo. Esse processo resolutivo foi constante.

Em resumo, só foi possível avançar depois de várias explorações de materiais com o compromisso de deixar ir as descobertas que já tinha feito, mas não no sentido de ignorar aquela produção, mas de conseguir se desprender e se conscientizar que estava diante de algo novo, e precisava olhar sem nuances ou conjecturas já formadas. Eclea Bosi (2003, p. 114) diz que "entre as travessias forçadas e os percursos imprevistos, existe a preciosa noção do caminho familiar, com marcos onde a significação da vida se encontra". Ao mesmo tempo que era um "caminho familiar" colocava-me à prova de sua significância e abrangência.

Ao observar um acontecimento, a transformação dos campos sociais, ou até mesmo a forma como os meios de comunicação fazem e divulgam as informações do mundo. tudo já está sob as lógicas de uma sociedade midiatizada. Os fatos não são isolados em uma única perspectiva, há uma confluência de elementos, atores, meios, dispositivos interconectados. Nós pesquisadores somos impelidos a olhar para como as coisas, a sociedade, as formas de interação se transformam. Já não cabe mais observar como a Igreja faz uso dos meios de comunicação, mas como as lógicas entre ambos os campos se mesclam, se reconfiguram. É neste prelúdio que nascem os objetos de pesquisas da atualidade, acrescentando camadas de dificuldades que também envolvem a inserção de quem pesquisa neste meio. Ou seja, além do objeto se materializar em fluxos e dinâmicas de circulação, nós pesquisadores também estamos inseridos nos fluxos, além de estarmos inscritos nos espaços em que os objetos se condicionam e se movimentam.

Para pensar os tempos atuais e os objetos de comunicação, Dominique Wolton (2023, p. 58) nos apresenta uma questão provocadora, usando o conceito de globalização da informação, dizendo que ela "não elimina a necessidade de fronteiras e identidades culturais, ao contrário, fortalece-as. Tudo está ficando mais complicado, ou, melhor, o desempenho crescente das tecnologias não facilita a compreensão do mundo". Aqui temos a chave para pensar os desafios do nosso objeto de pesquisa originado na ambiência da midiati-

zação, as técnicas para construir uma metodologia consistente e que, sobretudo, deem conta daquilo que estamos tentando abordar, identificar e analisar. Uma das primeiras inquietações é conseguir capturar recortes de um fenômeno comunicacional em sua totalidade, como é o caso do Papa Francisco.

Ou seja, na esfera da midiatização há uma necessidade imposta pelas matrizes dos objetos comunicacionais em âmbito complexo de "produzirmos desenvolvimentos teóricos e metodológicos para dele dar conta" (Bonin, 2008, p. 139). Os desafios impostos por pesquisas em midiatização provocam a saída da zona de conforto de propostas teórico-metodológicas consolidadas para produzir novas sínteses e combinações.

Os objetos são vivos, em constante movimento e a aceleração das tecnologias, dos usos e das modificações geracionais não nos permitem criar explicações permanentes. Neste contexto, acreditamos que esta seja a verdade inquestionável do conhecimento é que ele precisa estar em movimento o tempo todo, só assim é possível avançar. Longe de termos a pretensão de trazer uma teoria ou algum avanço definitivo, trabalhamos em nossas pesquisas justamente para compreender as modificações das interações, como elas acontecem e sob quais lógicas se movimentam. Aquilo que os objetos nos permitem analisar será um marco desta época. Daqui há 10 anos não teremos como prever porque a forma de comportamento social também será outra. É verdade que algumas teorias, alguns conhecimentos ultrapassam essa

noção temporal, contudo o cuidado com o uso delas é o de fazer a devida transferência para os fenômenos contemporâneos.

Quando pensamos sobre os desafios metodológicos de nossas pesquisas, um deles é da falsa noção de dar conta de tudo o que recebemos de informação dos meios de comunicação, especialmente no universo digital; conseguir compreender sua importância no cenário social, que transformações não podemos deixar de analisar – porque concordamos que esse desempenho crescente da tecnologia é o que gera os efeitos que pretendemos analisar enquanto pesquisadores. Assim, quanto menos capacidade temos de estancar, ou, sendo menos ambiciosos, quanto menos temos capacidade de visualizar e ter um panorama geral de tudo, mais complexo se torna pesquisar fenômenos comunicacionais na atual cena social.

Bosi (2003) fala sobre a limitação da experiência do pesquisador, em que se encontram os estreitamentos e ao mesmo tempo novas possibilidades. De fato, a pesquisa se concretiza em duplos espaços, pois não há como ter a compreensão do todo do fenômeno ou do assunto em questão, conseguimos dispor daquilo que está no nosso círculo de experiências. Por outro lado, aquilo que ao mesmo tempo nos bloqueia – o novo – também vai nos estimular. Bem pertinente a este processo de pesquisa, Bosi (2003), carinhosamente, diz que ao estarmos diante de um estado de estímulo, haverá "instantes de atordoamento", e muitas vezes nos deparamos com uma "mancha confusa que hostiliza os

sentidos". De fato, leva um certo tempo e movimentos necessários para encontrarmos clareza em meio ao "borrão" dos problemas da Comunicação.

À medida que dedicamos a nossa atenção para olhar além das categorizações e estereótipos, é que vamos compreendendo o caminho que o próprio objeto nos mostra. "Pensar não é uma atividade subjetiva, é um relacionamento entre sujeito e objeto. É só essa relação com o objeto que nos faz passar da opinião para o conhecimento". Contudo, a autora destaca que se o processo inverso acontecer – a não reciprocidade dessa relação – também isso é uma característica da sociedade, em que o pensamento "não é uma potência formal que se alimente de si mesmo. Deve voltar-se para o mundo e, se for um pensamento prudente, deve prover com objetos os seus conceitos" (Bosi, 2003, p. 121).

Em nosso caso particular, enfrentamos uma aproximação com os materiais (trabalhados na dissertação) que limitavam a percepção de avançar nas análises (limitação da experiência). Ao longo dos exercícios exploratórios em sala de aula foi necessário buscar auxílio nos seminários e, também, afastar-se do tema por um tempo. Esse processo resolutivo também foi constante, sendo fundamental deixar ir as descobertas que já tinha feito, para então conseguir avançar. Não se trata, contudo, de ignorar aquela produção, mas de conseguir se desprender e se conscientizar que estava diante de algo novo, e precisava olhar sem categorias, nuances ou conjecturas já formadas.

Entre os desafios que enfrentamos na pesquisa acadêmica está a formulação do problema de pesquisa. Quando somado ao obstáculo de dar sequência com o mesmo objeto, a definição do problema tem novo sentido. Que questões comunicacionais emergem do tema e dos possíveis casos a serem investigados, sem estar atrelado à etapa anterior? Quais lacunas interacionais oferecem novas oportunidades de descoberta? Que problema teórico este objeto solicita? Estas foram algumas das indagações que conduziram a problematização e a definição da pergunta síntese do problema de pesquisa. Como mencionado, enfrentamos as camadas dos obstáculos impostos por manter em estudo o mesmo tema. Aparentemente repetitivo, porém, realmente embaraçoso porque junto a essa decisão estavam riscos, e um deles era (e ainda é) de bancar uma problemática nova olhando para situações semelhantes em volta do perfil comunicativo do Papa Francisco, que mesmo composto por elementos e especificidades novas, ainda mantinha o rastro da proximidade. Para tal situação, Braga (2011, p. 9) nos orienta que para "construir um problema de pesquisa, em sua organização interna e suas vinculações com as bases teóricas e com a realidade observável, envolve decisões metodológicas".

Uma tática para a solução foi partir para as observações exploratórias das materialidades. E reiterando que para esse exercício é preciso "soltar os itens da bagagem anterior" de forma que os novos insights, hipóteses, conjecturas e dúvidas tenham espaço. Além disso, em nossa experiência foi neces-

sária uma outra pausa: a de refazer o exercício reflexivo e classificatório das perguntas que poderiam dar conta do problema de pesquisa. Imediatamente a sensação é de retrocesso, mas permanecer por tempo indeterminado buscando a resposta atrasa ainda mais. Essa "pausa", no entanto, foi decisiva e fundamental para o avanço, e a dúvida sobre o que seria o problema foi sanada. Maldonado (2011) explica que o adentrar nas materialidades empíricas é importante para a configuração dos problemas de pesquisa, servindo não só ao problema propriamente dito, mas também às construções teóricas. "Na pesquisa em comunicação, o empírico é imprescindível se considerarmos os sistemas, estruturas e campos midiáticos como um referente central dos problemas de conhecimento para nossa área" (Maldonado, 2011, p. 285).

O problema de pesquisa não se trata apenas de uma curiosidade do pesquisador em relação ao objeto escolhido. As perguntas que fazemos devem conectar o objeto empírico com as questões teóricas fundamentais, de horizonte ou específicas, de modo que sejam tensionadas e concretizadas à luz da particularidade do objeto. Portanto, é fundamental o enfrentamento exploratório prévio dos materiais, pois esse movimento envolve seleções e decisões sobre aquilo que consideramos como "objeto", e conseguimos manter a clareza do que será tratado como "contexto problematizador" (BRAGA, 2011). Evidentemente, todos esses passos e escolhas envolvem decisões metodológicas, assim como executamos para o desvendamento do problema em questão na

tese. Além disso, mesmo fazendo exercícios de perguntas livres, debates com o orientador, exploração dos materiais, na sequência dos desafios metodológicos, a problemática está diretamente conectada com as escolhas dos observáveis.

Os métodos usados para desdobrar os desafios da problemática aconteceram com os exercícios e movimentos mencionados por Maldonado e Braga, porém, sem antes dar-nos conta de tais instruções práticas dos autores. O movimento desta reflexão aconteceu propriamente daquilo que foi executado, para depois buscar na literatura algum tipo de auxílio, ou seja, um caminho inverso e talvez mais desafiador. De certa forma, podemos atribuir o processo realizado à falta de experiência, mas por outro lado uma oportunidade de realmente refletir as formas e implicações do andamento de uma pesquisa. Nas palavras de Bosi (2003, p. 114), "nessa fatal limitação da experiência, o pesquisador encontra, ao mesmo tempo, estreitamento e possibilidades novas".

A flexibilidade metodológica defendida por Maldonado (2011) sugere que estejamos dispostos a adaptar as abordagens metodológicas em resposta ao que o objeto de estudo nos propõe especificamente.

É importante lembrar que as operações e os procedimentos de investigação não são rituais repetitivos, mecânicos, simplesmente aplicativos de receitas gerais elaboradas por outros. Cada pesquisa empírica demanda a formulação e estruturação de instrumentos técnicos de observação, experimentação, registro, teste e sistematização das informações (Maldonado, 2011, p. 293).

Tal noção se ampara, inclusive, nas limitações, seja da experiência do pesquisador, do próprio objeto e suas materialidades ou mesmo nas limitações de abordagem, sendo importante tratá-los de maneira transparente e crítica. Trabalhar com fenômenos comunicacionais exige metodologias flexíveis e adaptativas, e mais do que se amparar em técnicas fechadas de pesquisa, esta metodologia deve ser capaz de responder às especificidades de cada contexto de pesquisa, sobretudo aquelas encaminhadas pelo desdobramento dos casos analisados. Assim, consideramos que os atravessamentos pelos vales dos procedimentos, escolhas e sistematizações é que originaram o pensamento reflexivo.

Bourdieu (2019) nos convoca a "entrar na cozinha das ciências" justamente por ser um movimento que exterioriza como as pesquisas são feitas, de modo que o fazer em si não paralise os pesquisadores do futuro, mas os impulsione. Bourdieu (2019, p. 24) responde sobre as dificuldades que a área da sociologia encontrou para se tornar uma ciência, e refere que talvez uma das maiores esteja relacionada "no fato de os seus objetos serem questões de lutas; coisas que escondemos, que censuramos, pelas quais estamos prontos para morrer. Isto é verdadeiro para o próprio pesquisador, que está em jogo nos seus próprios objetos". Além disso, o autor exemplifica essa situação quando há a dificuldade particular de que as pessoas tenham medo do que vão encontrar com suas pesquisas. "A sociologia [ciência], sem cessar, confronta aquele que a pratica a realidades difíceis; ela desencanta".

A dificuldade explicada por Bourdieu não se limita à Sociologia, muito embora tenha suas questões pautadas nas ciências da Comunicação. Aquilo que analisamos comunicacionalmente está inserido na sociedade, e ousamos dizer que o pesquisador que não encontra os desafios mencionados acima, entre tantos outros, que não se confronta com o objeto e os resultados obtidos dele, são raros ou inexistentes. É imperioso que nos encontremos com realidades difíceis, que nos impactam, especialmente porque aquilo que decidimos pesquisar (normalmente) é algo caro a nós. Podemos identificar quando precisamos nos distanciar do objeto, quando não concordamos com dados obtidos, com situações analisadas nas materialidades, ou até mesmo quando a realidade que estamos investigando choca-se com aquilo que é o sensível ao ser humano; na evolução e para onde tais transformações irão modelar o futuro da sociedade, das relações humanas e a forma de se comunicar, ser e viver em sociedade.

Com efeito, as chances de contribuir para produzir a verdade me parecem depender de dois fatores principais, que estão ligados à posição ocupada: o interesse que se tem em conhecer e dar a conhecer a verdade (ou, inversamente, em escondê-la e esconder-se dela) e a capacidade que se tem de produzi-la. Conhecemos a palavra de Bachelard: 'Só existe ciência do escondido'" (Bourdieu, 2019, p. 25).

Concordando com Bourdieu, e usando o próprio exercício para a elucidação do problema de pesquisa como marcador, essa posição vem da necessidade de conhecer a verdade, de pesquisar como as coisas acontecem em torno de um

objeto conflitante como o Papa Francisco. Para percorrer tal caminho, Bonin (2008, p. 135) nos sensibiliza a reconhecer a "problemática dos métodos e procedimentos de investigação" que desenvolvemos em nossas pesquisas, ou seja, aquilo que optamos por fazer enquanto movimentação, exercício e exploração. Não podemos reduzir a dimensão metodológica a ritualismos, sendo necessário que o "sujeito epistêmico" pense e reflita sobre as dimensões do processo que é gerador de conhecimento, de forma que se aliene do trabalho. "Essas reflexões levam-me a questionar as visões reducionistas do método, para reabilitá-lo como dimensão que responde, norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os níveis e instâncias do seu fazer" (Bonin, 2008, p. 136).

Em diversos momentos Bourdieu aciona a reflexão de que a diferença entre o discurso e a leitura destes com base nas condições de produção são uma das causas de incompreensão da ciência às pessoas da sociedade. O autor diz que "os leitores leem a sociologia com os óculos de seu habitus" (Bourdieu, 2019, p. 41). Essa barreira não está apenas na Sociologia, mas em toda a produção de conhecimento e avanços da ciência. A solução para esse problema ou a busca por diminuir a distância entre discurso e compreensão é frequentemente tema de discussão em nossos grupos de pesquisa. Adiante na obra do autor, essa noção aparece novamente quando o sociólogo discute sobre os problemas teóricos, explicando que os desafios que encontramos quando tal problema entra

em debate ou "convertido em dispositivo de pesquisa" tanto as dificuldades quanto as soluções desse fazer são impulsionadoras deste.

Questionado sobre uma das teses fundamentais em seu livro O senso prático, Bourdieu critica a prática sociológica (e aqui podemos considerar a prática da pesquisa) que negligencia a posição do sociólogo (pesquisador) dentro do campo social e o impacto disso na pesquisa. Ora, temos aqui um ponto importante a pensar e nos questionar. Quanto a objetividade, aquela reforçada e exigida na pesquisa, muitas vezes subvertendo qualquer vestígio do pesquisador que a desenvolve, é essencial? Isso não quer dizer que as observações e dados não tenham que ser analisados sob rigoroso processo crítico, mas o "sujeito da ciência faz parte do objeto da ciência; ele aí ocupa um lugar" (Bourdieu, 2019, p. 69).

Quer dizer, quando iniciamos uma pesquisa temos uma imagem do produto acabado, e mesmo que não tenhamos a dimensão total do todo, a parte que vemos "compreende o significado do seu esforço em termos desse todo" (Mills, 1975, p. 59). Nesse caso, a própria satisfação do resultado que encontramos, mesmo que inicialmente, nos inspira meios de alcançá-lo, gerando uma satisfação na pesquisa, ainda que no meio do caminho se encontre fases de aborrecimento, bloqueios ou momentos críticos.

Observações finais

Explorar os movimentos de produção da pesquisa foi um processo inspirado pelos desafios encontrados, e por um aspecto particular de organização mental do trabalho, vamos dizer deste modo. Isso reflete uma lacuna que está ligada ao aspecto subjetivo da prática de pesquisa, algo com que todos nós pesquisadores nos deparamos em algum momento. Bourdieu (2019) provoca essa reflexão na Sociologia, em que a maior parte dos estudos é apresentada aos leitores que não compreendem como foram produzidos. Nas palavras dele, diz que "nunca se entra na cozinha das ciências". Identificamos que entregar o produto pronto sem dizer como foi produzido talvez seja especificamente uma dificuldade imposta a uma série de regras que dificultam esse movimento, ou pelo menos causam riscos que não valem a pena ser assumidos.

Vejamos um exemplo comum. A importância de um texto acadêmico já foi considerada a partir de critérios de volume ou escrita rebuscada. Na atualidade observamos um movimento descendente, e que está intrinsecamente ligado às transformações geracionais, mas sobretudo em como passamos a consumir informação e conteúdo. A ambiência em que vivemos nos oferta o conhecimento instantaneamente, e cada vez mais vemos a emergência da pressa em chegar nas respostas. Concordando ou não, não só a forma como as pessoas se comunicam está em constante transformação, mas também a forma como a ciência é divulgada.

Somos convidados a refletir sobre a importância desta prática na pesquisa, ou seja, a capacidade de nós pesquisadores e pesquisadoras refletirmos criticamente sobre as posições e preconceitos culturais e educacionais que podem influenciar nossos estudos. Estamos diante de dois cenários: aquele em que por muito tempo foi e ainda é, em algumas instituições, o que busca excluir essa participação, seja na forma de escrita impessoal ou na forma que "deve conduzir" seus estudos; o segundo cenário requer que tenhamos cuidado para não nos deixarmos "apaixonar" demais por aquilo que nos é caro enquanto objeto ou orientação teórica, fazendo com que limitemos a observação crítica. Pela experiência que nos toca, a busca pelo equilíbrio entre os dois é um exercício constante.

Por outro lado, a participação do pesquisador naquilo que investiga traz aos avanços da ciência não apenas seus instrumentos teóricos e metodológicos, mas também suas próprias disposições sociais e culturais, que são moldadas pelas suas trajetórias de vida e posição no campo social. Esse posicionamento reforça a tese de Bourdieu de que o entendimento sociológico deve ser sensível ao contexto e às capacidades específicas envolvidas nas práticas estudadas.

Finalizamos este capítulo reforçando o convite para que o entendimento sobre o método seja assumido como algo não estanque, que tenha espaço para as demandas contínuas de decisões, revisões. Isso inclui assumir as pesquisas em Comunicação como espaço também de experimentação de novas perspectivas metodológicas.

REFERÊNCIAS

BONIN, Jiani A. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. *In*: MALDONADO, Efendy A. et al (orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 135-152.

BONIN, Jiani A. A dimensão metodológica na pesquisa comunicacional e os desafios da observação em perspectiva histórica. *In*: MALDONADO, Efendy A. et al (orgs). **Perspectivas metodológicas em comunicação**: desafios na prática investigativa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p. 135-152.

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o estereótipo In: BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.

BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**, Brasília, v. 14, n.1, 2011, p.1-33. Disponível em: https://bit.ly/3UM4N9J. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, v. l. n. 2, abr, p. 73-88, 2008. Disponível em: https://bit.ly/2XEPn8R. Acesso em: fev. 2024.

FERREIRA, J. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 27, p. 161-172, dez. 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802. Acesso em: mar. 2023.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. *In*: MALDONADO, Alberto Efendy et al. **Metodologias da pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MILANI, Tatiane. **Agonística expressa em circulação**: o Papa Francisco como articulador de sentidos, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos. São Leopoldo, 2019. Disponível em: https://bit.ly/3fa6dav. Acesso em: fev. 2024.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. *In*: MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 211-243.

RODRIGUES, A. D.; BRAGA, A. Análises do discurso e abordagem etnometodológica do discurso. *In*: **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 2, 2014, p. 117-134. Disponível em: https://bit.ly/2Tyzodc. Acesso em: 30 jul. 2020.

WOLTON, Dominique. Comunicar é negociar. Porto Alegre: Sulina, 2023.



AUTORAS E AUTORES

ADA C. MACHADO DA SILVEIRA

Professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde integra o PPG Comunicação. Bolsista PQ do CNPq, colabora no Mestrado Profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Atuou como professora visitante em universidades argentinas (UNQ, UNSL, UN La Plata), paraguaias (UNE, UNA) mexicanas (BUAP, UNT) e sueca (Södertörn University). É editora de Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Integra a rede internacional de Pesquisa em Midiatização - Midiaticom. E-mail: ada.silveira@ufsm.br

ALINE ROES DALMOLIN

Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Integra a rede internacional de Pesquisa em Midiatização - Midiaticom. E-mail: aline.dalmolin@ufsm.br

ANA PAULA DA ROSA

Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) vinculada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), departamento de Comunicação (DECOM). Líder do grupo do Laboratório de Circulação, Imagem e Midiatização (LACIM). Integra a rede internacional de Pesquisa em Midiatização - Midiaticom. Email: anarosa@ufrqs.br

CARLISE PORTO SCHNEIDER RUDNICKI

Professora da UFSM. Relações Públicas, Mestre, Doutora em Desenvolvimento Rural, com pós-doutorado em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: carlise.rudnicki@ufsm.br

CELESTINO VAZ TOMÁS JONE JOANGUETE

Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Professor e pesquisador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. Atualmente é Professor Visitante no Programa de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: celestino.joanguete@ufsm.br

DENISE FIGUEIREDO BARROS DO PRADO

Doutora em Comunicação Social do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, campus de Mariana). E-mail: denise.prado@ufop.edu.br

EUGENIA MARIA MARIANO DA ROCHA BARICHELLO

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: eugeniabarichello@gmail.com

FABIO FRÁ FERNANDES

Mestre em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutor em Comunicação Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: fabio.fra.fernandes@outlook.com

GABRIELA MACHADO

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela UFSM. E-mail: gabriela-machado.gm@acad.ufsm.br

JOEL FELIPE GUINDANI

Docente Associado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, campus de Frederico Westphalen) e Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: joel.guindani@ufsm.br

KASSIELI JOAQUINA GONÇALVES DE MELLO DOS SANTOS

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista da Capes, Mestre em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: kassieli.mello@acad.ufsm.br

LAVÍNIA NERES FERONATO

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduanda Bacharelado em Letras-Português/Literaturas, Graduada em Comunicação Social - Produção Editorial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). lavinianeres@gmail.com

LILIANE DUTRA BRIGNOL

Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e integra o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Comunicação (UFSM). Mestra e Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).E-mail: liliane.brignol@ufsm.br

LUAN MORAES ROMERO

Jornalista. Mestre e Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid/UFSM). E-mail: luan.romero@acad.ufsm.br

MARCELLA SOUZA MOREIRA

Mestre em Comunicação e Temporalidades pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, campus de Mariana). E-mail: marcella.souzamoreira@gmail.com

MARIA IVETE TREVISAN FOSSÁ

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui graduação em Comunicação Social - Relações Públicas e Administração pela UFSM. Tem mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: fossa@terra.com.br

SAMARA WOBETO

Jornalista e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid/UFSM). Bolsista Capes. E-mail: samara.wobeto@acad.ufsm.br

SANDRA DEPEXE

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e professora adjunta no Departamento de Ciências de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Publicitária, Mestre e Doutora em Comunicação pela UFSM. E-mail: sandra.depexe@ufsm.br

SÁRYON AZEVEDO

Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação e Indústria Criativa pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Servidor público federal - Técnico em audiovisual na Unipampa. E-mail: saryonazevedo@unipampa.edu.br

SIMONE MUNIR DAHLEH

Mestre e Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professora substituta no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. E-mail: simonemunird@gmail.com

TATIANE MILANI

Doutora e Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Jornalista e analista de marketing. tatimilani10@gmail.com

VERENICE ZANCHI

Administradora de Empresas pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Mestre e Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: verenice. zanchi@acad.ufsm.br

VIVIANE BORELLI

Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Mestra e bacharela em Jornalismo pela UFSM. É diretora acadêmica do Ciseco – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação. Integra a rede internacional de Pesquisa em Midiatização - Midiaticom. Email: viviane.borelli@ufsm.br



ÍNDICE REMISSIVO

AFETAÇÕES 14, 242, 293, 304

AMBIENTES MIDIATIZADOS 18

ANÁLISE E VISUALIZAÇÃO DE DADOS 7, 15, 153

ANÁLISE DE CONTEÚDO 7, 13, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 116, 163

ANÁLISE DE CONVERSAÇÃO 13, 95, 98, 104, 105, 106, 107, 113, 114

APROPRIAÇÃO DE TICS 6, 13, 72

APROPRIAÇÕES METODOLÓGICAS 17

ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO 17

BANCO DE DADOS 15, 134, 140, 143, 145, 149, 195, 201, 203,

CIBERACONTECIMENTO 17, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 286, 287, 288, 289, 290, 291

CIRCULAÇÃO 9, 17, 18, 96, 103, 116, 117, 123, 153, 158, 167, 169, 170, 173, 174, 175, 176, 191, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304, 308, 321, 323, 326, 329

COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO 14, 15, 133, 134, 138, 140, 151

COVID-19 17, 167, 169, 173, 208, 215, 216, 268, 270, 271, 272, 273, 275, 279, 286, 290, 291

COLETA DE MATERIALIDADE DIGITAL 12, 33, 37

CONVERSAÇÕES SÍNCRONAS E ASSÍNCRONAS 13

DADOS QUANTITATIVOS 15, 50, 58, 69, 137, 158, 168

DADOS QUALITATIVOS 48. 68. 143. 207

DESORDEM DA INFORMAÇÃO 17, 268, 270, 271, 272, 273, 279, 285, 291

DINÂMICAS DE CIRCULAÇÃO 286, 308

DIÁRIO DE CAMPO 12, 33, 35, 40, 97, 100, 108, 137, 143, 241, 250, 252, 254, 260, 261

DIÁRIOS DE LEITURA 6, 12, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 59, 62, 63, 67, 68, 69, 70

DIÁRIO SOLICITADO 12, 33, 36, 37

DOCUMENTÁRIO 8, 16, 17, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 260, 265, 267

ECONOMIA SOLIDÁRIA 15, 74, 133, 134

ENTREVISTAS 12, 25, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 59, 62, 68, 91, 92, 105, 137, 143, 163, 196, 250

ENTREVISTAS ABERTAS 12, 33

ESTADO DA ARTE 15, 153, 156, 159, 160, 161, 164, 171, 223, 224, 230, 234

EXPERIMENTAÇÕES
METODOLÓGICAS 8, 16, 211, 295,

GEPHI 15, 153, 155, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 169, 170, 171, 189, 199

INTERAÇÕES 14, 17, 18, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 116, 125, 164, 200, 217, 242, 243, 244, 245, 272, 292, 293, 302, 304, 305, 309, 330

EXPERIMENTAÇÃO METODOLÓGICA 9, 13, 17, 51, 52, 175, 268

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO 12, 33, 35, 40

GÊNERO 13, 20, 41, 42, 43, 46, 55, 58, 67, 76, 87, 92, 93, 133, 134, 137, 139, 140, 168, 170, 176, 182, 192, 241

GERAÇÃO 13, 25, 76, 84, 87, 92, 93, 127, 155, 156, 157, 162, 164, 166, 169, 170, 172

GRUPOS FOCAIS 6, 13, 72, 91, 196

HASHTAGS 14, 96, 97, 100, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 164, 275

INFLUENCIADORES DIGITAIS 9, 17, 268, 270, 271, 273, 275, 278, 279, 280, 286, 290, 291

INCLUSÃO DIGITAL 15. 90. 133. 134

INFORMAÇÃO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS 15, 133, 134,

INSPIRAÇÃO ETNOGRÁFICA 8, 17, 240, 247, 248, 249, 250, 252, 263, 265

IRAMUTEQ 15, 153, 155, 156, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 189, 193, 201, 202, 203, 204, 205, 208

INOVAÇÃO SOCIAL 15, 133, 134, 143

INTERAÇÕES 14, 17, 18, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 116, 125, 164, 200, 217, 242, 243, 244, 245, 272, 292, 293, 302, 304, 305, 309, 330

JOVENS RURAIS 13, 75, 79, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO 15, 134, 230

LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES SECUNDÁRIAS 15, 134 **LINGUÍSTICA DE CORPUS** 16, 179, 186, 187, 190, 192, 193, 195, 208

LIVROS DIGITAIS 12, 13, 48, 55, 61, 62, 64, 65, 67, 69, 70

MÍDIA SINTÉTICA 7, 14, 118, 119, 120

MIDIATIZAÇÃO 9, 17, 155, 156, 167, 173, 269, 282, 288, 290, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 301, 306, 307, 308, 309, 323, 328, 331

OBSERVAÇÃO 12, 33, 34, 35, 40, 108, 126, 138, 151, 181, 187, 188, 200, 243, 248, 250, 251, 259, 270, 271, 272, 293, 298, 300, 301, 302, 303, 304, 314, 320, 321

PANDEMIA 17, 166, 168, 169, 173, 215, 216, 217, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 278, 279, 281, 286, 290, 291

PERCURSO METODOLÓGICO 13, 17, 91, 138, 139, 165, 234, 247

PERFORMANCE 9, 17, 247, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 303

PESQUISA DOCUMENTAL 15, 134,

PESQUISA EM MIDIATIZAÇÃO 296, 323, 328,

POTENCIALIDADES EXPERIMENTAIS 16

PRÁTICA DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO 16, 239, 321

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO ACESSÍVEL 15, 133, 134

REDES 7, 14, 15, 33, 34, 37, 38, 45, 48, 89, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 113, 114, 115, 123, 132, 133, 134, 138, 139, 140, 141, 142, 147, 155, 157, 162, 163, 164, 169, 172, 174, 175, 176, 178, 181, 186, 189, 196, 197, 200, 201, 208, 209, 262, 271, 274, 275, 278, 283, 286

REGISTRO DE PRÁTICAS DE LEITURA 6, 12, 48

REGISTRO E COLETA DE DADOS 13, 60

RELATOS BIOGRÁFICOS 6, 12, 17, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 31, 33, 37, 42, 43, 45, 46

RELAÇÕES DE CONFIANÇA 7, 14, 132, 135, 137, 140, 143, 144, 146, 151, 244,

REPRESENTATIVIDADES COMUNICATIVAS 293, 304,

REVISÃO DE LITERATURA 130, 136 SOCIEDADE HIPERMIDIATIZADA 17, 271

SOFTWARES DE ANÁLISE LINGUÍSTICA 8, 15, 177, 180, 186

TÉCNICAS DE AUTENTICAÇÃO 14, 123, 129

TRILHAS FORMATIVAS *15, 133, 134*





TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA 15, 132, 133, 134

TWITTER 7, 13, 14, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 162, 163, 164, 202, 272, 275, 282, 283, 291